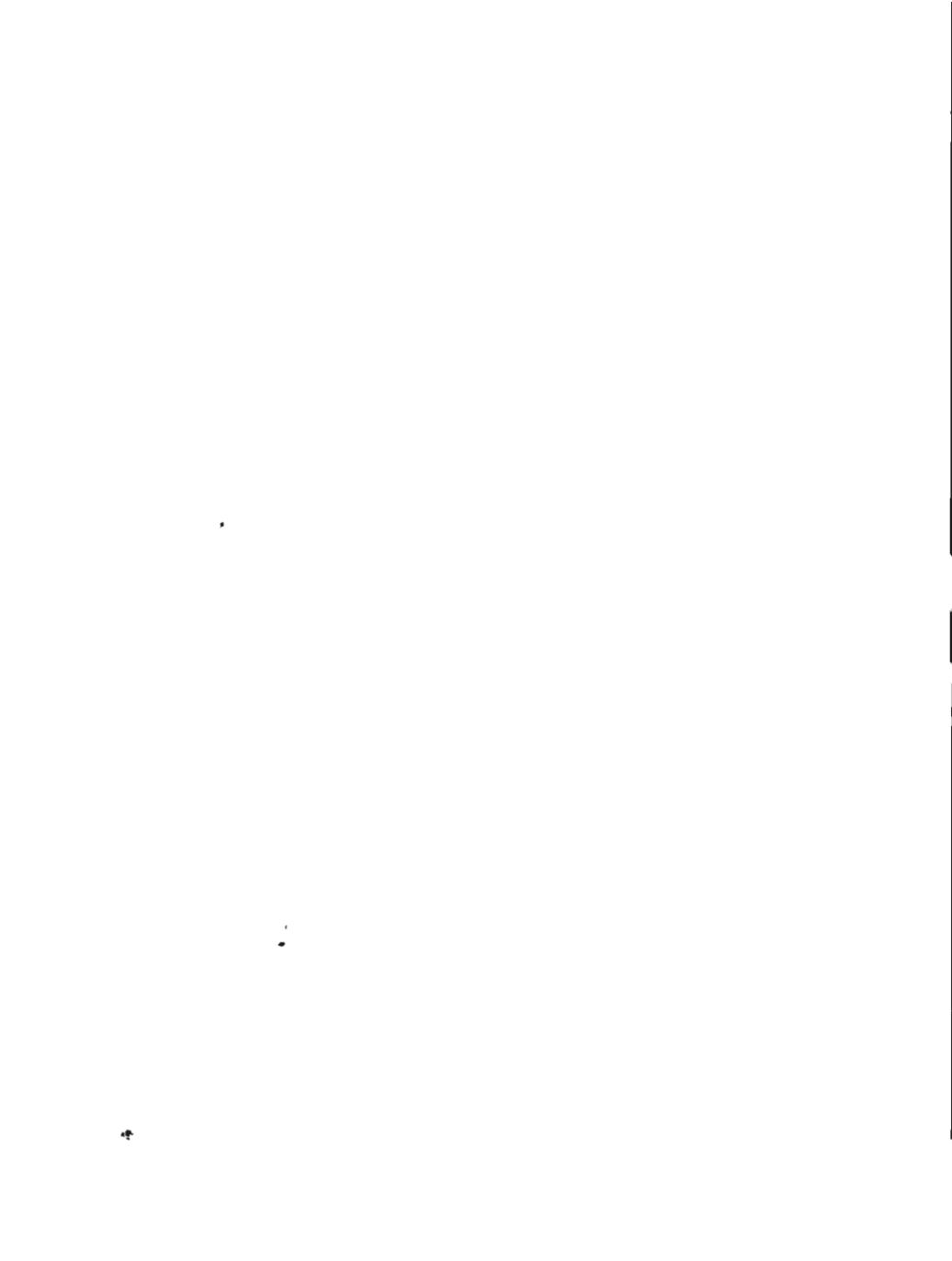


MACHADO DE ASSIS

2513



LUCIA MIGUEL - PEREIRA

M A C H A D O
D E A S S I S

(Estudo Critico e Biografico)



1936

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo



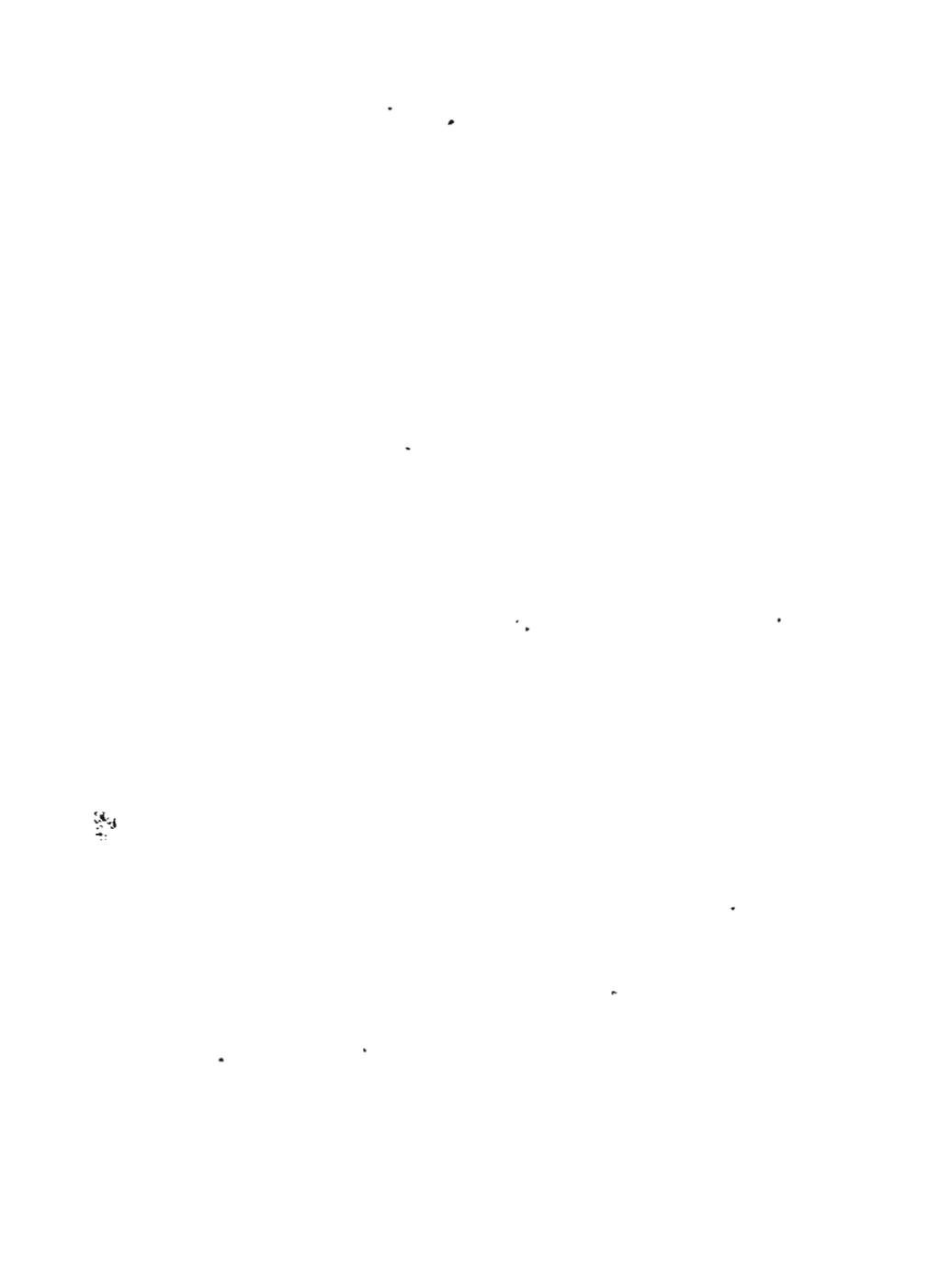
A Autora quer deixar aqui os seus melhores agradecimentos a quantos a ajudaram na reconstrução da vida de Machado de Assis, a que não bastaram as suas pesquisas pessoais.

Assim, é com prazer que destaca a boa vontade do Sr. Laudelino Freire, Presidente da Academia Brasileira de Letras, cujos arquivos lhe franqueou; os bons officios do Sr. Max Fleiuss, Secretario Perpetuo do Instituto Historico e Geografico Brasileiro, onde lhe facilitou as buscas; a diligencia do Sr. Octavio de Oliveira, Sacristão da Igreja da Lampadosa; a gentileza das Senhoras Bonifacio Costa, Leitão de Carvalho, Basto Cordeiro, Mario de Alencar, Armando de Araujo; das senhoritas Pinto da Costa e do Major Bernardo de Oliveira que, tendo conhecido pessoalmente Machado de Assis, lhe prestaram valiosas informações, como se pode ver pelas notas do presente volume.

Seria injusto esquecimento não mencionar tambem o concurso dos Srs. Fernando Nery e Osvaldo de Oliveira, Chefe da Secretaria e Bibliotecario da Academia de Letras.

INDICE

CAPITULO	Pag.
I — Perspectiva	9
II — O moleque	21
III — O operario	41
IV — Transição	61
V — Jornalismo	75
VI — Machadinho	95
VII — Carolina	119
VIII — Os Primeiros livros — Poesia	137
IX — Os Primeiros livros — Prosa	147
X — “Seu” Machado	159
XI — Confissões	173
XII — Recolhimento	187
XIII — Maturidade	201
XIV — O Creador	217



CAPITULO I

PERSPECTIVA

A LENDA SOBRE MACHADO DE ASSIS — IMAGEM
DEFORMADA QUE ELE MESMO CREOU — O QUE
QUÍS SER — RESERVA EXCESSIVA — DIFICUL-
DADES DA SUA BIOGRAFIA — ASPÉTO CONFIDEN-
CIAL DOS SEUS LIVROS.

A idéa que fazemos dos grandes vultos é, quasi sempre, tão diversa da sua personalidade real quanto as estatuas dos homens de carne e osso que foram um dia. Como a estatua, a celebridade fixa o individuo em atitudes que podem ter sido culminantes, ou características, mas não foram as unicas, nem as habituaes. Uma e outra tiram-lhe o movimento, o desalinho, o calor da vida.

De um homem, de alguma cousa de natural e esquivo, de familiar e incompreensivel, fazem um boneco de bronze, rígidø e definitivo, sem misterios como sem fraquezas.

Machado de Assis não escapou á regra comum. Ao contrario. Prestou-se, como ninguem, a ser estereotipado. Teve, para isso, todos os requisitos necessarios. Possuiu uma meia duzia de gestos, habitos e frases tipicas, mantidos por uma certa tendencia a se repetir. Parece ter escolhido, ele proprio, os clichés em que se perpetuaria, deformando-se. E

ter aceito, de bom grado, essa deformação que lhe resguardaria a intimidade e a verdadeira fisionomia. Com uma docilidade espantosa, ageitou-se nas fôrmas da sua futura estatua, encolhendo aqui, esticando acolá, aparando excessos, acolchoando vasios. E assim ficou sendo "o homem da porta da Garnier" conversador sobrio e malicioso, habil em pequenas frases-formulas, logo recolhidas com sorrisos cheios de finura por ouvintes obrigatoriamente boquiabertos; o "homem da Academia de Letras" formalista, conservador, tentando oficializar a literatura, transporta-la dos cafés para os salões fechados, recebendo, com requintes de detentor maximo da cultura classica, ramos do carvalho do Tasso; o "humorista subtil" emulo indigena dos mestres ingleses, para gaudio dos nacionalistas com pruridos literarios; o "burocrata perfeito" aferrado aos regulamentos, ás horas certas, ás praxes, aos usos; o "marido ideal" o bom burguês caseiro, morigerado, indulgente, incapaz de fazer literatura na vida; o "absenteista" que nunca se quís preocupar com politica, que viu a Abolição e a Republica como quem assiste a espectaculos sem maior interesse.

Com tudo isso, com essa serie de rotulos, estava fixado, catalogado, pronto para receber as reverencias da posteridade.

Deu a todos a impressão de, como no seu verso, haver conseguido o ideal de "ter uma só cara, ter um só coração". Tão coesa, tão dura, tão impassível.

vel e impessoal como na estatua que o poz na entrada da Academia de Letras como um porteiro vago e distraido, a sua figura moral se ergue, inhumana e simbolica, personificando essa abstracção arida: o escritor inteiramente ausente da obra, escrevendo sem se dar, sem se revelar.

Examinemos ligeiramente a creatura que resalta dos aspetos oficialmente caracteristicos de Machado de Assis; teremos um homem inteligente, de boa cultura e boa educação, frio, indiferente, de um convencionalismo absoluto, escrevendo quasi por desfastio, e apenas com o raciocinio.

Lembremo-nos depois dos seus livros — dos seus livros por vezes monotonos, mas de um sabor inconfundivel, a principio insosso, depois acre e persistente. E veremos que nada houve de commum entre eles, que tal obra não podia ter saído de tal homem.

Ora, como Machado escritor é uma realidade insofismavel, uma personalidade forte e marcada, não podemos deixar de concluir que o homem não foi o que pareceu — o que quis ser.

Calculo? Dissimulação? Timidez? Talvez o consigamos saber mais tarde, quando houvermos penetrado no olhar fugidio, abrigado por detraz de um "pince-nez", na alma escondida sob uma carapaça de impassibilidade.

Por ora, basta-nos saber que essa carapaça foi construida, que não póde deixar de o ter sido.

Entre o espirito ordeiro, pacato, timorato, do funcionário da Secretaria da Agricultura, do mestre do cenaculo conservador da Garnier, do presidente da Academia de Letras, do pessimista reticente, do cidadão absenteista, do marido exemplar, e a crueldade ás vezes sádica do dissecador de almas, e a volupia mal contida do creador de paixões, e o negativismo quasi irritado do romancista interrogando avidamente a vida sem nunca encontrar uma resposta, vae um abismo.

Um abismo que a existencia do nevropata em Machado de Assis explica apenas em parte. Não, ele não foi apenas o que deixou ver. Se o tivesse sido, não valeria a pena estudar-lhe a vida. E, se o tivesse sido, a sua obra não poderia ter existido.

Onde, nessa figura convencional, nesse retrato proprio para inaugurações officiaes, o lugar do artista — essa incognita, esse elemento inquietante e imprevisivel?

Um espirito banal — e são de uma banalidade desoladora as atitudes mais conhecidas do grande escritor, e até a sua correspondencia — não poderia ter creado a Capitú, ou o Braz Cubas.

Esse homem tão recatado, tão cioso da sua intimidade, só teve um descuido, só deixou uma porta aberta: os seus livros. São eles que nos revelam o verdadeiro Machado. Vingança suprema do artista, tanto tempo encoberto pelo funcionario. Vingança, ou generosidade? Conservando, nas entre-

linhas, a verdadeira figura do creador, não o reabilitarão os seus livros?

Violentar a alma de Machado de Assis atravez das confissões involuntarias de sua obra, é defende-lo contra si proprio, contra o seu convencionalismo de superficie.

Quando comecei a reunir dados para este estudo — velha aspiração, fruto de uma longa convivencia com a minha mais antiga admiração literaria — não faltou quem me desanimasse. Um estudo critico, sim, valia a pena, diziam-me; mas uma biografia!... Em Machado, só o escritor tinha interesse, o homem era de uma semsaboria completa.

Mas essa separação estanque é lá possivel?

Quanto a mim, creio ser impossivel estudar a obra de Machado sem estudar-lhe a vida, sem procurar entender-lhe o character.

Nele, o homem e o artista estão estreitamente ligados.

Sem duvida, a existencia do nosso grande romancista não foi das mais movimentadas, nem das mais ricas em situações dramaticas. Mas, ainda assim, não foi tão banal como o pretendem aqueles que, conhecendo o Machado estabilizado do fim da vida, esquecem-se facilmente do sentido vertical que ele lhe imprimiu no inicio.

Uma cousa são, porém, os acontecimentos, e outra o homem. Os fatos observaveis, palpaveis, ostensivos, podem ter pequena repercussão no inti-

mo, na essencia da personalidade; as tendencias apenas indicadas, os sonhos desfeitos, os encontros fortuitos são, não raro, muito mais importantes; e não serão também fertilissimo material para a biografia?

Foi o que aconteceu com Machado, e, assim, a sua biografia ha de ser sobretudo a biografia do seu espirito. Embora tenha recolhido sobre ele valiosos depoimentos, creio que a melhor chave desse cofre de segredos está nos seus escritos.

A obra de arte pôde ser uma fixação do excesso de vida, um transbordamento da personalidade, ou uma evasão, fruto da incapacidade de viver.

Em Machado — voltamos ao seu eterno meio-termo — foi uma e outra cousa. É que ele foi, a um tempo, um forte — uma vontade muito ambiciosa e um raciocinio muito independente — e um fraco, enleado na sua timidez.

A sua obra foi uma evasão, permitindo a esse timido dizer o que não ousava fazer, mas foi também um transbordamento do eu, traíndo quasi sempre os pontos de mira desse ambicioso, os ideaes que queria alcançar — e alcançou — na sua existencia real.

Sob esse aspéto, ha nos seus livros muito de auto-biografia.

Não terá contado propriamente as circumstancias da sua existencia, mas exprimiu os sentimentos que elas lhe provocavam. Podemos dizer que a sua

obra foi precisamente o avêso de sua vida, não esquecendo de que o avêso não é o lado oposto, mas o lado de dentro, inseparavel do de fóra, condicionado por ele.

Os livros desse introvertido não foram, portanto, apenas evasões. Ha neles um intimo contáto com a realidade quotidiana, e sobretudo com a essencia da personalidade. E o homem que atravez deles descobrimos, é muito diverso do que nos apresenta a sua lenda.

Graças a eles, podemos levantar o véo de banalidade que encobre o seu autor, e surpreender, no individuo Machado de Assis, tão simples, aparentemente, a existencia de recantos sombrios, de misterios, de contradições, de fraquezas, de humanidade.

Misterios que não estão ainda de todo desvendados, e nem o serão jamais, porque, se ele se deixou adivinhar, nunca se confessou.

Parece mesmo ter, propositadamente ou não, desmanchado as pegadas, confundindo as pistas.

Estudando-lhe certa vez a figura num desses perfis literarios tão do gosto da epoca, assegurou um seu contemporaneo que nunca poderia ser feita a sua biografia "porque não existia ninguem mais reservado nessa materia do que ele" (1).

Se, como afirma Maurois, em biografia os seres só vivem na medida em que outros os conheceram

(1) Perfil publicado na Revista Pena e Lapis em 1880.

e tomaram nota das suas ações, tem toda a razão o anonimo autor desse perfil. A não serem talvez os amigos da mocidade, Henrique Cesar Muzzio, Sizenando Nabuco, Quintino Bocayuva e, mais tarde, sua mulher e Mario de Alencar, ninguem pôde gabar-se de ter conhecido Machado.

Sua biografia ha de ser sobretudo uma interpretação. Interpretação de Machado de Assis devia ser o titulo deste livro. Como os homens da caverna de Platão, só vemos os fatos de sua vida nas sombras projetadas por eles sobre a sua obra. Conhecemos a reação melhor do que a ação. Reação sem duvida exagerada por um temperamento doentio, por uma sensibilidade de artista.

A reserva, fruto da inclinação natural, mas tambem de dolorosos dramas intimos, como que obrigou Machado a crear uma armadura, uma casca de caramujo dentro da qual se pudesse abrigar.

Tendo de lutar contra a inferioridade da educação, de sopitar impulsos de nevropata, de desmentir o proverbial espevitamento do mestiço, querendo impor-se aos brancos, aos bem nascidos, Machado de Assis, num movimento instintivo de defeza, tratou de se esconder dentro de um tipo, não era bem o seu, mas que representava o seu ideal: o do homem frio, indiferente, impassivel. Meteu-se na pele dessa personagem, crendo sem duvida que se elevava, na realidade amesquinhando-se, esquecido de que seus livros o traíam — ou o salvavam.

Até onde teria sido, ele proprio, vitima da ilusão? Porque, para livra-lo da pecha da hipocrisia consciente, é preciso não esquecer que essa apparencia enganosa representava o seu ideal humano (2).

E foi, assim, um homem sempre composto, nos dois sentidos do termo, o bom e o máo, o de postura e o de composição.

Se na facilidade com que deixou crear-se a seu respeito a lenda deformadora deve haver um pouco de vaidade, de vontade de posar para a galeria em attitude impecavel, haverá certamente tambem a reacção magoada, dolorosa, do pudor ferido, da sensibilidade arranhada.

Attitude de timido, afinal, desses timidos que se tornam afetados para esconderem o embaraço. Certo de que tinha, ao lado de indiscutíveis superioridades, taras de que se vexava, e quisera esconder, Machado penetrou na celebridade como num salão cheio de gente pronta a criticar-lhe o traje modesto.

(2) Para bem entender Machado de Assis, é preciso não esquecer de que ele foi um nevropata, movido pela "sensação de insegurança que impele o nervoso, por assim dizer, para os braços das ficções, dos ideaes, dos principios, e o obriga a procurar uma linha de orientação" (*Alfredo Adler — O Temperamento nervoso.*) Essa busca de uma segurança que lhe falta leva o nervoso, ainda segundo Adler, a tentar uma compensação creando "um ideal de personalidade, sintese de todos os dons e de todas as possibilidades de que se julga frustrado". Foi, mais ou menos, o que se deu com Machado de Assis.

Era ali o seu lugar, ali devia ficar — mas convinha não se mexer muito, para não ostentar o terno coçado, os sapatos cambaios — e para não se mostrar deslumbrado de estar ali.

E ficou num canto, tezo, arredio, temendo descobrir em cada olhar o brilho tão temido da zombaria.

Mas como, interiormente, se sentia superior a todos aqueles mundanos bem vestidos, como tinha consciencia, no fundo, do seu valor... Essa liberdade de espirito, contrastando com o convencionalismo dos gestos, essa altivez da inteligencia, tanta ousadia aliada a tanta modestia, são a grande revelação da sua obra, a vitoria final do artista, a certeza da sua complexidade, da palpação humana da sua figura. Para compreende-lo, é preciso não esquecer precisamente daquilo que procurou ocultar: da sua origem obscura, da sua mulatice, da sua feiura, da sua doença — do seu drama emfim.

Não ha impiedade, nessa atitude. Ao contrario. Porque essas miserias, que venceu, que sobrepujou, só podem elevar o homem, torna-lo tão grande quanto o artista.

Machado de Assis não foi, como pareceu, um puro intelectual, fazendo da sua vida duas partes bem distintas: uma para a existencia quotidiana, insipida e vaga, outra para as elocubrações do raciocinio.

Não, foi alguém que viveu, que sofreu, que vibrou, e cuja obra está impregnada da sua humanidade palpitante e rica.

* Não foi apenas um esteta — mas um homem. E o maior valor da sua obra reside no fato de ter sido uma experiência, um modo de interrogar a vida. Interrogação que ficou sem resposta porque não ousou — ou não pôde — ir até o fundo dos problemas. Ou talvez porque taes perguntas não possam mesmo ser satisfeitas pelo engenho humano...

E para esconder a sua incapacidade — ou a sua decepção — ele preferiu sorrir, ficar de lado, com um ar de espectador desinteressado.

Atitude que lhe ha de ter parecido a mais digna, mas que se assemelha terrivelmente a uma confissão de fraqueza. Atitude de demissionario — mas não de quem se manteve na superficie das cousas. Talvez justamente por ter, um momento, presentido a realidade tragica da vida é que tenha voltado o rosto, horrorisado do que via. Mas não o voltou tão depressa que não o marcasse para sempre essa visão de um segundo, deixando na sua obra, sob as apparencias do cepticismo risonho, um travo amargo de desengano.

Ha um gosto de cinza, nos seus livros, as cinzas da inanidade de tudo, mas ha tambem o sal das lagrimas e do sangue, o sangue do homem sofredor, as lagrimas do desespero que se sabe inutil.

CAPITULO II

O MOLEQUE

O NASCIMENTO — CONFISSÕES DESENCONTRADAS — O CONEGO FELIPE — O MORRO DO LIVRAMENTO, A SAÚDE E A PRAIA DE S. CRISTOVÃO — MARIA LEOPOLDINA E MARIA INÊS — BALEIRO — O PADEIRO FRANCÊS — A VONTADE DE APRENDER.

Se fosse possível aos paes de Machado de Assis saberem lá do outro mundo o que aqui se escreve sobre seu filho, talvez se espantassem menos da sua celebridade do que das inexatidões da sua biografia.

As informações são as mais diversas, direi mesmo as mais contraditorias. Começam as divergencias pelo lugar no seu nascimento.

Pujol, e todos os que sobre ele escreveram dão-no como nascido no morro do Livramento, numa chacara onde seus paes eram agregados.

Entretanto, pessoa que o conheceu intimamente (3) e lhe era ligada por laços de parentesco, assegura ter sido num sobrado da rua S. Luiz Gonzaga, em São Cristovão, que veio ao mundo, em 21 de Junho de 1839, o pardinho Joaquim Maria.

(3) D. Sara Costa, esposa do Marechal Bonifacio e sobrinha de D. Carolina Machado de Assis.

Já velho e ilustre, foi Machado um dia a São Cristovão para revêr, dissera aos seus, a casa onde nascera.

Apezar do testemunho de Machado, testemunho muitas vezes falso no que se refere ás suas origens, a razão deve estar com Pujol. Indiretamente, confessa-o o proprio Machado, nos seus escritos, onde as recordações de infancia, se falam tambem em São Cristovão, são quasi sempre situadas no Livramento ou em seus arredores. E tambem o confessou a José Verissimo, a quem contou ter ido ao morro do Livramento porque soubera que ia ser destruida a casinha onde nascera...

Ha, porem, uma pagina sua, datada de 1864, que permite estabelecer a identidade da chacara a que se refere Pujol. Foi certamente a do Conego Felipe, figura popular em meados do seculo passado, a quem se attribuia uma pobreza de espirito verdadeiramente franciscana, sobre quem corriam anedotas maliciosas (4). Entre outras contava-se a

(4) Esse Conego Felipe — Antonio`Felipe de Araujo — foi tambem deputado. Dando, em 1857 a noticia da sua morte, dizia-o a Marmota padre sem sermões, deputado sem discursos, mas nobre character e alma generosa. Foi muito glosada, na epoca, a sua simplicidade. Alvares de Azevedo escreveu sobre ele os seguintes versos:

O CONEGO FILIPE

*O cônego Filipe! Ó nome eterno!
Cinzas illustres que da terra escura
Fazeis rir nos ciprestes as corujas!*

de um pintor que impingira ao bom do padre um quadro representando o banho da casta Suzana, no qual lhe afirmára have-lo pintado tambem, mas por detraz de uma arvore, para poder ver sem ser visto.

Comentando esse episodio, escrevia Machado no Diario do Rio de Janeiro: "Nas minhas reminiscencias de infancia, tenho ainda viva a idéa de ter visto quasi diariamente a tela a que alude a anedota do conego e do pintor; lá estava a arvore, atraz da qual o conego figurava estar escondido para não ser visto de Suzana".

*Porque tão pobre lira o céu doou-me
Que não consinta meu inglório gênio
Em vasto e herbíco poema decantar-te?*

*Voltemos ao assunto. A minha musa
Como um falado imperador romano
Distrai-se ás vezes apanhando mósca.
Por estradas mais longas ando sempre.
Com o cónego illustre me pareço,
Quando éle já sentia vir o sono,
Para poupar caminho até a vela,
Sôbre a vela atirava a carapuça.
Então no escuro, em camisola branca
Ia apalpando procurar na sala
— Para o queijo flamengo da quereca
Dos defluxos guardar — o negro sacco.*

*A ordem, Musa! Canta agora como
O poeta Ali-Moon no harém entrando
Como um poeta que namora a lua,
Ou que beija uma estátua de alabastro,
Suando de calor... de sol e amores...
Cantava no alalúde enamorado,
E como éle saiu-se do namôro.
Assunto bem moral, digno de prêmio,
E interessante como um catecismo;
Que tem ares até de ladainha!*

Isso se passava na “casa em que ele habitou, casa um tanto ou quanto historica — a casa do Livramento”.

Para ter visto “quasi diariamente” o quadro, o pequeno Joaquim Maria devia ser morador da chacara. Ora, está provado que morou na rua S. Luiz Gonzaga já menino, mais ou menos aos 13 anos (4-a).

A sua estadia no Livramento é portanto anterior á moradia em S. Cristovão, havendo por con-

*Quem não sonhou a terra do Levante?
As noites do Oriente, o mar, as brisas,
Toda aquella suave natureza
Que amorosa suspira e encanta os olhos?*

*Principio no harém. Não é tão novo.
Mas esta vida é sempre deleitosa.
As almas de homem ao harém se voltam
— Ser um dia sultão quem não deseja?
Quem não quisera das sombrias fôlhas
Nas horas do calor, junto ao lago
As odaliscas espreitar no banho
E mais bela a sultana entre as formosas?*

*Mas, ah! o plágio nem perdão merece!
Digam “pega ladrão!” Confesso o crime.
Não é Ovídio só que imito e sonho,
Quando pinta Acteon fitando os olhos
Nas formas nuas de Diana virgem!
Não! embora eu aquí não fale em ninfas,
Essa idéia é do cônego Filipe!*

Alvares de Azevedo, *Lira dos Vinte Anos*.
pag. 46 do t. III, 3.^a ed., Garnier, Rio 1862.

(4-a) Afirmam-no o Prof. Hemeterio dos Santos, em artigo publicado em 1910 no Almanaque Garnier e D. Francisca Basto Cordeiro, cuja avó conheceu Machado de Assis moleque em S. Cristovão.

seguinte serias probabilidades de ter nascido na chacara do conego Felipe.

Se, tacitamente, desmentiu o fáto, preferindo dar-se como nascido em casa modesta porem independente, não seria para esconder a condição servil dos paes, talvez crias do conego, por ele libertadas, certamente seus empregados?

Tantas vezes lançou mão desses subterfugios para encobrir fatos de que se envergonhava...

Foi na velha casa grande do Livramento, habitada por um padre ingenuo e bom, que Joaquim Maria começou a viver, molequinho filho da lavadeira, a quem o conego fazia festas distraidas, quando o avistava em seu caminho.

Comeu o pão do padre, brincou sob as arvores do seu terreiro, talvez tenha recebido dele, de vez em quando, um vintem para comprar balas.

E guardou dele uma lembrança grata, sentiu-se toda a vida ligado a ele pelos laços que uniam os agregados aos senhores.

De outra forma não se explicaria que, jornalista liberal, agressivamente anti-clerical, falasse com evidente simpatia desse padre, alvo de constantes alusões desagradaveis, tentando rehabilitar-lhe a memoria.

—“Nas mãos de um amigo de infancia” viu o testamento do conego.

“E’ um manuscrito veneravel e legendario...”
“O conego, a quem se atribue tanta simplicidade,

escreveu um testamento serio, grave, cheio de lucidez e de razão”, diz no artigo já citado.

Ha uma nota tímida de ternura nessa defeza... ternura respeitosa do cria da casa, dessa vez mais forte do que a vontade de nada deixar transparecer sobre as suas origens.

Mas, em S. Cristovão ou no Livramento, uma cousa é certa: o lar era dos mais pobres. Francisco José de Assis, pintor de casas e Maria Leopoldina Machado de Assis, lavadeira, eram ambos mulatos, mulatos livres, segundo consta, e, na sua humildade, gente organizada. Casados legitimamente, Joaquim Maria parece ter sido o seu primeiro filho. Tiveram depois outro, uma menina, que morreu cedo. Sobre os antecedentes familiares de Machado de Assis, nada foi possível apurar. Mas essa morte prematura da irmã, a relativa infecundidade desse casal de operarios que só tev dois filhos, a sua propria doença, permitem imaginar serios antecedentes morbidos.

Joaquim Maria foi um menino franzino, doentio, pois ele se lembrava de ter tido, na infancia, “umas cousas exquesitas”, certamente os primeiros ataques do mal que o atormentou durante toda a vida.

Mas a saude precaria não o impediu de gosar a existencia solta no bairro humilde, pululante de moleques.

Foi um moleque entre muitos outros, um molequinho feio, de camisa de riscado e pés no chão, espiando, curioso, a gente que se aventurava pela Gambôa e as embarcações que atracavam na praia de S. Cristovão.

Essas cenas da meninice nunca mais se apagaram da sua memoria. A Saúde, a Gambôa, S. Cristovão e os morros adjacentes vivem na sua obra.

Seus divertimentos deviam ser, como os do Braz Cubas, "caçar ninhos de passaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição ou simplesmente, arruar á tóa" (5).

Aos domingos, movida pela fé simples da Maria Leopoldina, a familia toda, metida em fatiotas engomadas de fresco, subia o morro do Livramento "ainda nú de habitações, salvo o velho palacete do alto, onde era a capela" (6).

Vivo, precoce, observador, Joaquim Maria, enquanto andava teço na frente dos paes, ia olhando as brigas de galo, ouvindo as conversas, colhendo, sem o saber, material para o futuro Machado de Assis.

Depois do almoço preparado pelas mãos infatigáveis da lavadeira, eram os folguedos pela praia Formosa "de nome bem posto" entre "aquelas grandes braçadas de mato, brotando do lodo á beira do mar" "alastrado de terras e verduras" (7). Bem

(5) Memorias Postumas de Braz Cubas pg. 47.

(6) Memorias Postumas de Braz Cubas pg. 309.

(7) Quincas Borba pgs. 163 e 164.

perto ficavam a praia dos Lazaros e a de S. Cristovão. Levando um ou dois companheiros, o molequinho rumava para lá. Uma pernada, apenas. E, se demorasse, não daria certamente por falta dele a pobre Maria Leopoldina, muito ocupada nos seus trabalhos em casa.

“A praia ia mudando de aspeto. Dobrava para o Saco do Alferes, vinham as casas edificadas do lado do mar. De quando em quando, não eram casas, mas canoas, encalhadas no lodo, ou na terra, fundo para o ar” (8).

Outras vezes, era para a Gambôa que o levavam os pés infatigáveis de menino pobre, cuja maior distração era andar á solta. Brincava no “cemiterio dos ingleses, com os seus velhos sepulcros trepados pelo morro”. Chegava até á Saude, via “ruas esguias, outras em ladeira, casas apinhadas ao longe e no alto dos morros, becos, muita casa antiga, algumas do tempo do rei, comidas, gretadas, estripadas, o caio encardido, e a vida lá dentro” (9).

Num desses passeios ha de ter presenciado uma cena que o impressionou fortemente, a ponto de metela, quasi da mesma maneira, num romance e num conto (10): o espetaculo de uma creança atropelada por um carro.

Mais raramente, esgueirando-se de casa ás escondidas da mãe viu o bairro adormecido, “tudo

(8) Quincas Borba pg. 164.

(9) Quincas Borba pg. 164.

(10) No Quincas Borba, e no Trio em Lá menor.

deserto, uma ou outra patrulha, algum tilburi raro, a passo cochilado, tudo deserto e longo. Junto do caes da Igrejinha dormiam os botes que, durante o dia, conduziam gente para o Saco do Alferes. Maré frouxa, apenas o resonar manso da agua" (11).

Vida igual a todas as vidas de moleque, mal vestido, mal alimentado, a miseria no corpo e a alma livre.

Mas nem sempre seria igual a todos... As "cousas exquesitas" que lhe davam de repente e que o deixavam derreado, certamente faziam com que os companheiros se afastassem um pouco dele; quando se zangava, começava a gaguejar, e os outros se riam.

Isso tudo ia fazendo de Joaquim Maria um moleque um pouco diferente dos outros.

Desconfiado, retraído, ia aprendendo a viver para dentro, a matutar sobre cousas que aos outros passavam desapercibidas, a sentir, por exemplo, o misterio de "uma rotulasinha escura, portal rachado de sol", onde uma mulher esperava um marinheiro, á boquinha da noite, quando "já não podiam ver o hospital dos Lazaros e mal distinguiam a ilha dos Melões", quando "as mesmas lanchas e canoas, postas em seco, defronte da casa, confundiam-se com a terra e o lodo da praia" (12).

(11) Um erradio — *Paginas Recolhidas* pg. 86.

(12) Noite de Almirante — *Historias sem data* pgs. 168 e 174.

A vida já devia ser inexplicável para o mulatinho triste e precoce que a sentia fortemente, nos contatos da rua.

Mas não só nas suas reflexões procuraria um refugio contra as caçadas dos outros, contra essa desconfiança de si mesmo que por vezes o fazia parecer implicante ou orgulhoso. Tinha a mãe "que lhe dourou os sonhos de criança", a mãe que, se algumas vezes lhe batia, em compensação o consolava tão bem das zombarias dos outros. Tinha a irmãzinha cuja "alma era do céu" (13), que brincava com ele suavemente, sem violencias, sem a superioridade que os outros tinham, de serem mais fortes.

(13) Não encontrei as poesias feitas por Machado de Assis á mãe e á irmãzinha, pois não existe mais, nas coleções da Marmota tanto da Academia Brasileira de Letras como da Biblioteca Nacional, o ano de 1856, em que foram publicadas. Mas Alfredo Pujol cita delas os seguintes trechos:

*"Esse involucro mundano
Trocaste por outro véo;
Deste negro pego insano
Não sofreste o menor dano,
Que tua alma era do céu"*

Diz á irmã; e á mãe:

*"Se devo ter no peito uma lembrança
E' dela, que os meus sonhos de criança
Dourou: é minha mãe.*

*Se dentro do meu peito macilento,
O fogo da saudade me arde lento
E' dela: minha mãe".*

Muito breve perdeu a ambas. O que teria sido, então, a casa desse operario viuvo e dessa criança exigindo muito carinho, muito cuidado, para viver?

Privações não passariam, que Francisco José era bom pintor e dourador, homem mórigerado, amigo do vigario de S. Cristovão, mostrando, pela dignidade da sua pobreza, ter recebido educação mais cuidada do que era habitual na sua condição e na sua epoca. Daria ao filho o necessario, olharia pelo seu bom comportamento. Mas, quem cuidaria de Joaquim Maria, quem o consolaria de ser doente, e gago, e triste?

Nessa alma sensível de criança, quanta amargura se foi acumulando...

Logo achou quem lhe substituísse a mãe morta. Francisco José não tardou em se casar novamente, e na segunda mulher encontrou, melhoradas, as qualidades da primeira. Maria Inês era tambem mulata, uma boa mulata cujo coração logo se abriu ao enteado mofino. Não teve filhos, e com isto ainda mais se afeiçoou a Joaquim Maria, que a chamava de madrinha.

Só este fato de ter querido evitar o nome odioso de madrasta basta para mostrar o que havia de fino, de delicado nessa mulher humilde.

Se Machado de Assis veio de um meio pobre, não veio de um meio grosseiro. Mãe e madrasta tiveram aquela fecunda e boa intelligencia do coração, muita mais generosa do que a outra. A sen-

sibilidade doentia do menino encontrou em ambas o contáto suave que exigia. E não viveu tão pouco entre gente bronca.

Homem de alguma leitura, Francisco José, na escolha do officio, revelara uns embrionários dotes artisticos, uma certa compreensão do belo.

Tambem Maria Inês sabia ler, e ambos cuidaram, na medida dos seus recursos, da instrução do menino.

Maria Inês foi a primeira mestra de Machado de Assis; ensinou-lhe o pouco que sabia, as letras, as primeiras operações. Depois, puzeram-no numa escola publica (14). Seria a da rua do Costa, ou a da rua do Piolho?

De ambas fala ele em seus livros. O mestre é que é mais ou menos o mesmo nas duas evocações: "Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva á mostra, barba raspada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial e chamar-nos depois á lição. E fizeste isto durante vinte e tres anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguem te chorou, salvo um

(14) O Professor Hemeterio dos Santos, que conheceu a madrastra de Machado de Assis, é quem dá essas informações em artigo publicado no Almanaque Brasileiro, publicação da Livraria Garnier, do ano de 1910.

preto velho — ninguem, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita” (15).

Tambem ao da rua do Costa vê entrando na sala “com o andar manso do costume, com a jaqueta de brim lavada e desbotada, calça branca e tesa e grande colarinho caído. Uma vez sentado, extraiu da jaqueta a boceta de rapé e o lenço vermelho, pô-los na gaveta” (16).

Sombria escola de antigamente, com a palmatória á mostra. A Joaquim Maria não deve ter sido nunca necessário applica-la. Manifestou logo um grande amor ao estudo, a insaciavel curiosidade intelectual que o levaria, já se abeirando dos setenta anos, e da morte, a aprender grego. Talvez, como naquele Conto de Escola, de inequivoco acento autobiografico, tivesse apanhado alguma vez, por ter ensinado aos companheiros o que aprendia com tanta facilidade. Alem disso, cada vez mais timido e taciturno, não se meteria facilmente em brincadelas. Os colegas que se distraissem em armar peças ao velho mestre; ele queria era saber, descobrir esse mundo novo que os livros lhe revelavam, mundo onde ninguem caçoava do seu falar tropeçado, onde as “cousas exquisitesas” não o assaltavam.

Á saida, sim, uma ou outra vez, se demorava a brincar com os companheiros. Em epoca de São

(15) Memorias Postumas de Braz Cubas pg. 46.

(16) Conto de escola — Varias Historias pg. 212.

João, gostava de esperar os balões "Junho... mês dos santos folgazões, das fogueiras, dos balões, que no meu tempo eram chamados maquinas, "Lá vae a maquina! Olha a maquina! E todos os dedos ficavam espetados no ar, indicando o balão vermelho que subia, subia, até perder-se entre as estrelas. Outras vezes (a tal ponto os balões imitam os homens!) ardiam a meio caminho ou logo acima dos telhados. Bom tempo!" (17).

Divertimento típico de menino pobre, que não podia soltar balões.

Nesses momentos, Joaquim Maria era um moleque igual aos outros, todo entregue ás diversões das ruas, integrado na sua vida anonima e realista, cheia de ensinamentos, de asperezas, de interesse. Mas o seu grande interesse, a sua grande paixão era o estudo.

Quando terá nascido nele a ambição de seguir a carreira das letras?

Deve ter sido uma vocação precoce — precoce e decidida, pois, segundo testemunhos pessoases, manifestou-se ainda em vida de Francisco José que morreu deixando o filho creança (18). O bom homem parece ter-se assustado com a perspectiva de ver o filho abraçar uma profissão tão pouco rendosa.

(17) Publicado na Semana (Gazeta de Noticias), em folhetim não recolhido por Mario de Alencar.

(18) Do artigo já citado do Professor Hemeterio dos Santos.

Com a sua saude debil, Joaquim Maria precisaria de vida calma, regular, estavel. A soluçãõ só poderia ser uma — mete-lo no commercio. Julgando dever contrariar para seu bem as tendencias do menino, pô-lo como caixeiro numa papelaria. Ai no-lo mostrou Coelho Neto, sufocado pelo ambiente acanhado, estudando á noite, á luz de vela, sobre fardos empilhados, depois de ter trabalhado o dia todo (19).

Não aguentou o menino essa existencia tão contraria á sua indole, e apenas tres dias passou na loja.

Para livra-lo do emprego parece ter-lhe valido a bondade de Maria Inês, que sentiu no enteado uma inteligencia digna de ser aproveitada.

Talvez tenha voltado para a escola, pois disse a alguem que perdera o pae “quando andava ainda no collegio” (20).

A morte de Francisco José só pôde, portanto, ter sido por esse tempo. A boa mulata e o enteado ficaram entregues a si, sem recursos, sem amparo.

Nessa epoca, provavelmente, é que se mudaram para S. Cristovão, para o sobradinho de S. Luiz Gonzaga que Machado fez questãõ de rever, numa peregrinaçãõ de saudades, e, quem sabe, de remorso.

A tradiçãõ oral os dá como morando lá nesse momento. Maria Inês alugou-se como cozinheira

(19) Em conferencia realizada no salão do “Pedagogium” a 29 de Dezembro de 1895, que vem resumida nos Jornaes do tempo.

(20) A sua sobrinha D. Sara Costa.

num collegio, cujas donas, senhoras de poucos recursos, faziam tambem doces e balas para fóra. Nesse mister é que se occupou Maria Inês, e o menino, o mulatinho enteado da cozinheira, aceito na casa por caridade, ficou encarregado de vender as quitandas (21).

Como se teria desempenhado das suas funções de baleiro o futuro Machado de Assis, é cousa que a tradição não informa.

Mas o pequeno, gago, esquivo, pouco communicativo, não deve ter sido o ideal dos vendedores. Certamente, nas horas de folga, procurava ouvir trechos das lições dadas ás meninas ricas, pescar aqui e ali uma noção, um esclarecimento. Não seria possivel ao baleiro penetrar nas classes, mas os moleques têm mil manhas, sabem escutar ás portas, esgueirar-se pelos corredores, esconder-se nos devãos escuros. Imovel, o coração batendo de susto, enquanto esperava o taboleiro das quitandas, Joaquim Maria ouvia as aulas que não lhe eram destinadas.

Á noite, no quarto de S. Luiz Gonzaga, Maria Inês, cansada dos trabalhos do dia, sem sonhos nem na alma simples, dormia serenamente.

(21) Essas informações me foram prestadas pela escritora D. Francisca Basto Cordeiro, filha dos Barões Schmidt Vasconcellos, e cuja avó, a condessa de S. Mamede, foi aluna do collegio de S. Cristovão e conheceu Machado de Assis baleiro.

E Joaquim Maria? Quem sabe lá quantas revoltas contra a sorte injusta, quantos planos de futuro germinavam nessa cabecinha encarapinhada encostada á fronha de algodãozinho?

Uma vez por outra, haveria de arranjar no collegio algum livro emprestado, e então a vigilia já não era penosa, as durezas do presente ficavam esquecidas, esquecidas ficavam as cogitações do futuro.

O pequeno leitor atirava-se sofregamente ao volume, avido de aprender, de saber. Movia-se o prazer de se instruir, a sua infatigavel curiosidade intelectual, mas tambem a vontade de ser alguem, de subir, de forçar a mão ao destino.

O contato com crianças ricas, ao mesmo tempo que despertava a ambição do baleiro, marcava-lhe a alma com uma obsedante, dolorosa consciencia da hierarquia social. As pequenas sinhá-moças, que chegavam de carro, acompanhadas pelos pagens, faziam-no sentir-se tão pobre, tão humilde, tão desvalido...

Mas nesse momento encontrou quem lhe valesse. Travou mais ou menos por esse tempo umas relações que influíram profundamente no seu destino: as de Mme. Gallot, dona de uma padaria na rua S. Luiz Gonzaga, e de seu forneiro tambem francês (22).

(22) Do artigo já citado do Professor Hemeterio dos Santos.

Indo a compras para as suas patroas, certamente o moleque, enquanto esperava o pão, conversava com o francês. Um dia ha de se ter animado a mostrar o desejo de lhe aprender a lingua; e o outro, feliz por ter com quem falar de cousas da sua terra, prontificou-se a ser seu mestre.

A' noite, livre-do seu taboleiro, e talvez tambem durante o dia, em momentos roubados ás obrigações, o pequeno aprendia com o forneiro, com uma facilidade de pasmar, a ler e traduzir francês. Em breve, era senhor da lingua.

Atravez do forneiro ha de ter penetrado na familia de Mme. Gallot pois, já velho, contava que praticára francês na casa de uma familia que frequentara assiduamente, obrigando-se a lá ir sempre, não pelo prazer da companhia, mas para apanhar uma boa pronuncia (23). Esse adolescente timido e desconfiado ousou fazer-se intimo de estrangeiros, porque havia nele alguma cousa mais forte do que a timidez: a sua ambição, o seu desejo de subir de classe.

Metido na sua roupinha surrada, esforçando-se por não gaguejar, ele corria para a casa de Mme. Gallot apenas tinha uma folga e lá ficava, a falar, a conversar, todo ouvidos, todo atenção, certo de que assim estava preparando o seu futuro.

(23) Informações que devo ás senhoritas Pinto da Costa, amigas de D. Carolina Machado de Assis, suas vizinhas nas Laranjeiras.

Era uma brecha que vislumbrava, e por ela se metia, a um tempo medroso e seguro de si, aca-nhado e insistente.

Com toda a força da sua joven ambição, com todo o ardor da sua avida intelligencia, agarrou-se a essa oportunidade, aproveitou-a, explorou-a, tirou dela tudo o que lhe foi possível tirar.

100

100

100

100

100

100

100

100

100

CAPITULO III

O OPERARIO

O COROINHA — CONTRADIÇÕES EM QUE CAIU —
A PAIXÃO DA LEITURA — PAULA BRITO — TI-
POGRAFO — O PADRE-MESTRE SILVEIRA SAR-
MENTO — O ENCONTRO COM MANOEL ANTONIO
DE ALMEIDA — O CENACULO DE CAETANO FIL-
GUEIRAS — PRIMEIRAS POESIAS — AMBIÇÃO.

Um antigo morador de S. Cristovão contava que, na sua mocidade, viajára diariamente, na barca que fazia o trajeto entre S. Cristovão e o Caes Pharoux, ou dos Franceses, como então se dizia, com um adolescente aparentando 13 ou 14 anos, magrinho, modesta mas limpamente vestido.

A barca vinha cedo para a cidade, voltava á tarde, conduzindo sempre os mesmos passageiros, gente que tinha seus empregos no centro. Como era natural, a camaradagem se estabeleceu entre esses companheiros diarios, todos conversavam para matar o tempo. Só o mocinho magro, sempre com um livro na mão, nunca dirigiu a palavra a ninguem. Mal se sentava, logo se afundava na leitura, e assim ia e voltava, parecendo ignorar os que o cercavam, sem levantar os olhos do livro, indiferente aos espetaculos da viagem, á beleza da baía, ás

embarcações que encontravam. Era Machado de Assis. (24).

Afinal, a unica informação segura, clara que nos chega sobre o principio da adolescencia de Joaquim Maria é essa imagem. Com certeza, só sabemos que vinha todas as manhãs, bem cedo, do seu bairro de operarios.

Ha alguma cousa de simbolico, como que uma imagem abreviada de toda a sua existencia nessa vinda para a cidade — para o trabalho, para a luta, para o centro onde iria brilhar — os olhos pregados num livro, alheio á natureza, absorto na leitura, desprezando a vida quotidiana pela do espirito.

Que viria ele fazer na grande cidade, esse rapaz pobre?

Ajudaria a missa matinal da Lampadosa?

Quer uma tradição, apoiada por Pujol que a ouviu de Ramos Paz, amigo de Machado desde a mocidade, que este tenha sido, durante algum tempo, sacristão da Igreja da Lampadosa. Entretanto, pesquisas cuidadosamente feitas na velha Igreja dos escravos onde existem todos os livros de assentamento desde 1740, nada revelaram a seu respeito, e parecem, portanto, desmentir essa versão. No decenio 1850-1860, ó unico em que tal fato se poderia

(24) Informação recolhida pessoalmente por D. Sara Costa, a sobrinha de Machado de Assis.

ter dado, teve a Lampadosa varios sacristães, mas nenhum com nome nem parecido com o seu (25).

Depois disso, entrando para o Diario do Rio, militando na imprensa liberal e anti-clerical, não poderia Machado ter sido sacristão.

O que não é impossivel, é que tenha sido sacrista, ou coroinha como se chamam aos meninos que ajudam a missa, tocam sinos e fazem pequenos serviços liturgicos, embora tambem desse quadro não conste o seu nome. Mas, com funções tão humildes, pôde facilmente ter sido esquecido (26). Essa hipótese parece tanto mais aceitavel quanto os primeiros versos de Machado traduzem uma certa disposição mística do espirito. Houve nele, na adolescencia, uma vaga religiosidade. Datou uma poesia sobre o Martir do Calvario da Sexta-feira Santa, a vaidade da vida é um tema constante. Alem disso, na sua obra posterior, ha um grande conhecimento das irmandades religiosas, dos seus habitos, da sua hierarquia. O coroinha, se o foi, já olhava com olhos de romancista os irmãos da Lampadosa...

(25) O atual sacristão, Sr. Octavio de Oliveira, teve a gentileza de procurar todo o arquivo da Irmandade, não encontrando nenhuma menção do nome de Machado de Assis. Como o sacristão faz obrigatoriamente parte da Irmandade da Lampadosa, podemos afirmar com segurança que Machado de Assis não foi sacristão. O seu nome não figura tão pouco nos livros de pagamento, onde ha, entretanto, varias referencias a sacristas, ou coroinhas. Mas aí a omissão é possivel, embora ele tenha sido auxiliar do culto.

(26) "Eu fui criado com sinos, com estes pobres sinos das nossas igrejas" diz na Semana, pag. 11.

E, na época da descrença, conservou um grande respeito pelo culto religioso, respeito que o levou a combater mais tarde, pela imprensa, por varias vezes, e até em carta ao arcebispo, publicada sem assinatura, cuja autoria confessou depois, os desmandos das procissões de Cinzas "nocivas ao verdadeiro culto e filhas genuinas dos cultos pagãos" (27).

Que importaria isso ao livre-pensador Machado de Assis, se no fundo do seu coração não guardasse um pouco de amor pelo culto que serviu um dia? Homem feito, foi certa vez, durante a Semana Santa, percorrer as Igrejas em companhia de um amigo (28). Iam como curiosos, como touristes, pois eram ambos ateus. Entraram, observando o movimento, o vae-vem dos fieis. Quando já iam sair, Machado

(27) No Futuro, revista de Faustino Xavier de Novaes, escrevia Machado de Assis, a 1 de Março de 1863: "Entre os poucos fatos desta quinzena um houve, altamente significativo: foi a supressão da procissão de cinza. Em 1862, logo a começar a quinzena, publicou uma das folhas diarias desta côrte um artigo pequeno mas substancial no qual uma voz generosa pedia mais uma vez a supressão das procissões, como nocivas ao verdadeiro culto e filhas genuinas dos cultos pagãos..."

...Em um jornal politico, publicado então, e cujo segundo numero acertou de sair na Sexta-feira da Paixão, veio inserta uma carta ao nosso prelado, menos eloquente e erudita, mas tão indignada como o artigo a que me referi. Assinavam esta carta umas tres estrelas, ocultando o verdadeiro nome do autor, que era eu".

(28) Artur Carneiro de Mendonça, já falecido, de cujo irmão, Alberto Carneiro de Mendonça, ouvi a anedota.

olhou de soslaio para o outro, pensou-o distraído e, rapidamente, a medo, fez uma genuflexão e esboçou o sinal da Cruz.

O gesto, nesse homem completamente descrente, não trairia o antigo coroinha?

Sobre esse trecho de sua vida, as suas confissões são contraditórias, revelando mais uma vez aquela vontade de não se abrir, aquele vexame da origem humilde que explicam tanta coisa na sua vida e na sua obra.

Uma vez, quando diretor da Diretoria de Contabilidade no Ministério da Viação, anunciaram-lhe um visitante. Muito ocupado, não lhe dizendo nada o nome do homem, recusou recebê-lo. Mas o outro insistiu e forçou-lhe a porta do Gabinete, exuberante, pronto ao abraço, chamando-o Machadinho, dizendo ser seu velho camarada, tê-lo conhecido ainda sacristão da Lampadosa.

Machado fechou-se, o abraço perdeu-se no ar, e quando se viu afinal livre do importuno, mal contendo um gesto de impaciência, ficou a repetir "Machadinho... Machadinho... Machadinho vá ele!"

E explicou a um companheiro (29) que se devia tratar de um impostor pois nunca ninguém o chamára Machadinho, nem fôra jamais sacristão, acrescentando que essa lenda corria porque, em menino, se divertira algumas vezes a bater o sino...

(29) O Major Bernardo de Oliveira, seu colega no Ministério da Viação, que me referiu o episódio.

Ao menos a primeira afirmação é falsa, pois varias cartas a ele dirigidas na mocidade dão-lhe o diminutivo carinhoso que, funcionario importante e cerimonioso, não quís aceitar...

De outra feita, porém, perguntando-lhe Francisco de Castro se era verdade que tivesse sido sacristão, respondeu-lhe: "Fui sim, fui... mas não repita isso a ninguem".

Tambem pessoas amigas (30) de D. Carolina ouviram desta que o marido servira algum tempo, na Igreja da Lampadosa, como sacristão.

A hipotese mais provavel é, portanto, a de ter sido coroinha, certamente quando rapazinho de 14 ou 15 anos, antes de entrar para a tipografia.

Vinha, pois, de S. Cristovão diretamente para a velha igreja, ajudava a missa, embolsava a pequena esportula que lhe assegurava o pão do dia... E depois? Depois, eram os passeios pela cidade que conhecia palmo a palmo, eram as estações junto aos sebos, namorando livros, era a grande atração e o asilo das salas de leitura publica, sobretudo do Gabinete Português de Leitura.

Depois da leitura, o moço corria para o Largo do Rocio, "que ainda não tinha estatua nem jardim". (31). Era lá, no numero 64 da Praça da

(30) As senhoritas Pinto da Costa.

(31) Singular Occurrencia — Historia sem data, pg. 46.

Constituição, como se chamou por algum tempo o Largo, a Livraria Paula Brito, cujos mostruarios o atraíam.

Paula Brito, também mulato e pobre, começára a vida como tipografo na Tipografia Plancher, e, em 1831, estabeleceu-se com officina propria.

Dentro em breve, tornava-se a sua casa o centro da vida literaria de então. Tão bom homem quanto máo poeta, generoso, serviçal, sempre pronto a auxiliar os escritores com a sua bolsa e com grandiloquentes elogios na Marmota, por ele dirigida e editada, Francisco de Paula Brito foi realmente um grande animador.

Nos balcões da sua loja debruçavam-se para conversar todos os intellectuaes do momento.

E o futuro Machado de Assis, adolescente feio e timido, rondava-lhe a porta, faminto de alimento para o espirito, levado pela sua irresistivel vocação literaria.

Ali ficava, a admirar a gente que entrava, gente feliz que podia comprar e escrever livros.

A tarde caía, era preciso voltar ao seu bairro longinquo, e o adolescente não tinha animo para se afastar... Mas urgia ir; o caminho era longo do Largo do Rocio ao Caes dos Franceses, e o dinheiro não sobrava para tomar os onibus e as gondolas que, do Largo de S. Francisco, se irradiavam pela cidade.

O mocinho ia andando, obscuro, desconhecido, perdido no meio do povo... ia andando, e pensando.

Pensando num geito de entrar na livraria, de ver de perto aquela gente ilustre, de a conversar.

Chegava á barca, e lá se ia ele pela baía, aproveitando as ultimas claridades do dia para continuar a leitura do livro que tirara emprestado nalgum gabinete de leitura.

E á noite, no quarto mal iluminado, tentava, tambem êle, como os felizes que vislumbra durante o dia, compôr versos, pobres e incertos versos de adolescente, onde os sonhos literarios se misturavam com outros, que tambem atormentavam esse rapazinho feio, os sonhos de amor...

Quem sabe se um dia os veria em letra de fôrma...

E o mulatinho feio vivia horas de embriaguês, todo possuido pela sua joven ambição, pela sua poderosa vocação para as letras.

Que importavam a pobreza, a côr, a humildade da origem? Haveria de vencer todos os obstaculos, de ser alguem...

Mas, como para mostrar-lhe todas as dificuldades que o envolviam, outro inimigo, peor que a pobreza, peor que a côr, um inimigo insidioso e implacavel o atacava de vez em quando: as "cousas exquesitas" que o fulminavam e o derreavam.

Então o joven ambicioso se tornava um menino doente, e se acolhia ao carinho humilde e domestico de Maria Inês, abandonando-se nas suas mãos calosas e tão meigas...

A crise, porem, era logo vencida, e ei-lo de novo, obstinado e irresoluto, a passar pela porta do Paula Brito, sem coragem de entrar.

Como se terá decidido a dar esse passo ousado?

Não o sabemos, mas deve ter sido, logo de saída, bem acolhido pela bondade ativa do editor. E começou a frequentar-lhe assiduamente a livraria, onde encontrou o ponto de apoio para o inicio da sua carreira literaria.

O conhecimento deve datar de principios de 1855. Começou então a atividade intelectual de Machado de Assis, atividade que se manteve ininterrupta durante 53 anos, até 1908, até á sua morte.

Igualmente por esse tempo chegou-se ao grupo literario do Dr. Caetano Filgueiras, que reunia diariamente, no seu escritorio, Casemiro de Abreu, e dois poetas mortos jovens, Macedo Junior e Gonçalves Braga. Machado era o mais moço do grupo, um menino.

Mas "nem por isso lhe faltava ousadia; antes sobrava-lhe sofreguidão de saber, ambição de louros. Era vivo, era trefego, era trabalhador" (32). Data de 21 de Junho de 1855, o dia dos seus dezesseis anos, a publicação da sua primeira poesia, Um Anjo.

(32) Prefacio de Caetano Filgueiras á primeira edição de *Crisalidas*.

Versos de amor, desse amor inacessível para o mulatinho feio, e que tanto atormentou a juventude de Joaquim Maria.

E's um anjo de amor — um livro d'ouro
Onde leio o meu fado
E's estrela brilhante do horizonte
Do bardo namorado
Foste tu, que me deste a doce lira
Onde amores descanto.

A quem rimaria assim o pobre bardo namorado? Talvez á Casaloni, a prima-dona italiana em honra de quem versejam todos os poetastros da Marmota, a quem parece dedicada a terceira poesia publicada pelo joven poeta, com uma expressiva epigrafe do proprio autor.

E' sempre nos teus cantos sonoros
Que eu bebo inspiração.

Amores infelizes certamente, romantica paixão de adolescente. Requestada e aplaudida, a diva nem desconfiaria da existencia desse admirador humilde.

“Eram os tempos homericos do teatro lirico, a quadra memoravel daquelas lutas e rivalidades renovadas em cada semestre, talvez por um excesso de ardor e entusiasmo, que o tempo diminuiu ou transferiu, Deus lhe perdoe, a cousas de menor tomo. Quem não se lembra, ou quem não ouviu falar das batalhas feridas naquela classica platea do campo da

Aclamação, entre a legião casalonica e a falange chartonica, mas sobretudo entre esta e o regimento lagruista?" (33).

Nessas hostes, seria apenas um soldado raso o joven Joaquim Maria, lutaria pela sua prima dona como um escravo grego por Helena, ardoroso e ignorado.

Seria infeliz o namorado, mas não o era o poeta, no alvoroço das primeiras publicações. Em duas passagens diferentes ele conta as emoções de um joven autor ao se ver impresso pela primeira vez. "Mal dormida, entremeada de sonhos ininterruptos, de sobresaltos e ancias, foi a noite que precedeu a publicação" (34).

E Romualdo, heroe de um otimo conto, o Programa, perdido nas coleções da Estação, vae á porta da tipografia, de manhásinha, esperar a saída do jornal que lhe aceitára a colaboração. Com que anciedade recebe a folha! Percorre-a apressadamente, encontra o seu nome, por baixo dos versos. Leu-os e "depois dobrou cuidadosamente o jornal, e foi tomar café". Essa contensão, seguindo-se ao açodamento do primeiro momento, devia ter sido a

(33) A Mão e a Luva pg. 14 — A francesa Charton e a italiana Lagrua repartiam com a Casaloni os entusiasmos do publico.

(34) Aurora sem dia — Historias da Meia-Noite pg 164.

atitude de Machado, a um tempo tão sensível e tão comedido.

E Maria Inês, com quem ainda morava, ha de ter partilhado a alegria de Joaquim Maria, e lido e relido esses versos que não entendia bem.

Desde então foi assiduo colaborador da Marmota. Exerceria ali outras funções? Não é impossível que Paula Brito, tão amigo de auxiliar, tivesse empregado na sua tipografia esse mocinho poeta tão desvalido.

Assim o quer a tradição que nenhum documento apoia. Em todo caso, bem curta foi a sua permanencia na officina do Largo do Rocio, se é que lá esteve.

Em 1856 entrava como aprendiz tipografo para a Imprensa Nacional cujo diretor era o romancista Manoel Antonio de Almeida.

Ganhava um pataco por dia esse joven operario de quem o chefe das officinas se queixava porque a todo o momento se descuidava do serviço para ler pelos cantos.

Chamou-o o diretor, para repreende-lo. Veio o moço, timido, gaguejante, entrou certamente amedrontado no gabinete. Mas Manoel Antonio de Almeida, o Maneco de Almeida como o chamavam os amigos, não era somente um romancista vivo; era uma alma generosa. Conversou com o aprendiz, pô-lo á vontade e da entrevista resultou uma melhoria de situação para o operario, e uma grande ami-

zade que se manteve inalterada até a morte de Almeida, num naufragio, em 1861.

Dois anos esteve Machado na Imprensa Nacional, até 1858.

Por esse tempo encetou ou estreitou relações com alguém que lhe facilitou a carreira, dando-lhe de coração aberto os ensinamentos que procurara obter de contrabando nas aulas das professoras de S. Cristovão,

Esse mestre gratuito e carinhoso foi o Padre-Mestre Silveira Sarmiento.

Onde e como o terá conhecido o joven Joaquim Maria? Como se terá tornado seu discipulo? Porque se terá o padre interessado por elle? Seria esse sacerdote o vigario de S. Cristovão, amigo de seu pae, seria ainda a mão tutelar de Maria Inês que os aproximou, ou o ponto de contato terá sido simplesmente a lucida intelligencia do joven operario?

Nada foi possivel estabelecer sobre as suas relações, porque a figura do mestre de Machado de Assis perdeu-se na grande noite do passado.

Pujol afirma que, ao sair da escola publica, logo o teve Joaquim Maria por professor.

Mas essa versão parece desmentida por um testemunho do proprio Machado.

Em principios de 1858, quando estava portanto prestes a completar 19 anos, Machado publicou, na Marmota, duas poesias, A Morte no Calvario e

Monte-Alverne, dedicadas “ao meu amigo, o Padre-Mestre Silveira Sarmento”.

Reeditando a segunda em Crisalidas, em 1864, deu Machado, no fim do volume, uma nota explicativa do oferecimento.

“A dedicatória desta poesia ao padre-mestre Silveira Sarmento é um justo tributo pago ao talento, e á amizade que sempre me votou este digno sacerdote.

Pareceu-me que não podia fazer nada mais proprio do que falar-lhe de Monte-Alverne, que elle admirava, como eu.

Não ha nesta poesia só um tributo de amizade e de admiração: ha igualmente a lembrança de um ano de minha vida. O padre-mestre, alguns anos mais velho do que eu, fazia-se nesse tempo um modesto preceptor e um agradável companheiro.

Circumstancias da vida nos separaram até hoje”.

Atente-se bem nas expressões “A lembrança de *um ano* de minha vida” e “fazia-se *nesse* tempo um modesto preceptor”.

Foi pois apenas durante um ano, o ano em que foram compostas as poesias, 1858, que o padre guiou os estudos de Machado, já então poeta, colaborador da Marmota, e tipografo da Imprensa Nacional.

Não foi a uma criança mal saída da escola publica que o padre prodigou as suas lições, mas a um

rapaz cheio de ardente curiosidade intelectual, possuindo já alguma leitura, já manifestando a vocação literaria. Discipulo que devia encher de satisfação o mais exigente dos mestres, e sabia aproveitar o mais possivel das aulas (35).

O futuro se ia clareando para o moço operario; as suas duas grandes ambições — ser escritor e se elevar socialmente — começavam a se realizar.

Sem duvida, era apenas um aprendiz de typografo, mal ganhava para se sustentar, não podia ser mais humilde a casinha onde morava. Mas já ia podendo instruir-se, era poeta impresso, e homens illustres, esses homens que havia pouco se limitava a mirar de longe, o honravam com a sua amizade. Como o vingavam esses amigos importantes do desprezo das meninas do collegio de S. Cristovão, da humilhação de ter sido baleiro, de ter sido um moleque.

Elevavam-no aos seus proprios olhos, amaciavam-lhe a erriçada susceptibilidade... Mas, ainda assim, quanto travo subsistia... a côr, a doença, a feiura.

Buscando uma compensação tambem para estes, Machado todo se apejava com uma mole mas

(35) No memorial de Aires, Machado de Assis evoca a figura de "um sacerdote obscuro e escondido na Praia Formosa" fazendo-o aparecer inesperadamente no livro; será um parentesis de saudade ao mestre da sua mocidade?

firme obstinação aos novos companheiros, ao novo meio... (36)

E era carinhosamente acolhido. Quanta gente boa, quanta gente generosa encontrou esse mulatinho tímido. Maria Inês, os padeiros franceses, Paula Brito, o Padre Silveira Sarmento, Manoel Antonio de Almeida, e todos esses frequentadores da livraria, todos esses colaboradores da Marmota que o tratavam de igual a igual, cujos nomes escrevia, com ufania, na dedicatória dos seus versos "Ao meu amigo o Ilm.^o Sr. F. A. Vaz da Motta", "Ao Ilm.^o Sr. Antonio Gonçalves Teixeira e Souza", "No album do Sr. F. G. Braga".

É de crer que, rompida a casca da timidez, Machado possuísse um grande encanto pessoal, tivesse o dom de atrair a simpatia, revelasse uma inata finura de espirito e de maneiras.

E o novo meio o ia distanciando daquele em que nascera. Á noite, tornando á casa, nada achava para dizer á pobre Maria Inês; como conversariam? Como falar-lhe dos problemas esteticos e intellectuaes que o prendiam todo, como communicar-lhe os seus projetos de futuro? Ela não o entenderia.

(36) Essa tendencia a se agregar, em franca contradicção com sua timidez, deve ser, em Machado de Assis, fruto daquela "afetividade viscosa e colante da constituição epiletica ou gliscroide" de que fala Mme. Minskowska, a grande autoridade em epilepsia.

Havia outra cousa que preocupava o joven operario, mas sobre essa não se abria nem com Maria Inês, nem com ninguem: os devaneios amorosos, sonhos de amores impossiveis e requintados, e, muito provavelmente, as suas decepções nesse terreno.

A imaginação nutrida pelos poetas romanticos — lia muito Gilbert e Alvares de Azevedo nesse momento, e Garret e Lamartine — os sentidos despertando faziam-no oscilar entre as imagens voluptuosas e os sentimentos etereos. E não tinha seguramente nem umas nem outros.

Os seus versos da epoca traduzem esse estado de espirito. Dormindo num catre duro, celebrava o sofá.

Um sofá! Mais belo simbolo
Da preguiça outro não ha
Ai, que belas entrevistas,
Não se dão sobre um sofá!
E que de beijos ardentes,
Muita boca aí não dá!

Celebra o Cognac

“inspirador de ledos sonhos
Excitante licor de amor ardente!

Logo se volta para a amada, pedindo caricias ousadas

“Os teus beijos ardentes,
Tens afagos mais veementes,
Guarda, guarda-os, anjo meu,
Esta noite, entre mil flores,
Um sonho todo de amores,
Nos dará de amor um céu.

Sonha com uma

“..... bela circassiana
Curvada perto de mim,
As madeixas arrastando
No tapete carmezim.

Mas a imagem do amor puro, do amor dos
poetas predestinados á morte o embala.

“Um olhar, uma lagrima, uma prece
E' quanto basta em unica lembrança
Theresa, ao teu cantor,
Chora, resa e contempla-me o sepulcro
E na outra vida de um viver mais puro
Terás o mesmo amor.”

“Não sabes, virgem mimosa,
Quanto sinto dentro d'alma
Quando sorris tão formosa,
Sorriso que traz-me a calma.”

E não tinha nada, nem o sentimento que refresca a alma, nem a volupia que a embriaga. Tinha, isso sim, o pão de cada dia a ganhar duramente, com o trabalho de suas mãos, tinha a triste

realidade de um mal sem remissão, tinha a maldição da raça desprezada.

E, para lutar contra tudo isso, possuía apenas a ambição de subir, a intima confiança na sua vocação para as letras.



CAPITULO IV

TRANSIÇÃO

REVISOR DE PROVAS — A MARMOTA E SEU GRUPO
— A PETALOGICA E A MANIA DAS SOCIEDADES
LITERARIAS — PRIMEIRAS PRODUÇÕES EM PROSA
— O ESPELHO — O BRASIL PITORESCO.

Em 1858 Machado de Assis deixou a Imprensa Nacional. Já não era mais tipografo. Era revisor de provas na casa de seu amigo Paula Brito, começando, um ano depois, a exercer as mesmas funções no Correio Mercantil, graças á proteção de Pedro Luiz e Francisco Octaviano, de quem o aproximára Manoel Antonio de Almeida.

O novo officio tirava-o de vez da condição operaria para lança-lo completamente no meio literario. Já era uma ascensão, mas, ainda assim, entre os intellectuaes que frequentava, devia sentir-se um pouco humilhado da sua condição.

Traíu esse estado de espirito num conto publicado alguns anos mais tarde, no qual, contando as aventuras de um poeta pobre, ex-tipografo e no momento revisor de provas, fa-lo vislumbrar, num olhar do dono de uma casa onde fôra a uma festa, o desprezo pela sua situação. Imagina o pobre rapaz, evidentemente porta-voz do autor que, se con-

fessasse publicamente o officio, o anfitrião haveria de pensar: "Pois este pelintra tem a honra de jantar aqui comigo, vêr dansar os outros, estar aqui confundido com pessoas de certa ordem, e se ha de ouvir e calar, responde quando ninguem lhe pergunta e por fim confessa-se revisor de provas" (37).

E que grupo seria esse, tão seletto, que tanto o humilhava e atraía? O grupo da Marmota e da Petalogica, a sociedade litero-humorista fundada pelo Paula Brito "para contrariar os mentirosos, mentindo-lhes afim de que eles, tomando como verdade tudo o que ouviam, o fossem repetindo por toda a parte e se desmoralizassem inteiramente, ou perdessem o vicio."

Basta percorrer as coleções da Marmota para se ter a medida da indigencia intelectual dessa gente, e da força da vocação intelectual de Machado, que não se deixou vencer de vez pelo seu máo gosto, verdadeiramente incrível.

A revista é quasi toda composta de charadas rimadas, de acrosticos, dos versos cortezãos do Paula Brito, de sermões aos Irmãos Petalogicos, de sonetos mimosos. Um irrespiravel ambiente de beletismo, propicio á floração da literatura de folhinha. Saía com uma epigrafe em verso que variava, mas era sempre deste quilate:

(37) O conto intitulado Miloca, publicado em 1874 no Jornal das familias com o pseudonimo de J. J.

Eis a Marmota
Bem variada
P'ra ser de todos
Sempre estimada.

E o recheio correspondia á apresentação. Machado, a principio se deixou contaminar. Tambem ele rimava a proposito de tudo, pelo prazer de rimar. Perpetrou até um soneto ao Imperador, por ocasião do seu aniversario, em 1855, assinado "do seu reverente subdito, J. M. M. d'Assiz."

Entretanto, a despeito da fraqueza das suas primeiras produções, o joven Machado deve ter tido um lugar de destaque nessa capelinha literaria. Um dos poetas da grei oferecia-lhe em 58 uma poesia que terminava assim:

Para ser, em conclusão
Dos homens o mais feliz
Quisera ter o talento
Do meu Machado de Assis.

Não almejo mil venturas
Riquezas eu não almejo
Eu quisera — Assis — chamar-me,
Ser poeta é o que desejo.

Aliás, os seus escritos em prosa são, nessa época, superiores aos versos. A primeira colaboração em prosa é uma tradução da Literatura durante a Restauração de Lamartine; saiu em fins de

57 e já revela no joven “petalogico” uma tendencia a não considerar a literatura um mero divertimento, como faziam os seus companheiros.

Logo depois, em 58, faz critica por conta propria, num estudo lucido e independente, onde apontam as suas qualidades de analista: O passado, o presente e o futuro da Literatura.

É de lastimar não o haver Mario de Alencar incluído em “Critica”. Merecia ser conservado esse trabalho de um joven de 19 anos que, em pleno romantismo, encarava a literatura como um meio de fixação da nacionalidade, reclamando contra a escravisação aos canones portuguezes, condenando o indianismo porque “a poesia indigena, barbara, a poesia do *boré* e do *tupan* não é poesia nacional.”

Foi esse o primeiro lampejo do talento de Machado de Assis; lampejo é bem o termo, porque logo volta a se deixar dominar pelo ambiente, publicando no mesmo jornal versos convencionaes e um detestavel romance, Madalena.

Se, porém, por um lado, o grupo literario em que se meteu póde ter sido prejudicial a Machado — embora um dos seus traços característicos seja a reação contra o ambiente e contra si proprio — por outro lado lhe foi benefico. Deu-lhe um meio, quasi um lar no momento em que, elevando-se, devia sentir-se desenraizado; em que se iam esgarçando, com a marcha inexoravel da vida, os laços que

o prendiam a Maria Inês, a unica pessoa da sua familia.

Com que saudade evoca, passados anos, "a Petalogica dos primeiros tempos, a Petalogica do Paula Brito — o café Procopio de certa época — onde ia toda a gente, os politicos, os poetas, os dramaturgos, os artistas, os viajantes, os simples amadores, amigos e curiosos, onde se conversava de tudo — desde a retirada de um ministerio até á pirueta da dansarina da moda; onde se discutia tudo, desde o dó de peito de Tamberlick até os discursos do Marquez do Paraná, verdadeiro campo neutro onde o estreante das letras se encontrava com o conselheiro, onde o cantor italiano dialogava com o ex-ministro.

"Cada qual tinha a sua familia em casa; aquilo era a familia da rua — le ménage en ville — entrar ali era tomar parte na mesma ceia (a ceia vem aqui por metáfora) porque o Licurgo daquela republica assim o entendia, e assim o entendiam quantos transpunham aqueles umbraes. Querieis saber do ultimo acontecimento parlamentar? Era ir á Petalogica. Da nova opera italiana? do novo livro publicado? do ultimo baile do E...? Da ultima peça de Macedo ou Alencar? Do estado da praça? Dos boatos de qualquer especie? Não precisava ir mais longe; era ir á Petalogica. Os petalogicos, espalhados por toda a superficie da cidade, lá iam, de lá saíam, apenas de passagem, colhen-

do e levando noticias, examinando boatos, farejando acontecimentos, tudo isso sem desfalcar os proprios negocios de um minuto sequer.

Assim como tinham entrada os conservadores e liberaes, tinham entrada os *lagruistas* e *chartonistas*; no mesmo banco, ás vezes se discutia a superioridade das divas do tempo e as vantagens do Ato Adicional; os sorvetes do José Tomaz e as nomeações de confiança aqueciam igualmente os espiritos; era um verdadeiro pêle-mêle de todas as cousas e de todos os homens” (38).

A Petalogica, que funcionava na propria loja do Paula Brito “especie de gabinete de leitura” no dizer de Machado, não reunia pois apenas os poetas da Marmota. Lá conheceu Machado muita gente interessante, travou conhecimentos que o ajudaram.

Alem da casa de Caetano Filgueiras, medico dado ás letras, onde leu os seus primeiros versos, outras portas se lhe abriam. Fez-se intimo de Ramos Paz, conheceu José de Alencar. Já ensaiava as asas para vôos além da capelinha da Marmota.

Levado talvez por Manoel Antonio de Almeida, agregára-se ao grupo reunido em torno do escritor francês Charles de Ribeyrolles, banido de França por Napoleão III. Fizeram-se amigos o liberal

(38) Cronica da seção “Ao acaso” no Diario do Rio de Janeiro de 3 de Janeiro de 1865.

francês e o mulato brasileiro, a quem o outro tratava carinhosamente de "mon cher Machadô." (38-a).

Ramos Paz, Manoel Antonio de Almeida e Machado de Assis frequentavam-lhe assiduamente a casa, auxiliando-o na tradução do "Brasil Pitoresco" publicado algum tempo depois em folhetim no *Diário do Rio*.

Já em 57 ou 58 começara Machado a colaborar no "Paraíba" jornal editado em Petropolis por Emilio Zaluar, escritor português fixado no Brasil. Infelizmente parecem perdidos os numeros com os seus artigos.

Logo depois, porem, em 59, fundou com Eleuterio de Sousa, tambem do grupo da Marmota, uma revista que teve vida efemera, o *Espelho*. Nessa revista semanal, Machado fazia tres seções, ora assinando o nome todo, ora as iniciaes, ora M—as.

Pela mesma epoca frequentou, alem da *Petalogica*, outra sociedade literaria, o *Clube Literario Fluminense*, fundado por José Joaquim Pessanha Pova. Funcionava em uma sala do *Museu Nacional*. Aí encontrava Porto Alegre, Macedo, o barão de S. Felix e outros do grupo da Marmota.

Em carta dirigida a Machado por um estudante paulista, ha uma alusão a ter ele tambem frequentado, em 1859, uma *Sociedade Filomatica*

(38-a) Artigo de Capistrano de Abreu sobre Ramos Paz no *Catalogo da Biblioteca Ramos Paz*.

talvez a Academia Filomatica fundada em 1846 por Araujo Porto-Alegre, o Visconde de Caravelas e o joven Abilio Borges, futuro Barão de Macahubas e diretor do Ateneu de Raul Pompea.

Haverá alguma ligação entre ela e a sociedade do mesmo nome que já existia em S. Paulo em 1833, dirigida por Justiniano José da Rocha?

Terá subsistido até 1859? Só o correspondente de S. Paulo alude a esse fato; e do jornal "O Filomatico", que circulou aqui pelas alturas de 1864, não constam colaborações de Machado de Assis.

Teria ele capacidade para frequentar concomitantemente tres associações literarias?

É verdade que era grande o seu pendor para essas agremiações; toda a sua vida, andou ou procurou andar ás voltas com elas, como se o movesse uma profunda necessidade de fazer parte de um grupo, de estabelecer por esse modo contatos estreitos, mas não forçosamente intimos, laços de solidariedade mais do que de amizade.

Esse homem retraído, que teve poucos amigos — esses poucos, porem, bons e fieis — parecia estar sempre á cata de companheiros (39).

Duas sociedades frequentava Machado com certeza por esse tempo, a Petalogica e o Club Literario Fluminense; colaborava em quatro jornaes, na Mar-

(39) Ainda um traço de gliscroíde.

mota, no Paraíba, no Espelho e, mais espaçadamente, no Correio Mercantil. Auxiliava a tradução do Brasil Pitoresco. Juntem-se a isso as suas ocupações de revisor de provas na Marmota e no Correio Mercantil e ver-se-á como trabalhava duramente esse moço doentio, como ganhava com dificuldade o pão de cada dia. Vivia, nesse tempo, exclusivamente da sua pena. Não tinha emprego, a não ser o de revisor.

E ainda achava tempo para lêr, procurando formar o estilo no estudo dos classicos, e formar cultura nos livros estrangeiros, lidos no Gabinete Português de Leitura.

Vida difficil, vida de poucos prazeres. Mas seguia á risca o programa traçado, realizava o ideal que tanto assustára o operario Francisco José, obedecia á sua irresistivel vocação literaria.

Apezar dos choques que a côr, essa fatalidade, e a doença, outra fatalidade, lhe suscitariam sem duvida a todo momento, devia ser feliz. Contra as circumstancias, talvez contra si mesmo, contra o seu temperamento timido e fechado, afirmava a sua personalidade (40). Não era mais o coroinha desvalido, ou o tipografo desageitado, era alguem, era Machado de Assis, um nome que os meios literarios

(40) Segundo Adler, o arcabouço do temperamento nervoso se encontra na "exaltação do sentimento da personalidade".

começavam a pronunciar com acatamento, sinão com admiração.

E, nessa existencia austera, teria as suas distrações: as conversas literarias, os sorvetes tomados no Carceler, as idas aos teatros, e outros prazeres, mais secretos e mais ardentes, que a sua sensualidade tão recatada mas tão profunda deixa adinvinhar.

E gostava de andar na rua, espiando as moças, procurando lobrigar um pedacinho de perna, se uma chuva inoportuna as obrigava a andar

“com as saias arregaçadas aos olhos dando
O que ás mãos cobiçosas vão negando” (41).

Essas belezas que encontrava na cidade deviam acordar-lhe o desejo do amor sentimental, de namoros românticos, com cartas apaixonadas, suspiros, valsas langorosas.

Sobre a dança discorria gravemente com Casimiro de Abreu, num dialogo que conservou.

“Conversava eu um dia com um dos meus amigos poetas que a morte levou, um talento que todos admiravam, um coração que muitos conheceram.

— Não sei, dizia-me Casimiro de Abreu, como se pudesse inventar a valsa, a melhor de todas as

(41) Citado por ele no conto “Almas agradecidas”, *Jornal das familias* 1871.

danças para dança-la num salão diante de cem olhos...

— Casimiro, objetava eu, para dois corações que se amam, a multidão não é o isolamento? E quando um par se atira á sala, aos primeiros compassos de uma valsa, não lhes desaparece tudo, não ficam eles sós, ermos, confundidos?" (42)

O revisor de provas, o mulatinho feio, não tinha vinte anos, era, como os outros, um joven sentimental, cheio de sonhos romanticos... pobre rapaz, muito ha de ter sofrido. Tinha porem, para consola-lo de tudo, a sua arte, essa arte a que esse arisco se deu todo, sem reservas, sem hesitações, essa arte que "de todas as cousas humanas, é a unica que tem o seu fim em si mesma" como escrevia na velhice, depois de uma longa vida a ela dedicada (43).

Tinha tambem um outro meio de saír de si: a observação da vida dos outros, o espetaculo sempre novo das ruas.

Porque, se toda a sua existencia foi pouco sensivel á natureza, só abrindo exceção para as flores, que amou apaixonadamente, sempre foi um atento espectador das manifestações humanas. A vida, em

(42) Do conto Questão de Vaidade — Jornal das familias 1864-1865.

(43) A Semana — Gazeta de Noticias de 8 de Janeiro de 1893.

todas as suas modalidades, o interessava profundamente.

A cidade onde nasceu, de onde tão raramente se ausentou, conheceu-a e sentiu-a como ninguém.

Gostava de andar pela rua do Ouvidor, a rua antiga, sem mostruarios tentadores, que “nesse tempo não era ainda o terror dos maridos”; passeava “na velha rua Direita, centro do comércio” onde “dominavam as quitandeiras de um lado e de outro, africanas e crioulas. Destas, as baianas eram conhecidas pela trunfa — um lenço interminavelmente enrolado na cabeça, fazendo lembrar o famoso retrato de Mme. de Stael. Mais de um Lord Oswald do lugar achou ali a sua Corina. Ao lado da Igreja da Cruz vendiam-se folhetins de varia especie, pendurados em barbantes. Os pretos minas teciam e cosiam chapéus de palha. Havia mais... Que é que não havia na rua Direita?” (44)

À noite, depois de pronta a tarefa no Correio Mercantil, depois de um dia de vibração intelectual, para onde se recolheria o moço? Sobre a sua vida íntima, nesse momento, não ha nenhuma informação.

Moraria ainda com Maria Inês, em S. Cristovão? Que poderia ser a convivencia dessas duas creaturas, unidas pelo coração, mas não tendo mais nenhum ponto de contato?

(44) A Semana, Gazeta de Noticias.

A madrasta, tão boa e tão humilde, era um testemunho vivo, insofismavel, desse passado a que Joaquim Maria queria fugir... Era a prisão á condição modesta...

E na alma do joven escritor um conflito se ha de ter travado, um doloroso drama intimo, entre a gratidão e a ambição... Deixou-se afinal levar pela segunda, mas não sem lutas, lutas que o marcaram fundamente, a ponto de ecoar ainda nos romances escritos tantos anos depois, e devem ter feito sofrer muito esse introvertido que tudo tentava para sair de si mesmo, para se alçar acima da lei natural, para compensar pela personalidade inconscientemente construida as deficiencias trazidas do berço.



CAPITULO V

JORNALISMO

QUINTINO BOCAYUVA E O DIARIO DO RIO DE JANEIRO — REPORTER NO SENADO — AS CRITICAS TEATRAES — ARTIGOS POLITICOS — LIBERALISMO — ANTI-CLERICALISMO — DESCRENÇA RELIGIOSA — AUSENCIA DE ESPIRITO MISTICO — RESPEITO PELA LITERATURA.

Entre os amigos que lhe valera Manoel Antonio de Almeida, Machado parece ter-se logo chegado particularmente a Quintino Bocayuva.

Muitas afinidades os uniam: a idade — Quintino contava apenas tres anos mais do que ele — a pobreza, o amor ás letras e nesse momento a paixão pelo teatro, o temperamento composto e reservado. Entre a gente exuberante e verborrhagica da Marmota, Machado de Assis se devia sentir mal, ele que parece só ter confessado uma vez que alguma cousa lhe fazia mal aos nervos: os homens derramados.

Quintino era da sua marca, discreto, comedido, apenas com a timidez a menos, e um pouco de brilho a mais, o que lhe facilitou o inicio da carreira.

“Era então, “segundo a evocação de Machado”, uma gentil figura de rapaz, tez macia, finò bigode e olhos serenos. Já então tinha os gestos lentos de

hoje, e um pouco d'aquêle ar "distant" que Taine achou em Merimée.

Disseram cousa analoga de Challemel — Lacour, que alguem ultimamente definia "como "très républicain de conviction et très aristocrate de tempérament". O nosso Bocayuva era só a segunda parte, mas já então liberal bastante para dar um republicano convicto (45).

Esse ar distante, esse temperamento aristocrata enquadravam-se inteiramente no ideal de Machado, que, consciente ou inconscientemente, lutava contra os impulsos nevropatas e os espevitamentos dos mestiços — dois perigos que o ameaçavam.

Em principios de 1860, aos vinte e poucos anos, já era Bocayuva um vitorioso, estava firmada a sua situação. O Diário do Rio de Janeiro, cuja publicação estivera suspensa, ia reaparecer sob a direção de Saldanha Marinho, sendo Bocayuva o redator principal.

Logo se lembrou do amigo, e depois de lhe haver sondado cuidadosamente as opiniões politicas, convidou-o a fazer parte da redação, juntamente com Henrique Cezar Muzzio, amigo de ambos.

Contando, anos depois, como se dera esse convite, disse Machado que, na conversa sobre politica,

(45) O velho senado — Paginas recolhidas pgs. 161 e 162.

se limitara a responder ás perguntas de Quintino Bocayuva, pois, nessa materia, não teria opiniões “fixas nem determinadas” (46).

Traía-o a memoria, ou se arrependia de as ter tido, nesse momento, bem fixas e determinadas... Poucos meses antes, em Outubro de 1850, escrevia no Espelho um artigo intitulado “A reforma pela imprensa” em que deixava bem patentes as suas tendencias democratas e liberaes, louvando o jornal pela sua ação democratizante, declarando-se adversario das aristocracias.

Exigia a divulgação da cultura, o esclarecimento das massas, rematando: “eu não creio no destino individual, mas aceito o destino coletivo da humanidade”.

Aliás, sempre se manteve fiel aos principios democraticos, mesmo depois de abandonar o jornalismo politico.

Anos depois, em 1877, numa cronica da Illustração Brasileira, elogiava o Imperador por ser “um homem probo, lhano, instruido, patriota, que soube fazer do solio uma poltrona”.

Fosse, porem, como fosse, aceitou de entrar para o Diario do Rio, orgão liberal, e portanto no momento de opposição ao governo.

Era um jornal admiravel esse Diario do Rio, bem impresso, bem redigido, com otima colaboração. Não é de espantar que fosse bem redigido: os anuncios, as pequenas noticias, os fatos diversos eram escritos ou corrigidos por Machado de Assis, cujo estilo, desde a primeira mocidade, foi nitido e limpo. Muito mais limpo do que a caligrafia onde se expandia o seu nervosismo em rabiscos incriveis, em borrões de todos os feitios. A desordem de seus manuscritos, que só saíam á custa de dedos manchados de tinta e inumeras penas quebradas, chegou a tal ponto que contra ela se revoltaram os revisores do jornal, vendo-se o novo redator obrigado a aprender a escrever com um professor especialista, o caligrafo americano Guilherme Scully.

Alem do noticiario, ficou Machado encarregado da resenha dos debates no Senado, o que lhe valeu a convivencia com Bernardo Guimarães e Pedro Luiz, redatores do Jornal do Comercio e do Correio Mercantil.

Não seria sempre comoda a situação do representante do Diario do Rio na Camara dos senhores Senadores, como a chamava nas suas noticias; o jornal contava com a má vontade do presidente, o Visconde de Abaeté, que chegou a proibir em 1861 a remessa, para o Senado, dos exemplares destinados aos assinantes senadores.

Entretanto as relações pessoas entre o joven jornalista e Limpo de Abreu devem ter sido, a des-

peito da diferença de idade e de posição, postas num plano de cordialidade que é um testemunho muito favorável a ambos, ao táto do moço e á superioridade do Presidente.

Prova-o a seguinte anedota: encaminhando-se para o Senado, Machado cruzou certa manhã com Abaeté, que ia num tilburi. Cumprimentou-o e, com espanto seu, não foi correspondido. Logo a sua timidez, e o seu constante receio de se ver humilhado o devem ter assaltado.

Á tarde, num corredor da Camara Alta, sentiu alguém que, por detraz, lhe beliscava a orelha. Era Abaeté. Machado então aproveitou o momento para lhe dizer que folgava tanto mais com essa demonstração de intimidade, quanto receava ter caído no seu desagrado, diante do fato de manhã. Mas Abaeté lhe respondeu: "Não percebeu o senhor que o Presidente do Senado não pôde ser visto num tilburi"? explicando-lhe que se partira, em caminho, uma peça do seu coupé, e se vira obrigado a tomar um tilburi; o que achava abaixo da dignidade do seu cargo.

Quasi incompreensível para nós, a compostura oficial dos homens do Imperio... (46-a).

Em 29 de Março, num dos primeiros numeros da nova fase do Diario do Rio de Janeiro, vem a

(46-a) Fato narrado pelo Dr. Max Fleiuss.

primeira colaboração assinada M. A., uma revista dramática, como se chamava então a crítica teatral.

D'aí em diante, durante seis anos completos, até Março de 1867, Machado será um colaborador um tanto irregular, mas assíduo.

Tiveram diversos nomes os seus folhetins; Revista Dramática, Comentários da Semana, Parte Literária, Conversas hebdomadarias, Ao Acaso, Semana Literária, Cartas Fluminenses. Algumas vezes usou de pseudônimos, assinando Job as cartas Fluminenses, e Gil alguns dos Comentários da Semana.

A importância do Diário do Rio na vida e na obra de Machado de Assis é imensa; convidando-o para lá, tirou-o Quintino Bocayuva do amadorismo das revistas literárias; pô-lo na obrigação de enfrentar o grande público, de dar a sua opinião sobre os assuntos do dia, fe-lo refletir, pensar. A disciplina da colaboração frequente, a sensação do contato com leitores de toda a natureza amadureceram rapidamente esse rapaz de 21 anos.

O estilo logo se firmou, ganhou aquela consistência a um tempo firme e macia, aquela pureza de linhas que distinguiu o autor de Braz Cubas, mas que o colaborador da Marmota ainda não possuía. A necessidade de observar o que se passava em volta dele foi para esse rapaz de rara penetração psicológica, mas de imaginação convencionalmente romântica, a melhor educação intelectual.

E' um prazer percorrer a coleção do Diario do Rio e ir acompanhando, quasi semana a semana, os progressos de Machado, senti-lo crescer, afirmar-se, ganhar aquele seu geito inconfundivel de dizer as cousas, a um tempo tão chão e tão elevado.

Essa parte da sua obra, quasi completamente desconhecida, não é apenas interessante para o critico; tem tambem valor literario; algumas das suas cronicas são tão boas como as da Semana, com uma força a mais; Machado, moço, não teve aquele medo de opinar, aquela prudencia que todos tomam como um dos seus traços caracteristicos sem se lembrar que, dos seus escritos criticos, só conhecem os da maturidade e da velhice.

Nesses primeiros anos, foi um ótimo jornalista, e não apenas um cronista.

Os primeiros folhetins ainda são hesitantes; logo se afirma. Em fins de 61 já o leitor o sente seguro de si, senhor do seu estilo e das suas opiniões.

São desse tempo alguns artigos em que atacou o então ministro do Imperio, José Ildefonso de Souza Ramos. Acabára de ser promulgado um decreto sobre a concessão das condecorações. Classifica-o o cronista de "abusivo e ridiculo" "cousa burlesca e má", acrescentando:

"Devo todavia notar que a má impressão produzida pelo regulamento das condecorações diminuiria se se tivesse atendido para o nome do ministro que firmou o decreto.

Benza-o Deus, o Sr. Ministro do Imperio não é, nunca foi, e muito menos espera ser uma aguia Adeja na esfera comum, tem por horizonte a beira dos telhados da sua secretaria, e deixa as nuvens e os espaços largos a quem enyergar asas de maiores dimensões que as suas.

Isto no Gabinete, isto na tribuna; o homem da palavra luta de mediocridade com o homem da pena, e força é dizer, quando este parece que suplanta aquele, aquele vence este, para ser de novo vencido.

Por isso ha de dar agua pela barba a quem quiser descobrir qual dos dois é mais vulgar”.

Esse ataque lhe valeu uma pequena polemica com um jornal governista, o Correio da Tarde, mas não se acovardou; ao contrario estendeu a todo o governo as suas criticas: “O paiz real, esse é bom, revela os melhores instintos, mas o paiz official, esse é caricato e burlesco”.

Do Conselheiro Pena, a quem fôra confiada uma missão diplomatica, diz que “pertence á parte mediocre do Senado, onde tem mostrado que é um dos poucos capazes de desbancar o Snr. Ministro do Imperio, e tirar-lhe as honras de vulgaridade”.

Em 1862 foi inaugurada no Largo do Rocio a estatua de D. Pedro I, inauguração que provocou apaixonados debates, falando os nativistas até na possibilidade de um motim. O Diario estava entre os adversarios do governo, e Machado não se pode furtar ao prazer de meter ao ridiculo a cerimonia.

“Mas sabe o leitor quem teve grande influencia na festa de ante-hontem? O adjetivo. Não ria, leitor, que o adjetivo é uma grande força e um grande elemento.

... Bem empregado, com geito e a tempo, como do ferro aconselha o poeta para o tornar mésinha, o adjetivo fez nos artigos ministeriaes um grande papel. Veja o leitor como esta palavra — *imortal* — veio sempre em auxilio de um substantivo desamparado de importancia intrinseca. Se, por cansado, não podia ele aparecer mais vezes, lá vinha um *in-clito*, lá vinha um *magnanimo*, lá vinha um substancial *augusto*”.

Pouca cousa escaparia ao folhetinista do Diario. Sempre ocupado com a politica, glosava livremente nas suas cronicas o Barão de S. Lourenço, o Marquês de Abrantes, o Senador Jobim, os discursos do Senado, os sucessos do dia, os atos do ministerio, até os discursos da corôa.

“O governo, aproveitando a circumstancia de não ser ele quem pronuncia o discurso com quanto seja o autor, fará com que S. M. lhe teça um solene elogio.

... Não podemos furtar-nos a um sentimento de tristeza vendo o estranho abuso que se faz da ficção constitucional em virtude da qual o principe vem repetir ao Parlamento uma serie de falsidades e lugares comuns arrançados pelos Srs. Secretarios de Estado”.

O governo dessa epoca — principios de 1865 — era o do Conselheiro Furtado, a quem Machado dedicou uma parodia, em versos francezes, do *Gastibelza* de Victor Hugo.

Monsieur Furtado et ses nobles confrères
Chantaient ainsi:

Faut-il tomber la fleur des ministères,
Et du pays?

.....

Pour vous calmer, o terrible cohorte,
Nous avons mis Beaurepaire à la porte
Par un décret.

Et maintenant qui donc nous accompagne?
C'est Camamú.

A proposito desses versos, atacou-o o Correio Mercantil, em artigos assinados por pseudonimos. Machado tinha a resposta pronta, ainda em verso, ferindo o governo e o jornal seu defensor, quando caiu o ministério. O cronista recolheu os versos, mas não sem avisar a “todos os arlequins politicos de que nos achamos na boa disposição de não admitir facecias e insultos anonicos sob pretexto de defender um ministério. Se uma circumstancia estranha á nossa vontade privou os leitores do Diario de alguns versos aguçados, fica-nos o caso por emenda, afim de que em outra ocasião empregemos uma util celeridade”.

Não foi somente nos folhetins que defendeu os pontos de vista politicos do jornal onde trabalhava. Não era apenas colaborador, era redator. Ao menos nos ultimos anos, escreveu tambem alguns artigos de fundo. Prova-o uma carta a ele dirigida por Muzzio, secretario de Saldanha Marinho, então Presidente da Provincia de Minas Geraes (47).

Ouro Preto, 30 de Novembro de 66.

Meu charo Assis

Logo que recebas o que ahi vas escreve para o dia immediato um artigo de fundo sobre a viagem do Saldanha, servindo-te disto como apontamentos.

— E' de toda a conveniencia tornar bem patente o discurso na praça e a opposição frenetica ao armamento.

Segue fielmente os apontamentos.

Teo do coração

MUZZIO.

E em meados de Dezembro traz a seção editorial do jornal um longo e decidido artigo sobre a viagem do Conselheiro Saldanha Marinho pelo interior da Provincia de Minas Geraes, aliciando volun-

(47) Essa carta faz parte do arquivo da Academia Brasileira de Letras.

tarios para a campanha do Paraguai, e particularmente sobre o discurso pronunciado na localidade de Piranga, onde alguns elementos exaltados do partido conservador tentaram impedi-lo de falar.

Evidentemente é da lavra de Machado e não deve ser o unico, pois narra Pujol que o proprietario do jornal, Silva Belfort, tinha o feio habito de se inculcar como autor dos artigos politicos de Machado de Assis, recolhendo assim muitos aplausos...

Entre os vinte e os vinte e seis anos foi Machado, como se vê, um jornalista destemido e agressivo, comentando sem rebuços homens e acontecimentos.

Depois do Diario é que mudou fazendo-se timorato e prudente ao ponto de, em 1884, instado por Ferreira de Araujo para colaborar no numero da Gazeta dedicado á libertação dos escravos da provincia do Ceará, só haver conseguido produzir esta frase minguada e chocha: "O Ceará é uma estrela; é mister que o Brasil seja um sol".

Expremidas no fim de uma coluna cheia de exaltados elogios, ocupando apenas uma linha, as palavras de Machado de Assis têm um ar medroso e destoante de corcunda numa competição atletica. Que terá havido, para muda-lo assim? O Machado do Diario e o da Gazeta são quasi dois homens diferentes.

E' preciso não esquecer de que, em 1884, ele era chefe de Seção da Secretaria da Agricultura. A disciplina do funcionario, não lhe permitindo opi-

nar sobre assuntos em que estivesse interessado o governo, explicará em parte essa transformação. Mas é preciso não esquecer de que havia nele, a par da sua reserva, alguma cousa de gregario. Toda a sua vida procurou apoio em pequenos grupos. Escritor, buscou as associações literarias, seguindo aliás nisso uma tendencia do seu tempo. Funcionario, devia-se ter querido enquadrar no elemento official, governista. E isso tudo sem ser intimo dos seus companheiros de letras, nem pôr a sua pena ao serviço do governo. Encostava-se, sem abraçar.

Um psiquiatra veria sem duvida nessa sua attitude uma manifestação tipica da luta dos dois temperamentos morbidos que se chocavam nele, o do introvertido e o do epiletico.

A introversão o levava a se fechar, mas a epilepsia o fazia sempre pronto a aderir ao grupo mais proximo, obrigando-o a um inconsciente mimetismo (48).

(48) Machado de Assis manifestou, na sua existencia murada, na sua obra povoada de tipos morbidos, inequivocas tendencias esquizoides. As reações caracteristicas do esquizoide, segundo Minkowska (*La Schizophreinde-psychopathologie des eschizoides et des schizophrenes*), a hiperestesia e a anestesia afetivas, o autismo, esse desinteresse pela realidade acompanhado de uma predominancia relativa ou absoluta da vida interior, são reações comuns na sua vida e nos seus livros.

Parece tambem ser fóra de duvida que foi um epileptico. Inumeras pessoas presenciaram os seus ataques fran-

No tempo do Diário do Rio, o seu meio era "frondeur", era de oposição, e ele se fez, embora resguardando sempre um ponto de vista pessoal, liberal e livre-pensador. No tempo da Gazeta, era a Secretaria que o envolvia, e ele, salvaguardando o seu modo de ser íntimo, adotou uma prudência burocrática.

Tudo isso, evidentemente, muito menos marcado, muito menos limitado na vida do que pôde parecer pela análise.

As palavras, por mais que as queiramos maleáveis, emprestam sempre ás atitudes moraes uma fixidez que não corresponde á realidade. Sobretudo em se tratando de alguém tão escorregadio, tão fugido com Machado de Assis, elas teem um peso excessivo. Tudo, nele — a não ser a paixão pela literatura — ficou no exterior. Não atingiu o amago da personalidade. Pode-se dizer que fez liberalismo sem ser liberal, que foi, depois, conformista sem ser conformado.

camente epileptiformes, e muito traços seus — o apego aos mesmos hábitos, a volta aos mesmos temas — traem a "afetividade viscosa e colante da constituição epileptoide ou gliscroide que constitue, segundo Mme. Minkowska, "o fundamento constitucional das manifestações epilepticas".

Ora, as pesquisas feitas por Mme. Minkowska parecem demonstrar que o fator epileptico pode abrandar a esquizoidia, pela interferencia da necessidade de apoio na tendencia a se isolar.

Foi o que se deu com Machado que, movido pelos dois impulsos morbidos, nunca poude abrir-se nem fechar-se inteiramente.

Já de outra attitude sua da epoca do Diario do Rio, o anti-clericalismo, não se poderá dizer a mesma cousa. Foi anti-clerical porque foi ateu.

Inumeros são, nos seus folhetins, os ataques a congregações religiosas, á ação dos padres, aos jornaes catolicos, um dos quaes, A Cruz, cansou-se de provocar para discussões, desesperando-se por só haver obtido uma resposta, e essa mesma muito laconica. Foi um traço caracteristico e marcante do seu espirito a aversão, não só á crença religiosa, como a qualquer especie de mística.

Quando muito joven, muito proximo ainda da infancia, com as recordações do Conego Felipe, da Capelinha do Livramento, da piedade da mãe e da madraستا, influenciado pelo padre Silveira Sarmiento e provavelmente pelas suas funções de coroinha, teve uns vagos pendores para a crença. Vagos e rapidos; ao entrar para o Diario, aos vinte e um anos incompletos, deve ter perdido inteiramente, se é que ainda os conservava, os restos da sua pouca fé.

Assim que chegou á posse de si mesmo, o seu espirito refugou á crença, refugiou-se ao racionalismo naturista de que nascerá, mais tarde, o humanismo de Quincas Borba.

Tudo o que transcende á razão, tudo o que escapa ao livre exame, todas as forças que não vêm do homem, mas, ao contrario, o dominam, pertencem a um mundo fechado a Machado de Assis. Admittia a fatalidade das leis naturaes, e mais nada.

Influencia da epoca, do cientismo do seculo XIX, das leituras, de Renan com quem se familiarizou desde cedo? Em parte.

Mas tambem feitio do espirito. Porque o seu tempo, e, mais do que isso, a tendencia do seu povo, era muito favoravel á eclosão das misticas, essas manifestações religiosas sem Deus, essas transposições das idéas do plano intelectual para o plano espiritual.

O romantismo foi, a seu modo, uma mistica, a mistica do individualismo. E Machado, se algum tempo se deixou dominar por ele, logo o abandonou, e sempre, nele, esteve a contra-gosto.

Os grandes movimentos da sua epoca, a Abolição e a Republica, que se processaram num ambiente de fé, fé na liberdade e na igualdade humana, fé nas instituições, o deixaram indifferente.

Havia pois, nele, alguma cousa de irreduzivelmente racionalista que o inhibia á compreensão da fé. E a fé religiosa, a mais alta, a mais completa, devia ser-lhe a mais extranha.

Pouco a pouco, á medida que se ia afirmando, foi perdendo todas as crenças. E só quando chegou á descrença total, á descrença no céu e na terra, em Deus e nos homens, é que produziu as suas grandes obras.

Entretanto, não se pode dizer que tenha sido completamente materialista. Não aceitaria as forças sobrenaturaes, mas acreditaria nas forças mo-

raes — embora não querendo saber como existiam, de onde vinham, nem crendo que agissem muito sobre a humanidade. O Estacio, de Helena, a Estela, de Yáyá Garcia se sacrificam a dictames da consciencia. E' verdade que tipos assim são raros na sua obra. Mas ele proprio não se considerava um materialista. A um amigo seu que o acusava de materialista, já no fim da vida, retrucou, vivamente:

— Materialista, eu? Absolutamente! (49)

Que entenderia por espiritualista o mestre?

Não era seguramente a capacidade de crer em Deus, nem nas manifestações, nos homens, de impulsos superiores aos naturaes.

Talvez tenha vindo sobretudo desse feittio do seu espirito a sua força de romancista, a arte de decompor em seus elementos a pessoa humana. E tambem as limitações da sua obra obrigada pelo relativismo a se manter sempre na superficie das cousas. Por muitos anos, depois da epoca do Diario do Rio, ainda vae lutar, tentar agarrar-se á crença nos ho-

(49) O Dr. Abel Ferreira de Matos, o "amigo Abel" citado por Machado de Assis num admiravel conto O Incendio, publicado em 1906 no Almanaque Garnier. Abel de Matos e seu colega Manoel Souza Bandeira, pae do grande poeta Manoel Bandeira, de quem ouvi o episodio, eram consultores tecnicos do Ministerio da Viação; ambos cultos e inteligentes, travaram boas relações com o romancista, que, sempre que podia, ia conversar com eles para descansar da papelada burocratica.

mens, já que a crença em Deus lhe era negada. Tateia e com isso consegue apenas impedir a plena expansão da sua arte — a unica cousa em que acreditou.

Mas, na sua colaboração no Diario do Rio já revelava o caminho que, mais tarde ou mais cedo, teria de seguir.

Por isso esses folhetins escritos ao léo dos acontecimentos são da maior importancia.

Aí está tudo, em embrião: A pouca fé nos homens traduzida pela falta de entusiasmo pelos homens publicos, a descrença religiosa expandindo-se em ataques ao clero, a importancia da arte bem marcada na seriedade com que fazia a critica e sobretudo na sua confiança na missão educadora do teatro.

Quando fala de literatura perde o ar "pince-sans-rire" que assume sempre para tratar dos outros assuntos e até da questão Christie e da guerra do Paraguai, que puzeram em jogo o futuro do país.

O seu primeiro roda-pé, datado de Março de 1860, revela a importancia que empresta á ação do critico, é quasi um ato de fé.

Sabe que o esperam muitas antipatias, muitos desafetos, e recuaria "se não collocasse acima dessas miserias humanas a sua consciencia e o seu dever", Propõe-se a "dar ao mundo o espantoso espetaculo de um critico de teatro que crê no teatro".

E todas as suas criticas são nesse tom. No mesmo folhetim em que declara que "o moralista nunca pôde deixar de ser uma figura de convenção", acrescenta: "O Teatro é uma força, força como arte, força como moral; não a inutilizem, que é inutilizar o futuro" (50).

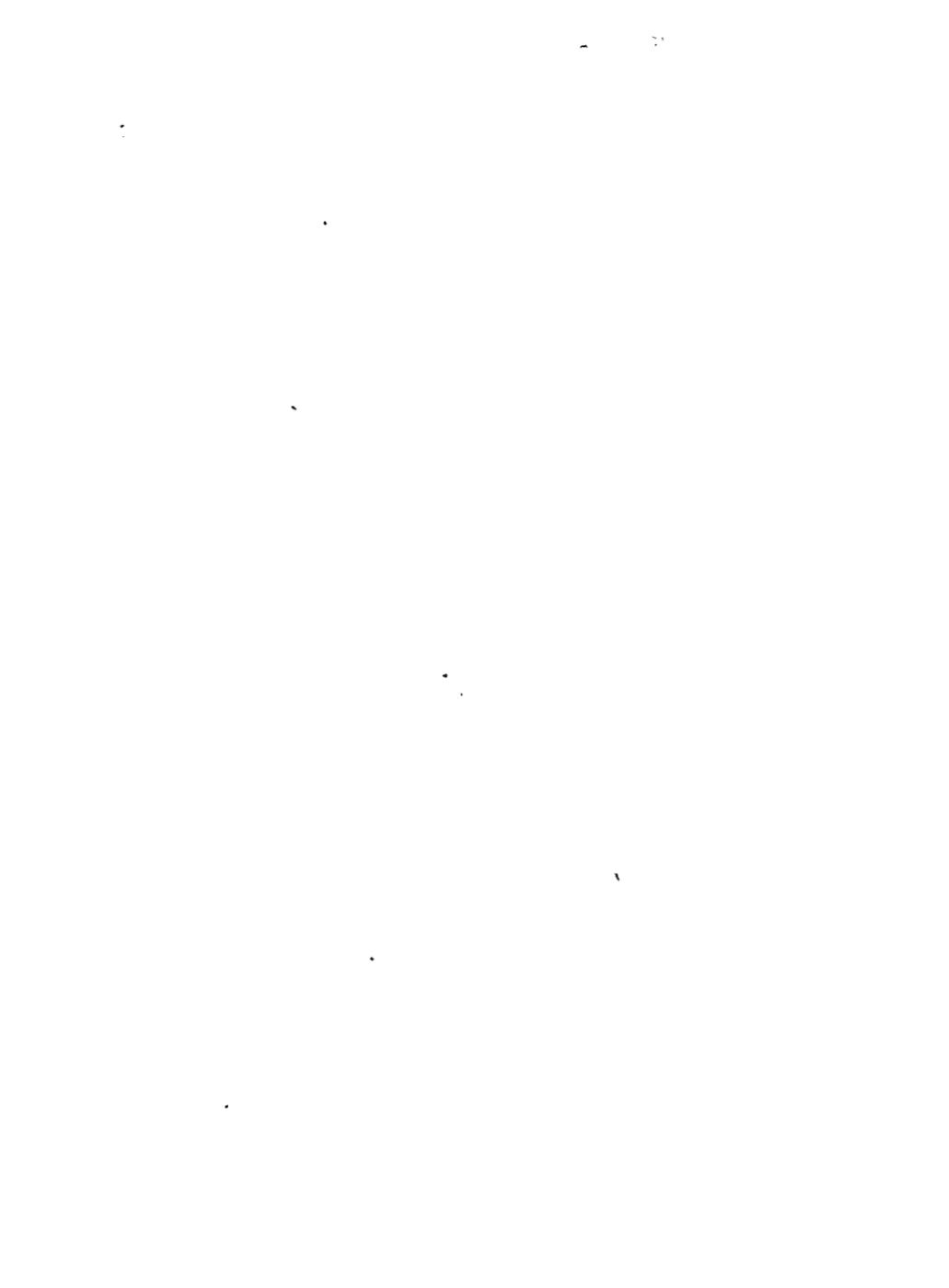
Defende, contra Macedo Soares, o que hoje chamaríamos de teatro dirigido, mostrando que a livre concorrência só pode ser nociva á arte dramatica (51).

Os seus elogios como as suas restrições são sempre conscienciosamente distribuidos, com um alto sentimento da responsabilidade, condenando igualmente "o odio, a camaradagem e a indiferença, essas tres chagas da critica" (52). Á medida que tudo mais ia cedendo, firmava-se a fé na arte...

(50) Diario do Rio de Janeiro 21 de Julho de 1861.

(51) Diario do Rio de Janeiro 16 e 24 de Dezembro de 1861.

(52) Diario do Rio de Janeiro 8 de Outubro de 1865.



CAPITULO VI

MACHADINHO

MELHORIA DE VIDA — A SUA NOVA RODA —
QUEDA QUE AS MULHERES TEEM PARA OS TOLOS
— DESENCANTOS — AMORES — Mlle. AIMÉE —
O THEATRO — AS TRADUÇÕES — FASE EUFORICA.

Mais ou menos ao tempo da sua entrada para o Diario deve Machado, melhorados os seus recursos financeiros, se ter mudado de S. Cristovão para o centro da cidade, indo provavelmente morar com Ramos Paz.

Com efeito, o bibliofilo português contava ter morado muitos anos com Machado de Assis (53); ora, tendo este se casado em 1869, e havendo aquele residido em Petropolis até 1860, só entre 1860 e 1869 podem eles ter habitado a mesma casa.

Como em 1860 os dois deviam andar procurando instalação, pois esse ano foi de mudança na exis-

(53) Pujol ouviu isso do proprio Ramos Paz e o referiu a João Ribeiro em carta publicada por este no Jornal do Brasil na seção Dia sim, dia não.

tencia de ambos, um voltando da provincia e o outro melhorando bruscamente de situação, deve datar d'ahi a sua combinação.

Para Machado, a vida entrava numa fase nova, e boa.

Começava a fazer nome, grangeava entre os moços da epoca uma situação de destaque, e até o seu grande inimigo, a epilepsia, parece ter-se abrandado um pouco, dando-lhe maiores treguas.

Faustino Xavier de Novaes, o poeta português que depois veio a ser seu cunhado, e foi seu amigo desde 1858 ou 59, ignorava-lhe a doença, pois de outro modo a teria denunciado á irmã. Ora, a varias pessoas da sua amizade contou D. Carolina que se casára sem siquer suspeitar do mal do marido e que, interrogado por ela ao voltar do primeiro ataque, ocorrido meses depois do casamento, lhe dissera Machado ter tido, em menino, umas cousas exquesitas que não se haviam mais repetido depois de homem.

Mesmo levando em conta a tendencia que sempre manifestou para esconder a doença, e aceitando com reservas o seu depoimento, temos de pender para a hipotese provavel de uma remissão do mal, naturalmente depois da puberdade.

Melhorada a saúde, aumentados os recursos financeiros, em ascenção a posição social, Machado conheceu afinal a paz, a alegria de viver. O futuro

se abria, cheio de promessas, deante do seu talento e da sua firme vontade de vencer.

Os seus amigos — Octaviano, Quintino Bocayuva, Pedro Luiz, Achilles Varejão, Cezar Muzzio, Ernesto Cibrão, Sizenando Nabuco, — eram ou “par droit de conquête” ou “par droit de naissance”, da melhor gente do tempo.

Do seu grupo inicial, o da Marmota e do cenaculo de Caetano Filgueiras poucos restavam. Casemiro de Abreu, Gonçalves Braga, Teixeira e Sousa, Macedo Junior, Manoel Antonio de Almeida, o proprio Paulo Brito, estavam mortos, ou morreriam em breve.

Outros os foram substituindo junto do folhetinista do Diario do Rio, do mulato gago que se impunha pela inteligencia e tambem pela amenidade do trato, pela distincção de maneiras.

Mulato, ele o era sem disfarce, a raça gritando na vasta e rebelde cabeleira que lhe caía sobre as orelhas, nos labios grossos encimados pelo bigode ralo e duro, nas narinas achatadas.

Talvez tenha sido a côr a culpada da decepção amorosa que, pelos anos de 60 e 61, lhe empanou a alegria dos primeiros triunfos e causou a publicação dos seus dois primeiros volumes, Queda que as mulheres têm para os tolos, e Desencantos.

Ambos traem a amargura do amor desprezado.

O primeiro, enumerado por Mario de Alencar entre as traduções de peças teatraes que se perde-

ram, parece ter desafiado a argúcia do dedicado amigo de Machado de Assis. Nem é comedia nem está perdido, e talvez não seja tão pouco tradução.

É um pequeno opusculo critico sobre as mulheres e a preferencia que dão aos tolos sobre os homens de espirito, publicado na Marmota em 1861 e editado no mesmo ano na tipografia Paula Brito.

Embora diga explicitamente "tradução do Snr. Machado de Assis" sem todavia declarar o nome do autor, é tão pessoal, tem tanto o aspéto de um desabafo, que parece obra original. Livro mediocre, balbuciante, mal escrito, muito inferior pelo estilo e pelas ideas ás cronicas da mesma epoca no Diario do Rio, só oferece, hoje, interesse bibliofilo ou psicologico. Este é grande.

Mesmo que seja tradução, a clara inteligencia de Machado de Assis só se pôde ter interessado por obra tão vulgar se correspondesse, no momento, ao seu estado de espirito.

Cheio de frases incorretas, de pronomes mal collocados, de pensamentos comuns, o opusculo tem, para quem conhece a obra posterior de Machado, um ar tocante e ingenuo. Dá pena.

Mas nesse folheto sem valor está, em embrião, a Teoria do Medalhão.

"Por menos observador e menos experiente que seja, qualquer pessoa reconhece que a toleima é quasi sempre um penhor de triunfo. Desgraçadamente ninguem pôde por sua propria vontade gozar

das vantagens da toleima... A toleima é mais do que uma superioridade ordinaria: é um dom, é uma graça, é um selo divino”.

“O tolo não se faz, nasce feito”.

“Todavia, como o espirito e como o genio, a toleima natural fortifica-se e estende-se pelo uso que se faz dela. É estacionaria no pobre diabo que raramente pôde applica-la; mas toma proporções desmarcadas nos homens a quem a fortuna ou a posição social cedo leva á pratica do mundo. Este concurso da toleima inata e da toleima adquirida é que produz a mais temivel especie de tolos, os tolos que o academico Troublet chamou “tolos completos, tolos integraes, tolos no apogêo da toleima”.

Vinte anos depois, um pae, na Teoria do Medalhão, felicita-se por ver o filho “dotado de perfeita inopia mental”. Mas ainda assim aconselha-o a lançar mão de um regimen debilitante para o espirito afim de nunca desdizer “d’aquela chateza de bom tom propria de um medalhão acabado” e não transcender nunca “os limites de uma invejavel vulgaridade”.

Não é, porem, apenas desse texto longinquo que se aproxima “Queda que as mulheres têm para os tolos”.

Nesse mesmo ano de 1861 publicou Machado, tambem no Paula Brito, a segunda peça de teatro por ele escrita, intitulada Desencantos — a primeira é do mesmo ano, chama-se Hoje Avental, amanhã

Luva, e está na Marmota. Essa fantasia dramatica, que nunca foi representada, é a historia de um joven poeta de 22 anos, a idade de Machado, apaixonado por uma viuva que lhe prefere um mundano vasio e presunçoso. Em dado momento os dois rivaes discutem os metodos que empregam na conquista das mulheres.

“Pedro Alves (o tolo) — pensa que eu adoto o seu sistema de fantasia, e, por assim dizer, de chorradeira? Nada, o meu sistema é absolutamente oposto; emprego os meios bruscos por serem os que estão de acordo com o verdadeiro sentimento. Os da minha tempera são assim.

— Luiz (o poeta) — E o caso é que são felizes...

— Pedro Alves — Muito felizes. Temos boas armas e manejamo-las bem. Chame a isso toleima, e presunção, pouco nos importa; é preciso que os vencidos tenham um desafogo”.

Em “Queda que as mulheres têm para os tolos, diz o tradutor, ou suposto tradutor:

“Em materia de amor o homem de espirito deixa-se embalar por estranhas illusões. As mulheres são para ele entes de mais elevada natureza que a sua, ou pelo menos ele empresta-lhes as proprias idéas, supõe-lhes um coração como o seu, imagina-as capazes, como ele, de generosidade e grandeza. Imagina que para agradar-lhes é preciso ter qualidades acima do vulgar. Naturalmente timido, exagera mais

ao pé delas a sua insuficiência; o sentimento de que lhe falta muito o torna desconfiado, indeciso, atormentado.

...O tolo, porem, não tem esses escrúpulos. A intrepida opinião que ele tem de si proprio o reveste de sangue frio e segurança. Satisfeito de si, nada lhe paralisa a audacia”.

Comparem-se os dois textos, e ver-se-á que *Desencantos* é a aplicação da teoria contida em *Queda* que as mulheres têm para os tolos.

Obra alheia, tão mediocre, poderia ter influido tanto no espirito de Machado de Assis?...

Se é tradução, ele assimilou completamente o texto original, sentiu-o como seu. De qualquer modo “*Queda* que as mulheres têm para os tolos” e “*Desencantos*” são o desabafo de um caso pessoal.

Clara, a viuva de *Desencantos*, foi alguém de carne e osso que muito fez sofrer a Machado. Foi talvez a Sinhá de nome tão doce, cantada pelo poeta, e foi a certamente inspiradora de “*Erro*” que a principio se chamou “*Amor passageiro*” e trae a mesma magoada revolta de *Desencantos* e de *Queda* que as mulheres têm para os tolos.

Quem seria?

Seria tambem viuva na vida real? Não é impossivel porque Machado mostrou sempre uma particular predileção pelas viugas; avultam elas na sua obra, em regra mais tentadoras, mais femininas

do que as moças solteiras (54). Mas, se marcaram fundo em Machado as consequencias literarias dessa paixão, o sentimento não tardou em se desvanecer.

Nem poderia ser de outra forma. Por mais fechado que fosse, esse joven de vinte e poucos anos atravessava uma fase da vida impropria a longas rumações.

Trabalhava muito; afóra as collaborações do Diario, tinha as da Semana Ilustrada, a revista de Henrique Fleiuss, onde escreveu, irregularmente embora, de 60 a 76, ora em trabalhos assinados, ora sob o pseudonimo de Dr. Semana, pseudonimo que escondeu tambem os nomes de Pedro Luiz, Varejão, Felix Martins, Quintino Bocayuva e varios outros; teve, durante quasi um ano, as cronicas quinzenaes do Futuro, revista fundada e dirigida por Faustino Xavier de Novaes; em 1863 começou a escrever para o Jornal das Famílias do Garnier; nessa publicação mensal saiam de ordinario, com o disfarce de varios pseudonimos, Job, J. J. ou J..., alem da assinatura verdadeira, tres e não raro quatro contos de Machado em cada numero. Juntem-se a isso as traduções que foram nada menos de oito ou talvez de 12, entre 60 e 67, sendo sete peças teatraes: Pi-

(54) Parece ter sido uma sedução feminina o principal elo entre Machado de Assis e o cenaculo da casa de Caetano Filgueiras, o prefaciador das Crisalidas; seria a de Clara? As datas coincidem, pois Machado frequentou o seu padrinho literario entre 1858 e 1865, quando este deixou o Rio.

pelet, as Bodas de Joanninha, Montjoie, Suplicio de uma mulher, Barbeiro de Sevilha, o Anjo da Meia Noite, a Familia Benoiton, e um romance os Trabalhadores do Mar, de Victor Hugo. A não ser o Suplicio de uma mulher, cujos originaes estão na Academia de Letras, e os Trabalhadores do Mar, publicado no Diario do Rio, todas as outras se perderam, bem como uma parodia da Traviata, os Descontentes de Racine em versos alexandrinos e um principio de versão do Paraiso Perdido.

Não trazem data, mas devem ter sido desse mesmo tempo, que foi o da sua mania das traduções, as versões que fez dos Burgueses de Paris e de uma comedia em quatro atos, Tributos da Mocidade.

No mesmo periodo publicou, alem de Desencantos, mais quatro comedias que foram representadas, o Caminho da Porta, e o Protocolo, que constituem o teatro publicado em 1863 com prefacio de Quintino Bocayuva, Quasi Ministro e os Deuses de Casaca... E, em 64, safu o seu primeiro volume de poesias, Crisalidas.

Trabalhava duramente, com a sua inteligencia, o Machado dessa epoca, o Machadinho como o chamavam os amigos, "um Machado quasi imberbe, que não sonhava ainda com as glorias de chefe de familia e de seção. — Era o Machadinho dos Desencantos e dos Deuses de Casaca" (55).

(55) Da carta de França Junior a Quintino Bocayuva sobre o meio teatral de 1862, publicada no Globo Ilustrado em 28 de Maio de 1882.

Não produziu nada de notavel, mas escreveu muito, tanto que, ao julgar-se do merito das suas produções nessa epoca, é preciso levar em conta a quantidade, que deve ter prejudicado a qualidade. Mas não fazia só escrever. Escrevia e se divertia. E assim se esqueceu depressa da cruel viuva de Desencantos. Outros amores a suplantaram.

Nesse tempo o Rio possuia uma unica fonte de diversões, o teatro, pelo qual se perdia toda a mocidade, esses teatros que não funcionavam com chuva.

Por essa epoca, a Candiani cantava a Norma, arrebatando a platéa, inflamando e entusiasmando os moços, que, á saída, se substituiam aos cavalos do seu carro. Machado de Assis — quem o creiria? — era um desses.

“eu fui um dos cavalos temporarios do carro da prima-dona, nas noites da bela Norma! O’ tempos! O’ saudades! Tinha eu vinte anos, um bigode em flor, muito sangue nas veias e um entusiasmo, um entusiasmo capaz de puxar todos os carros, desde o carro do Estado até o carro do sol... (56)

Ardente, trefego, inesperado Machadinho capaz de delirar assim, embriagado de “bel canto”.

Entretanto para os rapazes do seu grupo o espectáculo seria talvez o menor dos prazeres proporcionados pelo teatro. Muito mais interessante era a convivencia com os actores, e principalmente com as atrizes.

Alem das companhias nacionaes e portuguezas, de Furtado e Lucinda Coelho, de Ludovina Moutinho a quem Machado dedicou sentidos versos, havia na rua da Vala, virando a cabeça a velhos e moços, o Alcazar Lyrique, e, no Alcazar, para os deslumbrados olhos de Joaquim Maria, havia Mlle. Aimée “um demoninho louro — uma figura leve, esbelta, graciosa — uma cabeça meio feminina meio angelica — uns olhos vivos — um nariz como o de Sapho — uma boca amorosamente fresca, que parece ter sido formada por duas canções de Ovidio...” (57).

A francesinha não fazia somente, como accrescentava o cronista do Diario, “andar á roda muita cabeça branca” mas tinha o mesmo efeito sobre uma cabeça bem negra, sobre um joven de sensibilidade aguçada demais, e ao mesmo tempo muito retraído, o que ha de ter dificultado a aproximação (58).

(57) Diario do Rio, 3 de Julho de 1864.

(58) Trinta e dois anos mais tarde, em Novembro de 1896, escrevia o ceptico cronista da Gazeta de Noticias, na Semana, a proposito de umas recordações do Alcazar publicadas na Noticia: “Talvez aquella gente e aquellas cousas não valessem nada como quer a Noticia; mas lembrae-vos da

Ter-se-á mantido platónica e distante essa admiração?

Os trechos escritos por Machado sobre a fascinante Mlle. Aimée são de Julho de 1864; meses antes, em Abril do mesmo ano, já andára ele apaixonado. Sizenando Nabuco, seu grande amigo, era então estudante de direito em S. Paulo; findas as férias, tinha de deixar a côrte, o Carceler, os teatros, o S. Januario onde o empresario Sena Pereira reunia a mocidade intelectual num afan de escrever e traduzir peças; o Ginasio onde Furtado Coelho, louro e fino como um fidalgo, lançava modas e exhibia a sua mulher, a admiravel Lucinda.

Ia saudoso, e para manter contato com o Rio, escrevia continuamente, ao menos nos primeiros tempos, a Machado. De Abril de 64 foram conservadas tres cartas suas, todas aludindo a amores do amigo (59).

“Machadinho, “escreve-lhe a quatro de Abril — “Agradeço-te. Apesar de apaixonado foste pontual. Não pensava que tanta constancia e firmeza (quando se tratasse do coração) fosse dote do meu Machado.

pergunta de Dante... Não, não; deixemos os versos divinos do poeta. O que eu queria dizer, era por alusão ao tempo da adolescencia e da mocidade, não só o dos “dolci sospiri”, como o da sua rima “dubiose desiri...”

(59) Fazem parte do Arquivo da Academia Brasileira de Letras,

...Creio que houve grande leilão de paixões; e este ano já te vi arrematar uma, que deve-te ser um pouco pesada — menos que aquele marido, mais do que as minhas massadas”.

Que marido seria esse? terá essa fase eufórica e petulante de Machado ido até a ousadia de cortejar damas providas de possesores legais?

Mas o marido enganado se é que realmente existiu, já pertencia ao passado; agora outros amores ocupavam o poeta, talvez por alguma atriz, pois no melhor do idílio partiu a amada, deixando, ao que parece, inconsolável o joven poeta. Ao menos é o que se depreende do que lhe escreve o seu confidente de S. Paulo: “No dia 25, pretendo fechar-me no meo quarto, escrever uma pagina á... e chorar por ti... é o dia em que ela deve partir.

Ai meo poeta... meo amigo... como te lastimo... o presente... como teu futuro fico desencansado”.

A menos que Mlle. Aimé tenha deixado o Rio em Abril e voltado em Julho, o que não é provavel, com as lentas comunicações da epoca, temos de convir que foi voluvel o Machadinho.

Disso o acusa Sizenando Nabuco:

...“O fogo com que me escreveste foi ardente e passageiro — Ardente, chamo-o eu, porque respondeste a tres cartas minhas! passageiro porque em ti... perdoa-me, melhor sorte desejo a teu amor.

Os poetas como tu, que teem no peito um vulcão, não podem ter a constancia”.

Mas não tratavam só de amores e de novidades da ribalta as cartas dos dois jovens; a literatura empolgava a ambos e dela se entretinham. Sizenando ensaiava-se por esse tempo, como quasi todos os de sua roda, em escrever para o teatro. Das suas peças a que mais exito logrou parece ter sido “A Tunica de Nessus” sobre a qual pediu a Machado que lhe escrevesse uma “carta para publica-la junto com o drama”.

Esse pedido mostra em Sizenando uma completa ausencia de vaidade literaria, e dá bem idéa do plano elevado em que se collocava a amizade desses dois rapazes tão distantes pelo nascimento. Com efeito, algum tempo antes, fizera Machado a critica de Tunica de Nessus, censurando mais do que louvando (60).

“Expuz com franqueza e lealdade, sem exclusão do natural acanhamento, as minhas impressões; os erros que tiver cometido provarão contra a minha sagacidade literaria, nunca contra o meu character e a minha convicção.

Esta gloria, que não reputo exclusiva, havia de te-la o autor da Tunica de Nessus, se em eguaes circumstancias tivesse de julgar uma obra minha”.

(60) O Futuro, 15 de Janeiro de 1863.

Atravez da independencia do critico, sente-se em Machado a preocupação de mostrar que não se deixava dominar pelo amigo, que as suas relações com o elegantissimo Sizenando Nabuco, com o filho do Conselheiro Nabuco de Araujo, eram de igual a igual.

E eram mesmo. Mas a necessidade de o proclamar tr e a presença sorrateira e dolorosa, no petulante Machadinho, do velho sentimento de inferioridade do moleque baleiro...

Em regra, porem, devia, por esse tempo, sentir-se feliz, e quasi sempre seguro de si. Recitava poesias nos sar os literarios, então muito em moda; o Retiro Literario Português, a Sociedade Phil'Euterpe, o Club Fluminense e, mais tarde, a Arcadia Fluminense se sucediam na organiza o dessas festas, que Machado não perdia, onde lamentava a escassez do elemento feminino.

E ainda levou mais longe o seu desembaraço. Anunciando um espetaculo do Ateneo Dramatico, a que devia comparecer a familia Imperial dizia o jornal "será precedido por uma poesia do Sr. Machado de Assis, recitada f ra do pano talar, que   novo".

Aliás, Machado devia estar mais que familiarizando com o teatro; a não ser Desencantos, todas as suas peças foram representadas, o Caminho da Porta e o Protocolo no Ateneo Dramatico, Quasi Ministro e os Deuses de Casaca por amadores, aquela numa sociedade da Rua da Quitanda, esta na Arcadia Flumi-

nense. Tiveram apenas um exito de estima essas comedias. E, ainda assim, talvez tenham tido mais do que mereciam. A monotonia que sombreia toda a sua obra, como as subtilezas psicologicas que a realçam não se prestam á cena.

Em Machado de Assis, o teatro, que tanto amou, foi, resalvando talvez o Tu só tu, Puro, amor, muito posterior ás outras peças, um pecado de mocidade.

Divertido pecado, para o autor, pecado que o levou certamente a outros, nada literarios...

Os ensaios das peças, pondo-o na intimidade dos atores, os clubes de amadores a que se filiou, onde começou tambem a aparecer Artur Napoleão seu amigo, eram pretextos para pandegas de rapazes, para a boemia literaria que o romantismo poz em moda.

Inocentes noitadas de um Rio quasi colonial. O Club dos amadores da Rua da Quitanda não admitia mulheres, e por isso Quasi Ministro só tem personagens masculinas.

Quando se representou o Suplicio de Uma Mulher, alvoroçou-se o Jornal do Comercio, taxando a peça de imoral, acusando o tradutor de não ter querido perder nem o escandalo literario, por ter narrado a disputa que sobre ela se levantou entre Girardin e Dumas Filho, ambos reclamando para si a autoria. Defendeu-se Machado pelo Diario do Rio, com muito firmeza (61).

(61) Diario do Rio, 8 de Outubro de 1865.

E não foi esta a unica vez que precisou vir a publico para se explicar.

Tambem a Imprensa Academica, jornal editado pelos estudantes da Academia de Direito de São Paulo, para o qual Sizenando Nabuco vivia a lhe pedir colaborações, estampava em 1864 uma carta sua, reclamando contra a acusação de plagio feita pelo critico do Correio Mercantil Paulistano a proposito do Caminho da Porta.

Carta ativa e desassombrada.

— “Não é uma questão de susceptibilidade litteraria, é uma questão de probidade... O que me obriga a tomar a pena é a insinuação de furto litterario que me parece fazer o Sr. Sylvio-Silves, censura seria, que não póde ser feita sem que se aduzam provas. Que a minha peça tenha uma fisionomia comum a muitas outras do mesmo genero e que, sob esse ponto de vista, não possa pretender a uma originalidade perfeita, isso acredito eu; mas que eu tenha copiado e assinado uma obra alheia, eis o que eu contesto e nego redondamente”.

É essa a unica vez que aparece, na Imprensa Academica, o nome de Machado de Assis; entretanto pelas cartas de Sizenando Nabuco e de Luiz Ramos Figueira, outro estudante paulista, vê-se que ele deve ter varias vezes escrito para lá. Os dois academicos até se desavieram por causa dessas colaborações, cada um querendo ter a honra de as vêr dirigidas a si...

Pequeno fáto, denunciador, entretanto, da consideração em que Machado era tido pelos companheiros. Esse bicho de concha foi sempre, toda a sua vida, um centro, esse jornalista pobre e mulato se impoz logo á roda que o acolheu — a “roda da intelligencia” como a classificou um anonimo cronista da epoca.

Esse dom que, desde menino, Machado teve para atrair simpatias, dom estranho num gago, e num temperamento tão fechado, viria certamente sobretudo da sua doçura de maneiras, da sensibilidade que sempre forcejou por esconder, mas que foi, nesse racionalista, um meigo e forte penhor de humanidade, e da sua completa ausencia de inveja... Desde o inicio, Machado se mostrou pronto a reconhecer o merito, a animar, a proclamar o valor dos novos.

Fagundes Varella e Castro Alves para só falar desses dois tiveram nele, ao surgir, um critico simpatico, embora pouco entusiasta — mas isso corre por conta do seu feitio reservado.

A constancia das suas amizades é-lhe o melhor elogio. A de Sizenando, herdou-a e conservou-a fielmente Joaquim Nabuco; a de José de Alencar passou ao seu filho Mario; a de Quintino Bocayuva, se os separaram um pouco no fim da vida as atividades tão diferentes, nunca se desmentiu. Falando-lhe sobre a possivel entrada de Bocayuva para a Academia, promete-lhe Nabuco o voto para o amigo porque “o Quintino você sabe, esteve sempre asso-

ciado para mim com você; eram, segundo me lembro, o Castor e Polux dos meus quatorze anos, por volta de 1863..." (62).

Octaviano, Pedro Luiz, Ernesto Cybrão, Arthur Napoleão, cujo talento musical foi tão louvado por Machado, grande amador de musica, desde os primeiros concertos na sociedade Campesina, foram seus amigos constantes.

A amargura que havia nele e o desprezo pelos homens, só na sua obra se expandiram.

Ainda sob esse aspecto, além do seu caracter confidencial, os seus livros serviram de valvulas de segurança.

A psicologia de Machado só pôde ser feita levando-se em conta a sua arte. Tambem ela, como a epilepsia, ha de ter abrandado a sua introversão, e contribuido para que, no trato diario, fosse tão manso, tão suave esse nevropata.

Sem duvida, nem tudo seriam flores no seu caminho; de vez em quando encontrava uma má vontade. Após uma representação do Caminho da Porta no S. Januario um cronista no-lo mostra a braços com o gaz que não acendia, com a desordem da entrada dos espectadores, atarefado, desageitado, sublinhando com intenção pejorativa: uma **capacidade** daquelas um dos Poetas da epoca! (63). Mas

(62) Carta de 18 de Agosto de 1908, constante da coleção reunida por Fernando Nery.

(63) Arquivo Literario, 16 de Agosto de 1863.

de um modo geral, foi facil o triunfo literario de Machado de Assis; se não logrou exito retumbante como dramaturgo, como poeta, como cronista firmou-se logo a sua reputação.

Reputação que parece exagerada pelo valor intrinseco da sua obra no momento, tão desigual, mas muito justa se atentarmos no valor relativo. Salvo rarissimas exceções, o meio literario era então de uma banalidade desesperadora, propria a fazer resaltar as qualidades nascentes de Machado de Assis.

Já se haviam calado as vozes de Casemiro de Abreu e Alvares de Azevedo, ainda não irrompera o vulcão de Castro Alves, Laurindo Rabelo e Gonçalves Dias estavam no fim da vida, Magalhães e Porto Alegre moravam fóra do paiz, morrera Manoel Antonio de Almeida, Joaquim Manoel de Macedo era levado a serio...

Só Alencar e Fagundes Varela mantinham o fogo sagrado.

Tudo concorria, portanto, para o facil triunfo do Machadinho, que entrou de manso, mas firmemente nos arraiaes literarios, e os levou de vencida, sem bulha nem matinada.

Tudo contribuia para o elevar, para o fazer feliz. A consideração começava a cerca-lo. Querendo tornar conhecido Castro Alves, desejando ouvir sobre o seu valor um juizo seguro, José de Alencar

o envia, em 1868, a Machado de Assis, moço de 29 anos (64).

Nesse mesmo ano um decreto imperial tornava o joven jornalista cavaleiro da Ordem da Rosa.

Vitorias literarias, valor reconhecido, amores ligeiros, espectaculos, jantares do Hotel da Europa, quando a bolsa o permitia, ceias no Carceler, parolagens com amigos moços e entusiastas... a boemia emfim, a alta boemia com rapazes que eram os leões do tempo, com as portuguesinhas do Furtado Coelho e as francesas do Alcazar... Bons tempos, alegres tempos...

Alem dessas distrações, ainda tinha duas manias, a da musica, e a do xadrez, jogo que chegou a conhecer bem, sendo, nessa epoca, frequentador do Club de Xadrez. Duas inclinações que o ligaram estreitamente a Artur Napoleão.

No meio de tudo isso, a vida interior, as longas leituras, o horror á vulgaridade, a gravidade de uma alma precocemente amadurecida pelas duras contingencias da realidade.

"O tempo não corre em vão para os que desde o berço foram condenados ao duelo infausto entre a aspiração e a realidade. Cada ano foi uma lufada que desprendeu da arvore da mocidade, não só uma alma querida, como uma ilusão consoladora", escre-

(64) A carta de Machado de Assis a José de Alencar sobre Castro Alves está no volume "Critica" editado por Mario de Alencar.

via ele em 1864, ao seu amigo Caetano Filgueiras, confessando as suas lutas de ambicioso, os seus sofrimentos de hiper-sensível (65).

Traço distintivo desse mestiço de espirito bem nascido: não gostava do Carnaval.

“Se pensas como eu, amigo leitor, limita-te a ver passar os que se divertem, e vae depois entreter o resto da noite com a leitura do livro que immortalizou Erasmo”, escrevia em 63 (66). Alguns anos mais tarde, em 68, foi em pleno carnaval que recebeu Castro Alves, enviado por José de Alencar, e ouviu-lhe as poesias enquanto em torno deles “agitava-se a vida tumultuosa da cidade” onde “os interesses e as paixões tinham passado a vara á loucura...” (67).

Machado de Assis, o sisudo, o recatado, não se deixava sempre vencer pelo atrevido Machadinho...

Nesse tempo é que elle poderia ter dito, como a sua Flora, a pobre moça de Esaú e Jacob: “Aí, duas almas no meu seio moram!”.

E Maria Inês, que seria feito dela? Ainda a visitaria o enteado?

É provavel que sim, e que a ajudasse a viver, pois mesmo os que o accusam duramente de ingrati-dão dizem ter sido ao se casar que abandonou a madrasta.

(65) Em carta apensa á primeira edição de *Crisalidas*.

(66) *Diario do Rio*, 2 de Março de 1863.

(67) Carta a José de Alencar sobre Castro Alves.

Até lá, á revelia dos amigos, não os deixando sequer suspeitar dos motivos da viagem, iria de vez em quando a S. Cristovão, onde deve ter ficado Maria Inês, reveria o bairro humilde, as ruas familiares, todos os testemunhos desse passado que queria enterrar, como um cadaver...

Evoca-lo, era revolver uma chaga escondida, era trazer á consciencia toda a amargura adormecida pelos triunfos recentes.

Á noite depois das viagens a S. Cristovão, a roda habitual veria certamente um Machadinho mais gago, mais taciturno, mais susceptivel.

11/11/11

11

CAPITULO VII

CAROLINA

COMO A CONHECEU — A OPOSIÇÃO DA FAMILIA
NOVAES — CASAMENTO — FELICIDADE — O ABAN-
DONO DE MARIA INÉS.

Em torno de José Feliciano de Castilho, vindo de Portugal, ao que parece, por convite do proprio Imperador, para combater a influencia de José de Alencar, formára-se um pequeno grupo de literatos e artistas portugueses. Emilio Zaluar, Ernesto Cybrão, Artur Napoleão, este nas suas passagens pelo Rio em excursão artistica, evoluíam na orbita do Visconde; a eles se veio juntar, em 1858, Faustino Xavier de Novaes, poeta satirico, recém-chegado do Porto.

Machado de Assis, amigo de todos esses, repartia-se entre Castilho e Alencar, prezado por ambos, a ambos estimando, embora mais chegado pelo coração e pela admiração ao brasileiro.

No seu “animo juvenil que apenas balbuciava alguma cousa”, “a ação crescente de Alencar dominava as outras”, confessou mais tarde (68).

(68) Discurso pronunciado no lançamento da primeira pedra da estatua de José de Alencar.

E, em outro passo da sua obra, num prefacio escrito para uma edição do Guarani que nunca chegou a sair (69), evoca com saudade e enternecimento a figura de Alencar, para ele ligada aos anos das suas estreias, conta-nos como [passeavam ambos, mais tarde, nos ultimos dias de vida do amigo, sob as arvores do Passeio Publico, melancolicos passeios onde se lhe abria a alma solitaria e amargurada do autor de Iracema.

Se foi porem, capaz de amizade e dedicação, Machado nunca foi um apaixonado, e, se gostou de pertencer a grupos literarios, nunca se mostrou servil nem intolerante. E assim, repartiu-se entre Castilho e Alencar.

Na roda dos portugueses travou logo relações amistosas com Novaes, em quem admirava a pureza da lingua e a veia mordaz. Ernesto Cybrão, intimo de ambos, com quem Novaes morou algum tempo, ainda mais os aproximava. Foi seu colaborador no Futuro, revista cuja vida foi efemera por terem os cobradores, ao cabo de poucos meses, fugido com todo o dinheiro da caixa.

Fixado definitivamente no Rio, morta, no Porto, a mãe, fez Novaes vir para a sua companhia a irmã mais nova, Carolina, já nesse tempo maior de trinta anos, e ainda solteira.

(69) Escrito em 1888 e publicado no numero 15 da Revista do Brasil, em Março de 1917.

Viajou a moça com Artur Napoleão, grande amigo de sua familia desde a infancia, para quem ella mesma cosera a roupinha com que se apresentara ao publico no seu primeiro concerto de menino prodigio.

Apenas desembarcada foi para o Rio Comprido, para a casa de uma filha da Baronesa de Taquari, D. Rita de Cassia Rodrigues, senhora bonissima que já acolhera o irmão e se mostrou sempre grande amiga de ambos (70).

Sem ser bonita, Carolina devia ter sido extremamente simpatica, e atraente; todos quantos a conheceram, e a louvam sem reservas, enaltecem a sua irradiante simpatia.

Em fins de 1866, por ocasião da sua vinda, andava pelos trinta e dois anos, mais cinco do que Machado de Assis, mulher feita, intelligente, desembaraçada, senhora de si, habituada, na casa paterna, ao trato dos intellectuaes, de Camilo Castelo Branco, de Gonçalves Crespo.

Ao chegar tivera a triste surpresa de encontrar doente o irmão, presa de grande neurastenia, parecendo mesmo, no dizer do seu biografo, "com o cerebro avariado."

(70) Essa informação e todas as outras sobre a vida de Faustino Xavier de Novaes, e os primeiros tempos de Carolina no Brasil, estão no livro intitulado "Memorias Literarias" de Sanches de Frias, Lisboa 1907. Entretanto, informação oral que recolhi de D. Fanny Martins Ribeiro de Araujo, amiga de Carolina, diz ser Calazans o nome da protetora desta.

Tentando distrai-lo, os seus amigos o visitavam assiduamente, reunindo-se á noite na casa do Rio Comprido.

Conversava-se, fazia-se musica, recitava-se; Novaes conseguia esquecer um pouco os seus padecimentos, e Carolina, risonha, acolhedora, era o centro dessas reuniões que se tornaram mais frequentes depois da sua chegada.

Foi certamente numa noite dessas que conheceu Machado de Assis, provavelmente em principios de 1867.

A amabilidade risonha e acolhedora de Carolina, a sua "inteligencia fina, superior ao comum das outras mas não tal que as reduzisse a nada" (71); sua palestra variada, a distinção de suas maneiras, até o seu falar cantado de portuguesa, hão de ter encantado a Machado, ao mesmo tempo tão amigo das mulheres e tão tímido na sua presença.

Quando ela fala, parece
Que a voz da brisa se cala
Talvez um anjo emudece
Quando ela fala (72).

Quando começaria o namoro? Não deve ter custado muito; o casamento só teve lugar em fins de 69, mas foi retardado pela opposição da familia da noiva.

(71) Memorial de Aires pg. 29.

(72) Quando ela fala — Falenas, edição Garnier 1870.

Apagaram-se os vestígios dos amores desprezados, as lembranças dos ligeiros amores; agora, era o amor de verdade, profundo, grave, recatado que não se expande mais em crônicas diárias, mas vive dentro do coração, sereno e forte.

Vem tu, agora, ó filha de meus sonhos.

Vem minha flôr querida

Vem contemplar o céu, pagina santa

Que amor a ler convida;

Da tua solidão rompe as cadeias;

Desce do teu sombrio e mudo asilo;

Encontrarás aqui o amor tranquilo...

Que esperas, que receias?

Irão buscar-te em meio do caminho

As minhas esperanças;

E voltarão contigo, entrelaçadas

Nas tuas longas tranças

Pelas ondas do tempo arrebatados

Até á morte iremos,

Soltos ao longo do baixel da vida,

Os esquecidos remos.

Firmes, entre o fragor da tempestade

Gosaremos o bem que amor encerra.

Passaremos assim do sol da terra

Ao sol da eternidade (78).

Ao mesmo tempo que o amor, outro sentimento acordava no coração de Machado: o ciúme.

(78) O noivado — Faleas.

Era tão sedutora a sua Carolina que lhe parecia impossível que não a cobiçassem os outros... esses outros que certamente julgava superiores a si:

“Um verme asqueroso e feio” se instala no seu coração.

“Morde, sangra, rasga e mina,
Suga-lhe a vida e o alento” (74).

Mas logo a ternura meiga e boa da amada o tranquiliza, bebe nos seus olhos, no seu sorriso “o balmamo do amor”.

Sem ser brilhante a sua situação, podia Machado nesse tempo pretender uma moça.

Em principios de 67, desfizera-se a redacção do Diario do Rio; Saldanha Marinho estava em Minas, desde 66, como presidente da Provincia; Quintino Bocayuva partiu pouco depois para os Estados Unidos.

Não tardou Machado em deixar, tambem ele, o jornal, tendo-se desligado dele em começo de Abril, não o fazendo, porem, antes de garantido outro ganha-pão.

Dominando a politica liberal, não lhe devia ter sido difficil conseguir um emprego; logo a 8 de Abril de 67, Zacharias de Góes o nomeava ajudante do Director de publicação do Diario Oficial, cargo que conservou até Janeiro de 1874.

Tinha, além disso, as colaborações da *Semana Ilustrada*, onde é muito mais assíduo dessa data em deante, e do *Jornal das famílias*.

Não seria sem dúvida, a riqueza, mas era uma decente modestia.

A sua situação literaria já era de destaque; Joaquim Serra, em 1868, já aludia, em carta a Machado de Assis, aos "devotos" que este tinha em S. Luiz do Maranhão (75).

Mas a família Novaes, acrescida, em 68, pela chegada ao Brasil de mais dois membros, Adelaide e Miguel Novaes, foi inflexível na sua opposição ao casamento. Não podiam os Novaes se conformar em ver a irmã unir-se a um mulato. Foi a côr de Machado a unica alegação que contra ele fizeram, mostrando dest'arte ignorar completamente a sua doença, sem o que teriam lançado mão de mais esse argumento.

Nesse lance difficil contou Carolina com o apoio de duas senhoras; D. Rita de Cassia Rodrigues, com quem morava e a condessa de S. Mamede, tambem amiga da sua familia.

Quasi não se podendo vêr, devido á vigilancia dos irmãos de Carolina, correspondiam-se os dois namorados.

Essas cartas, que Machado guardou ciosamente até morrer, em movel fechado, colocado ao pé de

(75) Publicada no volume III da Revista da Academia Brasileira de Letras.

sua cama, junto com outras reliquias do seu amor — pedaços do véo de noiva, a grinalda, os sapatinhos de setim com que se casou D. Carolina, as joias que usava habitualmente — foram, a pedido expresso seu, queimados por ocasião de sua morte (76).

Sem duvida, ficámos assim privados dos melhores documentos para penetrar na sua intimidade. Mas toda a elevação, toda a ternura do seu longo amor conjugal está nessa recomendação de um moribundo, nesse ultimo gesto de carinho e respeito.

Nenhum olhar curioso devassou o sacrario de amor que foi queimado sem ser aberto, guardando o segredo dos sofrimentos e enlevos dos dois apaixonados.

Desejo de poeta e de amante...

... Toda a opposição dos Novaes de nada valeu contra o firme sentimento de Carolina, contra a sua superioridade de mulher de espirito.

A mulatice de Machado era para ela cousa secundaria, "um simples acidente" como disse a uma das suas confidentes, a Condessa de S. Mamede.

A um tempo impulsivo e timido, Machado se deve ter desesperado com a guerra que sofria.

... "A alma dele era de pedras soltas, dirá depois, evocando esse tempo; a fortaleza da noiva foi o cimento e a cal que as uniram naqueles dias

(76) Queimaram-nas, obedecendo a Machado de Assis, as senhoritas Pinto da Costa, para cuja residencia foi transportado o movel nas vespersas da morte do escritor por expressa recomendação deste.

de crise... Cal e cimento valeram-lhe logo em todos os casos de pedras desconjuntadas" (77).

O arrimo indispensavel aos seus desanimos, Machado o encontrou para logo em Carolina.

A 12 de Novembro de 1869 realizava-se o casamento, saindo a noiva da casa de D. Rita de Cassia Rodrigues.

As suas duas protetoras lhe haviam dado um modesto enxoval, tendo sido o de Machado presente de Henrique Fleiuss, o artista director da *Semana Ilustrada*, seu amigo, homem generoso e servical (78).

No livro auto-biografico em que cantou o seu amor conjugal, o *Memorial de Aires*, Machado narra enternecido o começo da existencia comum:

"A pobreza foi o lote dos primeiros tempos de casados. Aguiar dava-se a trabalhos diversos para acudir com suprimentos á escassez dos vencimentos. D. Carmo guiava o serviço domestico ajudando o pessoal deste e dando aos arranjos da casa o conforto que não poderia vir por dinheiro. Sabia conservar o bastante e o simples; mas tão ordenadas as cousas, tão completadas pelo trabalho das mãos da dona que captavam os olhos ao marido e ás visitas. Todas elas traziam uma alma, e esta era nada menos que a mesma, repartida sem quebra e com alinhio raro unindo o gracioso ao preciso. Tapetes de mesa e de pés, cortinas de janelas e outros mais trabalhos que vieram com os anos, tudo trazia a marca da sua fabrica, a nota intima da sua pessoa. Teria inventado, se fosse preciso a pobreza elegante".

(77) *Memorial de Aires* pg. 27.

(78) Informação do Dr. Max Fleiuss, filho de Henrique Fleiuss.

Leia-se Carolina e Machado onde ha Carmo e Aguiar, e ter-se-á a descrição do lar de Machado de Assis.

Essa ventura quasi perfeita que o amor conjugal pôde dar, quando verdadeiro e profundo, essa felicidade quotidiana, tepida e meiga, esse bem estar intimo da compreensão completa, do respeito mutuo, Machado os conheceu, num longo idilio de trinta e cinco anos.

A sua vida correu, desde então, macia e placida, cercada pelo carinho da mulher.

Esse homem doente e feio conheceu a mais dedicada das dedicações femininas. Carolina foi-lhe mãe e mulher, amiga, e, num sentido largo, colaboradora. A sua saúde, o seu bem-estar, a sua obra, as suas leituras, tudo a interessava, a tudo estendeu o seu desvelo.

Pouco tempo depois de casados, indo a Petropolis, Machado teve um ataque na barca. E Carolina, longe de se revoltar por se ter casado na ignorancia do terrivel mal do marido, ainda mais meiga se fez, enfermeira cheia de táto e paciencia. E tudo fez para tornar menos penosa a Machado a sua enfermidade.

Na casa modesta, enfeitada pelas proprias mãos da senhora, que nunca ficava inativa, só largando a costura para pegar no livro, tudo convergia para o conforto de Machado.

Em lugar facil de ser alcançado, mas onde não desse na vista, ficava um vidro de solução La Royenne, o anti-epileptico usado por ele.

A comida, ele a recebia das mãos da mulher, já cortados a carne ou o peixe.

Todos os pequenos incomodos da vida lhe foram desde então poupados.

Mas não ficava nesse plano domestico e comesi-nho a ternura inteligente de Carolina. Instruida e fina, foi grande a sua ação no espirito do marido. Machado, como todo auto-didata, tinha enormes lacunas de cultura, das quaes muitas parecem haver sido preenchidas graças ás indicações de Carolina.

Consta ter sido ela quem o guiou para a leitura dos inglêses, cuja influencia é tão visivel na segunda parte da sua obra; entretanto, ao se casar, já devia Machado conhecer o inglês, pois ha nos seus livros dessa epoca varias citações de Shakespeare no original, e é provavel que tenha começado, em 1870, uma tradução do Oliver Twist de Dickens.

A propria pureza de lingua de Machado sofreu a influencia da convivencia com essa portuguesa cultivada; ha positivamente uma grande diferença na sua frase depois do casamento, diferença devida sobretudo á colocação dos pronomes, quasi sempre viciada nos primeiros escritos.

Não é impossivel que, servindo-lhe de secretaria, corrigindo-lhe as provas, Carolina fosse alterando,

aqui e ali, as construções que lhe deviam ferir o ouvido lusitano.

Auto-didata, tendo aprendido a lingua por esforço proprio, Machado, se teve, desde o inicio, o senso do estilo, foi, a principio, um escritor incorreto. O tom da frase era bom, coeso e corrente, mas quantos deslizes nas minucias. Nunca se entendeu bem com a ortografia, craseava os a de maneira fantasista, e os pronomes então eram uma lastima. Carolina, habituada á lingua de Camilo Castelo Branco, foi-lhe sem duvida uma conselheira segura, temperou a sua doçura brasileira com a correção portuguesa. Deve ter-lhe comunicado o gosto dos classicos que, segundo notas de leitura publicadas por Mario de Alencar, andou estudando no Gabinete Português de Leitura por volta de 1870.

Grande madrugador, Machado escrevia de manhã, antes de ir para o trabalho; apenas saía, vinha Carolina lêr as novas paginas, anotando as distrações, as frases que lhe pareciam menos felizes, indo até a modificar uma ou outra expressão.

E á noite, na perfeita comunhão de espirito que era a sua, discutiam os dois, longamente, a obra em preparo, Carolina muito comprehensiva, muito integrada no livro, como um segundo eu do autor (79).

(79) A esse respeito falaram-me D. Sara Costa e D. Francisco Basto Cordeiro, ambas concordando na influencia de Carolina sobre o marido.

Em tudo isso sente-se, a par da ternura, a admiração de Carolina pelo marido. Antes de o ser para os outros, Machado já era grande homem para sua mulher, o que não é mais facil do que o ser para o criado de quarto...

Devia mesmo ter tido qualidades superiores, ter sido um fino exemplar de humanidade, esse homem feio e gago que sempre teve o dom de despertar dedicações e simpatias. Feio ele o era, de uma feiura entretanto simpatica e espiritualizada.

"Um homem todo espirito", disse delle o seu amigo Vitorino de Barros "cujo envolucro terreno faz lembrar a Batistina, irmã de Bemvindo Murriel, a qual tinha um corpo que era um pretexto para a alma viver na terra.

...Não é por ser trigueiro que a limpeza d'alma lhe sobresaé no rosto, mas porque Deus compraz-se em fazer de um rosto feio um limpido espelho da consciencia" (80).

A situação financeira do casal, se não era brilhante, foi sempre melhorando.

Em Janeiro de 71, creado o Conservatorio Dramatico sob a presidencia de José de Alencar foi Machado nomeado um dos seus membros; não diz o decreto se o cargo era honorifico, mas é provavel que sim.

Logo no ano seguinte, em Abril de 72, foi designado para Amanuense da comissão do Dicionario

(80) A Semana Ilustrada, 19 de Maio de 1872, critica de Vitorino de Barros sobre Resurreição.

Tecnologico da Marinha, com a gratificação de cinquenta mil reis mensaes. Substituia ele nesse lugar o seu amigo Cezar Muzzio, falecido nesse ano. Foi breve a sua permanencia na Comissão, que deixou em 73 (81), quando, na reforma da Secretaria da Agricultura, foi nomeado primeiro official. E' de 31 de Dezembro de 73 o decreto de nomeação, e a 6 de Janeiro de 74 deixa o lugar do Diario Official.

O sossego material estava assegurado, entrava para um cargo estavel, e de acesso; ganhava então Machado de Assis 4:000\$000 anuaes, o que representava bons vencimentos para a epoca.

Nesse tempo morava o casal na rua da Lapa 96, mudando-se no ano seguinte para o numero 90 da mesma rua, num segundo andar.

Foi grande, por esse tempo, a actividade intellectual de Machado. Alem das colaborações na *Semana Ilustrada* e no *Jornal das Familias*, começou, em 1870, a traduzir um folhetim para o *Jornal da Tarde*, trabalho que não terminou (82), e publicou varios livros.

(81) O *Dicionario só safu* em 1877, dirigido pelo Barão de Angra; no prefacio ha referencias a todos os que nele trabalharam.

(82) Em carta conservada no arquivo da Academia Brasileira de Letras e publicada por Fernando Nery, fala Machado de Assis desse trabalho sem lhe mencionar o nome; entretanto o folhetim publicado no momento pelo *Jornal da Tarde*, o *Oliver Twist* de Dickens não sofreu nenhuma interrupção. Será essa a tradução de que fala? Terá sido acabada por outro? Deve ser, porque é a unica do jornal

No mesmo ano do seu casamento, em principios de 1869, contratara com o Garnier, que já lhe editara *Crisalidas*, a publicação de dois livros: **Falenas e Contos Fluminenses**.

Não estavam eles ainda impressos, quando, poucos meses depois, o joven autor firma novo contrato, para mais tres livros: *Resurreição*, o *Manuscrito do Licenciado Gaspar* e *Historias da Meia-Noite* que deviam ser entregues, em datas sucessivas, até fins de 1870. Os prazos de entrega, a inclusão de um livro que nunca foi publicado, a proximidade dos dois contratos, tudo leva a crer que, necessitando de dinheiro, Machado correrá ao editor a vender livros em preparo, ou talvez apenas em plano. Ha disso outro indicio caracteristico. Ao passo que no primeiro contrato é fixado o numero de exemplares, mil para cada obra, e a percentagem do autor, duzentos reis por volume — o que não era tão mau para a epoca e representava um aumento sobre as *Crisalidas*, vendidas a cento e cincoenta reis o volume — no segundo não vem nada especificado. Valendo-se da premencia do autor, o seu bom amigo Hyppolite Garnier pagara-lhe talvez, adiantadamente, um preço que não poderia decentemente figurar num contrato.

no momento. Vemos assim que já em 1870 estava Machado familiarizado com os ingleses — dez anos antes de se revelar humorista.

Em vespuras de se casar, Machado precisou sem duvida de dinheiro para a instalação da casa modesta onde abrigaria a sua Carolina, a sua felicidade.

Falenas, Contos Fluminenses e Resurreição saíram nas datas fixadas, os dois primeiros em 1870 e o terceiro em 1871. Mas *Historias de Meia-Noite* só em 1873 foi publicado, e o *Manuscrito do Licenciado Gaspar* parece nunca ter sido acabado, si é que passou de projeto. Não ha mais nenhuma alusão a ele nos contratos com o Garnier. Teria havido algum conchavo particular entre o autor e o editor, ou se deu este por bem pago com os dois que lhe foram entregues? . . .

Extorsivo ou não, o contrato deve ter sido muito grato a Machado, pois permittiu-lhe fazer face ás despesas de instalação do seu lar.

Estava definitivamente aceito na burguesia, cavaleiro, desde 67, da Ordem da Rosa, casado com uma senhora fina, de boa educação, morando em sua casa, tendo os seus moveis, os seus livros, vivendo no meio que era o do seu espirito. E, então, cortou violentamente as amarras com o passado. Temendo talvez pôr Carolina em contato com Maria Inês, não querendo, ele proprio, ter constantemente deante dos olhos esse espectro de uma infancia penosa, abandonou a pobre mulata.

Ingratidão que não desculpam o sentimento de inferioridade que lhe trazia a lembrança da origem

humilde e aquela sua necessidade de se sentir integrado no ambiente, reação inconsciente contra a introversão que o levava a alheiar-se facilmente dele.

No momento, essa separação fria e voluntaria não o parece ter feito sofrer; mas causou-lhe um mal estar intimo, um remorso subterraneo que vae explodir, depois de longo trabalho interior, em *A Mão e a Luva*, em *Helena*, em *Yáyá Garcia*, todos girando em torno do problema da hierarquia social, do direito, para o individuo, de mudar de classe, da luta entre a ambição e o sentimento.

Abandonada pelo enteado, foi Maria Inês recolhida na casa de Eduardo Marcelino da Paixão, onde viveu ainda por longos anos (83).

Hemeterio dos Santos, que aí a conheceu, no-la mostra sem revoltas seguindo de longe, com enterrecimento, a ascensão do ingrato. Alma pura, alma grande, a dessa pobre mulher.

Não a esqueceu todavia completamente o enteado. Contou Coelho Netto que uma tarde, ao entrar na livraria Garnier, encontrou Machado de Assis saindo muito antes da hora habitual. Estranhou o fato, pediu-lhe que se demorasse, pois queria falar-lhe.

— Não posso, vou a um enterro, foi a resposta; mas venha comigo, conversaremos no carro.

(83) Artigo já citado do Prof. Hemeterio dos Santos, que conheceu Maria Inês em casa de Eduardo Marcelino da Paixão.

Assim fizeram, e depois de muito andar, parou o carro em frente a uma casa humilde.

Machado de Assis entrou seguido do amigo. Ai esteve algum tempo, velando o cadaver, a principio impassivel, depois visivelmente comovido.

E ao sairem, disse apenas tres palavras a Coelho Netto, com indisfarçada emoção: — Era minha mãe... (84)

Mãe ela o fôra, de fato, e das melhores, mas o piedoso exagero equivalia, nesse homem tão preciso, a uma timida reparação. E ter levado uma testemunha para a cerimonia não será um indicio da perturbação que lhe ia nalma?

(84) O episodio foi relatado a D. Francisca Basto Cordeiro, de quem o ouvi.

CAPITULO VIII

OS PRIMEIROS LIVROS

POESIA

CRISALIDAS — A POESIA LIRICA — INQUIETAÇÃO
— TEMAS CONSTANTES — FALENAS, A PLENITUDE
VINDA DO AMOR FELIZ.

Sem poder pretender ao titulo de grande poeta, Machado de Assis foi inegavelmente um poeta. Como tal colheu os primeiros louros literarios, de poesia foi o livro da sua verdadeira estréa, Crisalidas, surgido em Setembro de 1864 com uma dedicatória aos paes do autor, e um incrível prefacio de Caetano Filgueiras.

A despeito da apresentação, o livro venceu. Acolheu-o, entre nós, um côro entusiasta, saudaram-no, em Portugal, Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão.

Como já vimos, precedendo de pouco a morte de Gonçalves Dias, e de muito a estréa de Castro Alves, Crisalidas apparecia no meio de um silencio das grandes vozes poeticas, o que deu maior resonancia ao seu timbre indeciso.

Reunindo em volume os seus versos, já quasi todos publicados em jornaes e revistas, cedeu Machado ás solicitações de amigos; estes, apezar do exito

das suas crônicas na imprensa, teimavam em ver nele sobretudo o poeta, o “vate dos versos de Corina” cujo aparecimento no Diário do Rio, em 1863, tivera fóros de revelação. A despeito disso, hesitou Machado em publicar o livro. Talvez sentisse, com o seu agudo senso crítico, que na poesia não se realizaria inteiramente.

Poesia, é síntese, é emoção integradora, e Machado era analista, era dissecador. Entretanto, não versejou por moda, mas por necessidade íntima. “O meu livro é esse pouco que tu caracterisaste tão bem atribuindo os meus versos a um desejo secreto de expansão” confessa a Caetano Filgueiras, em carta apenas à primeira edição de *Crisalidas*.

Esse desejo secreto de expansão fez dele um poeta, embora não o fosse essencialmente. E por isso só foi grande na poesia íntima, confidencial, à qual, aliás, descontada a traição de “Americanas”, se manteve sempre fiel.

Já na velhice escrevia ele a Belmiro Braga, a propósito dos primeiros versos do poeta mineiro, que lhe pareceram pessoas, essencialmente líricos: “Ha quem acredite que essa poesia tem de morrer, se já não morreu. Eu creio que primeiro morrerão os vaticínios do que ela. Pessoal é ela e por isso me comove. Se cantas as tuas dores ou alegrias de homem, eu que sou homem, folgarei ou chorarei contigo. Esta solidariedade do coração faz com que a poesia chamada pessoal venha a ser, ao cabo de

tudo, a mais impessoal do mundo. Eu não fui ao lago com Elvira, mas sinto a comoção de Lamartine.

“Ainda uma vez, adeus! “exclama Gonçalves Dias, e todos nós sentimos confranger-nos o coração de saudade. Não! a poesia pessoal não morreu; morrerão, é certo, os simples biografos, os que põem em verso todas as passagens dos seus dias vulgares. Que me importa que ela te desse uma flor em certa despedida? Uma despedida e uma flor são coisas banaes; mas canta-as com alma; pede á musa dos nossos grandes poetas o segredo da harmonia e a teu proprio coração a nota da sinceridade, e eu sentirei contigo essa dama que não conheço, beijarei mentalmente essa flor que nunca vi” (85).

Fiado na impersonalidade da poesia lirica, Machado de Assis se expandia nela, contava os seus sofrimentos, os seus sonhos, as suas duvidas.

Alma precocemente crestada, a desse joven de pouco mais de vinte anos, sem espontaneidade, sem entusiasmo, aquele deus interior distribuidor de alegria e de inocencia.

Machado, marcado desde o berço pela fatalidade de um temperamento morbido, nunca conheceu a verdadeira mocidade, a do espirito. Tão cedo machucado pela existencia, faltou-lhe aquella virgindade emotiva, aquella limpidez de sensações, aquella inti-

(85) Carta publicada em “Dias idos e vividos” Belmiro Braga, Ariel 1936.

midade com a vida que são o apanagio da infancia e da poesia, essa infancia nitidamente formulada de Beaudelaire.

Foi poeta porque sofreu, mas nunca conheceu o verdadeiro estado de graça poetico. Teve o desejo da poesia, sem conseguir possui-la. Para o conseguir, era necessario um dom que ele não teve, que foi a sua grande deficiencia: a capacidade de se dar inteiramente, o misticismo, a fé.

*“Elle veut croire, aimer, voir des fleurs sous ses pas,
Mettre son noble coeur dans des mains qui soient pures,
Elle cherche une étoile du fond des nuits obscures...
Mais, son plus grand malheur, c'est qu'elle n'y croit pas”* (86).

Esses versos, que encontrei rabiscados entre os seus rascunhos, são uma confissão, um anseio desse espirito prisioneiro de si mesmo, explicam a angustia, o drama do poeta em luta com o analista.

Mas essa luta, se nunca o deixou penetrar até o fundo na poesia, dá aos seus versos um doloroso acento, comunica-lhes a crispação dos soluços contidos, o desalento das almas muradas, solitarias.

Pondo de parte as suas cronicas, filhas da inteligencia e não da alma, vindas de um outro compartimento do seu espirito, as suas poesias são as melhores obras da sua mocidade. Nelas poz muito

(86) Essa quadra está entre os papéis de Machado de Assis conservados por sua herdeira, filha do casal Bonifacio Costa e esposa do General Leitão de Carvalho.

mais de si mesmo do que nos romances, expandiu-se muito mais livremente.

Ai, nada ha daquela serenidade de superficie, ironica e fria, que, na prosa, parece colocar um véo entre ele e a vida.

E' uma alma inquieta, á procura de uma razão de ser, de um motivo de existir; procura-o no amor, esse motivo, e só encontra

..... a verdade
 A fria realidade,
 A solidão, a tristeza.

 Fora-se o doce transporte
 Restava a fria certeza (87).

O amor efemero, passageiro, logo se desfazendo em desilusão, dá-lhe a sensação da inanidade de vida, da vaidade de todas as cousas. Mas a vida não podia ser isso — esse nada, essa passagem, essa eterna fugitiva impossivel de captar. Procura em Deus o fim do homem, e só consegue invejar os que o encontram;

.....
 Quando a alma, despida de vaidade
 Vê quanto vale a terra;
 Quando das glorias frias
 Que o tempo dá e o mesmo tempo toma,
 Despida já — os olhos moribundos
 Volta ás eternas glorias;

Feliz o que nos labios,
 No coração, na mente põe teu nome,
 E só por ele cuida entrar cantando
 No seio do infinito (88).

Inveja-os, mas não os pode acompanhar.

E então se volta para a terra:

“Corri de campo em campo e plaga em plaga,
 (Tanta anciedade o coração encerra!)
 A ver o lirio que brotasse á terra,
 A ver a escuma que cuspiisse — a vaga.

Mas, no areal da praia, no horto agreste,
 Tudo aos meus olhos avidos fugia...
 Desci ao chão do vale que se abria,
 Subi ao cume da montanha alpestre.

Nada! Volvi o olhar ao ceu. Perdi-me
 Em meus sonhos de moço e de poeta;
 E contemplei, nesta ambição inquieta
 Da muda noite a pagina sublime.

.....

Desiludido, exausto, ermo, perdido,
 Busquei a triste estancia do abandono,
 E esperei, aguardando o ultimo sono,
 Volver á terra, de que fui nascido.

— “O’ Cibele fecunda, é no remanso
 Do teu seio — que vive a creatura;
 Chamem-te outros morada triste e escura,
 Chamo-te gloria, chamo-te descanso!” (89)

(88) Da poesia F6 — 1863.

(89) Versos a Corina 1863.

Vinte e cinco anos antes do Braz Cubas, deante da natureza, já encontra a mesma solução: ser devorado; o poeta moço não acharia ainda que “a cousa era divertida” mas já pensava que era a unica possível.

No fundo, a sua concepção do mundo foi quasi a mesma desde o inicio; apenas, com os anos, foi se tornando preciso o que dantes era difuso e vago. Aprofundou, mas não mudou de direção. O que se modificou foi a maneira de se exprimir, ornada nos primeiros anos de tantos chavões românticos, tão nitida, tão simples, depois.

Essa “Cibele fecunda” será, mais tarde, Humanitas — principio e fim de tudo, natureza cega como uma maquina.

Mas esse abrigo, que a vida lhe nega por ser tão breve, que o amor lhe nega por ser enganoso, que a natureza só na morte lhe dará, alguém lh’o oferece, uma musa generosa, a sua musa consolatrix, a sua arte.

“Ante esta voz que as dores adormece,
E muda o agudo espinho em flor cheirosa,
Que vales tu, desilusão dos homens?
Tu que podes, ó tempo?
A alma triste do poeta sobrenada
Á enchente das angustias
E afrontando o rugido da tormenta
Passa cantando, alcíone divina.

Mesmo a musa se cala, por vezes, a fonte da poesia seca em seu peito.

“Musa, desce do alto da montanha,
Onde aspiraste o aroma da poesia
E deixa ao éco dos sagrados ermos
A ultima harmonia”

Mas não se desespera, sabe que breve:

“Virá um dia em que mais bela
Mais alegre, mais cheia de harmonias,
Voltes a procurar a voz cadente
Dos teus primeiros dias” (90).

No meio do palavreado romantico — ao qual só escapam algumas poucas peças secundarias mas admiraveis de precisão e de ritmo verbal, como *Sinhá*, as *Ventoinhas* e *Horas Vivas* — dos sentimentos de convenção, sente-se em *Crisalidas* a palpação de uma pobre alma inquieta, alma paralitica de introvertido, sempre presa aos seus tormentos.

E os temas principaes, a inanidade da vida, a falsidade dos sentimentos humanos, a impassibilidade da natureza e a grandeza, o poder da arte, são temas que, por mais de quarenta anos, vão ser por ele debatidos, examinados, virados e revirados até que, cansado de tanto procurar em vão, se aquiete na suprema renuncia da attitude de espectador do *Conselheiro Aires*, e se resigne a morar na duvida.

Falenas, publicado em 1870, já tem outro tom. Por esse tempo, o amor correspondido, a entrada de

(90) *Musa Consolatrix* 1864.

Carolina em sua existencia deu ao poeta uma confiança nova no destino, trouxe o repouso ao coração angustiado, que se abre ao desejo de viver. Quer "antes que venha o mal, antes que chegue o inverno" colher a flôr da mocidade. Vê, entre as sombras, brilhar a luz, marcha para ela, e se sente reviver.

"Dor que se transforma em glorias,
Morte que se rompe em vida."

Flôr de Mocidade, Quando ela fala, Manhã de inverno, Sombras, Musa dos olhos verdes, Noivado, Livros e flores, Passaros, Luz entre Sombras são todas poesias de amor, de amor feliz, perfumadas pela presença boa de Carolina que soube achar o caminho da alma murada, e levar-lhe a esperança e a confiança.

E' esse talvez o unico momento em que a obra de Machado tem alguma cousa de desabrochado, dá uma sensação de plenitude.

Sem duvida, essa nota dominante não é unica, nem constante em Falenas.

O demonio da duvida, a obcessão do nada, o isolamento do homem dentro do mundo, ainda o atormentam. Veja-se um *Vieux Pays*, onde já entra um elemento que depois ha de pôr na sua obra um tom monotono, um ritmo lento de bocejo: o tédio o "sombre ennui." Veja-se *Sombras*, onde a natureza abandona os dois amantes, não participa do seu enlevo.

E então, já senhor da lingua e do metro, refugia-se nas traduções dos chineses, na evocação dos gregos, na arte pela arte, na arte que é, “de todas as cousas humanas a unica que tem o seu fim em si mesma”.

Impõe silencio ao seu coração, estanca a fonte da poesia — nele, eminentemente a introversão — vae, durante algum tempo, refugiar-se na pura ficção.

CAPITULO IX

OS PRIMEIROS LIVROS

PROSA

CONTOS FLUMINENSES, HISTORIAS DA MEIA-NOITE
E RESURREIÇÃO — CONVENCIONALISMO — FRA-
QUEZA DE ESTILO E DE CONCEPÇÃO — O ROMAN-
CE PSICOLOGICO — INFLUENCIA DO ROMANTISMO.

Historias da Meia-Noite, Contos Fluminenses e Resurreição, são, de um certo modo, livros excepçio-naes na obra de Machado, porque são livros quasi sempre impessoaes.

Não são, comtudo, objectivos. O autor inter-vem a miudo, mas não é Machado de Assis, é o autor romantico, figura convencional. Em prosa, não fez, de inicio, o que fizera em poesia: não regeitou de-liberadamente as escolas literarias. Ao contrario, procurou enquadrar-se dentro do romantismo. E com isso conseguiu fazer tres livros inteiramente mãos.

Quasi todos os contos que compõem Contos Flu-minenses e Historias da Meia-Noite já haviam sido anteriormente publicados no Jornal das Familias. Não traduzem portanto o estado de espirito do au-tor ao tempo da sua edição.

São novelas escritas sob a premencia da colabo-ração em data fixa, para fazer dinheiro apressada-

mente, ainda na época do Diário do Rio, na fase eufórica do Machado.

Mas Ressurreição, o primeiro romance de Machado, o primeiro livro escrito de uma assentada, também nada possui de pessoal.

No momento em que escrevia, estava Machado ainda na doce surpresa dos sentidos e do coração do seu casamento feliz. Tinha encontrado uma mulher e uma amiga; para que procurar no público, confidentes, se tinha uma em casa, tão boa e tão compreensiva?

Esse livro foi talvez o único que escreveu porque era autor, e não porque era um homem em contínua necessidade de um desabafo.

Mais tarde, aplacada a exaltação dos primeiros tempos de convivência, embora Carolina fosse sempre a mesma, o esquizoide voltou a se enrolar sobre si, a precisar da literatura como de uma válvula de segurança. E reatou o fio das suas ruminadas confidências, e encontrou de novo o seu grande motivo de inspiração: o mistério da vida, o isolamento trágico do homem. Contos Fluminenses, Histórias da Meia-Noite e Ressurreição representam um parentesis na obra e na introversão de Machado — e nos fazem ver que aquela, sem esta, não teria sido o que foi.

Os dois livros de contos pouco valem e talvez sempre valham mais do que o romance.

No grande numero de novelas que escreveu para o *Jornal das Famílias* escolheu Machado algumas, e as enfeixou em volume. O criterio da escolha deve ter sido absolutamente arbitrario; os contos conservados nos livros não se avantajam em nada aos que estão num justo esquecimento na coleção do *Jornal das Famílias* na Biblioteca Nacional.

Escrevendo-os, parece Machado ter tido constantemente diante dos olhos o publico especial a que se destinavam.

O jornal, como o nome o indica, era dedicado ás mulheres; entre figurinos, receitas de doces, moldes de trabalho e conselhos de beleza, vinha, para ocupar os ocios e a imaginação das senhoras da epoca, um pouco de literatura, quasi sempre da lavra de Machado de Assis. E, a despeito do nome do autor, correspondia certamente á expectativa das leitoras: literatura amena de pura fantasia, sem nenhum fundamento na realidade. Tudo se passava nesse mundo convencional onde os desgostos amorosos são os unicos sofrimentos, onde tudo gira em torno de olhos bonitos, de suspiros, de confidencias trocadas entre damas elegantes.

Tendo passado do meio operario para o meio do jornalismo e do teatro, Machado se recusou a pintar tanto um quanto outro. Desprezou as fontes de observação que a existencia lhe dera. Sempre com a sua mania de se elevar socialmente, quis escrever para damas da sociedade,

Ora, mesmo a mais completa vocação de romancista, de creador, não pôde prescindir da realidade, ao menos como ponto de partida. Machado quis fazê-lo e o resultado foi que, a despeito de seu real talento de narrador, seus primeiros livros nada valem.

Terão uma outra observação interessante, uma ou outra personagem bem lançada mas são, de modo geral, inconsistentes e falsos.

Disponha apenas de tres ou quatro tipos femininos todos copiados da galeria dos manequins românticos: a mundana faceira, a virgem sentimental, a beleza tentadora e fria, que desperta paixões sem as compartilhar, todas caprichosas, orgulhosas, misteriosas. Os homens ainda são mais estereotipados: o bilontra cinico, o ceptico afinal convertido ao amor, o apaixonado infeliz.

Em torno desses bonecos, a sua fantasia borda um tema, e fabrica assim um conto, sem maiores dificuldades.

Alguns desses temas foram retomados mais tarde. O Segredo de Augusta, de Contos Fluminenses e o Relogio de Ouro, de Historias da Meia-Noite, deram, em Historias sem data, Uma Senhora e a Senhora do Galvão. Basta comparar as diferentes versões para se ver o caminho percorrido por Machado de Assis (90-a).

(90-a) Essa constancia em retomar os mesmos temas pôde ser um traço de gliseroide.

A fantasia do inicio cresceu em imaginação creadora. Os tipos se humanizaram, ganharam sangue e vida.

E' que, ao tempo de *Historias sem data*, por volta de 1880, Machado já tinha vivido entre a gente que descreve, podia re-crea-la dentro de si. A imaginação do romancista será no fundo, isso, essa faculdade de assimilar a realidade ao ponto de poder crea-la interiormente, livremente, modificando-a segundo o temperamento do artista, sem contudo tirar-lhe o cunho de verdade. Nisso diverge totalmente da simples fantasia, a elaboração de fatos que se supõem passados entre pessoas que o artista não creou, apenas copiou de um modelo exterior.

No principio da vida, Machado teve muita fantasia, e nenhuma imaginação. Contos Fluminenses são disso um exemplo frisante, não ha lá nem um só trecho onde se sinta o contato quente da realidade. Tudo fantasia, tudo jogo de palavras.

Já em *Historias da Meia-Noite*, ha algumas paginas de verdade. As bodas de Luiz Duarte, Ernesto de tal, Aurora sem dia já teem alguma cousa do verdadeiro Machado, o que só se revelou inteiramente com *Memorias Postumas de Braz Cubas*. Já mostram a fria observação, a lucidez quasi cinica, a paixão machadeana de dissecar sensações. Aurora sem dia, o drama do homem que, preso a uma ideia fixa — a de ser escritor — perde inteiramente o contato com o mundo real, é irmão gêmeo de O

Programa, um ótimo conto, infelizmente esquecido nas páginas da Estação. Em ambos, o heroe, olhos fitos num alvo imaginario, se desprende da vida e só retoma pé na realidade quando vê falhar inteiramente os seus sonhos. Luiz Tinoco, o poeta de Aurora sem dia, é assim o primeiro specimen dos tipos morbidos que vão povoar o obra de Machado, dando-lhe aquele estranho sopro de fatalismo e loucura que revoluciona o seu ambiente tão caseiro e quotidiano.

Afóra as tendencias que se manifestam, posto que embrionarias, nos contos citados — a evocação do meio carioca em Bodas de Luiz Duarte, a dissecação psicologica em O Segredo de Augusta e Ernesto de Tal, o autismo em Aurora sem dia, — só ha nos dois livros, a registrar uma ou outra boa descrição, cheia de finura e humorismo, como o principio de Miss Dollar. O mais é de um romantismo desenxabido e convencional.

Entretanto, mesmo respeitando tão convictamente o gosto do tempo e as fraquezas das leitoras do Jornal das Familias, achou Machado geito de ser taxado de escritor imoral. O caso é divertido, porque unico na vida desse homem tão recatado.

Publicava ele, em 1865, com a assinatura de J... as Confissões de uma viuva moça, depois recolhidas em Contos Fluminenses, quando, nos a pedidos do Correio Mercantil, começam a aparecer reclamações contra as inconveniencias da novela. A prin-

cipio não parece ter-se incomodado Machado com os ataques, mas, repetindo-se eles, foi obrigado a confessar publicamente a autoria do conto, pedindo aos seus adversarios que aguardassem o desfecho para então poderem dizer se era ou não imoral (91).

Como, porém, na mesma epoca, estavam o Diario do Rio e o Correio Mercantil em fortes polemicas politicas, ás quaes não se mantinha alheio Machado, é de crer que o romancista, tão insosso ainda, coitado, tão bisonho, pagasse pelas culpas do jornalista.

Ao mesmo tempo em que era atacado nos a pedidos, como novelista, ele o era na parte editorial, como cronista. “As tres primeiras colunas do Diario do Rio e o seu M. A. do rodapé consumaram hontem o completo sacrificio de mais uma decepção para as fileiras liberaes.

A inicial subscriptora do folhetim do Diario recordou-nos o ventriloquo Mauvepin, éco da mística linguagem do sepulcro. Filhote das grandes colunas de cima, o humilissimo éco de baixo correspondeu perfeitamente aos feitos que de um tal pae se esperava; e em tão tenros anos, fazendo politica por sua conta e risco, lança-se nos arremedos da paixão odienta” (92).

Esse ataque fôra provocado pelos versos francezes de Machado contra o governo do Conselheiro

(91) Correio Mercantil de 1, 2, e 15 de Maio de 1865.

(92) Correio Mercantil, 4 de Maio de 1865.

Furtado. Mas a proximidade das duas censuras, a injustiça da acusação ao contista do Jornal das Famílias, podem ter dado o que pensar a Machado, podem ter-lhe feito prever que, mais tarde ou mais cedo, o jornalista politico prejudicaria o artista. O seu culto pela literatura não lhe permitiria expo-la aos achincalhes de desafetos politicos. Talvez seja essa uma causa a mais, a juntar ás que o levaram a se desinteressar brusca e completamente da vida politica.

Absorvente e dominadora, a arte exigia tudo, o dom inteiro de si mesmo, o sacrificio das outras tendencias, a servidão total. Tudo o que ha de des-humano na arte pura, na criação gratuita, influiu sobre Machado de Assis, marcado pela mais completa vocação literaria que já surgiu entre nós.

Todas as atividades interessadas do espirito — a critica, a politica — ele as foi pouco a pouco abandonando.

E bem houve em faze-lo, pois seguiu a sua verdadeira vocação, escolheu o bom caminho.

Entretanto, no momento, parecia errar, pois era muito melhor jornalista do que escritor de ficção.

As suas cronicas do Diario do Rio são muito superiores aos contos da mesma epoca, muito superiores a Resurreição, o primeiro romance escrito aos trinta anos.

E' interessante notar como foi rapido o desenvolvimento do espirito critico de Machado de Assis e

tardio o desabrochar do seu poder creador. Aos dezenove anos publicava o Presente, o Passado e o Futuro da literatura, estudo já comprehensivo e lucido; só aos quarenta começa a produzir boas obras de ficção.

Certamente, contribuiu para isso o preconceito, já observado, de descrever gente de uma sociedade que só mais tarde veio a frequentar. Mas ha de ter entrado tambem, e por muito, a tendencia á introversão. O romance, o conto, nunca são impessoaes; se não se revelar neles a sensibilidade do autor, a sua maneira propria de sentir, a sua comprehensão da vida, serão fatalmente artificiaes.

O autor pode e deve ausentar-se da obra na direção, mas nunca no sentimento. Foi o que, temendo sempre se abandonar, Machado tentou fazer em Resurreição.

Ha ai um autor, presente em longas digressões, mas não é Machado de Assis, é o autor romantico e convencional no qual se quís enquadrar. E por isso, Resurreição é um livro falho. Entretanto, o romance gira em torno de um sentimento que Machado conhecia muito bem, até demais, e lhe inspirou mais tarde a obra-prima que é Dom Casmurro: o ciume, a eterna desconfiança lutando contra o amor.

Felix é um ciumento como Bentinho — mas que diferença entre eles! Um é ciumento segundo as regras de composição romantica, o outro o é segundo a auto observação de Machado de Assis.

Felix e Livia saíram da galeria dos cartões postaes de Ohnet e Feuillet, o Moreirinha, seu amigo, das teorias de Queda que as mulheres teem para os tolos. Ninguem é real, a não ser Vianna, o parasita “um desses homens metidiços e dobradiços” “cujo estomago tinha mais capacidade que preconceitos, menos sensibilidade que disposições”.

Na convivencia de Paula Brito, em torno de quem gravitavam tantos exploradores, deve Machado ter podido observar á vontade os tipos de parasitas que aparecem tão ameúdo em seus livros.

O de Resurreição é a unica personagem viva do romance; os mais são sombras, evocadas com arte, desenhadas com pericia de estilo, mas nada disso as conseguiu animar.

Livia, em cuja figura já se percebe a volupia tão freitada e tão forte do autor, não chega a ser uma mulher. E' uma bela estatua, e sua rival, a meiga Raquel, é apenas uma daquelas virgens cloroticas cuja morte Machado cantou, a exemplo de todos os poetas romanticos.

Entretanto esse livro fraco já revela a principal caracteristica de Machado como romancista, caracteristica que o vae aos poucos separando inteiramente da concepção romantica da ficção: a predominancia dos problemas psicologicos.

“Não quís fazer romance de costume; tentei o esboço de uma situação e o contraste de dois caracteres; com esses simples elementos busquei o inte-

resse do livro", explicava no prefacio da primeira edição.

Desdenhando da predileção romantica pelos lances inesperados e emocionantes, quis fazer decorrer as peripecias do livro do temperamento das personagens.

A execução falhou, mas a orientação é a boa, é a que, depois, lhe fez encontrar o caminho dos seus grandes romances. Sempre se manteve fiel a esse romance essencial, a essa redução do drama aos elementos principaes, aos conflitos moraes, e á situação das personagens.

Mais tarde discorda do Primo Basilio de Eça de Queiroz, onde "foi a substituição do principal pelo accessorio, a ação transplantada dos caracteres e dos sentimentos para o incidente, para o fortuito, que me pareceu incongruente e contrario ás leis da arte" (93).

De Resurreição ao Memorial de Aires todos os seus romances são determinados pelo entrechoque das paixões e dos temperamentos das personagens.

Apenas, em Resurreição, essas paixões e esses temperamentos não são ainda os da vida real, mas os que idealizava um mulato pobre e de talento quando sonhava com a gente elegante, que via passar de carro.

(93) Artigos no Cruzeiro em 16 e 30 de Maio de 1878, recolhidos por Mario de Alencar no volume Critica.

Escreveu sobre figuras que conhecia de vista, desprezando a fonte imensa de observação que lhe era a propria alma ambiciosa e sensível. Olhou para fóra, quando devia olhar para dentro.

Convencionalismo, excesso de timidez, influencia da literatura romantica, tudo isso impediu que se revelasse em Resurreição.

Alguns temas machadeanos já existem nesse primeiro romance: o do ciúme, o da duvida, o do relativismo, o da incomunicabilidade do coração.

A análise, por vzes, já era lucida e penetrante; mas nada disso tira ao livro um aspéto artificial de composição literaria. Foi ideado, não foi sentido e vivido, como os outros.

Antes de se dar inteiramente á arte, nesse dom absoluto que faria da sua vida, do seu coração, dos seus nervos doentes, da sua sensibilidade crispada, alimentos da arte, Machado de Assis negaceava, se reservava, tentava encontrar uma formula que lhe permitisse resguardar-se, não pôr tudo ao serviço da criação, defender a sua humanidade contra a sua vocação.

CAPITULO X

“SEU” MACHADO

A SECRETARIA DA AGRICULTURA — ESTABILIDADE — O MEIO FAMILIAR E BURGUES — VIDA INTIMA — A REACÃO DO ESPIRITO INQUIETO.

Entrando para a Secretaria da Agricultura, Machado de Assis como se estabilizou.

Terminára a subida violenta, o rapido movimento de baixo para cima que esse timido soube imprimir á existencia.

D'aí em diante, a ascensão vae continuar, mas num ritmo lento e seguro. As posições principaes estavam tomadas; já era um funcionario de boa classe, já era um romancista. Aos trinta e quatro anos, chegára a um planalto, conquistára um nivel de vida modesto mas digno.

Estabeleceu-se, socialmente e intellectualmente. Não era mais um pobre diabo, um operario de talento. Não era mais o Machadinho um pouco amargo, sempre pronto ao combate.

Era um vencedor, o homem para quem se voltavam os moços pedindo opiniões, a quem o joven Joaquim Nabuco apelava “como ao protetor da arte e de muitos artistas brasileiros” contra uma decisão

do Conservatorio Dramatico que lhe recusára, como imoral, uma comedia (94).

Em fins de 1873 uma revista literaria, o Arquivo Contemporaneo, estampava-lhe o retrato ao lado do de José de Alencar, unindo-os nos mesmos elogios, dizendo-os os maiores escritores do momento.

Figura entre os colaboradores brasileiros de uma revista de Lisboa, a Revista Occidental, cujos exemplares, porém, não existem entre nós (95).

Assim na literatura, assim na Secretaria, onde se revelou logo funcionario exemplar e de tal modo se distinguiu, que, ainda não decorridos inteiramente tres anos da sua entrada, já seria, por decreto da Princesa Imperial, datado de 7 de Dezembro de 1876, promovido a chefe de seção, com 5:400\$000 anuaes, quasi os vencimentos dos desembargadores, que, nos ultimos anos do Imperio, recebiam 6:000\$000.

A vida intima, já sabemos o que era, aconchegada e mansa, sem uma aresta, sem uma nota dissonante.

E até socialmente — esse timido, esse bicho de concha parece ter dado muita importancia á vida

(94) A comedia de Nabuco se intitulava "Os Maridos"; sua carta, que consta do arquivo da Academia Brasileira de Letras, é datada de Abril de 1873.

(95) Octaviano Hudson, representante da revista, publicou no Globo em 9 de Setembro de 1874 uma lista de colaboradores brasileiros, em que figuravam, alem de Machado de Assis, José de Alencar, Tavares Bastos, Joaquim Manoel de Macedo e mais alguns.

social — a sua posição era boa. Não era mais como no tempo do Machadinho ao qual os rapazes de boa família perdoavam a origem por causa da intelligencia, e de quem se faziam intimos nos cafés e nos teatros.

Agora era o “Seu” Machado, homem de maneiras finas, recebido em casa, familiarmente, para os serões intimos, para jogar o gamão, para conversar com as senhoras.

Muito atraente, muito dada, amiga de palestrar, Carolina mantinha as relações do casal, descontando, com o seu genio communicativo, a excessiva reserva do marido.

Entre as portas que se lhe abriram, uma deve ter sido particularmente grata a Machado: a do conde de S. Mamede; é que a condessa era sua velha conhecida, desde a infancia, sendo uma das meninas ricas que invejára, moleque baleiro, no collegio de S. Cristovão.

E agora a revia de igual para igual, em relações de amizade, e até, depois, de parentesco, pois falecido o Conde de S. Mamede veio a viuva a casar-se com Miguel de Novaes, irmão de Carolina.

Se lhe recordava um passado triste, dava-lhe tambem a concunhada a sensação nitida da sua rapida elevação social.

Entrando, como amigo, como parente, na chacara do Cosme Velho, que descreveu na Mão e a Luva, Joaquim Maria ha de ter sorrido silenciosamente, gostosamente, o seu frio sorriso de analista.

O baleiro sentava-se á mesa da menina rica... De que serviu have-lo desprezado, outr'ora?...

Nesse momento se revelou toda a força da vocação literaria de Machado de Assis; fôra ele apenas um homem inteligente e ambicioso, e o exito lhe adormeceria as faculdades. A vida facil, mediocre, do funcionario, o meio burguês em que se meteu, o iriam aos poucos embotando, o quotidianismo o absorveria.

Já não precisava macerar o cerebro no esforço das colaborações; os vencimentos dariam para a manutenção desse casal sem filhos, de habitos simples.

Os trabalhos da Secretaria e as leituras lhe ocupariam o espirito, e o coração seria satisfeito com a ternura da mulher, a convivencia dos amigos, o entranhado amor pelos cachorros.

Cuidaria das flores, leria os jornaes e viveria regalado, satisfeito da sorte.

Entre as antinomias do carater de Machado de Assis, uma das mais características é a de ter sido, a um tempo, muito ambicioso e muito modesto. Joven, tendo a conquistar o seu lugar ao sol, mostrou-se ambicioso, lutou sem treguas para subir. Depois, alcançada a posição que lhe parecera sempre dever ser a sua, aquietou-se nela, sem buscar honras, sem cortejar a popularidade, sem almejar riquezas. Podendo, com o seu valor, ter aspirado a tudo, contentou-se com uma austera simplicidade.

E' de notar que essa mudança parece ter coincido com um agravamento do seu mal, sobrevindo após o casamento. Teria concorrido para isso a mudança de vida?...

Sentindo recrudescerem os seus padecimentos, ele ha de ter visto que não lhe convinha a trepidação da ambição, e se contentou com o que já tinha, e era muito.

D'aí em diante vae abandonando aos poucos a critica, vae-se alheando da vida politica, fechando-se exteriormente na rotina, e interiormente nos seus romances, diminuindo portanto as possibilidades de choque, numa instintiva defeza de hipersensível.

Estabilizou-se numa vida mais ou menos semelhante á de Luiz Garcia, um dos seus heroes que "se erguia com o sol, tomava do regador, dava de beber ás flores e á hortaliça; depois recolhia-se e ia trabalhar antes do almoço que era ás oito horas. Almoçado, descia a passo lento até á repartição, onde, se tinha algum tempo, folheava rapidamente as gazetas do dia. Trabalhava silenciosamente, com a fria serenidade do metodo.

Fechado o expediente, voltava para casa, detendo-se raras vezes em caminho.

Ao chegar á casa, já o preto Raymundo lhe havia preparado a mesa — uma mesa de quatro a cinco palmos — sobre a qual punha o jantar, parco em especie, mas farto e saboroso para um estomago

sem aspirações nem saudades. Ia dali ver as plantas e reler algum tomo truncado, até que a noite caia. Então sentava-se, a trabalhar até às nove horas, que era a hora do chá” (96).

Menos austera, alegrada pela vivida presença de Carolina, aquecida pelo seu amor, entrecortada a solidão pela convivência de alguns poucos amigos, era essa, exteriormente, a vida de Machado de Assis.

Vida burguesa, emburguesante, que, entretanto, pareceu corresponder a uma face do temperamento de Machado de Assis. Ainda aqui vemo-lo sofrer o contrachoque da origem modesta: partindo, como partiu, da mais infima camada social, teve o nível de vida da burguesia como um ideal a atingir, dando-lhe, por isso, um valor exagerado.

E fazia-se amável com as senhoras de tendências literárias, escrevia poesias nos seus albuns, gostava da sua convivência.

Correspondia-se com a Viscondessa de Cavalcanti, com D. Constança Alvim Corrêa, que o chamava “Meu caro Conselheiro”.

Foi talvez esse o único traço do “parvenu” em Machado de Assis; traço ligeiro, apenas indicado, que se reduziu afinal, ao gosto de estar entre gente cujas maneiras, senão o espírito, eram semelhantes às suas.

Mas não buscou propriamente a vida de sociedade; contentava-se com um pequeno grupo, cujo centro era a casa do Barão Schmidt Vasconcelos.

Em 1875, talvez para ficar mais perto dos amigos, mudou-se para as Laranjeiras, indo morar no numero 4 dessa rua, proximo ao Largo do Machado.

“Os meus dois polos estão nas Laranjeiras e no Largo do Paço”, poderia dizer, parodiando o Felix da Ressurreição; “nunca passei destes dois extremos do meu universo — confesso que é monotono, mas eu acho felicidade nesta monotonia”.

E quasi não mentiria; afóra uma ou outra ida a Petropolis, e uma viagem em 64 pela recém-inaugurada estrada D. Pedro II, até ás margens do Paraíba que lhe causou grande impressão, nunca saíra do Rio.

Na facilidade com que se afez á mediania da vida burguesa, pôde haver tambem influencia da doença, não só pelo instinto gregario do epiletico, como pelo desejo consciente de ter uma existencia calma, propicia aos seus nervos.

De uma feita confessou a um amigo, espantado de ve-lo frequentar certa casa cujos donos não brilhavam pelo espirito, que o fazia justamente para descansar.

Isso, dito por um homem tão exato, e tão pouco maledicente, devia ser a expressão da verdade.

Sentia mesmo necessidade de um ambiente repousante.

A sua vida transcorria entre o Largo do Paço, onde funcionava a Secretaria, e o arrabalde das Laranjeiras, com pequenas estações diárias pelas livrarias, entre a repartição e o jantar.

Era essa a hora da literatura, o intermezzo entre o trabalho e a casa. Homem de grupos literários, e de hábitos ritmados, ele teve sempre um lugar onde fazer ponto, á tarde, onde dar dois dedos de prosa com os literatos.

Por esse tempo, entre 1870 e 1880, mais ou menos, o seu ponto seria talvez a casa de João Martins Ribeiro, livreiro português com loja á rua General Camara, grande autoridade em bibliografia luso-brasileira. Parece have-la frequentado, sem grande assiduidade, por muitos anos, pois se lá encontrava José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Arthur Azevedo, seus predecessores ou contemporâneos, lá conheceu também os jovens Silvio Romero, recém-chegado ao Rio, que o iria tratar tão duramente, e Mario de Alencar, o amigo dos últimos dias (97). Aí, ouvindo anedotas e novidades, descansava do trabalho na Secretaria.

Não foi uma sinecura esse trabalho para Machado de Assis; o autor de Braz Cubas era tão consciencioso que nunca escrevia uma informação diretamen-

(97) Revista da Academia Brasileira de Letras, volume 21.

te nos processos, fazia antes um rascunho, concertava-o, polia-o, e depois o copiava.

Um seu companheiro de trabalho viu-o de uma feita recommençar nove vezes a redação de um despacho, quando, já diretor de contabilidade, deveria estar mais que senhor das formulas de praxe (98).

Entretanto, nem a burocracia nem o meio burguês conseguiram banalizar Machado de Assis. E' que não era somente no modo de viver que se aproximava do seu Luiz Garcia.

Descrevendo o seu heroe, parece retratar-se: "Suas maneiras eram frias, modestas e cortezes; a fisionomia um pouco triste. Um observador atento podia adivinhar por traz daquela impassibilidade aparente ou contraída as ruínas de um coração desenganado. Assim era; a experiencia, que foi precoce, produzira em Luiz Garcia um estado de apatia e cepticismo, com seus laivos de desdem. O desdem não se revelava por nenhuma expressão exterior; era a ruga sardonica do coração. Por fóra, havia só a mascara imovel, o gesto lento e as atitudes tranquilas. Alguns poderiam teme-lo, outros detestalo, sem que merecesse execração nem temor.

Era inofensivo por temperamento e por calculo. Como um celebre eclesiastico, tinha para si que uma onça de paz vale mais do que uma libra de vitoria" (99).

(98) O Major Bernardo de Oliveira.

(99) Yáyá Garcia pgs. 2 e 3.

A "ruga sardonica" cavada em Luiz Garcia por desgostos intimos, tambem sulcava o coração de Machado de Assis, marcado de nascença pela molestia impiedosa, pelo temperamento morbido.

E por isso não lhe bastavam o trabalho e as relações, não o satisfazia inteiramente o amor de Carolina. Isso era a vida exterior, calma e boa, mas lá dentro, sob a "mascara imovel", era a revolta, eram as interrogações sem resposta, era a duvida. Era tambem a maldição de uma clarividencia que o fazia sem piedade no julgamento dos homens, da terrivel lucidez do romancista. Era toda uma vida interior, ardente e rica.

Esses anos de placidez aparente, foram de constante ebulição, de conflitos intimos dos quaes sairiam os seus grandes livros, dolorosas confissões sob a capa do humorismo.

Livre da preocupação angustiante do pão de cada dia a ganhar, não se sentindo mais esporeado pela ambição, voltou-se para dentro, para as suas duvidas, para o seu interminavel dialogo com a vida.

Que era ela? Para que teria vindo ao mundo, com essa insaciavel sêde de saber? Por que vivia? Por que viviam os outros homens?

E as interrogações se multiplicavam, e ficavam sem resposta, e depois se resumiam numa só, a maior, a que vae dar á sua obra aquele tom de fatalismo ironico: o homem é um ser livre, e portanto

responsavel, ou um titere nas mãos do destino, da natureza, de alguma força desconhecida?

E a tentação de concluir sempre pela negativa, de duvidar de tudo.

Tudo isso ruminava na cabeça do "Seu" Machado tão afavel, tão simples dos serões familiares. Entre uma partida de xadrez com o seu amigo Artur Napoleão e um dialogo conjugal com Carolina, um abismo se abria, a seus olhos: o nada, a obsessão do nada, "a voluptuosidade do nada".

E o espirito se perdia nesse mar de duvidas, sem ancoras, sem amarras, e lá se ia, ao léo da corrente, a pensar, a matutar.

— "Seu" Machado está calado hoje, diria certamente alguma senhora da roda; terá desconfiado com alguém?

Pergunta muito natural, porque esse sensível, esse tímido, era forçosamente um grande desconfiado; um gesto, um olhar, uma brincadeira, e logo o caramujo recolhia para dentro da casca. Mas dessa vez não fôra ninguém a causa da cisma, ou melhor, fôra alguém que o atormentava sempre, a sua grande inimiga a vida.

Outro inimigo também estava á espreita, também cavava abismos sob os pés de Machado: a epilepsia, o tremor de terra do homem.

Às vezes presentia a sua vinda, dizia á mulher: "Vou sentir-me mal" (ele nunca pronunciava a palavra ataque) e mais raramente, conseguia conju-

rar a crise com uma colher de calmante, ou um copo de agua fria.

Mas em regra era a convulsão brutal, repentina, que o deixava moido, doído física e moralmente. Nunca se afez ao mal, sempre o sentiu como uma humilhação, sempre se revoltou contra os que, nessas horas, o socorriam (100).

Com essas duas portas abertas á inquietação, como poderia ele se ter emburguesado?

Podia levar a vida que quisesse, ser escravo dos habitos rotineiros, perder metade do dia informando processos, conversar todas as noites a conversinha manhosa dos serões familiares. Podia, seguindo o impulso dos politicos do segundo reinado, cometer o snobismo de procurar adotar os costumes inglêses, não passando sem um chá especial, levando cachorrinhos a passear, trajando ceremoniosamente, como um subdito da Rainha Vitoria, podia deixar-se contaminar pela gravidade exagerada e pela velhice prematura da sue epoca, ao ponto de, aos trinta e oito anos, dizer-se um velho.

“A Candiani não é conhecida da geração presente, Mas os velhos, como eu, ainda se lembram do que ela fez...” escrevia na Ilustração brasileira, em Julho de 1877.

(100) Parece ter guardado rancor ao Prof. Dias de Barros que, vendo-o acometido de um ataque, o levou para casa, já depois da morte de D. Carolina, e, para não o deixar só, esperou que acordasse.

Podia ser, na Secretaria, o tipo completo do funcionario, podia até se quisesse, — mas nunca o quis — jantar de chinelas e rodaque branco, e palitar os dentes, sentado em frente do portão numa cadeira de vime, tomando o fresco e conversando com os vizinhos. Poderia, enfim, ter todos os habitos e tiques da burguesia, que nunca seria um burguês.

Havia nele alguma cousa de refratario á ação do meio, de impermeavel, de indestrutivel: a vocação de romancista alimentada pelas tendencias morbidas.

Depois de Resurreição, a sua atividade literaria se reduziu, durante tres anos, ás collaborações do Jornal das Familias e da Semana Ilustrada, a um ou outro artigo no Correio Mercantil.

Em 1874, porem, fez mais uma tradução A Higiene do mestre escola, do original francês do Dr. Gaillard, que appareceu na Revista da Instrução Publica.

E em Setembro do mesmo ano começava no Globo, jornal do seu amigo Quintino Bocayuva, a publicação de A Mão e a Luva em folhetim.

Logo no anno seguinte entra a escrever para a Epoca, revista dirigida por Joaquim Nabuco, que só durou quatro numeros, e para a Crença, periodico do qual não existem na Biblioteca Nacional nem vestigios, estando, pois, perdidas as collaborações de Machado.

São igualmente de 1875 as Americanas e de 1876 a publicação de Helena, que primitivamente se chamou Helena do Vale, também no Globo. Nesse mesmo ano começa, com o nome de Manassés, as colaborações a principio quinzenaes e depois mensaes que manteve durante dois anos na Ilustração Brasileira. E em Janeiro de 1878, no jornal o Cruzeiro, onde escreveu no mesmo ano, semanalmente com o pseudonimo de Eleazar, saia Yáyá Garcia, Helena foi editada pelo Garnier rendendo ao autor 600\$000, um otimo preço para a epoca, pois a tiragem foi de mil e quinhentos exemplares apenas, e os outros dois romances saíram das proprias tipografias dos jornaes que os haviam publicado.

A atividade intelectual desse grande trabalhador não esmorecera, o burguês não conseguira sufocar o artista.

CAPITULO XI

CONFISSÕES

A MÃO E A LUVA, HELENA, YAYÁ GARCIA, LIVROS
AUTO-BIOGRAFICOS — O PROBLEMA DA AMBIÇÃO
— FIRMA-SE O ESCRITOR.

Em 1874, data da composição da A Mão e a Luva, havia já cinco anos que Machado estava casado. Cinco anos de paz, de tranquilidade... mas cinco anos, também, do abandono em que deixara Maria Inês.

Baniu-a de sua vida, não pode bani-la do seu espirito. O demonio interior de Machado de Assis — esse espirito inquieto e inqueridor — não lhe permitia sossegar.

Teria direito de deixar assim a pobre velha? Se não o fizesse, ela é que o prenderia ao meio humilde... deveria ter-se sacrificado? Onde o dever? Devia-se a si, á sua carreira, ou a Maria Inês, á gratidão?

Poderia ter agido de outro modo? Não teria sido guiado pelo destino, pelos acontecimentos? E toca a pensar, a pensar...

Como dizer isso tudo a Carolina, a confidente, a amiga segura? seria talvez dar ensejo ao passado de voltar, e envenenar o presente.

Então o grande recurso apareceu, o papel, o papel amigo onde debateria todos os problemas.

E assim foi.

Uma depois da outra, a Guiomar da Mão e a Luva, Helena, a Estela, de Yáyá Garcia vão encarnar o autor, discutir os direitos da ambição, lutar contra a hiérarquia social (101).

Os tres livros, tão diferentes de entreecho e execução, giram em torno do mesmo eixo: a mudança de classe.

Guiomar, fria e calculista, mostra mais a sua ambição, entrega-se a ela e é feliz. Por altivez natural, Estela luta contra a sua e é infeliz. Helena aproveita-se de um equívoco para subir de nivel social, e é duramente castigada. Mas todas tres têm os mesmos problemas a resolver — os problemas que Machado de Assis enfrentou quando teve que escolher entre Carolina — o futuro — e Maria Inês — o passado.

Sem duvida, generosa como era, Carolina não se teria recusado a receber em sua casa a mulata que fôra tão boa para o seu querido Machado — se este lh'o houvesse pedido. Mas certamente foi ele que preferiu a separação, e talvez mesmo houvesse

(101) E' interessante notar a subtileza de reserva que levou Machado de Assis a se encarnar de preferencia nos tipos femininos, quando queria explicar fatos da sua vida. O Braz Cubas e o Conselheiro Aires, nos quaes poz tanto de si, representam tendencias do seu espirito, mas nada têm de comum com a sua existencia.

ocultado da mulher a influencia de Maria Inês na sua vida. Temeria a presença dessa nota dissonante na harmonia do seu interior. E, se, moralmente, andou mal, muito mal, psicologicamente acertou. Já não falando da humilhação constante que seria para ele essa prova irrefutavel da sua origem modesta, como se poderiam entender as duas, a letrada Carolina e a humilde Maria Inês? Ambas ficariam constrangidas, e ele ainda mais do que elas. Se quisesse subir de classe teria de sacrificar a madrastra, e ele o fez porque era ambicioso, porque, "tinha em si a força indispensavel a todo o homem que põe a mira acima do estado em que nasceu" (102).

Depois, com o tempo, foram vindo as duvidas e os remorsos. Para os discutir consigo mesmo, Machado lançou mão do subterfugio habitual dos romancistas: meteu-se na pele de Guiomar, a heroína da Mão e a Luva, e procurou provar que os calculos da ambição nem sempre são indícios de máos sentimentos, que não é impossivel conciliarem-se o interesse e a nobreza de carater.

Essa Guiomar, mocinha pobre, tinha uma madrinha rica, que a queria como a uma filha. "Guiomar correspondia aos sentimentos daquela segunda mãe; havia talvez em seu afeto, aliás, sincero, um tal encarecimento que podia parecer simulação. O afeto era espontaneo; o encarecimento é que seria voluntario" (103).

(102) A Mão e a Luva pg. 17.

(103) A Mão e a Luva pg. 45.

Afinal foi morar com a senhora, e o cuidado do romancista foi logo fazer notar que se adaptou bem ao novo meio, revelando “a plena harmonia dos seus instintos com a sociedade em que entrára” (104).

“Ninguém adivinharia nas maneiras finamente elegantes daquela moça a origem mediana que ela tivera; a borboleta fazia esquecer a crisalida” (105).

...“A fortuna não fez mais do que emendar o equivoco do nascimento” (106).

Frases desse teor pontuam todo o livro, mostrando como a infancia humilhada havia imprimido dolorosamente em Machado a noção da hierarquia social. Como o autor, Guiomar renegava o passado: “Ela vivia do presente e do futuro, e, tamanho era o seu futuro, quero dizer as ambições que lh’o enchiam — tamanho que bastava a ocupar-lhe o pensamento, ainda que o presente nada lhe dera. Do passado nada queria saber; provavelmente havia-o esquecido” (107).

Na casa da madrinha baronesa, esquecida do passado, vae Guiomar procurar combinar “o sentimento e a razão, as tendencias da alma e os calculos da vida” (108).

(104) A Mão e a Luva pg. 47.

(105) A Mão e a Luva pg. 48.

(106) A Mão e a Luva pg. 79.

(107) A Mão e a Luva pgs. 77 e 78.

(108) A Mão e a Luva pg. 90.

Vae procurar fazer um casamento á altura da sua ambição e o consegue encontrando um homem que a amava “com um amor um pouco sossegado — como podia have-lo no coração de um ambicioso” (109).

Tambem ela o escolhera lucidamente, sem aquele impeto do amor juvenil.

“Guiomar amava deveras. Mas até que ponto era involuntario aquele sentimento? Era-o até o ponto de lhe não desbotar á nossa heroína a castidade do coração, de não lhe diminuirmos a força de suas faculdades afetivas. Mas até aí só. D’ái por diante entrava a fria eleição do espirito” (110).

A preocupação do autor é sempre justificar os calculos — e mostrar o valor da ambição “A vontade e a ambição, quando verdadeiramente dominam, podem lutar com outros sentimentos mas não de sempre vencer, porque elas são as armas dos fortes, e a vitoria é dos fortes” (111) diz ele comentando e aplaudindo o triunfo final dos dois ambiciosos.

Depois de ter assim procurado provar os direitos da ambição, de novo em Helena põe o problema em equação.

E aí ainda mais se aproximou do caso pessoal. Como o seu creador, Helena, para subir de classe,

(109) A Mão e a Luva pg. 119.

(110) A Mão e a Luva pg. 145.

(111) A Mão e a Luva pg. 165.

tem de abandonar uma pessoa cara. Em vez da madrasta, é o pae. Mas o caso é identico. Depois de ter formulado a questão, faltou entretanto a Machado a coragem para concluir, para mostrar se a heroína tivera ou não razão de fazer o que fez. E lançou mão de um subterfugio que condenou tantas vezes: deixou que os incidentes dominassem as situações psicologicas. Em lugar de estudar a adaptação da moça á nova vida e as consequencias naturaes do seu ato, faz intervir um romantico amor entre ela e o seu pseudo-irmão Estacio, transformando em dramalhão a confissão que não ousou levar até o fim. Tambem Helena era, como Guiomar, calculista e astuciosa. Mais sensivel, porém, do que ela, não esquecia o passado, e, ás escondidas, mantinha relações com o pae.

Se o livro não tivesse sido bruscamente desviado pelo intempestivo amor oficialmente incestuoso, certamente uma vez descoberto o embuste, por causa das visitas clandestinas da moça, a familia a que se apegára a renegaria, e ela expiaria assim a fraqueza de não ter sabido se dar toda á ambição. Pagaria, afinal, por não ter querido abandonar inteiramente o pae. Voltaria á pobreza, á obscuridade, agarrada a um destroço do passado — ao pae miseravel que ficaria mais ainda desgraçado vendo o malogro da filha.

Foi deante dessa conclusão que Machado de Assis recuou. Fazer feliz Guiomar, porque era só

calculo; e infeliz Helena, porque guardára, na sua ambição, a capacidade de se dedicar, era ser cinico — ou sincero — demais.

Ainda não libertado de umas tantas convenções romanticas, ele não teve animo de revelar assim a sua descrença na vida e nos homens. E depois, seria confessar muito claramente o seu drama intimo.

Mas logo retomou o tema, embora com maiores disfarces.

Tambem a Estela, de Yáyá Garcia, é uma joven de condição modesta, protegida por uma senhora rica. Tambem ela sentia pesar sobre si a fatalidade da hierarquia social. O filho da sua protetora a ama, e é correspondido. Mas a posição social os separa.

“Ha duas naturezas, e a natureza social é tão legitima e imperiosa como a outra. Não se contrariam, completam-se; são as duas metades do homem, e tu ias ceder á primeira, desrespeitando as leis necessarias da segunda” (112), diz a si mesmo o moço, para se curar do amor desigual.

E Estela, em quem o orgulho vence a ambição, nada faz para prende-lo. Ao contrario, afasta-o e se sacrifica ao que julgava ser o seu dever, não arrastando a uma união inferior o filho da sua bemfeitora.

(112) Yáyá Garcia pg. 68.

Correm os anos, e este vem a se casar com a enteada da primeira amada, também moça modesta, mas que não se prende a tantos preconceitos, e por isso é feliz, e obtém o que á outra parecera impossível.

Guiomar e Yáyá Garcia, que sacrifica a madrasta — as ousadas, as calculistas, triunfaram; Helena e Estela, as delicadas, as altivas, fracassaram.

Durante os quatro anos que medearam entre a publicação de A Mão e a Luva e a de Yáyá Garcia, Machado de Assis revolveu sem parar o problema da ambição. Buscou, pensou, esquadrinhou, virou e revirou, examinou-o de todos os modos e geitos, analisou-lhe todos os aspectos, e acabou concluindo tacitamente pela sua legitimidade.

Seria um mal em si — mas era um bem dentro das condições da vida humana. Com essa conclusão deve ter satisfeito e fortalecido o seu relativismo.

E respirou, aliviado, justificado aos proprios olhos, livre afinal das garras do remorso.

Como os naufragos que, agarrando-se aos seus salvadores, os podem arrastar á morte, o seu passado o teria inutilizado se não o regeitasse. A luta contra ele fôra a luta pela existencia. Venceria, ou seria vencido. Não podia ter agido de outro modo. Com que satisfação deve ter ele posto o ponto final em Yáyá Garcia, rematando o ciclo da ambição,

Agora despejara tudo o que fermentava dentro dele, tudo o que ainda o prendia ao passado.

Estava livre. Tão livre que pôde, muito mais tarde, retomar o tema da ascensão de classe sem o misturar á sua propria historia.

Na Estação appareceu em 1885 uma novela sua, intitulada Casa Velha, onde a principal personagem feminina é uma joven cuja historia e o carater apresentam grandes semelhanças com o de Helena. Pois nesse pequeno romance, que não é aliás das boas paginas de Machado, não ha nenhum toque auto-biografico.

A libertação fôra completa.

E só então vae poder começar realmente a sua atividade creadora, dar a medida do seu poder de romancista.

Esses tres romances, embora superiores a Ressurreição e aos primeiros livros de contos, ainda têm mais valor psicologico do que artistico.

Nessa fase Machado de Assis ainda não estava seguro dos seus recursos, ainda não encontrara a sua maneira. Os "clichés" românticos, a que se prendeu, de algum modo o inibiram.

Em A Mão e a Luva, romance de observação e de analyse, o estilo destôa positivamente da idéa. Tentou fazer dissecção com flores de retorica.

Para pintar, por exemplo, o feitio ambicioso de Guiomar, lança mão de metáforas ao gosto da época: "Sua natureza exigia e amava as flores do

coração, mas não havia esperar que as fosse colher em sitios agrestes e nús, nem nos ramos do arbus-to modesto plantado em frente de janela rustica. Ela queria-as belas e viçosas, mas em vaso de Sê-vres, posto sobre movel raro, entre duas janelas urbanas, flanqueado o dito vaso e as ditas flores pelas cortinas de cachemira, que deviam arrastar as pontas na alcatifa do chão (118).

Tudo isso, para dizer que a moça não se conten-taria com uma vida modesta... Como estamos longe da sobriedade, da precisão do Braz Cubas, que, entretanto, sairá d'aí a seis anos apenas.

Em Helena, encontramos a mesma narrativa floreada e indireta; como, porém, o tema foi tam-bem saturado de romantismo, o acordo é maior en-tre ele e o estilo, ha mais harmonia.

Já em Yáyá Garcia começa a aparecer o ver-dadeiro Machado de Assis. O tipo de Luiz Garcia, sobretudo, é traçado com uma admiravel nitidez de linhas.

As situações são naturaes e naturalmente des-critas, sem aqueles arroubos e exageros dos primei-ros livros, tão fóra do feitio de Machado.

Se Yáyá Garcia ainda não é um grande roman-ce, se lhe falta sobretudo coesão, já é de uma qua-lidade muito superior aos outros, porque nele já Machado se libertára do romantismo.

Não ainda aquela libertação interior que o levará a analisar homens e fatos com a curiosidade e a frieza de quem não se espanta de cousa alguma, porque não descobre nenhum sentido na vida humana.

Ao contrario, em Yáyá Garcia ainda ha uma etica — a etica do romantismo. Ha personagens nobres e personagens vilãs. Ha um certo simbolismo de tipos, Yáyá é a ingenua, Estela a orgulhosa, Luiz Garcia o ceptico, Jorge o voluvel, Procopio Dias o libertino.

Mas — aí é que reside o progresso de Machado de Assis, progresso que é uma prova evidente da importancia do estilo — a lingua se ajusta estreitamente ao assunto. Não o sobrecarrega, nem o floreia.

Foi portanto apenas exterior, apenas de forma a sua libertação do romantismo em Yáyá Garcia. Não se sacrificou mais a canones de escola, achou os meios proprios de expressão.

Machado de Assis que, nos folhetins, tão cedo se formara como escritor, tateou muitos anos para conseguir encontrar nos romances o estilo proprio.

Talvez tenha sido a sua grande admiração por José de Alencar que lhe retardou a eclosão da personalidade como romancista. Inconscientemente procurava adaptar-se aos modelos do seu grande antecessor no romance brasileiro. Constrangia-se com isso, e se diminuia.

Alencar morreu em Dezembro de 1877; Yáyá Garcia, que marca tanto na evolução literaria de Machado, saiu em 1878. A proximidade das duas datas torna provavel a hipotese da influencia de José de Alencar no romantismo expressional dos livros anteriores. Não entraria nesse mimetismo a menor intenção de imitar; seria apenas um efeito da admiração por um escritor consagrado, por um amigo querido e respeitado.

A influencia de José de Alencar é tambem visivel em Americanas, poesias indianistas sem maior valor do que a perfeição da metrica, aparecidas em volume em 1875.

De qualquer modo, só em Yáyá Garcia Machado de Assis se mostra senhor dos seus instrumentos de expressão como romancista e preparado para a criação, para os grandes livros que se seguirão agora até á sua morte. Ainda terá que abrir mão de uma cousa: da confiança nos homens, ou pelo menos nos sentimentos.

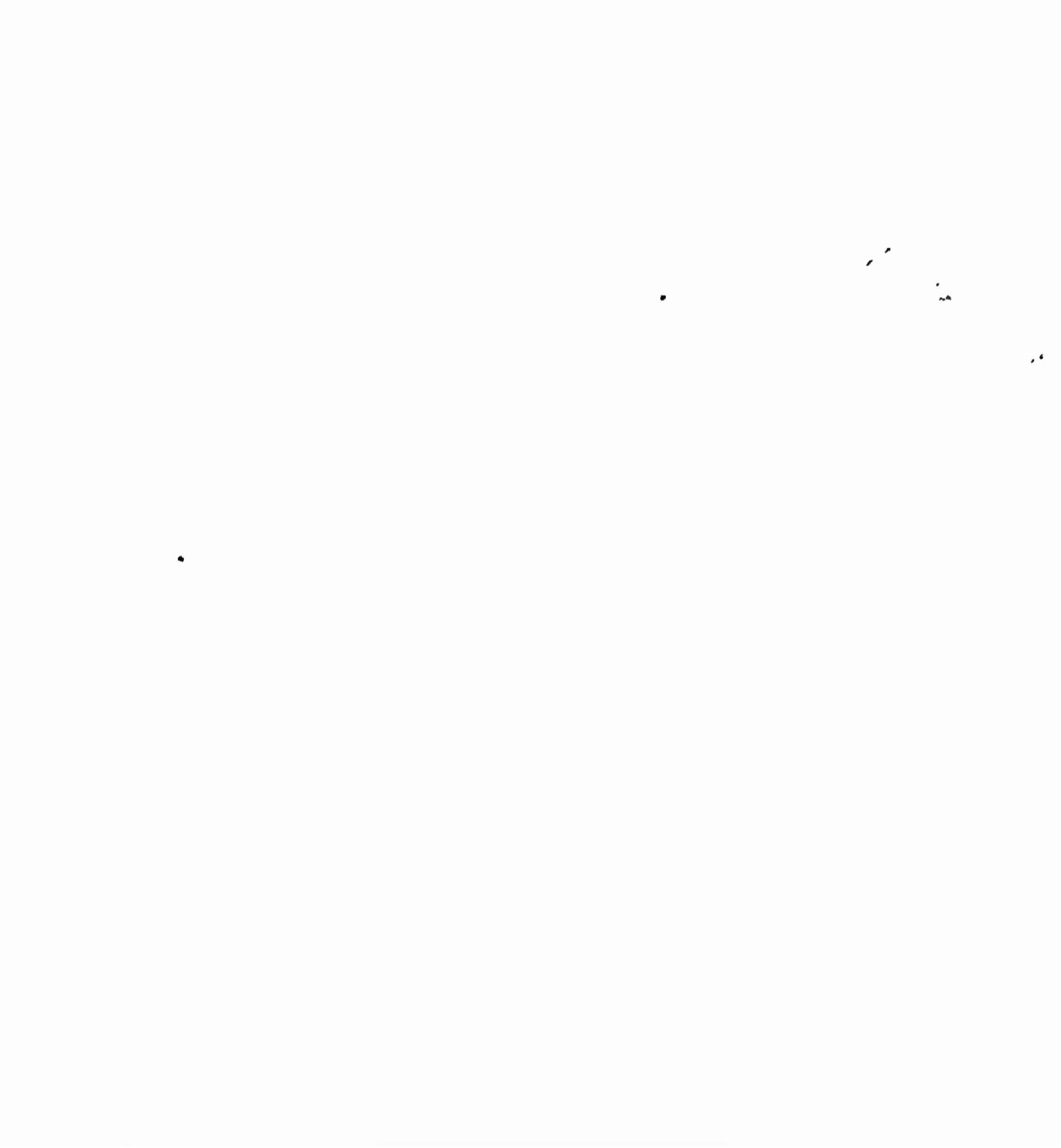
Real ou convencional, até Yáyá Garcia ha nele como que uma ordenação dos valores em relação a um absoluto, a um Bem e a um Mal.

Depois, as maiusculas desaparecem moralmente da sua obra. Tudo se torna relativo, contigente. As creaturas perdem completamente a direção, não obedecem mais a nenhuma idéa preestabelecida. Vivem sem quê nem para quê, aos olhos desse pessimista que não foi um revoltado, porque não

via motivos de revolta na falta de sentido da vida. Aceitou-a como um fato consumado.

E então, desafogado pelas confissões veladas, livre de preconceitos de escola, não guardando mais sobre a humanidade a menor ilusão, desvalido de qualquer crença, ele como que se despiu de tudo, para ser apenas um cerebro em atividade, um observador gratuito, um raciocinio implacavel.

Só quando chegou a esse despojamento total é que começou a construir, depois dos quarenta anos.



CAPITULO XII

RECOLHIMENTO

A DOENÇA — NOVA FRIBURGO — INFLUENCIA CAPITAL DESSE RETIRO NA SUA VIDA — CONTATO COM A NATUREZA — A GENESIS DO BRAZ CUBAS — A GRAZIELA — O CASO AMOROSO.

Em 1878 deixou Machado de Assis todas as suas colaborações da imprensa. A *Semana Ilustrada* já terminára desde 1876 e a *Ilustração Brasileira* foi suspensa em 1878 por dificuldades financeiras de Henrique Fleiuss, que fizera um máo negocio com a revista, muito luxuosa para o publico de então.

Tambem o Garnier cessou a publicação do *Jornal das Familias*.

No *Cruzeiro* ele anda escreveu até Setembro de 1878, mas nesse momento interromperam-se as colaborações de Eleazar.

Tivera um ano muito trabalhoso, pois além dos multiplos encargos literarios e das occupações na Secretaria, fazia parte da Comissão de Reforma da Legislação das terras, cujos trabalhos terminarão pela publicação, em 1886, de um volume intitulado "Terras, compilação para estudo da Secretaria de Agricultura", parece que inteiramente redigido por Machado de Assis.

Não aguentou o excesso de atividade.

Sua saúde, sempre debil, passou nesse momento por uma crise mais grave. Além dos incomodos nervosos, sofria então de uma afecção intestinal, que o abateu e impressionou ao ponto de dizer a um companheiro de trabalho: "Vou caminhando a passos largos para uma tísica mesenterica" (114).

Obrigou-o a molestia a interromper igualmente os seus trabalhos na Secretaria, tendo o Ministro Rodrigo Augusto da Silva permitido que se tratasse sem licença. Mas não melhorando, Machado viu-se obrigado a pedir em Dezembro tres meses de licença.

Sairam então do Rio, ele e Carolina, indo para Nova Friburgo, o lugar que sempre escolheram para descansar.

Era a primeira vez em toda a sua vida que Machado de Assis gosava de ferias.

Desde meninote, desde que fôra baleiro em S. Cristovão, nunca soubera o que fosse ficar á tôa, sem ter o que fazer. Sua vida se desenrolara toda sob o signo do trabalho, da obrigação a cumprir, da hora marcada.

Agora, máo grado seu, ia descansar.

Ia doente e abatido. Interrompia os habitos de trabalho e de convivencia intelectual.

(114) Carta de Carlos Leopoldo de Almeida, constante do Arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Embora, no momento, não existisse nenhuma das sociedades literarias em que andou sempre metido, devia ter um ponto e um grupo habituaes.

Um ano antes, por ocasião do falecimento de Alencar, havia combinado com Octaviano, Taunay e mais alguns, a fundação de um Centro Literario que teria por patrono o morto illustre. Falhou a tentativa, mas o espirito associativo nem por isso diminuiu em Machado.

As livrarias, as capelas literarias, os pequenos cenaculos eram o seu ambiente natural. Nunca concebera a existencia sem o contáto diario e forçado das cidades, sem o espetaculo da vida dos outros, sem as conversas, sem as novidades quotidianas.

E, de repente, teve de se separar de tudo isso e se meter sosinho com Carolina, num lorarejo perdido nas montanhas.

Como teria reagido á solidão o seu espirito deprimido pela molestia?

Esse retiro forçado parece ter sido de grande importancia na sua vida. Entre Yáyá Garcia e as Memorias Postumas de Braz Cubas, entre o romancista mediocre e o grande romancista, existiu apenas isso: seis meses de doença, de Outubro de 1878 a Março de 1879, tres dos quaes passados na roça.

Moleque do morro, operario, jornalista, empregado publico, Machado de Assis era um tipico produto do solo carioca. Aos quarenta anos ia, pela

primeira vez, entrar em contáto com a natureza, com essa natureza que o acusam, com algum exagero, de haver completamente banido dos seus livros.

Sem duvida, não ha neles nada de descritivo, nada de plastico. Temperamento introspectivo, Machado de Assis era mais auditivo do que visual. A musica o empolgava, mas a forma o deixava frio, a não ser quando correspondia a um estado interior, como numa bela mulher, que lhe sugerisse imagens amorosas. Fóra disso, não o impressionava. Desse seu feitio resultou o seu unico defeito como escritor, a monotonia, a ausencia de colorido.

Mas não era indiferente á natureza; amou apaixonadamente as flores, especialmente as rosas, que cultivou com carinho na sua casa do Cosme Velho. E a paisagem, sentia-a subjectivamente, mas fortemente, a seu modo, que era o de Amiel, compreendendo-a como uma projecção do homem, do seu estado d'alma.

Quando a natureza se harmonizava com a creatura humana, e como que a completava, ele a entendia. "Toda alma feliz é panteista; parece-lhe que Deus lhe sorri de dentro da flor que desabrocha, do fundo da agua que serpeia murmurando e até de envolta com o cipó humilde e rústico, ou no seixo bronco e desprezado do chão, "diz em a Mão e a Luva.

Trechos como este são frequentes na sua obra; o homem é feliz, ri-se a natureza engalanada; se ele sofre, as cousas se entristecem.

No conto *Uma Senhora*, ainda explica melhor o seu modo de entender a paisagem.

“Era de manhã, D. Camila estava no espelho, a janela aberta, a chacara verde e sonora de cigarras e passarinhos. Ela sentia em si a harmonia que a ligava ás cousas externas. Só a beleza intelectual é independente e superior. A beleza física é irmã da paisagem. D. Camila saboreava essa fraternidade íntima, secreta, um sentimento de identidade, uma recordação da vida anterior no mesmo utero divino” (115).

Justamente porque cria na origem comum do homem e da paisagem, ambos filhos da mesma Natureza, “mãe e inimiga”, manifestações aparentes do mesmo princípio eterno, é que se revoltava com a indiferença de uma pelos tormentos do outro.

Das lagrimas que Xerxes, o tirano, verteu um dia, por compaixão, pensando no breve fim dos seus soldados, imaginou Machado de Assis que a natureza fizera uma estrela.

“Essa estrela feita das lagrimas que a brevidade da vida arrancou um dia ao orgulho humano ficará pendente do ceu como o astro da ironia, luzirá cá em cima sobre todas as multidões que passam, cuidando não acabar mais e sobre todas as cousas construídas em desafio dos tempos. Onde as bodas cantarem a eternidade, ela fará descer um dos seus raios, lagrima de Xerxes, para escrever a palavra da extinção, breve, total, irremesível. Toda epifania recaberá esta nota de sarcasmo” (116).

(115) *Historias sem data* pg. 126.

(116) *Paginas recolhidas* pg. 109.

Companheira docil, reflexo do homem, ou sua inimiga “de boca dura, gelada e sardonica” eis o que Machado de Assis via na natureza.

No fundo, essa racionalista tinha muito de animista, do animismo do homem primitivo, herança talvez dos seus avós africanos.

Doente, deprimido, pensando mesmo na possibilidade da morte próxima, ei-lo que se vae defrontar pela primeira vez com a paisagem silvestre e risonha de Nova Friburgo, desvalido da convivencia citadina a que se habituára, incapaz do trabalho intelectual para que sempre vivera.

A presença amiga de Carolina terá podido lutar contra o desanimo que se deve ter apoderado dele?

Desde menino, trabalhara duramente, para conquistar o seu lugar ao sol. E o conseguira. Ainda não tinha completado quarenta anos, e, volvendo os olhos para o passado, via uma longa carreira, quasi um quarto de seculo de vida literaria. Á custa de muitos esforços, lutando contra o peor dos inimigos, a doença insidiosa e implacavel, contra a pobreza, contra a maldição da côr humilhante, ia vencendo.

E agora, que aplainara todas as dificuldades, a ameaça do fim, do nada, do grande silencio. Para que então ter nascido? A que o conduzia a existencia? Sofrimentos, ambições, triunfos, que significava isso tudo? E depois da noite mal dormida, ruminando todas essas cousas, via uma aurora como nunca vira na cidade. Como ao Estacio, o infeliz

apaixonado de Helena, “nunca a manhã lhe pareceu mais rumorosa e jovial, nunca o ar apresentára tão fina transparencia nem a folhagem tão lustrosa côr. Da janela a que se encostára, via as flores de todos os matizes, quebrando a monotonia da verdura, e enviando-lhe, a ele, uma nuvem invisível de aromas: aspeto de festa e ironia da natureza. Achava-se ali como um saímento em horas de carnaval” (117).

E a revolta o pungia, apertava-o nas suas garras de fogo. Revolta contra o céu implacavelmente eterno e azul, revolta contra um destino cego, revolta contra os homens que não compreendiam a inanidade de tudo, que se tinham na conta de seres livres quando eram títeres, que acreditavam em palavras vãs, tomando-as como realidades. Dever, justiça, liberdade, mal, bem... fantasias com que o comum dos homens mascarava a sua impotencia deante da vida, essa louca; meras palavras.

Quem tinha razão era o seu velho amigo Shakespeare: words, words, words...

No naufragio de tudo, só uma cousa se salvava: a intelligencia, que fazia o homem compreender a sua fraqueza. Pascal, outro espirito que frequentava intimamente (118), tambem tinha razão. Se se erguesse, continuaria a escrever, não mais os pequenos

(117) Helena pg. 243.

(118) “Desde cedo, li muito Pascal... e afirmo-lhe que não foi por distração”. Carta a Joaquim Nabuco, publicada por Fernando Nery.

conflitos das creaturas humanas, as suas incompreensões reciprocas como fizera até então, mas o grande conflito do homem com a vida.

Teria, porém, forças para fazel-o? O clima de Nova Friburgo lhe ia restaurando a saude, lentamente, pois em Fevereiro pediu mais um mês de licença.

Mas afinal se restabeleceu: "A mim, esse lugar, para onde fui cadaverico ha uns dezessete anos, e donde sai gordo, ce qu'on appelle gordo, ha de sempre lembrar com saudades" escrevia ele em 1897 a José Verissimo aludindo a Nova Friburgo. E realmente, apesar da crise moral, ha de ter, sob certos aspetos, guardado saudades da calma desse retiro amenizado pelo carinho da mulher.

Sofria, porem, de outro mal, alem da molestia interna, de um mal particularmente penoso para ele: tambem os olhos estavam doentes, interdizendo-lhe as leituras e o trabalho.

Mas, sempre solicita, Carolina lhe substituia a vista, lendo para ele, escrevendo o que lhe ditava. Carolina, a creatura quasi perfeita, que o fazia, desprezando a especie humana, ter de amar os homens, foi quem o prendeu á vida, nessa hora de desespero, suavizando-lhe a convalescença penosa.

"Ele via as cousas pelos seus proprios olhos, mas se estes eram ruins ou doentes, quem lhe dava remedio ao mal fisico ou moral era ela" escreverá ele, mais tarde, no diario de saudades que é o memorial de Aires.

Tres meses passaram eles em Nova Friburgo, tres meses durante os quaes se restabeleceu a saude de Machado de Assis, e se robusteceu o seu talento de romancista, encontrando afinal o filão riquissimo da sua verdadeira inspiração. Sem duvida, a evolução já se vinha lentamente esboçando, mas a doença e o recolhimento a apressaram e a aprofundaram.

Meses de meditação, de retiro, de sofrimento, mas tambem de doce intimidade de alma com Carolina, de descanso do corpo, de preparação para a grande fase da sua carreira.

Durante esses meses passaram os dois por um grande susto. Esse casal sem filhos se tinha afeiçoado exageradamente a uma cachorrinha.

Chamada Graziela como a heroína de Lamartine, era de raça tenerife e conhecia todos os mimos dos cães de regaço. Dormia numa cesta acolchoada, comia da mão dos donos, vivia disputada por Machado e Carolina. Pois esse bichinho, que ficara com a criada na casa para onde se haviam mudado pouco antes da viagem, na rua do Catete em frente á atual rua Machado de Assis, desapareceu um dia, máo grado a vigilancia da empregada. Logo os telegramas correram entre o Rio e Nova Friburgo, e Machado mandou anunciar em todos os jornaes que daria cem mil reis de gratificação a quem lhe restituisse a fugitiva. Felizmente foi encontrada, e ainda viveu por muitos anos para enlevo dos amos. Morreu de velha, cega, pelada, sem dentes, e Machado lhe com-

prava no Pascoal uns biscoitos especiaes, bem macios, e Carolina lhe cosia agasalhos. Enterraram-na no quintal da casa do Cosme Velho, numa sepultura cercada e coberta de flores, como a do Quincas Borba.

No memorial de Aires, Graziela tem o seu lugar, mas Machado narra-lhe a vida e a morte pondo todo o carinho á conta da mulher, como se se envergonhasse de haver levado tão a serio o bichinho.

Interessante é notar que, anos antes, em Contos Fluminenses, Machado descrevia o desaparecimento de uma cachorrinha, Miss Dollar, com o mesmo susto das donas, os mesmos anuncios nos jornaes. Tambem na primeira versão do Quincas Borba, publicada na Estação, ha uma fuga do cachorro, com as mesmas circumstancias.

Voltando de Nova Friburgo, em principios de março, Machado de Assis encontrou, com o mesmo prazer, a Graziela e os habitos antigos, a Secretaria, as livrarias, os amigos.

Nem tudo era inteligencia, neste intelectual... nem tudo era fastio nesse ceptico, nem tudo era frieza, nesse raciocinador.

E, sobretudo, nem tudo era literatura para ele. Na sua vida, toda voltada para a sua arte, dominada por ela, nunca fez literatura. Viveu como um homem qualquer, gostando da mulher, dos seus habitos, dos cachorros, do convivio humano, da cidade onde nascera.

Como lhe deve ter agradado rever o Rio, depois dessa primeira separação. Aqui, com a poeira das ruas, os bondes de burro, o piano das meninas nos bairros tranquilos, os pregões dos vendedores ambulantes, ele estava no seu elemento.

Ao chegar, não retomou logo a atividade literaria, porque, se o estado geral melhorára, os olhos continuavam fracos.

Mas não estava privado do seu grande prazer, a leitura; tinha Carolina para suprir-lhe a vista, para ler-lhe os jornaes sem os quaes não podia passar, para delicia-lo com as grandes obras que juntos admiravam.

Uma senhora, então moradora da redondeza, se lembra de ter, por essa epoca, visto muitas vezes, junto á janela da casa da rua do Catete, que era baixa e de frente para a rua, o casal sentado, de mãos dadas, ela lendo alto para o marido (119).

O Dr. Hilario de Gouveia, que foi o seu medico nessa doença, ao lhe dar pesames pela morte da mulher, recordava a inalteravel solicidade de Carolina durante essa grave e longa molestia (120).

Entretanto, em outubro de 1879, ele começava a colaborar na Revista Brasileira, cuja segunda fase se iniciou então.

(119) D. Fanny de Araujo.

(120) Carta pertencente ao arquivo da Academia Brasileira de Letras.

Publicou aí a Nova Geração, estudo que lhe valeu a animosidade de Silvio Romero.

Foi esse dos ultimos trabalhos criticos de Machado de Assis, que, com a idade, se foi tornando cada vez mais prudente. Até então, mesmo depois de abandonar o Diario, fazia critica aqui e ali, sempre com grande elevação e independencia; depois, limitou-se a um ou outro prefacio elogioso.

Um ano antes, no Cruzeiro, analisara com rara penetração e franqueza o Primo Basilio e a chamada escola realista, produzindo uma das melhores paginas da critica brasileira. Desmontou o romance, poz-lhe á mostra a trama inconsistente e falha.

Pois bem, poucos meses depois, Eça de Queiroz o constituia, por intermedio de um amigo comum, defensor dos seus direitos autoraes, que estavam aqui sendo burlados por edições clandestinas do Primo Basilio (121).

Superioridade mostrou Eça nessa attitude, e o apreço em que tinha Machado de Assis, cujas restrições, haviam sido, aliás, feitas com o tato costumeiro.

Tambem na Revista Brasileira saíram varias poesias mais tarde recolhidas em Occidentaes e que mostravam que o poeta, como o romancista, chegara ao apogéo. Suave Mari Magno, Uma creatura,

(121) Carta de A. Monteiro de Sousa, datada de Lisboa, 27 de Julho de 1878, pertencente ao arquivo da Academia Brasileira de Letras.

O desfecho, no Alto — as suas grandes poesias — são dessa epoca.

E logo em março de 1880 começa na mesma revista, a publicação de Memorias Postumas de Braz Cubas.

O grande artista ia afinal se revelar nesse livro admiravel na composição e na execução, que, entretanto, foi ditado a Carolina (122).

Nada dá melhor a medida da rara comunhão desse casal do que a elaboração de Braz Cubas. Só a uma secretaria que fosse um outro eu poderia Machado ter ditado esse romance cuja simplicidade perfeita de forma deve ter sido o resultado de longas e pacientes procuras, e cujo fundo punha a nú a alma do autor.

Para esse bicho de concha, esse introvertido, haver ousado pensar em voz alta um livro assim, era preciso que se sentisse absolutamente identificado com Carolina.

E entretanto... Ao menos uma vez parece Carolina ter tido razão de ciume. Uma mulher inteligente e bela passou, pela vida de Machado não sei se nesse momento, ou pouco mais tarde. Quem seria ela? Até que ponto seriam fundadas as suspeitas de Carolina? (123).

(122) Segundo informações de D. Sara Costa e de D. Fanny Martins Ribeiro de Araujo.

(123) Aludiu a isso, sem maiores minucias, D. Fanny Martins Ribeiro de Araujo, amiga de Carolina.

Habitualmente tão reservado, Machado de Assis, nesse caso, ha de ter redobrado de cautela, e um veu de misterio encobre a figura dessa amada cujos encantos não lograram entretanto desfazer o seu lar tão solido, afasta-lo da sua Carolina, a companheira, a amiga, a confidente, a alma irmã.

O amor espurio veio e passou, sem deixar vestigios na sua vida. E, na obra, só talvez o Dom Casmurro o lembre. Nos outros livros não ha indicios da sua influencia. Mesmo a sensualidade que transparece sob o seu recato, não foi essa desconhecida que a despertou, pois é uma nota constante, desde o primeiro livro, apenas mais perturbadoramente executada nos ultimos, quando o artista se tornou senhor de todos os seus recursos de expressão.

E Carolina lhe vae inspirar a obra prima do Memorial de Assis, como inspirou, mais veladamente embora, o grande carinho do romancista pelas mulheres puras e boas, pela mãe do Bentinho, pela Natividade de Esaú e Jacob, por todas essas mães e esposas admiraveis, que são, nos seus livros, a encarnação e o penhor da dignidade humana.

Amor dos sentidos, perigoso amor do homem que começa a envelhecer, ou entusiasmo passageiro, admiração intelectual, a desconhecida de Machado de Assis permanece desconhecida mesmo atravez da sua obra tão confidencial.

Foi um caso, um incidente, e nada mais.

CAPITULO XIII

MATURIDADE

SITUAÇÃO DE DESTAQUE — A SUA POSIÇÃO NAS
LETRAS E NA SECRETARIA — TRANQUILIDADE DE
VIDA — FORMALISMO — PROJEÇÃO.

Com a publicação de *Memorias Postumas de Braz Cubas* e dos primeiros *Cantos Ocidentaes*, nome que a principio deu ás *Ocidentaes*, atingiu Machado de Assis a culminancia da sua carreira.

D'af em diante, vae se manter no mesmo nivel, mas não subirá mais alto — o que, aliás, seria difficil. Encontrara o artista a forma perfeita, realizára completamente a sua inspiração.

Agora, era só continuar, e recolher os louros que de toda parte lhe vinham chegando.

As *Memorias Postumas de Braz Cubas*, editadas na *Imprensa Nacional* — lá onde ele mourejara como aprendiz tipografo pouco mais de vinte anos antes — foram acolhidas com o entusiasmo que mereciam.

Se nunca foi, como não é e nunca será, um escritor de grande publico, Machado de Assis se impoz desde o *Braz Cubas* á admiração dos letrados.

Os seus contos da *Estação*, revista quinzenal, onde de 1881 a 1893 raramente deixou de apparecer, constituíam as delicias do publico capaz de o compreender.

De toda parte lhe chegavam os écos dos seus triunfos; basta, para mostrar a sua consagração literaria, dizer que em 1883 já funcionava em Itajubá uma biblioteca publica com o seu nome. Aplausos anônimos, ou de desconhecidos, lhe vinham de todos os quadrantes.

Era o prestigio, era a gloria.

Em 1880 é convidado oficialmente para tomar parte nas Conferencias de Historia e Geografia do Brasil; no ano seguinte, querendo comemorar o terceiro centenario da morte de Camões, o Gabinete portuguez de Leitura recorre a ele para escrever uma peça sobre o poeta, fa-lo seu socio honorario.

Vinte e poucos anos antes ele entrava lá, mocinho timido e humilde, á procura dos livros que não podia comprar.

Tambem na Secretaria da Agricultura a sua situação era de destaque.

Em 1880, sendo ministro o Conselheiro Buarque de Macedo, foi chamado para official de gabinete. Morrendo aquele, em Minas Geraes, repentinamente, substituiu-o Pedro Luiz, então Ministro dos Negocios Estrangeiros, que acumulou as duas pastas. Era amigo de Machado de Assis desde a mocidade, seu companheiro de jornalismo. Não só conservou-lhe as funções no gabinete, como o cercou do prestigio da sua amizade. As relações entre o Ministro e o seu subordinado foram as que se podem aquilatar pelas seguintes cartas:

Meu Assis:

Vou aos Estrangeiros e depois serei contigo. Escreve duas linhas ao A. A. Monteiro de Barros e ao Glaziou para que venham falar-me um ás 2 1/2 e o outro ás 3, ou então das 3 1/2 ás 4 1/2, já se sabe aí na Secretaria. Até logo.

Teu — Pedro Luiz

Ou, então, numa hora de abertura:

Assis. — Peço-te que venhas conversar comigo aqui em casa do Dantas. E' urgente. Estou tonto, meu amigo. Que fatalidade!

Teu amigo

Pedro Luiz.

Comumente, ia Machado trabalhar com ele em casa, ou simplesmente conversar, depois do jantar. E sempre, para que se sentisse á vontade, Pedro Luiz punha ao seu dispôr um daqueles confortaveis paletós de brim branco que foram tão do agrado da sua geração, obrigada ao uso do fraque.

Aí se encontrava Machado de Assis com Martim Francisco, Octaviano, e os jovens Rodolfo Dantas e Joaquim Nabuco, seus grandes admiradores (124).

(124) Essas informações, bem como as cartas de Pedro Luiz, estão no volume de "Dispersos" de Pedro Luiz, editado pela Academia Brasileira de Letras.

Um ambiente de admiração começou a cerca-lo. Os moços o rodeavam, espiando-o de longe na loja do Lombaerts, o editor da Estação, onde, nessa época, fazia ponto depois da Secretaria, pedindo-lhe autografos, mandando-lhe livros, sequiosos da sua aprovação e dos seus conselhos.

Ferreira de Araujo, que então fazia da Gazeta de Noticias o melhor jornal da época, reclamava-lhe a colaboração.

Desde 1882 escreveu para lá, esporadicamente, publicando alguns dos seus admiraveis contos; pouco depois, em 1884, sob o pseudonimo de Lelio era um dos redatores da Seção de Balas de estalo, onde fazia comentarios ligeiros do genero dos que escreveu mais tarde na Semana; e em 1886 começou a publicar com o titulo de A + B e o nome de João das Regras, pequenos dialogos do mesmo têor. No mesmo ano, no mesmo jornal, foi ainda o Malvolio das cronicas em verso intituladas Gazeta de Holanda.

Dessa época, a sua colaboração, mais importante é a da Estação; nesse jornal, mixto de revista mundana e figurino, saiu a maior parte dos seus contos, muitos dos quaes aí jazem esquecidos. Entre outros aquele admiravel Alienista foi publicado lá, de cambulhada com modelos de vestidos e noticias de festas no Casino Fluminense.

Entre 1883 e 84 escreveu tambem para a Gazeta Literaria, revista quinzenal que durou alguns meses, alguns contos qua depois apareceram nas suas coletaneas, á exceção de um, Vidros quebrados.

Mas, se a situação de Machado era a melhor possível, a saúde continuava incerta.

Em Janeiro de 82 vemo-lo de novo em Nova Friburgo, com licença de tres meses "afim de restaurar as forças perdidas no trabalho extraordinario que teve em 1880 e 1881", como escrevia a Joaquim Nabuco.

Dessa vez parece ter consolidado tanto quanto possível a saúde, pois só sairá de novo do Rio muito mais tarde, para acompanhar a mulher enferma. Mesmo no verão aqui ficava, contentando-se com ir, nas noites mais quentes, dormir num hotel em Santa Tereza.

Por um largo periodo, os unicos acontecimentos da sua vida vão ser os livros.

Em 1882 saía um volume de contos, Papeis Avulsos, em edição da casa Lombaerts, e em 1884 dava ao Garnier, que d'aí em diante passou a ser seu unico editor, as Historias sem data. Em ambos recolheu algumas das colaborações da Estação, de permeio com trabalho ineditos, tendo incluido tambem no primeiro o conto a Chinela Turca, que fôra publicado na Epoca de Joaquim Nabuco.

Já então morava na casa em que morreu, no Cosme Velho, para onde se mudara em 1883.

Era um chalet assobradado, em centro de jardim, casa típica do Rio do seu tempo, do Rio que vive na sua obra.

Nesse mesmo ano, o grande escritor, o homem que, pela pureza da lingua e finura intelectual, chegava a uma situação eminente, tomava aos quarenta e quatro anos, o primeiro professor pago de toda a sua vida: um mestre de alemão, lingua que se meteu a estudar com afinco, e veio a ler e escrever corretamente.

Até 1897, quando passou pelo grave desgosto de se ver aposentado á força, conheceu anos de sossego, de vida calma e regular, entre o carinho de Carolina e a admiração dos amigos, entre os livros que compunha e os que lia, entre as suas flores e os seus cachorros.

A não serem os acessos do mal impiedoso, nada o perturbava.

A vida tinha aquele ritmo regular que lhe era caro.

Levantando com o sol, aproveitava para escrever as primeiras horas da manhã; depois, quando Carolina se erguia, tomavam juntos o café, e juntos passeavam pelo jardim. "E" meu costume levantar-me cedo e ir ver as belas rosas, as frescas murtas e

(125) A Semana (Gazeta de Noticias). Esse folhetim, que não traz data, faz parte do arquivo da Academia Brasileira de Letras. Aí existem muitas crônicas da Semana, umas mandadas copiar na Biblioteca Nacional por Mario de Alencar, outras recortadas do jornal e coladas em folhas de papel, com todos os erros tipográficos emendados por mão feminina, certamente a de Carolina.

as borboletas que de todas as partes correm a amar ao meu jardim. Tenho particular amor ás borboletas” (125).

Em seguida, até a hora do almoço, era a leitura dos jornaes, cousa muita importante para esse atento espectador da vida humana, que se deliciava com os anuncios e os flagrantes dos fatos diversos.

À tarde, depois da Secretaria e da habitual conversa com os literatos — no Lombaerts, pelas alturas de 1880, em seguida na Semana ou na Revista Brasileira, e por ultimo no Garnier — voltava para casa a tempo de jantar sem luz, sem sol, e sem moscas, como sempre recomendava. Ao descer do bonde, já avistava a figura de Carolina, que o esperava lendo por detraz da vidraça fechada.

Um pequeno passeio a pé, com a mulher, e depois a conversa em casa do Barão Schmidt Vasconcelos, ou algum outro vizinho, as partidas de gamão e de xadrês, nas quaes frequentemente se irritava e discutia.

Chegavam invariavelmente ao soar das oito horas, Carolina risonha e expansiva, Machado com o seu ar embuçado (126). E ás dez se despediam. Mas não dormiam logo. Tomavam chá, bebida predileta de Machado, e ficavam os dois, de mãos dadas, corações abertos, a conversar até depois das

(126) Recordações de D. Francisca Basto Cordeiro, filha dos Barões Schmidt Vasconcelos.

(127) Memorial de Aires pg. 139.

onze, nas “cadeiras de balanço, unidas e trocadas, em forma de conversadeira, onde costumavam passar as horas solitarias” (127).

A casa seria mais confortavel do que a dos primeiros anos do casamento, com duas creadas, moveis simples e commodos, um ou outro quadro, bons livros, alguns em edições de luxo, mas o ambiente era o mesmo, de aconchego e de simplicidade digna. Tudo tranquilo.

O equilibrio de Carolina, o seu bom humor, o seu “rir de dentro tão simples, tão franco” (128) eram para a atmosfera moral o mesmo que suas mãos prestimosas para o aspeto material: alegravam, clareavam, embelezavam.

Vida modesta e boa, ao abrigo de todas as surpresas — menos das surpresas penosas que viviam suspensas sobre a cabeça de Machado, do mal cruel e sorrateiro.

Nesses momentos, ele não queria ter ninguem junto de si — a não ser Carolina. É que “os anos tinham ali reforçado e apurado a natureza e que as duas pessoas eram, ao cabo, uma só e unica (129).

Fôra disso, e do cepticismo amargo que vasava em seus livros, nada o atormentava.

Depois da atração pela desconhecida voltou ao amor de Carolina.

(128) Memorial de Aires pg. 159.

(129) Memorial de Aires pg. 16.

(130) Memorial de Aires pg. 27.

“Queriam-se, sempre se quizeram muito, apesar dos ciumes que tinham um do outro, ou por isso mesmo” (130).

Essa frase do Memorial de Aires não será ainda uma explicação postuma dada a Carolina, como a dizer-lhe que haviam sido filhas do zelo excessivo as lagrimas que lhe arrancara a admiração do marido pela bela misteriosa?

E não mentia Machado; também ele tinha ciumes dessa mulher cinco anos mais velha do que ele, que nunca, nem na mocidade, fôra bonita. Não a deixava sair só, e ia até o extremo de proibir-lhe, já velho, as idas a casa de umas amigas de cujo primo, rapaz de vinte anos, tinha ciumes.

A não ser para as visitas na vizinhança, e um ou outro concerto, pouco saíam.

Mesmo á missa, embora crente, Carolina com o tempo, foi deixando de ir, para não se separar do marido.

Pela boca do velho Aguiar, Machado conta como substituiu ela a ida á igreja:

“Ao domingo, á mesma hora, antes de catar noticias nas gazetas, pega em si e no livro; e acompanha a missa toda. Eu, que já sei a hora, não a perturbo nunca; se me acontece por acaso entrar no gabinete onde ela tem o seu altarzinho e o seu Christo recuo a tempo, mas não lhe arranco os olhos da pagina; é como se não entrasse ninguém.

Acaba, beija a imagem, e torna ao mundo. Não sae de casa sem a beijar primeiro, como um pedido de protecção, nem volta sem fazer o mesmo, ainda vestida e de chapéu, como a dar graças. O mesmo ao deitar e levantar" (131).

Com vida tão metódica, e tão boa dona de casa, Machado pôde ir pondo de parte algum dinheiro.

A casa em que moravam e que era da Condessa de S. Mamede, depois cunhada de Carolina, custava-lhe apenas cento e trinta mil reis mensaes.

E todos os meses, nos dias de pagamento, ao sair da Secretaria, ia á Caixa Economica e lá depositava uma quantia.

Não seria grande, porque, se vivia modestamente, não punha exageros na economia. A mesa era escolhida, tinha sempre vinhos portuguezes, fazia questão de ver a mulher bem vestida, foi aos poucos adquirindo uma boa biblioteca. Recebia com decoro, embora sempre na intimidade. No dia dos anos do marido, Carolina reunia alguns amigos, poucos e escolhidos (132).

E os anos iam correndo, numa doce monotonia.

Em 1886, completavam-se vinte e dois anos da publicação das Crisalidas; o fato deu pretexto a que afirmassem os escritores a sua admiração pelo artista que tinham como um mestre. Reuniram-se no hotel do Globo, o hotel literatisante da epoca, num jantar que foi uma verdadeira consagração, a que se

(132) Essas ultimas informações, devo-as todas a D. Sara Costa.

associaram ao lado dos velhos amigos, como Bocayuva e Sizenando Nabuco, os moços do momento, Raul Pompeia, Olavo Bilac, Paula Ney, Raimundo Corrêa, Alberto de Oliveira.

Machado, que nesse dia fez o seu primeiro discurso, foi saudado, com as pompas de estilo que então se usavam, como “o Mestre das letras brasileiras”, “o primeiro de todos”, “o unico” (133).

Antes dos cinquenta anos, em plena produção, Machado de Assis se via, por gente de todas as gerações, celebrado e admirado.

Era a gloria, era o triunfo definitivo.

Se o exito não lhe diminuiu a vontade de trabalhar, a preeminencia em que se sentiu deve ter ido desde então obrigando esse timido a se manter numa attitude á altura das circumstancias, a vestir a pele de grande escritor official; a estar sempre composto para que não o achassem inferior á ideia que dele faziam os seus admiradores.

Era já a posteridade que o mirava. E ele, esquecido de que, em moço, reclamara um dia contra “este uso de andar de jaqueta diante dos contemporaneos e ir de casaca á posteridade” (134) metia-se moralmente na casaca, antecessora do fardão academico.

Felizmente, em Machado de Assis, o formalismo foi todo de fachada; intimamente era o mesmo

(133) “A Semana” de Valentim Magalhães de 9 de outubro de 1886.

(134) Diario do Rio, 1 de agosto de 1864.

espírito livre e irreverente. Aí estavam, para atestá-lo, as colaborações da Estação, onde, em junho de 86, começava a sair o Quincas Borba. No ano seguinte sofre nova irrupção da mania associativa. Com Artur e Aloisio Azevedo, Coelho Neto, Luiz Murat, Alberto de Oliveira e alguns outros, fundou o Gremio de Letras e Artes; esperavam todos o triunfo da nova Associação porque “tinha á sua testa o nome glorioso de Machado de Assis”; mas ainda dessa vez a má sorte perseguiu a tentativa; nascido em fevereiro, em outubro “morto a golpes de ridiculo” segundo Artur Azevedo, o Gremio se dissolvia.

Mas era apenas na mania associativa que Machado via fracassar os seus ideaes. Fóra disso, só conhecia vitorias.

Era, nesse tempo, um nome em constante evidencia. Os jornaes literarios viviam a citá-lo, sempre com os maiores elogios.

“Chefe consagrado dos nossos literatos, “dizia dele Olavo Bilac na Semana de Valentim Magalhães.

Em 1886 o Imperador o faz Vogal do Conservatorio Dramatico, do qual fôra membro desde a fundação, em 1871; em 1888 dá-lhe a Princeza o officialato da Ordem da Rosa, e, em março de 1889, atingia o ultimo degrau da sua carreira de funcionario com a nomeação para diretor da Diretoria de Comercio. Ganhava então oito contos anuaes que, com cambio a 27, e libra 8\$300, representavam para esse casal

sem filhos quasi a riqueza. Machado, que já tinha então algumas economias poderia ter comprado casa. Parece mesmo ter pensado nisso; mas preferiu não faze-lo, temendo que, vendo-o prospero, pudessem os outros suspeitar da sua honestidade (135). Alma escrupulosa, cheia de melindres, a sua. De uma feita, um individuo cujas pretensões Machado despachara favoravelmente, julgou dever testemunhar-lhe a sua gratidão mandando-lhe uma joia, um alfinete de gravata de perolas e brilhantes. Logo, eriçou-se a susceptibilidade doentia. Então o homem pensava que lhe podia pagar um despacho? E resolveu devolver o presente.

Foi necessaria a intervenção de Carolina para faze-lo ver a indelicadeza que ia cometer; mas, ainda assim, nunca quis usar a joia, dando-a á mulher que, faceira e filha de ourives, já a devia andar cobijando desde a chegada (136).

Cheio de honras, com o conforto da velhice assegurada, feliz no lar, admirado pelos contemporaneos, em posição de destaque na Secretaria, entrou Machado de Assis nos cincoenta anos.

A despeito de ter começado a trabalhar muito cedo, e de ser de constituição doentia, não se sentia cansado. Ao contrario, o seu espirito parece ter ido sempre se fazendo mais leve, mais facil, mais espontaneo.

(135) Informações de D. Fanny Araujo.

(136) Contado pelas senhoritas Pinto da Costa.

As conversas que eram as suas crônicas e mesmo os seus livros, revelam a palestra agradável que deve ter sido a sua. Apesar da gagueira, todos os que o conheceram se lembram com encanto do conversador que era nos seus bons dias. Quando estava mais nervoso, quasi não podia falar porque lhe saía muito tropeçada a palavra. Como prova da influencia que tinha sobre a gagueira o seu estado de espirito, basta recordar o seguinte episodio. Um amigo comum apresentou-o uma noite á atriz Ismenia dos Santos. Machado, que estava em boa veia, começou a conversar fluentemente. Espantou-se a interlocutora, e, sem o menor tato, manifestou o seu espanto.

— “Ora veja, Seu Machado, tinham-me dito que o Sr. era tão gago, e entretanto fala muito bem!”.

E ele, gaguejando terrivelmente:

— “Calunias, minha senhora, calunias. A mim tambem me avisaram de que a Senhora era muito estúpida, e vejo que não é tanto!” (137).

Não só os ditos desagradaveis, mas tambem os elogios á queima-roupa o irritavam. De uma feita, estando de visita com a mulher em casa de umas amigas desta (138), comentava com entusiasmo não sei que grande poeta francês. Um rapaz da roda,

(187) Narrada pelo Dr. Max Fleiuss.

(138) As senhoritas Pinto da Costa.

julgando sem duvida ser amavel, interrompeu-o dizendo: "Não precisamos inveja-lo, porque temos o nosso Machado de Assis".

Machado olhou de soslaio para o admirador exuberante, fechou a cara e não deu mais uma só palavra até o fim da visita.

O homem manso, "inofensivo por temperamento e por calculo", tinha tambem os seus momentos de descontrole. Mas eram poucos; em regra se mostrava, mesmo com os intimos, de uma amabilidade discreta e fina.

Uma sobrinha de Carolina, que conviveu intimamente com eles, e que ainda vive (139), lembra-se com delicias dos dias que, em mocinha, passava na casa dos tios. Machado, que gostava muito da companhia de moças, a levava a passear, amimava-a, recitava poesias para ela ouvir, com uma memoria de menino de collegio.

Aliás, nesse momento, nada, a não ser a doença, perturbava a sua tranquillidade.

Até o exito de livraria, tão raro no Brasil, os seus livros tiveram. Editado em 1891, tendo sido tirados mil exemplares, pelos quaes Machado recebeu do Garnier seiscentos mil reis, o Quincas Borba já saía em segunda edição cinco anos depois. O Braz Cubas, cujo contrato foi semelhante, teve quatro edi-

(139) D. Sara Costa.

(140) Vi em casa do Gal. Leitão de Carvalho todos os contratos a que me refiro firmados entre Machado de Assis e a Livraria Garnier.

ções em vida do autor. Até romances mediocres da primeira fase, *A Mão e a Luva* e *Yáyá Garcia*, foram reeditados (140).

Exito relativo, naturalmente; mas levando-se em conta a pouca instrução do nosso publico e a falta, ao tempo de Machado de Assis, do habito da leitura, ver-se-á que ele não foi um escritor sem repercussão.

Foi lido, e apreciado. Não só os homens de letras, mas o publico se interessava por ele. É enorme a quantidade de pedidos de autografos que existe na sua correspondencia. Ha, nela, uma carta tocante. Numa meia folha de papel ordinario, um pobre homem se dirigia ao grande romancista pedindo um exemplar do *Memorial de Aires* que não podia comprar por completa falta de meios.

Não, Machado de Assis não foi, como em regra se afirma, apenas um escritor para letrados, para espiritos requintados. Nem foi tão pouco ignorado da gente de seu tempo. E não podia ter sido nem uma cousa nem outra, porque ha na sua obra, a par da filosofia amarga, um sopro de vida, um tom de sofrimento que hão de sempre achar éco no coração humano.

CAPITULO XIV

O CREADOR

OS GRANDES ROMANCES — MEMORIAS POSTUMAS
DE BRAZ CUBAS, FOTOGRAFIA DO SEU ESPIRITO
— PONTO CULMINANTE DA SUA OBRA — QUINCAS
BORBA — O HUMANITISMO.

Oliveira Lima, que conheceu de perto Machado de Assis, diz que o Braz Cubas é uma “fotografia da sua alma” (141). Talvez fosse mais preciso dizer espelho da sua visão do mundo.

A Mario de Alencar, que lhe perguntou um dia como, depois de ter escrito Helena, pode ele escrever o Braz Cubas, explicou o romancista que se modificára porque perdera todas as ilusões sobre os homens (142).

Depois da crise por que passou em 79, já não os via com os mesmos olhos, com os olhos afeitos ao aspeto convencional, mas com a visão interior, implacavel e penetrante. Atravez das palavras polidas, via o sentimento egoísta ou cinico, atravez do

(141) Machado de Assis et son œuvre littéraire, conferencia pronunciada na Sorbonne, na Festa da Intelectualidade Brasileira, em honra de Machado de Assis, a 3 de Abril de 1909 (pg. 82).

(142) Frase que me foi repetida pela Viuva Mario de Alencar.

sorriso a dureza do coração. O veu da hipocrisia rasgou-se deante dele. A sua vocação de romancista se realizava plenamente, a um tempo tormento e delicia. Tormento de não poder crer nas creaturas, de lhes perceber todos os calculos, todas as espertezas, mas delicia, delicia suprema de apreciar o jogo dos sentimentos, de ver como nascem e morrem as paixões, de ser o espectador que aprecia a um tempo a platéa e os bastidores.

Desse tormento e dessa delicia nasceu o seu humorismo, fruto da simpatia humana aliada ao pendor critico, da piedade jungida á lucidez, da ternura unida á inteligencia. Ao lado do coração que se compadecia, o espirito que buscava explicações, que observava friamente as reacções.

Muito mais do que a influencia dos ingleses, foi esse dualismo, essa dissociação que levou Machado ao cultivo do humour.

Qualquer psicologo, dotado de grande visão de conjunto, sem prejuizo da observação minuciosa e que não possua nenhuma inclinação mistica cairá quasi fatalmente no humorismo. Porque, observada em si mesma, a agitação humana tem uma apparencia de inutilidade que a torna burlesca.

Foi essa sensação de falta de sentido da vida, aliada a um sentimento de compaixão pelos vãos esforços dos homens que fez de Machado de Assis o grande romancista e o grande humorista que se revelou no Braz Cubas.

A lingua não teve nisso a menor influencia; expressões humoristas, já as havia nos livros anteriores. Em Yáyá Garcia, falando de um homem que morrera sem testamento, e com isso pregára uma peça a um amigo, acrescenta: “Os aneurismas têm dessas perfidias inopináveis”.

No mesmo livro, uma senhora insiste com um viuvo para que se case. Este se excusava, dizendo que não — “Não tinha vocação para o casamento.

— “Foi por isso que enviuvou?” indaga a interlocutora.

Em 1876 uma questão apaixonou a opinião publica: a da livre concorrência ou do monopólio no comércio da carne. Toda a imprensa a discutia gravemente, acaloradamente.

No meio de tudo isso Machado pensou no boi que “veio, estacou as pernas, agitou a cauda e olhou fixamente para a opinião publica... Vendo o boi a fita-la, a opinião estremeceu; estremeceu e perguntou o que queria. Não tendo o boi o uso da palavra, olhou melancolicamente para a vaca; a vaca olhou para Minas, Minas olhou para o Paraná; o Paraná olhou para a sua questão de limites; a questão de limites olhou para o alvará de 1749, o alvará olhou para a opinião publica; a opinião olhou para o boi, o qual olhou para a vaca, a vaca olhou para Minas, e assim iríamos até a consumação dos séculos” (143).

Não é preciso alongar os exemplos; por estes vê-se bem que Machado, antes do Braz Cubas, já possuía a técnica do humour — o gosto dos contras-

(143) A Ilustração Brasileira, 1 de Outubro de 1876.

tes, o inesperado das situações, a capacidade de fixar a comedia humana. O que lhe faltava era a piedade pelos homens, uma piedade ironica e indulgente, que só mais tarde lhe veio, quando descobriu que a vida não tinha sentido.

Embora já dispuzesse de recursos humoristas, não foi humorista na mocidade quando a ambição traçava um roteiro á sua existencia, quando o contacto com homens de ação o fez tentar o jornalismo politico e a necessidade de ganhar o pão o mantinha numa atividade trepidante.

Depois que conseguiu subir, que a Secretaria lhe assegurou o sustento e a pacata vida familiar lhe permitiu maiores lazeres, viu talvez que a cousa não valia tantos esforços, e sobretudo, observando os outros, percebeu o vasio da agitação humana.

E então se fez humorista, e compôz o Braz Cubas, a historia de um homem "que andou á roda da vida", escrevendo-o, "com a pena da galhofa e a tinta da melancolia".

Tambem ele, como seu heróe, era "um defunto autor, para quem a campa fôra outro berço" porque nasceu das cinzas das ilusões perdidas.

Quem era, afinal, esse Braz Cubas?

O primeiro dos tipos morbidos em que Machado extravasou as proprias exquisitices de nevropata.

Uma natureza complexa, cheia de contradições, ambicioso e retraido, vaidoso e displicente, apaixonado e indifferente. Sua alma "foi um tablado em

que se deram peças de todo genero, o drama sacro, o austero, o piegas, a comedia louçã, a desgrenhada farça, os autos, as bufonérias”.

E ele, como que num desdobramento da personalidade, assistia a todas essas peças, via-se viver. E com isso gastou os seus dias todos, numa auto-analise dissolvente e empolgante.

Um introvertido completo, que o contacto com a realidade machucava: “Creiam-me, o menos máu, é recordar; ninguém se fie na felicidade presente; ha nela uma gota de baba de Caim”. Mas vingava-se da sua incapacidade para viver, mofando do mundo com “um prazer satanico”.

Sem duvida eram, todas essas, sensações que Machado experimentava, mas embrionariamente, pois reagiu contra elas na vida, só as deixando espalharem-se nos livros. É que em Machado, o espirito doentio era compensado pelo coração bem formado.

Em Braz Cubas, ao contrario, tudo foi contaminado.

O sadismo, que no romancista era um pendor puramente intelectual, foi reforçado no seu heróe pela educação.

Narrando-lhe a primeira infancia, Machado de Assis, tão acusado de se haver alheiado aos grandes problemas do seu tempo, traçou sem digressões, sem palavras dificeis, a critica da organização servil e familiar de então. Mostrou o mal que fez a escri-

vidão a brancos e negros. Sem o moleque Prudencio para lhe servir de cavalo, sem as pretas para avos passivos das suas judiarias, sem os costumes relaxados que a promiscuidade das escravas com os sinhô-moços facilitavam, o Braz Cubas não teria sido o que foi.

A vaidade do menino foi também cultivada pela beata admiração dos paes. Tudo contribuiu para fazer dele um perfeito egoista.

Bras Cubas foi o resultado do meio e da educação viciada agindo sobre um temperamento morbido.

Quando se poz rapaz, os sentidos o dominaram. Adolescente, a revelação do amor foi como "o primeiro sol, a bater de chapa na face de um mundo em flor".

Rico, de boa gente, teve todas as facilidades, todos os prazeres. E porque teve tudo, mas não se deixou empolgar por cousa alguma, cêdo conheceu o tédio "esta flor amarela, solitaria e morbida, de um cheiro penetrante e subtil".

O tédio, irmão do cepticismo, o tédio do heróe e do autor é a personagem central do livro.

Nada conduz a nada. Para que viver? Mas então aparece uma volupia nova: "A volupia do aborrecimento". E a falta de sentido da vida dá a vontade de se "debruçar sobre o abismo do Inexplicavel".

Nesse plano, Braz Cubas e Machado se confundem.

Os sucessos dos livros vão se arrastando, vêm e passam sem significar cousa alguma. São casos fortuitos, meros episodios.

A propria Virgilia, a Virgilia de braços tentadores, podia não ter existido, e o seu amante seria o mesmo enfastiado e curioso Braz Cubas.

Tudo é secundario, o essencial é apenas essa interrogação: para que viver? E o prazer satânico de sentir a inanidade de tudo.

O homem é um joguete na mão do destino, não dirige os acontecimentos da sua existencia. Tudo depende da oportunidade. Por que ter sido o Braz Cubas preterido pelo rival, em noivo, e amado por Virgilia, depois de casada? Por que ter acabado pelo enfado o seu amor? Porque o homem não é uma unidade, mas "uma errata pensante" sempre a se modificar sem saber como nem para que.

Caminhando ás cegas, entre tantos misterios que o cercam, só uma cousa lhe resta: a "afirmação desdenhosa da sua liberdade espiritual", a capacidade de se rir com um riso gelado e ironico, do absurdo da vida.

É o que fazem Cubas e Machado, entre dois bocejos de tédio.

Colocam-se fóra da vida, a analisa-la, a critica-la com o "incomensuravel desdem dos finados".

Desdem que os leva a zombar do leitor, a parar de repente quando iam explicar melhor o seu ponto de vista, a "pagar-lhe com um piparote" quando não lhes percebe a intenção oculta.

Dizem e se desdizem, voltam atrás, falam por meias palavras, com cautelas de quem não quer contar a historia toda, corrigem o que avançam pelas reticencias, obrigam a ler nas entrelinhas, e riem silenciosamente o seu "riso filosofico, desinteressado, superior" imaginando o embaraço do leitor.

Algumas vezes, porem, numa figura secundaria, Machado de Assis expõe sem rebuços a sua concepção da vida. Tal na de D. Placida.

"Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando a missa, viu entrar a dama que devia ser sua colaboradora na vida de D. Placida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjunção de luxurias vadias nasceu D. Placida. É de crer que D. Placida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores dos seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: Chamámos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia".

Braz Cubas descobre outro fim para a vida de D. Placida: servir aos seus amores com Virgilia, tomando conta da casa da Gambôa.

Mas esses amores tiveram algum sentido? Deram aos dois amantes alguns momentos de gozo, e desapareceram sem deixar maiores vestígios na vida de ambos.

Virgilia nascera, sem duvida, para ser bela um momento, traír o primeiro noivo com o futuro marido, e este com aquele, quasi sem perceber o que fazia, num amoralismo ingenuo, e depois envelhecer e morrer como vivera, sem perceber que ha, para catalogar as ações humanas, um código do bem e do mal.

E Braz Cubas? este, se fizesse a seus paes a mesma pergunta de D. Placida, ouviria certamente que viera ao mundo para judiar com os escravos, ser explorado por Marcela, fazer sofrer a pobre Eugenia, traír o marido de Virgilia, fazer algumas reflexões cinicas sobre a vida, e retirar-se "tarde e aborrecido do espectáculo".

Então para que haverem nascido? Para obedecerem a uma força "que não é somente a vida, mas tambem a morte", a natureza implacavel, cuja lei é o egoismo.

Para ella, o individuo não vale nada, é um minuto apenas, minuto passageiro mas indispensavel ao tempo eterno.

Faz surgir o homem para colaborar “na obra misteriosa com que entretem a necessidade da vida e a melancolia do desamparo”.

E, para prende-lo ao seu destino, dá-lhe o amor da existencia, mesmo miseravel e a grande voluptia de tentar “decifrar a eternidade”.

Só isto resta ao homem, e mais um ultimo bem, vingança suprema: a capacidade de se rir dos seus tormentos.

É o que fazem Braz Cubas e seu creador, procurando a comedia da existencia quotidiana dentro da tragedia dos fins ultimos, ridicularizando pela mesquinhez do fato diario essa vida de que a deusa monstruosa não o deixa dispôr a seu contento.

Essa deidade, personificação da impassibilidade egoista, da eterna surdez, da vontade imovel é, afinal, Humanitas “o principio universal, repartido e resumido em cada homem”.

O humanitismo é o ponto de contato entre as Memorias Postumas de Braz Cubas e o Quincas Borba. O seu nome, que faz pensar numa troça com o positivismo, é mais um “piparote no leitor”.

Escondendo-se atraz dele, e da loucura do Quincas Borba, Machado poz na teoria muito da sua concepção da vida. É o delirio transposto para o humorismo. Aliás, não é só o Quincas Borba que vae sair do Braz Cubas.

Muitos dos seus contos, dos seus melhores contos, estão em embrião nesse livro que é a chave da sua obra.

O Braz Cubas que, no delirio, vê o mundo com “olhar enfarado” mas implora mais um pouco de vida, é irmão do Ashverus de Viver!

A Teoria do Medalhão lá está: “Teme a obscuridade, Braz; foge do que é infinito; olha que os homens valem por diferentes modos, e que o mais seguro de todos é valer pela opinião dos outros homens”.

Tambem o relativismo amoral da Igreja do diabo, que transforma as virtudes em vícios pelo seu prolongamento excessivo, já se encontra nas Memórias Postumas. “A avareza é apenas a exageração de uma virtude e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit” diz o Braz Cubas sobre o seu cunhado Cotrim. Esse Cotrim, que apesar do defeito, fazia frequentes donativos sempre publicados na imprensa, foi nesse ponto o primeiro esboço daquele tipo tão vivo, tão real, que é Fulano.

A lei da equivalencia das janelas que o Braz Cubas descobre, lei segundo a qual “o modo de compensar uma janela fechada é abrir outra, afim de que a moral possa arejar continuamente a consciencia”, não é somente a aplicação da teoria das compensações de Alder, é, em parte, o germen daquela alma exterior do Espelho, talvez o melhor conto de Machado.

O Braz Cubas, para se libertar de uma idéa fixa, da lembrança de uma ação má, pratica outra, que,

sendo boa aos olhos do mundo, lhe restitua, com a confiança em si, o equilíbrio perdido.

O alferes do Espelho, naufragando numa crise de introversão, desamparado até da consciencia de si mesmo, só se cura quando a farda, devolvendo-lhe ao espelho a imagem que o envaidecia, fa-lo como que se projetar fóra de si mesmo, arejando o espirito pela visão do eu exterior.

Expressa de modo diverso, apenas indicada em Braz Cubas, admiravel de profundidade no Espelho, a idéa é a mesma, idéa de quem costumava perder pé na introspecção: o homem precisa saír de si, pôr-se em contato com o mundo, ver-se em função deste para se manter em equilibrio.

São frequentes, em Machado de Assis, no monologo caprichoso que é o maior encanto dos seus livros, essas voltas ao mesmo tema; levava anos a trabalhar a mesma idéa, expondo-a de diversos modos, completando-a, aprofundando-a com aquelaancia de perfeição que o deve ter atormentado, como atormentou a muitas das suas personagens (144).

Mas o livro que mais semelhanças apresenta com as Memorias Postumas de Braz Cubas e sob alguns aspetos o continua é o Quincas Borba, publicado onze anos depois, em 1891.

Entre os dois, escrevera um livro de contos, Paginas recolhidas.

(144) Tambem nessa constancia das ideas haverá, em Machado de Assis, traços do temperamento gliscroide.

Mas, na verdade, não levára onze anos ruminando o Humanitismo, a ponte entre os dois romances.

Desde 1886 começara o Quincas Borba a aparecer na Estação; mas, ou falta de inspiração, ou falta de tempo, interrompeu-o diversas vezes. O livro saiu-lhe afinal, mastigado e repisado, em fins de 1891, cinco anos após ter sido iniciado, e, depois de concluí-lo, antes de o entregar ao Garnier, que o editou, fez-lhe ainda algumas alterações. Assim tão trabalhado, o romance, embora cheio de observações admiráveis, ficou um pouco frouxo, não manteve a altura do Braz Cubas.

Ha outro motivo para o livro ter saído inferior ao precedente, não na observação, não nos tipos, não na linguagem, mas no ambiente, numa certa falta de nervo, de coesão: é não ter sido escrito na primeira pessoa. Machado, pouco colorido, pouco animador, tendo o seu ponto forte na vida interior, nos estados d'alma, nas subtilezas de psicologia, estava muito mais a gosto na narrativa direta.

Humanitas, o principio e fim de tudo, que se manifesta melhor nos fortes, é aí a personagem principal. "Ao vencedor as batatas". O vencedor foi primeiro Rubião, herdando a fortuna do Quincas Borba, e depois o Palha que enriquece á sua custa e o abandona, louco e pobre.

Ha no livro duas figuras admiráveis, das melhores da galeria machadeana: Rubião e Sofia.

Sofia, com os seus braços esplendidos, e seus "olhos convidativos e só convidativos" "era da-

quela casta de mulheres que o tempo, como um esculptor vagaroso, não acaba logo, e vae polindo ao passar dos longos dias". Tambem Machado, como o tempo, esculpe-lhe lentamente, amorosamente, a figura, acaricia-lhe o colo e os braços que o marido gostava de expor nos bailes "para mostrar aos outros as suas venturas particulares".

Ela e Capitú são as mulheres mais ímulheres dos romances de Machado.

A sua arte de se manter sempre á beira do adultério, sendo fiel ao marido, de alimentar a paixão do Rubião sem se comprometer, o episodio de Carlos Maria, são traços admiraveis de psicologia feminina.

Todo o convencionalismo e toda a sinuosidade do sexo se resumem nessa mulher que espalha pelo livro um ambiente de pecado — sem nunca ter pecado.

Em Rubião tambem Machado conseguiu um dos seus melhores tipos morbidos. A sua loucura vae se desenhando aos poucos, e só quando, afinal, explode é que o leitor percebe já ter sido preparada por frases soltas, marcando nuanças quasi imperceptiveis.

Muito antes de se confundir com Napoleão III, já o pobre Rubião vinha manifestando a sua tendencia a crear um mundo imaginario onde se refugiasse. O amor por Sofia foi um destes. Logo de inicio, quando ainda a moça nem lhe percebera a inclinação, ele "sentia que não era inteiramente feliz;

mas sentia tambem que não estava longe a felicidade completa. Recompunha de cabeça uns modos, uns olhos, uns requebros, sem explicação, a não ser esta, que ela o amava, e o amava muito”.

Tambem o desdobramento da personalidade vae se fazendo aos poucos, com um conhecimento perfeito da evolução morbida. Antes do meio do livro, muito antes de manifestar a loucura já “o nosso amigo se desdobrava, sem publico, deante de si mesmo”.

Aliás, essa arte das gradações quasi imperceptiveis, do lento preparar de situações que vão armar-se mais tarde, é a grande arte de Machado de Assis como romancista. É a tecnica da vida — e a sua tecnica. Todos os seus livros se desenvolvem por assim dizer organicamente, crescem naturalmente, com a logica caprichosa mas inexoravel da vida.

Quaesquer que fossem as circumstancias, o Braz Cubas daria um solitario, em exquisitão, o Rubião se arruinaria, Virgilia seria amoral e Sofia faceira. Os acontecimentos, independentes da vontade do individuo, são, porém, condicionados pelo seu temperamento.

Entre essas duas fatalidades que se dão as mãos, a liberdade e a responsabilidade são quasi letra morta. O homem influe sobre os sucessos, mas pelo que ha nele de irracional, pelo que escapa á sua vontade.

A liberdade é toda interior — a liberdade de julgar, de se revoltar e de se rir.

Mas essa liberdade já é um penhor de grandeza. Af o romancista contagiado pelo “pessimismo amarelado e enfezado”, atraído pela “voluptuosidade do nada” avesso ao misticismo, vae, por caminhos muito diversos, e para chegar a conclusões opostas, encontrar o jansenista Pascal. Apenas onde um vê um reflexo da origem divina, descobre o outro mais um misterio. Como Carlyle, Machado de Assis vê o homem vindo do misterio, marchando para o misterio, atravez do misterio. E o seu andar tropego, de cego, no meio de tantas incognitas, dá-lhe ao mesmo tempo vontade de rir e de chorar. É esse o seu modo de ser humorista.

E lhe dá tambem uma irresistivel curiosidade de saber como se conduz nessa noite densa, como se sáe nesse emaranhado de incognitas. Daí lhe vem a sua attitude de analista frio, quasi sadico.

Tambem ele, como muitas das suas creaturas, era um dissociado.

No Quincas Borba ha um episodio que traduz o seu estado de espirito em face do sofrimento. O do preto que ia ser enforcado. Rubião metera-se no prestito que seguia o condenado atraído e repellido pelo espectaculo. Mas a curiosidade foi mais forte, abafou a pena e assistiu á execução sem saber “que bicho era que lhe mordia as entranhas, nem que mãos de ferro lhe pegavam da alma e a retinham ali”.

Era o mesmo bicho que levava por vezes Machado de Assis a observar, com “uma crueldade fria, minuciosa, repisada”, as contrações de dor da alma humana, ou a lhe descobrir as miserias escondidas.

Não é esse, porém, o unico passo confidencial do Quincas Borba. Muitos outros tem ele, e de natureza muito diversa. Nesse romance, como nas Memorias Postumas de Braz Cubas, Machado parece ter-se comprazido em evocar as cenas da sua infancia, em evocar os lugares onde ela se desenrolou.

Já estava bastante longinqua para lhe despertar saudades, para poder ser lembrada sem amargura.



CAPITULO XV
ENTRE 1891 E 1902

A VIDA

ABSENTEISMO — A SEMANA (REVISTA) — O INTERESSE PELAS NOVAS GERAÇÕES DE ESCRITORES — MOCIDADE DO ESPIRITO — A REVISTA BRASILEIRA — A FUNDAÇÃO DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS — A DISPONIBILIDADE — ATITUDE COMPOSTA, DE LITERATO — A LIVRARIA GARNIER.

Machado de Assis tinha cincoenta e um anos quando publicou Quincas Borba. O cabelo, que já fa começando a embranquecer, e entrou então a usar muito curto, a barba e o bigode, este um pouco caído sobre a boca, aquela se prolongando em suissas até às orelhas, compunham-lhe a fisionomia, disfarçavam-lhe a raça. Basta comparar os seus retratos dessa epoca com os do tempo do Braz Cubas, para ver como mudou, o que muito o deve ter alegrado. Não gostava de ouvir alusões á sua côr. Se não é verdade, como geralmente se diz, que nunca empregou nos seus livros a palavra mulato — em Pae contra Mãe repete-a varias vezes — é certo que não lhe agradava ouvi-la em conversa. Gonçalves Crespo que, escrevendo-lhe de Portugal, enumerava, entre as afinidades que os uniam, o fato de serem ambos

mestiços, deve ter irritado profundamente o correspondente.

É interessante notar como, em Machado, se aliavam e se irmanavam a superioridade de espirito, a maior liberdade interior e um extremo convencionalismo. Dois termos que se repelem, pensador e burocrata são os que melhor o exprimem.

Entre o Braz Cubas e o Quincas Borba, a vida nacional passára pelas profundas modificações da Abolição e da Republica.

— Que pensa de tudo isso Machado de Assis? indagava Eça de Queiroz.

Machado de Assis não pensava nada.

O pensador andava ás voltas com o Rubião, com a evolução da loucura; e o burocrata mantinha intangível o seu respeito ás leis, aos officios, á papelada official, só permitindo a retirada da sua Diretoria do retrato do Imperador mediante uma portaria.

— Entrou aqui por uma portaria, só sairá por outra portaria, declarou aos republicanos da primeira hora, atonitos com esse acatamento aos atos de um regimen findo.

Haveria apenas o formalismo do burocrata nessa attitude de Machado de Assis? Talvez o revoltasse o desrespeito a um homem que admirava, ao velho Imperador que se habituara a ver á frente do país. Ao seu feitio devia ser muito simpatica a figura desse principe amigo das letras, a quem devera,

poucos meses antes da proclamação da Republica, a nomeação de Diretor.

Deve ter sido esse fato que levou um patriota exaltado, Diocleciano Martir, a incluir numa denuncia levada em 1894 ao chefe do Governo, o nome de Machado de Assis entre os funcionarios conspiradores contra as instituições.

Em defeza do pobre Machado de Assis, tão pcato, tão prudente, correu Lucio de Mendonça, então seu companheiro da "Semana" revista que resurgira em 1893, dirigida por Valentim Magalhães e Max Fleuiss. Machado escrevia pouco para lá, mas parece ter frequentado muito a redação.

Durante dois anos, foi ela o centro do seu grupo. Publicou aí apenas a Missa do Galo, e uma tradução do prologo do Intermezzo de Heine. Mas não faltava á conversa da tarde no sobrado da rua Gonçalves Dias. Alem dos redatores, encontrava lá, entre outros, Lucio de Mendonça, João Ribeiro, Raul Pompéa, Rodrigo Otavio, Fontoura Xavier.

Os colaboradores se davam a alcunha de bonde. Era o "bonde da Semana", que "não estaria completo se faltasse o condutor, Machado de Assis", na opinião de Valentim Magalhães. Aí vemos Machado, que tão cedo se julgára velho, cujo cepticismo devia ter gerado uma tal ou qual misantropia, procurando a companhia dos moços, nela se sentindo bem, e acolhido com prazer.

Sem duvida, a hipotese de Mme. Minkowska, do abrandamento da introversão pela epilepsia, ha de explicar em parte a sua attitude. Mas entra tambem nela e muito, o grande amor de Machado pelas letras. Acreditava na literatura, — ella e Carolina foram mesmo as suas unicas crenças — e no tocante á cousa litteraria nunca foi um ceptico.

Mortos os companheiros da mocidade, ou, como Bocayuva, roubados ás letras por outras actividades, elle se chegou á nova geração, sempre atraído pela luz do espirito. E foi, elle, o caramujo, o homem fechado, como um elo entre duas gerações. Vindo do romantismo de Alencar, de Casemiro de Abreu, foi tido como um dos seus pelos parnasianos, admirado por Bilac, padrinho litterario de Raymundo Corrêa, cujo primeiro livro prefaciou. Os agapes litterarios, então em moda, os jantares commemorativos, e os da "Panelinha" tiveram-no como frequentador festejado e amavel.

Intellectualmente, não envelhecia. Com a mesma vivacidade e a mesma comprehensão com que fizera a critica dos livros romanticos, lia os da escola realista. Até o fim, teve o mesmo feitio lucido e acolhedor, a mesma insaciavel curiosidade intellectual. Se se renovou pouco, se a monotonia sombreia a sua obra, é que, afinal, os seus livros são trechos de um mesmo dialogo interior, da longa e inacabada conversa do autor com a vida.

Mas não que o seu espirito se tivesse anquilosado, ou não tivesse acompanhado a evolução literaria. A melhor prova da sua constante atividade espiritual é o lugar que ocupou na nova geração. Embora "pouco intimo com os intimos" embora buscando dar uma impressão de serenidade indifferente que não correspondia á realidade interior, ele soube conquistar não só a admiração, mas o afeto dos moços.

A graça maliciosa da sua palestra não basta para explicar a atração que exerceu sobre muitos jovens. Sob a apparencia fria, havia em Machado uma grande capacidade de simpatia. Sob o gesto medido e comedido, a generosidade palpitava.

Onde mais se torna evidente essa escondida nobreza, é na sua completa ausencia de inveja e de vaidade.

"Se em algum individuo da raça humana encarnou-se a modestia, foi de certo em Machado de Assis" dizia em 1867 um dos seus criticos, Amaral Tavares.

O escritor celebre não desmentiu o estreante. Não ha, em toda a sua vida, um traço de vaidade, como não ha um travo de inveja. Não o ofuscavam as glorias nascentes, antes as saudava sem alvoroço mas com a alegria que lhe comunicava sempre o espectáculo da beleza intelectual.

E talvez tenha sido graças á sua convivencia com a gente moça que nunca haja esmorecido nele

a fé na intelligencia, nem o prazer do trabalho intellectual.

Aliás, esse homem debil, de nervos doentes, teve uma rara resistencia de espirito.

A não ser de Setembro de 1878 a Outubro de 1879, quando esteve doente, nunca, dos dezeseis aos cincoenta e oito anos, de 1855 a 1897, dos versos da Marmota á Semana da Gazeta de Noticias, deixou de colaborar regularmente na imprensa. E, em regra, escrevia para varios lugares ao mesmo tempo.

Essa produção, constante, regular faz supor que não deveriam ser muito repetidos, ou que não o abalariam muito os acessos da epilepsia. Mas nem por isso lhe davam sossego. No tempo da Semana, voltando um dia para casa em companhia de Max Fleuiss, disse-lhe Machado ao entrarem no bonde de Laranjeiras:

— Se não faz questão de ir sentado, venha comigo para a plataforma, segure-me, e não me dirija a palavra.

Assim fizeram e durante toda a viagem Machado se manteve hirto, imovel.

Afinal, quando entraram no portão da casa do grande escritor, desencadeou-se a crise que este recejava.

Mas os nervos não lhe perturbavam em nada o trabalho intellectual.

Quando acabou a Estação, em 93, já ele fazia desde o ano anterior a crônica de *Semana da Gazeta de Noticias*, que lhe pagava cento e cinquenta mil reis mensaes.

Na imprensa diaria, Machado terminava como começára, fazendo folhetins semanaes. Se o cronista da *Gazeta* leva de vencida, pelo estilo, o do *Diario do Rio*, e este ganha o primeiro em espontaneidade, em desassombro, o tom geral é quasi o mesmo, uma ironia sem maldade, um profundo interesse pelo espectáculo da vida humana. O fogo do Machadinho cedeu ante a prudencia manhosa do Conselheiro Aires — porque a *Semana*, como o *Esaú e Jacob* e *Memorial de Aires* foram escritos por esse sosia de Machado; ha, porem, em ambos uma identidade, não de temperamento, mas de concepção da vida.

Alem da *Gazeta*, tinha Machado, como já vimos, a "*Semana*", revista, para onde escreveu pouco, mas sempre escreveu.

Em 1895 morre a revista, mas logo surge outra, a *Revista Brasileira*, que nesse ano appareceu pela terceira vez, dirigida então por José Verissimo. Aí Machado foi mais assiduo. Alem de varios trabalhos aproveitados depois nos seus livros, como o *Velho Senado* e *Henriqueta Renan*, conserva essa revista um conto muito forte como ambiente, infelizmente não reeditado, *Uma Noite*.

A redação era na travessa do Ouvidor, centro de reunião de uma grande e illustre roda literaria. Machado de Assis, Taunay, Joaquim Nabuco, então

no Rio, Silva Ramos, Lucio de Mendonça, Graça Aranha, José Verissimo, Inglez de Souza, João Ribeiro, Souza Bandeira lá se encontravam sempre á tarde.

Tambem Silvio Romero, meio esquivo com Machado, pois já eram então conhecidas as duras restrições que lhe fez, aparecia por lá. E todo o cuidado do grande romancista era não deixar transparecer na sua attitude a mais leve sombra de ressentimento (145). A roda era boa, conversava-se muito, tomava-se chá. Taunay e Nabuco se consolavam com a literatura das suas decepções politicas, os outros eram quasi todos mais moços, cheios de aspirações, e Machado de Assis, sempre constante na sua dedicação ás letras, se abria ao prazer de ter encontrado, pela primeira vez na sua vida, um grupo onde a superioridade não o isolasse. Desde os tempos da Petalogica, o mestre se havia cercado, a par de alguns elementos bons, de muita gente mediocre.

Na revista Brasileira, se poucos o igualavam pela finura intelectual e pela cultura, o meio era mais homogeneo.

E logo a idéa veio de converter numa associação permanente essas reuniões adstritas á vida forçosamente efemera de um jornal literario.

D'af nasceu a Academia Brasileira de Letras, a ultima das tentativas de sociedades de gente de letras em que Machado de Assis tomou parte, e a unica que teve a alegria de ver coroada de exito.

(145) Artigo de Antonio Sales no volume XXIX da Revista da Academia Brasileira de Letras.

A idéa partiu de Lucio de Mendonça em fins de 1896, e logo a 15 de Dezembro começaram as reuniões preparatorias, sendo Machado de Assis aclamado Presidente, lugar que conservou até morrer, e que, por todos os titulos, lhe pertencia.

Não só era o maior escritor vivo, como desde a mocidade se empenhara em congregar os homens de letras. Alem disso, a sua crença na missão da literatura, faria dele, como fez, o mais devotado dos presidentes, o homem talhado para dirigir uma associação literaria.

Na sessão inaugural, realizada a 20 de Junho de 1897 no Pedagogium, ele traço o rumo da nova sociedade.

“Não é preciso definir esta instituição.

Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova, naturalmente ambiciosa.

O vosso desejo é conservar, no meo da federação politica, a unidade literaria”.

Em se tratando de literatura, Machado rasgava o veo do alheimento á cousa publica.

Só por ela, só atravez dela queria influir na vida do país.

O primeiro trabalho que propoz á Academia foi a elaboração de um dicionario de brasileirismos, patenteando assim o seu desejo de se pôr em contato com a evolução da lingua, de não separar a literatura da vida da nação.

Trinta e nove anos antes, já um joven tipografo mestiço publicára um estudo critico em que se batia pela necessidade de crear a literatura brasileira uma lingua sua, independente da portuguesa, de ter um cunho puramente nacional (146).

Deve ter sido um ano de grande satisfação intima, esse em que viu a realização de um velho ideal tantas vezes malogrado.

Mas a vida é uma velha avarenta; quando dá uma alegria, cobra logo com usura os juros da dor.

Não deixou correr muito tempo sem os reclamar de Machado de Assis.

Este, que em 1889 fôra nomeado Director da Diretoria Geral de Comercio, passou, em 1893 em virtude da Reforma que transformou em Secretaria da Industria, Viação e Obras Publicas a antiga Secretaria da Agricultura, a Diretor Geral da Viação.

Em Novembro de 1897, as diretorias geraes de Viação e Obras Publicas foram reunidas em uma só. E o governo, considerando que o lugar cabia a um tecnico, resolveu mandar considerar adido o diretor geral Machado de Assis, com os vencimentos que lhe competiam, e que eram, desde 1891, de nove contos anuaes, assim se tendo conservado até a sua morte.

O decreto saíu no dia de Ano-Bom de 1898, firmado por Prudente de Moraes, e pelo Ministro da

(146) O passado, o presente e o futuro da litteratura, publicado na Marmota em Abril de 1858.

Viação, Sebastião de Lacerda. Caetano Cesar era o nome do substituto de Machado de Assis.

No mesmo dia escrevia Machado a Mariô de Alencar uma carta que revela como o magoára a medida.

Rio, 1.º de Janeiro de 1898

Meu querido Mario,

Obrigado pela sua carta amiga e boa. Já ha dias tinha noticia do que ora me succede; a ultima vez que nos vimos, de passagem, já eu sabia que ia ser adido. Assim, tinha-me acostumado á idéia e ao fato, e agora que este foi consumado não me resta mais que conformar-me com a fortuna, e encarar os acontecimentos com o preciso rosto. A sua carta é ainda uma voz de seu pae, e foi bom citar-me o exemplo dele; é modelo que serve e fortifica.

Obrigado pelo seu abraço, meu querido Mario. E' a primeira carta que dato deste ano; folgo que lhe seja escrita, e em troca de expressões tão amigas —

Creia-me

Velho amo. e obr.

MACHADO DE ASSIS (147)

A carta de Mario de Alencar que provocára esta deixa perceber que a saída de Machado só se dera em virtude de uma lei, porque ela fôra especialmente feita para atingi-lo nos seus direitos: "A lei era um embaraço; mas as leis fazem-nas os homens

(147) Esta carta, até agora inedita, devo-a á gentileza da Viuva Mario de Alencar.

para as ocasiões, quasi sempre com pretexto de servirem aos outros, e com o fim secreto do proveito proprio. E assim foi que com a lei tiraram-lhe o que a lei lhe garantia!" (148).

Na resposta, Machado não protesta contra essa hipotese, e o seu tom resignado mas queixoso vem confirmar Mario de Alencar e desmentir uma das versões que correm sobre o fato: a de que a medida teria sido tomada com o fim generoso de dar maiores lazeres ao grande romancista e lhe permitir assim dedicar-se inteiramente ás letras (149).

Esse beneficio prestado a despeito do beneficiado não é, realmente, cousa muito aplausivel.

Por outro lado, companheiros de trabalho de Machado que ainda existem atestam, não só o seu rigor no cumprimento do dever, como a sua capacidade administrativa. E um Director Geral, podendo dispor de tecnicos com quem se aconselhar, precisaria sobretudo ser administrador.

Resta a outra explicação, mais aceitavel, e, muito honrosa para Machado de Assis, segundo a qual, justamente pelo seu zelo metuculoso, ele se incompatibilizára com o Ministro (150).

(148) Publicada na coleção de Fernando Nery.

(149) Falou-me disso o Major Bernardo de Oliveira que só conhece o fato por informações de terceiros, porque nesse momento ainda não pertencia á Secretaria da Agricultura.

(150) E' o que consta entre as pessoas que existem da sua familia, ou melhor, da familia de Carolina.

Muito aferrado á lei, intransigente na sua execução, ele não devia, na verdade, ser um funcionario comodo. Mas as dificuldades que porventura haja creado á administração só podem ter vindo d'aquella sua escrupulosa e timorata honestidade. Por não querer nunca transigir foi sacrificado.

E a medida o feriu porque não se julgava nem invalido, nem incapaz, e queria continuar a trabalhar.

Aliás, não chegou a ficar inativo durante um ano. Em 16 de Novembro de 1898, Severino Vieira, que substituiu Sebastião de Lacerda na pasta da Viação, o nomeou seu secretario. Nesse posto serviu tambem com Eptacio Pessoa, Ministro interino, e com Alfredo Maia.

Reservado e cerimonioso como era, não devia ter sido o ideal dos secretarios. "Um grande escritor e um pessimo secretario", terá dito dele Eptacio Pessoa.

Em 1902, ao assumir a presidencia Rodrigues Alves, sendo ministro da Viação Lauro Muller, Machado de Assis teve quem lhe fizesse justiça. Um dos primeiros átos do novo Governo, datado de 18 de Novembro, foi manda-lo reverter á actividade como Director Geral de Contabilidade do Ministerio da Viação, cargo que exerceu até morrer.

Já por esse tempo se dissolvera a roda da Revista Brasileira, e tambem esta, dando grandes prejuizos a José Verissimo. Morrera Taunay, Nabuco

e Graça Aranha embarcaram para a Europa. Os remanescentes do grupo, reunidos em torno de Machado de Assis, se haviam mudado para a Garnier, já então na loja da rua do Ouvidor.

Aí Machado ficaria todas as tardes, com raras ausências, até adoecer para morrer.

Só durante o tempo em que serviu como secretário é que, em virtude das suas funções, foram mais irregulares as suas idas á Garnier.

Fóra disso era tão pontual que se inquietavam os companheiros quando o viam demorar-se. De uma feita, começou ele a chegar mais tarde. Que será, que não será, e logo se descobriu a razão do atrazo: o motivo era um quadro exposto creio que na Galeria Jorge, ou numa sua antecessora. Machado passara um dia por lá, vira-o, gostára, mas não podendo compra-lo, por estar o preço além das suas possibilidades, contentava-se em ir admirá-lo todas as tardes. Descoberto o segredo, não tardaram os companheiros a apelidar a tela, que representava uma mulher, a "namorada do Machado".

E acabaram por se cotizar para lh'o oferecerem no dia dos seus anos (151).

Mas Machado de Assis não era somente bem-quisto dos amigos; era quasi uma gloria official, sentia sobre si a curiosidade dos freguezes da livraria, a admiração respeitosa dos jovens escritores.

(151) O quadro se encontra atualmente na residencia do Gal. Leitão de Carvalho, bem como um quadrinho com os nomes dos ofertantes.

Em dois livros de repercussão, Silvio Romero e Lafayette discutiram-lhe a obra. Era o grande homem das letras.

E foi então tomando, insensivelmente, aquela atitude discreta e distante de homem encadenado nos seus livros.

Aquele começo do delírio do Braz Cubas, quando se sente transformado na Suma teologica de São Tomaz, é, senão ainda uma confissão, uma boa profecia.

Mas ha, datada de 1893, uma cronica da Gazeta de Noticias, não incluída na coleção de Mario de Alencar que, essa sim, é uma lucida auto-critica. Durante um bombardeio que abalára a cidade, confessa que se preocupára sobretudo com questões de gramatica, comparando entre si os verbos explodir, estourar, rebentar e estalar. Lembra-se então de uma quadra espanhola:

Un remendero fué á missa
Y no sabia rezar.
Y andava por los altares:
Zapatos que remendar?

Tambem ele, atingido pela deformação profissional, só sabia cuidar das palavras. Dormiu e sonhou que depois de muitas aventuras havia chegado ao céu.

“Mas vêde agora o reflexo da realidade na cerebração inconsciente”, continúa. “Eramos milhares. S. Pedro, á porta do céu, acolhia as almas com bene-

volencia. O céu é de todos, dizia ele; mas, para não haver tumulto, entrem por classes. Quinze ou vinte vezes, tentei entrar, mas era sempre detido por ele, com um santo gesto misericordioso. E acrescentava que esperasse, que eu era dos pedantes. Afinal, chegou a minha vez. Vexado da designação, entrei. Um serafim veio ter comigo, e deu-me um grosso livro fechado. Fui dar a um vastissimo espaço, onde S. Paulo dizia missa, não diante da imagem de Jesus, mas do proprio Jesus ressuscitado. Milhões de creaturas estavam ali, ajoelhadas. Ajoelhei-me tambem e, vendo que todos tinham os livros abertos, abri o meu... Oh! que não sei de nojo como o conte! Era um dicionario. Era o breviario dos pedantes. Corri as paginas todas á cata de uma reza, não achei nada, um Padre-Nosso que fosse, uma Ave-Maria, nada; tudo palavras, definições e exemplos. “Zapatos que remendar?”

Pedante, Machado nunca o foi, nem o poderia ter sido, dado o seu feitio modesto e simples. Mas é inegavel que para o fim da vida se foi fechando naquella attitude literatisante de que a sua correspondencia é a melhor prova.

Mas era só attitude. No intimo, continuava o mesmo Machado inquieto, curioso, espirito cheio de dobras, de surpresas, de escaninhos secretos.

Protestando energicamente contra o convencio-nismo aparente, surgem Varias Historias em 1895, o Dom Casmurro em 1900, as Poesias Completas em

1901; Só sabia viver nos livros, quem para eles vivera.

“Zapatos que remendar?”

O verdadeiro Machado estava nos livros, e nas horas de intimidade com Carolina. O outro, o ceptico amavel, era tambem propriedade da Livraria Garnier, como as suas obras. De 1899 em diante, é quasi impossivel imaginar Machado de Assis e Garnier, um sem o outro. Até a publicação de Varias Historias, que deu á Casa Laemert, ainda mantinha uma certa independencia em relação aos editores. Mas depois se apegou definitivamente ao editor Garnier. Em 1899 vendeu-lhe por oito contos a propriedade inteira e completa de Paginas recolhidas, D. Casmurro, Memorias postumas de Braz Cubas, Quincas Borba, Yáyá Garcia, Helena, Resurreição, Papeis Avulsos, Historias sem data, Historias da Meia Noite, Contos Fluminenses, Americanas, Falenas e Crisalidas.

E d'aí em deante fez sempre o mesmo contrato, recebendo um conto e quinhentos pelos livros de prosa, e oitocentos mil reis pelas Poesias Completas. É historia antiga, a desvalorização da poesia...

A identificação que se estabeleceu entre ele e o seu editor não impedia a este de defender os seus direitos como bom comerciante.

Em 1902, adquirindo a propriedade de Varias Historias, já então em segunda edição, abate duzentos mil reis no preço pedido por Machado, um conto

e duzentos. E acrescentava aos contratos a clausula de que o autor se obrigaria a revêr as provas “sem direito a remuneração alguma por estes trabalhos”.

Mas, á parte disso, tratava-o com grande consideração; Machado tinha lá uma cadeira especial, que o esperava todas as tardes á hora certa, e, mais de uma vez, sendo aí acometido das crises a que era sujeito, se viu cercado do carinho dos empregados da casa.

Se os livros continuavam a saír com regularidade de uma intelligencia clara e limpida, de uma sensibilidade sempre ferida, foi deixando as colaborações na imprensa. Depois de 1897, quando cessou de escrever semanalmente na Gazeta de Noticias, só appareceu nas suas colunas algumas vezes, em 1900, substituindo Olavo Bilac, ou publicando raramente algum conto, uma ou outra noticia literaria. E as ultimas paginas suas na Revista Brasileira são de 1898, que é o ultimo ano da Revista. Depois disso, até morrer, limitou-se a um conto anual no Almanaque Brasileiro Garnier.

Talvez o abalo causado pela injustiça soffrida no Ministerio lhe houvesse diminuido as forças; além disso, as funções de secretario, menos regulares do que as de Director, e as de Presidente da Academia em organização, deviam ocupar-lhe todo o tempo disponível.

E em 1902, quando tudo voltou á normalidade, já perdera o longo habito e a pesada disciplina do trabalho com data fixa.

Aliás, começou por esse tempo a sentir que envelhecia, que já estava no momento de se ir retirando; “Precisamos deixar lugar aos moços”, repetia, perguntando se já não se estaria tornando fastidioso...

Mas não haveria certamente sombra de amargura nessa atitude. Nenhum moço lhe disputava a primazia das letras. O estilo ainda era facil, lepidas as ideias. Não tinha o menor sintoma de cansaço. E a sua situação não podia ser melhor. O respeito, a estima, a admiração o cercavam.

Envelhecia docemente, entre o carinho da mulher e a consideração dos intellectuaes.

Sem duvida, teria os seus desafetos; na propria Garnier, um grupo dissidente estava sempre pronto a critica-lo, Silvio Romero publicára desde 1896 o seu estudo sobre ele, respondido por Lafayette. Mas essas discussões que suscitava, com as quaes sem duvida se magoava a sua sensibilidade, diziam bem da importancia da sua obra.

De dentro da Garnier, Machado de Assis assistiu ao começo da sua gloria. E se uma parte dele mesmo sorriu, ironico e descrente, a outra gostou, e tomou o ar distante que apreciava em Quintino Bocayuva. O conselheiro Aires começou a suplantar o “Seu” Machado, como este vencera o Machadinho...

CAPITULO XVI
ENTRE 1891 E 1902

A OBRA

OS CONTOS — PERFEIÇÃO NO GENERO DE QUE
NÃO TEVE MODELOS NA LINGUA — OS TEMAS
CONSTANTES — O DOM CASMURRO — SENSIBILI-
DADE MAIOR — POESIAS COMPLETAS — A POESIA
DA VELHICE SUPERIOR A' DA MOCIDADE.

Por essa epoca já havia Machado de Assis publicado quasi todos os seus livros de contos. Com Reliquias de Casa Velha, que sairá em 1906, estará completa a coleção. E representa, descontados os dois primeiros volumes, a parte mais perfeita da sua obra. Machado custou muito a se firmar como contista; entre 1860 e 1870, quando já é dextro nas cronicas, no conto ainda é fraco e indeciso. Mas, depois de Papeis Avulsos se revelou um mestre no genero. Mestre é bem o termo, porque não teve exemplos na sua lingua, e nem talvez nas estrangeiras, e até agora ainda não encontrou quem o suplante.

Nos romances, mesmo nos melhores, as delongas, as intromissões do autor, dão á narrativa um aspeto indeciso e zigue-zagueante, que tem por vezes grande encanto, mas é em outras um tanto maçante.

No conto, não. Obrigada a se encolher, a trama ganha em coesão, em resistencia.

Tecnicamente, literariamente, algumas das suas historias são verdadeiras obras-primas. Estou me lembrando ao acaso, de Evolução, Umás ferias, Cantiga de Esponsaes, do Espelho, de Missa do Galo... poderia acrescentar muitas outras; a lista é longa, dos contos admiraveis do grande escritor.

A grande fraqueza de Machado — a composição, a falta de abandono — condiz melhor com a indole do conto do que com a do romance. O romance é a vida, o conto é o caso, a anedota. A propria natureza do genero exige uma certa limitação, uma tendencia a vêr de perto, á moda dos miopes. O episodio, para ter realce, requer os vidros de aumento da analise minuciosa que no romance perturbam a visão do conjunto. E esse parece ter sido o modo de trabalhar de Machado.

Os seus romances têm um ritmo ciclico, compõem-se de uma sucessão de quadros. A superioridade do Braz Cubas sobre os outros vem justamente da harmonia entre a marcha interrompida da narrativa e a dissociação do heroe, da "errata pensante."

Nos outros, como no Quincas Borba, a lenta e admiravel evolução psicologica das creaturas se choca com a indole fragmentaria da narrativa.

Se Machado fosse pintor, certamente os seus estudos valeriam mais do que as grandes telas. Para o romancista, os contos equivalem a estudos. Assim encaradas, as historias de Machado de Assis ganham

significação que as liga entre si. Foram, na sua melhor parte, estudos sobre alguns temas.

Sem duvida, muitos são casos esporadicos, sem repercussão, em que o autor se encerra dentro dos limites do episodio, como nos dois contos em que trata da escravidão, Pae contra Mãe e o Caso da Vara. Aí Machado parece ter querido isolar o caso da mulata Arminda ou da negrinha Lucrecia do problema da escravidão.

Ha, porém, algumas linhas mestras da sua obra que só nos contos se precisam.

O tema da perfeição, por exemplo.

Da perfeição inatingivel, que gera a duvida, a eterna insatisfação. No romance, ele só aparece e muito veladamente, na figura da Flora do Esaú e Jacob. Mas, no conto, é tomado e retomado em Cantiga de esponsaes, em Um homem Celebre, em Trio em lá Menor, e, de modo mais frusto, em D. Benedita. Nesses quatro contos, dois artistas e duas mulheres esperam a vida toda alguma coisa que não vem, talvez porque a busquem demais. A arte, a felicidade, ou simplesmente, como D. Benedita, a faculdade de viver, de escolher, de saber o que quer.

Em Cantiga de Esponsaes, um pobre musico, desesperado de encontrar a frase musical que procurava, ouviu uma moça "cantarolar á tóa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual cousa um certo lá trazia após si uma

linda frase musical, justamente a que mestre Romão procurava durante anos sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza, abanou a cabeça, e á noite expirou.”

Em Um homem Celebre, um fazedor de polkas de estrondo guardava dentro de si as harmonias de um Requiem, sem nunca as conseguir fixar.

Já no leito de morte, o editor pede-lhe mais uma polka, para comemorar a subida dos conservadores ao poder.

“Olhe, disse o Pestana, como é provavel que eu morra por estes dias, faço-lhe logo duas polkas; a outra servirá para quando subirem os liberaes.

Foi a unica pilheria que disse em toda a vida, e era tempo, porque expirou na madrugada seguinte, ás quatro horas e cinco minutos, bem com os homens e mal consigo mesmo.”

D. Benedita, que passa a vida toda a hesitar, sem se decidir a viver, porque nunca a realidade lhe parecia corresponder ao que imaginava, tem uma noite uma visão singular.

“...Uma figura vaga e transparente, trajada de nevoas, toucada de reflexos, sem contornos definidos, porque morriam todos no ar. A figura vem até o peitoril da janela de D. Benedita; e de um gesto sonolento, com uma voz de creança, disse-lhe estas palavras sem sentido:

— Casa... não casarás... se casas... casarás... não casarás... e casas... casando...

D. Benedita ficou aterrada, sem poder mexer-se; mas ainda teve a força de perguntar á figura quem era. A figura achou um principio de riso, mas perdeu-o logo; depois respondeu que era a fada que presidira ao nascimento de D. Benedita; Meu nome é Veleidade, concluiu; e, com um suspiro, dispersou-se na noite e no silencio.”

A Maria Regina do Trio em Lá Menor, uma voz sussurra.

— E' a tua pena, alma curiosa de perfeição; a tua pena é oscilar por toda a eternidade entre dois astros incompletos, ao som desta velha sonata do absoluto: lá, lá, lá...

Contrastando com essa tortura da busca da perfeição, do absoluto, ha os felizes que se contentam com o relativo, a exemplo do canario de Ideias de Canario. Os que gostam da vida sem a querer analisar nem submeter a um ideal inatingivel, que a querem por si mesma, como Fulano, tão contente com as noticias nos jornaes, ou o heroe do Emprestimo com os seus cinco mil reis “residuo de uma grande ambição.”

Para esses, o mundo são eles proprios, é o seu pequeno circulo, e Machado se delicia em se poder fechar, com eles, dentro de um episodio limitado, ignorando propositadamente a vida.

— Suje-se gordo!

... a lei da evolução tal como a definiu Spencer-Spencer ou Benedito, um deles.

— Eterno é o fiscal da minha rua!

Dizem as personagens, e o autor, instalado no seu quotidianismo, no seu curto alcance, como que descança da angustia do misterio.

Todas essas historias, de um cinismo ora ingenuo ora malicioso, são, afinal, de um cepticismo que as agrupa em torno do conto filosofico a Igreja do Diabo.

Aí, o relativismo de Machado chega ao auge.

... “As virtudes, filhas do ceu, são em grande numero comparaveis a rainhas, cujo manto de veludo rematasse em franjas de algodão”, diz o Diabo ao Senhor.

As franjas são os vicios. Os limites entre o bem e o mal são imprecisos. O exemplo disso está naquelle estranho heroe de Causa Secreta. Ainda aí, vae Machado de Assis encontrar Pascal: “Quand on veut poursuivre les vertus jusqu’aux extrêmes de part et d’autre, il se présente des vices qui s’y insinuent insensiblement...” diz este em Pensées.

Apenas, onde um vê a fraqueza do homem marcado pelo pecado original descobre o outro a relatividade das leis moraes.

Tem-se a impressão de que ás vezes, cansado de se debater no misterio do destino humano, Machado cruzava os braços e se deixava levar pela corrente comoda do naturismo.

O raciocinio, que é o meio de conhecimento do homem, não conduzia a ele? Pois então era dei-

zar-se ir, de conclusão em conclusão negando tudo, ou tudo aceitando, o que no fundo era a mesma cousa.

O homem lhe aparece nesses momentos como um animal logico, para o qual tudo se reduz a silogismos. E só neles a sua ironia se faz amarga e dissolvente.

O raciocinio é o unico meio de conhecimento. Ora, ele não distingue os limites entre o Bem e o Mal.

Logo, o Bem e o Mal são equivalentes — E' a conclusão intima, implicita, de muitos dos seus contos.

Levando para outro terreno a sua mania raciocinante, encontrará, no Alienista, outra equivalencia, a da loucura e da razão.

O raciocinio implacavel e como que desprendido da realidade, leva Simão Bacamarte a prender na Casa Verde toda a população de um cidade, e Machado de Assis a perguntar na Semana, "Onde acharei metodo para distinguir um louco de um homem de juizo?"

No fundo, Itaguaí é o mundo e todos são loucos — ou ajuizados, conforme o ponto de vista. Descrença, ou lucidez? Descrença pela lucidez. Machado de Assis, intimamente, não duvidava tanto das forças moraes — a sua vida é uma prova disso, como da dificuldade de descobrir a sua ação sobre os ho-

mens. Eram para ele elementos irracionais que não cabiam dentro de nenhum sistema logico.

Se tudo depende do ponto de vista do observador, tudo é subjetivo e inverificavel.

A loucura pôde ser a razão. E é, certamente, a felicidade. Um dia, encontrando um louco entre dois soldados, chega a inveja-lo, porque podia “não ver absolutamente a realidade” “Que é para ele uma esteira, um cubiculo e um guarda? coxins, um palacio e moças bonitas. Talvez o que presumes serem moças, palacios e coxins não passe de um guarda, uma esteira e um cubiculo.” (152)

Nesse subjetivismo exagerado, como pôde o homem distinguir entre as cousas? Só o raciocinio o guia, operação mental que obedece ás proprias leis, e não ás da realidade. O raciocinio que se nega a ver a verdade complexa, e se apega ás apparencias simplificadoras e artificialmente encadeadas, que se reduz a um jogo de idéas e quasi de palavras.

—“Eu sou o illustre Tamerlão”, dizia, no Braz Cubas, um pobre maniaco. “Outróra fui Romualdo, mas adoeci, e tomei tanto tartaro, tanto tartaro, tanto tartaro, que fiquei Tartaro, e até rei dos Tartaros. O tartaro tem a virtude de fazer Tartaros”.

Esse logicismo de superficie é a vingança do espirito que, cansado de lutar contra o misterio, como

(152) A Semana de 15 de Setembro de 1895, folhetim não publicado por Mario de Alencar.

que resolve elimina-lo e amesquinhar a vida representando-a com uma simplificação quasi ridicula.

Mas nem sempre o consegue. A incoerencia, a dissociação, a complexidade do homem atraem o observador. Ele não fica sempre na attitude do Simão Bacamarte. Sabe ver que nem tudo é materia de raciocinio, e escreve *Uns Braços*, a *Missa do Galo*, *Noite de Almirante*, *Singular Occurrencia*, contos inteiramente diversos entre si, já pelo ambiente, já pelo assunto, mas que entram todos nos dominios dos instintos, dos impulsos secretos, de todo o irracional que fermenta na alma humana.

As mulheres honestas de *Missa do Galo* e *Uns Braços*, que cream em torno de si aquella pesada atmosfera de volupia, ficam a um passo apenas da mundana de *Singular Occurrencia*, que se entrega a um sujeito qualquer, ou da rapariga de *Noite de Almirante*, cujo amor muda sem saber porque.

Este ultimo conto, com a ameaça da tragedia, que afinal não se dá, mas põe uma anciedade no ritmo da narrativa, aproxima-se das historias tragicas, da *Cartomante*, de *Uma Noite*, do *Enfermeiro*, de uma parte de *Causa Secreta*, sendo-lhes superior.

Ao horrivel de Machado de Assis, cuja sobriedade de côr e de tom é mais propria á analyse do que á descripção de cenas brutaes, falta alguma cousa. *Noite de Almirante*, onde o drama se esboça e se mantem em suspenso, é mais forte, mais denso do que os outros, onde se desencadeia.

Outro grupo de contos, os de observação de vida mundana e familiar, que constituem uma grande parte das colaborações da Estação, e são do genero de Capitulo dos Chapeus, da Senhora do Galvão, de Maria Cora, de Papeis Velhos, do Diplomatico, traduz um certo proustianismo em Machado.

Aliás, tão diferentes pela indole, pelo feitio, o romancista brasileiro e o francês têm alguns pontos de contato: a crença na arte tomando o lugar de todas as outras, e um geito especial de mostrar o vasio da agitação humana parecendo que lhe dão muita importancia. A extensa galeria de mulheres frivolas e belas, as Mariana, as D. Paula, dos homens que vivem entre os encontros amorosos e o Carceler, dos parasitas meio alcoviteiros tem um tal ou qual aspeto proustiano.

O olhar de miope com que os dois creadores examinaram com uma lente as fraquezas da sua gente, é o mesmo olhar de quem sabe que o fim dessa agitação é "divertir o planeta Saturno".

Apenas, o que em Machado atormentado pelos "piparotes continuos da eternidade" foi uma tendencia entre muitas, menor do que outras, foi em Proust a atitude dominante.

Machado riu amarelo, mas riu, chorou sem abandono, mas chorou, enquanto nada perturbava o minucioso exame de Proust.

Uma divergencia, entretanto, os separa fundamentalmente: a noção do tempo, que Proust recons-

tituia pela identidade das sensações que para Machado é irreversível justamente porque modifica as sensações.

O episodio do bilhete de Virgilia que Braz Cubas encontra depois de muito tempo, e julga ridiculo, absurdo, quando no momento o transportára de jubilo, é sintomatico.

Em Papeis Velhos, o heroe tenta "reaver a sensação perdida" sem o conseguir.

A fuga do tempo, com as pequenas mortes que vae acarretando dia a dia para o homem, é um tema constante em Machado, desde as Crisalidas.

Entretanto, se as sensações não podem fazer regredir o tempo, as imagens podem, pela sua volta, repôr o homem no estado de espirito anterior. Mas é preciso para isso que a imagem em questão seja como que uma projecção da personalidade. E' o tema do Espelho.

A introversão excessiva leva o homem a perder pé na realidade, e por conseguinte a perder a consciencia de si mesmo. Nesse caso, a imagem é a "alma exterior" que o vae repôr na posse de si, porque só por ela vivia. O heroe do Espelho, em quem "a consciencia do homem se obliterava" "á medida que" a do alferes tornava-se viva e intensa" mergulha, quando se vê só, numa crise terrivel de introversão. Era como se "houvesse perdido toda a ação nervosa, e não tivesse consciencia da ação muscular". Começa a ouvir "um dialogo do abismo,

um cochicho do nada". Isso tudo porque perdera a alma exterior, que era a sensação de ser alferes.

A Academia de Letras, a compostura diplomatica do Conselheiro Aires, a attitude de intellectual amavel... quantas almas exteriores não teve Machado de Assis!

Não precisava de toda elas, porque tinha a melhor, o outro eu sereno e meigo — a Carolina.

No Programa, publicado na Estação, um ambicioso que sonhára todas as glorias, se vê, afinal, sem nada — mas com uma mulher que amava.

Uma vez, ao tornar á casa, depois de uma viagem que lhe lembrára os ideaes da mocidade, vem amargo, e, sem querer, vendo a mulher, a filharada, a casa simples, a vida de todos os dias, que o prendia, murmura de si para si: Eu tambem nasci na Arcadia".

A mulher não ouviu, e perguntou-lhe se pedira alguma cousa.

— "A tua alegria e uma chicara de café", respondeu.

Quantas vezes, ao arrancar-se da mesa de trabalho, torturado por tantas duvidas, tantos problemas sem solução, Machado ha de ter repousado os olhos na figura placida da mulher e pedido a sua alegria como uma realidade boa que o prendia á vida, que o pagava do tormento do pensamento e do tormento da molestia.

Desta ultima ha nas coleções de contos uma passagem evocativa. O heroe da Verba Testamentaria padecia de um estranho mal: "Tinha occasiões de cambalear; outras de escorrer-lhe pelo canto da boca um fio quasi imperceptivel de espuma. E o resto não era menos cruel. Nicolau ficava então rispido; em casa achava tudo máu, tudo incomodo, tudo nauseabundo; feria a cabeça dos escravos com os pratos, que iam partir-se tambem, e perseguia os cães, a pontapés; não socegava dez minutos, não comia, ou comia mal. Emfim dormia e ainda bem que dormia. O sôno reparava tudo".

Não era um epileptico esse Nicolau, mas a descrição da crise tem qualquer cousa de epileptiforme.

Machado, que parece ter sempre evitado de aludir á sua molestia, foi, nos escritos, menos reservado. Mais um indicio de como o verdadeiro Machado está nos livros.

Na primeira edição das Memorias Postumas de Braz Cubas escreve a proposito de Virgília não digo que se carpisse, epileptica..." substituindo depois por convulsa o adjetivo.

E Suave Mari Magno outra cousa não é senão o desabafo do horror que lhe causava cair na rua, dar a sua molestia em espetaculo á curiosidade alheia.

O cão que lhe inspira os versos tão doídos,

"Arfava, espumava e ria,
• De um riso spurio e bufão
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.

E' impossivel que Machado de Assis não tivesse pensado em si, ao escrever isso... mas escreveu porque, a despeito de todos os disfarces, de todas as revira-voltas, de todas as artimanhas, ele está nos seus livros, com toda a sua pobre sensibilidade tão ferida, com toda a sua dolorosa e profunda humanidade.

As Ocidentaes, que, a não ser a tradução de Dante, publicada em 1874, (153) foram compostas mais ou menos na mesma epoca do que os contos — as primeiras são de 1880 e o livro saiu em 1901 — repetem muitos dos temas abordados em prosa, no conto e no romance, temas que são afinal a eterna preocupação de Machado. E talvez ele não tenha sido grande poeta devido a essa intelectualidade, a esses problemas na sua poesia. Tres das melhores peças, o Desfecho, Uma creatura, Soneto de Natal, são construidas em torno dos versos finaes, expressões do pensamento machadeano.

“Acabará o suplicio, e acabára o homem, diz o poeta, e a longa tortura do conhecimento, arcabouço do romancista, se resume no verso perfeito.

“Tu dirás que é a Morte: eu direi que é a Vida”, repete o poeta depois de ter dito o prosador; “Eu não sou somente a vida; sou tambem a morte”.

(153) No Globo de 25 de Dezembro de 1874; pouco depois, em Fevereiro de 1875, Xavier Pinheiro estampava no mesmo jornal a sua versão do mesmo canto, publicando ao lado o original italiano; haveria nisso alguma tacita acusação de infidelidade a Machado de Assis?

“Mudaria o Natal, ou mudei eu?”, Pergunta, e os trechos todos em que, nos romances e nos contos, a fuga dos dias modifica as creaturas, passam deante do leitor.

Tambem No Alto, a terrivel visão do delirio do Braz Cubas aparece como

“...uma cousa extranha,
Uma figura má”.

que dá a mão ao poeta para descer a encosta galgada ao lado de Ariel...

Dentro da obra tão extensa de Machado, tão irregular, tão fragmentaria, os caminhos se cruzam, mas acabam por se encontrar em torno de alguns poucos temas centraes.

No Dom Casmurro vae, mais uma vez, por meios muito diversos, abordar a questão da responsabilidade. Capitú, se traíu o marido, foi culpada — ou obedeceu a impulsos e hereditariedades ingovernaveis? é a pergunta que resume o livro.

Na obra morosa de Machado, o Dom Casmurro destôa pela vivacidade.

E' um drama de amor e de crime, e o narrador pode fazer o possivel para manter a impassibilidade ironica do Braz Cubas, mas não o consegue. Aqui, não são ideas, como no Braz Cubas, a se agitarem em saltos mortaes no cerebro, que dirigem o livro. São os sentimentos cavando sulcos profundos na alma, que empolgam as personagens. Braz Cubas

pensou, Bentinho viveu. Esta é a diferença fundamental entre os dois. Uma seiva nova e rica circula no romance.

Pelo que conhecemos da sua vida, esse livro — a sua unica historia de amor — parece ser aquele em que Machado nada poz de auto-biografico.

Mas será mesmo? Essa unica excepção numa obra tão grande, e quasi sempre tirada de dentro do autor, será possivel?

Alem desse, só Resurreição não parece encerrar nenhuma confissão. Mas é um livro completamente destituído de significação.

Os outros romances da mocidade tráem as suas lutas intimas para subir de classe, as Memorias Postumas e o Quincas Borba refletem a posição do seu espirito, o Memorial de Aires é confessadamente auto-biografico, o mesmo Esaú e Jacob, tão inferior aos outros da segunda fase, põe em cena o ideal machadeano do Conselheiro Aires, e tem, na Flora, muito da indecisão do autor. Só o Dom Casmurro, o mais vivo, o mais sentido de todos, constituirá um caso á parte? Convem não esquecer de que parece ter passado outra mulher pela vida de Machado de Assis, alem de Carolina...

As informações sobre o caso, muito vagas, muito imprecisas, nada dizem de certo sobre a epoca em que se passou; mas deve ser muito anterior á composição de Dom Casmurro, publicado quando o autor já contava mais de sessenta anos.

Mesmo assim, porem, não é impossivel que aquella perturbadora Capitú seja uma reminiscencia da desconhecida. Ha nela uma sedução pecaminosa que não se encontra tão forte em nenhuma das outras mulheres de Machado, nem mesmo em Sofia, a que mais se lhe assemelha.

E ha no livro um calor de vida, uma transpiração de contato humano que raramente appareceu em Machado, e nunca tão continuamente.

E' verdade que, com o seu ar sonso e frio, Machado de Assis foi, no fundo, um grande sensual — a nota de sensualidade apparece sempre que surge uma mulher bela — e um grande ciumento. Com essas duas tendencias, e um temperamento de romancista, podia ter tirado o Dom Casmurro de seu poder creador.

Mas, recordação ou imaginação, foi um livro feito mais com o coração do que com a cabeça.

Não entram nele elocubrações cerebraes, e isso lhe dá uma fisionomia diversa da dos outros livros.

Ligando-o a eles, ha o estilo, e ha a idea central de saber se Capitú foi uma hipocrita, ou uma vitima de impulsos instinctivos. Em outras palavras, se póde ser responsabilizada; e por aí entra na galeria machadeana das creaturas dirigidas por fatalidades poderosas e desconhecidas.

Para estudar-lhe bem o carater, Machado dedica dois terços do livro á adolescencia dos dois namorados, Capitú e Bentinho.

O drama, propriamente, se desenrola em cinquenta paginas mais ou menos. E, entretanto, começa a se insinuar desde o principio, nos meneios de Capitú, no seu ardor, na tibieza de Bentinho, uma ameaça para o futuro casal.

Não sei que haja na literatura brasileira outro estudo de psicologia de adolescentes comparavel a este.

Bentinho, ao perceber que amava a vizinha teve “a sensação de um gozo novo, que me envolvia em mim mesmo, e logo se dispersava, e me trazia arripios, e me derramava não sei que balsamo interior”. Era um emotivo, um timido, dominado pelas impressões. Mas Capitú, felina, ondulante, cheia de manhas e recursos, já era, desde então, mulher até a ponta dos dedos.

Não foram necessarias a Machado de Assis, cenas realistas para fazer entender que, no casamento, Capitú dominaria — mas não ficaria inteiramente satisfeita. Disse sem dizer, narrando o namoro ingenuo de duas creanças, esboçando-lhes os temperamentos.

A arte com que vae firmando os contornos de Bentinho e Capitú, por gradações imperceptiveis, só pôde ser comparada á da natureza, ao crescimento das plantas, ao clarear dos dias.

Quando o leitor dá acôrdo de si, a situação está armada. A Capitú está uma linda mulher, de atractivos bem femininos, o Bentinho um rapaz cheirando a seminario... Antes de nascer no espirito do Bentinho, a duvida nasce no leitor, sem que o autor diga nada.

E, aliás, ele passa o livro todo sem dizer nada, Capitú teve um filho parecido com o amigo do marido; mas tambem ella apresentava uma estranha semelhança com a mãe da sua amiga Sancha...

Casado com uma mulher de fogo, elle proprio mais propenso á interiorização, desconfiado de si, Bentinho não podia deixar de ter ciumes. Ciumes doentios, dolorosos, que fizeram dele quasi um assassino e que o levaram á misantropia? Ou fundados?

Sem as indagações filosoficas do Braz Cubas e do Quincas Borba, sem o tédio do Esaú e Jacob e do Memorial de Aires, o Dom Casmurro é o mais humano dos livros de Machado. Aí não indaga como se sofre, ou porque se sofre — conta simplesmente a dor de um homem. Um momento, a angustia de um coração humano lhe fez esquecer os "cochichos do nada". O amor de Bentinho por Capitú foi alguma cousa de real, de palpavel, de solido, que prendeu o autor á terra, á vida quotidiana e o disputou ás seduções do misterio, á voluptuosidade do nada.

Drama intimo, pungente, atmosfera vibrante, tudo isso quebra a monotonia da obra de Machado de Assis. Mas, no final ele intervem. Aparece o dissecador, como que se vingando de se haver deixado dominar pelo homem.

Amor, ciume, tudo passou; o importante era “saber se a Capitú da praia da Gloria já estava dentro da de Mata Cavalos.” De todo o sofrimento das suas creaturas, ele extraiu um problema de psicologia — e talvez mesmo de hereditariedade.

E com essa pergunta fechou o parentesis de emoção aberto com o Dom Casmurro na sua conversa com a vida, que proseguia entre bocejos de tédio e sorrisos de desdem.

CAPITULO XVII

O CONSELHEIRO AIRES

A DISPLICENCIA E A POLIDEZ DO DIPLOMATA
APOSENTADO, IDEAL DE MACHADO DE ASSIS —
CONFUSÃO ENTRE A PERSONAGEM E O AUTOR —
O 'ESAU' E JACOB — DEFICIENCIAS DO ROMANCE,
APAZIGUAMENTO DO ROMANCISTA.

Em Março de 1867, antes de completar vinte e oito anos, escrevia Machado de Assis para o Diário do Rio, sob o pseudônimo de Job, uma das suas ultimas crônicas. Dirigindo-se á opinião publica, apresenta-se a ela.

E o Machadinho, apreciador da beleza feminina, perdido de entusiasmo pelas prima-donas, agressivo nas discussões, provocando conservadores e clericos, cheio de vida, batalhador, ambicioso, traça de si um retrato inesperado:

"Se a velhice quer dizer cabelos brancos, se a mocidade quer dizer ilusões frescas, não sou nem moço nem velho. Realizo literalmente a expressão francesa: Un homme entre deux âges.

...Estou tão longe da infancia como da decrepitude; não anseio pelo futuro, mas tambem não choro pelo passado. Nem alto nem baixo... nem votante nem eleitor... poupo-me ás lutas da Igreja... não privo com as musas, mas gosto delas.

Leio por instruir-me, ás vezes por consolar-me. Creio nos livros e adoro-os."

Esse Job foi a primeira encarnação de um tipo que veio acompanhando Machado a vida toda, foi confundindo-se com ele, e acabou por domina-lo.

O do Conselheiro Aires, diplomata aposentado, homem polido e medido, que se punha á margem da existencia e apreciava, entre interessado e entendia-do, o espetaculo da vida humana.

Como terá surgido essa especie de alma exterior? Deverá ter vindo, instintivamente, da necessidade de se controlar, de não ter o derramamento do mestiço, nem a impulsividade do nevropata. (154)

E talvez, tambem, do exemplo dos homens graves que observou anos a fio no Senado, como representante do Diario do Rio.

“Adolescente espantado e curioso” que a si mesmo se educou, ele admirou a compostura daquela geração de politicos formados pelos moldes ingleses, que “não perdiam a linha” e tinham “um pouco de homens, outro pouco de instituição.”

A dignidade desses senadores, altivos na tribuna, serenos fora dela, “risonhos, familiares, gracejando entre si e com os outros, tomando juntos café e rapé,” capazes de “fazer, desfazer e refazer os elementos e governar com mão de ferro este país”

(154) Machado de Assis se enquadra perfeitamente no temperamento descrito por Adler no livro já citado, dos nervosos sempre em busca de uma compensação para as suas deficiencias, compensação de que as nevroses podem ser manifestações por assim dizer inferiores, e a construção de um tipo ideal manifestações superiores,

sem nunca perder a compostura, imprimiu-se fortemente na imaginação do joven jornalista. (155)

E se aliou á necessidade que Machado sentia de se dominar para formar a imagem que mais tarde se precisou sob as feições do Conselheiro Aires.

Levou tempo a se cristalizar essa figura feita de reminiscencias de leituras e recordações de mocidade, mixto de filosofo e mundano, com um pouco de Montaigne, alguma cousa de Renan, traços dos parlamentares do segundo reinado e do Monsieur Bergeret de Anatole France.

Aparece de longe em longe, nas cronicas posteriores ao Diario do Rio, numa palavra, num dito de passagem, ainda impreciso e vago, residindo mais no tom, naquêle ar desinteressado, de conversa mundana que ás vezes lhe imprimia, naquêle geito de tratar de todos os assuntos com a mesma displiscencia, passando de um a outro com uma agilidade de quem não leva nenhum a serio.

“Eu gosto de ver correr o tempo e as cousas; só isso”.

“Eu cá prefiro a monotonia á cova; mania de velho”.

“Os velhos como eu irão recordar um pouco da mocidade — a melhor cousa da vida, talvez a unica”.

Essa velhice precoce do cronista da *Ilustração Brasileira*, que ainda não tinha quarenta anos, já era influencia do Conselheiro Aires.

(155) Trechos tirados todos de *O velho Senado*, publicado na *Revista Brasileira* em 1898 e no volume *Paginas Recolhidas*,

Em Yáyá Garcia, ela faz uma ligeira aparição “no gesto lento e nas atitudes tranquilas” de Luiz Garcia “inofensivo por temperamento e por calculo”.

A crise aguda de descrença do Braz Cubas parece afasta-la de Machado; mas foi só por um momento. De novo volta, ocupa-lhe o espirito, ganha fóros de cidade.

A propria elevação social do escritor ajudando, a fusão acabou por se operar. Em 1892, quem escreve os folhetins da semana, sob o pseudonimo de Machado de Assis, é o velho Aires.

E’ ele quem cita frequentemente o conselho francês: “glissez, mortels, n’appuiez pas” tão adequado ao seu feito. E’ o seu criado José Rodrigues que aparece nas cronicas como a personificação do homem simples.

“Pena da minha alma, vai afrouxando os bicos; diminue esse ardor, não busques adjectivos, nem imagens, não busques nada, a não ser o repouso, o descanso fisico e mental, o esquecimento, a contemplação que prende com o cochilo, o cochilo que expira no sono.”

Esse conselho, que é dado logo no inicio das colaborações semanaes na Gazeta de Noticias, cheira a Aires. Desse momento em diante não é mais possivel separar os dois socios.

Machado adota o creado, o gosto, a polidez e a indiferença de Aires. E se vai deixando dominar por ele.

Em 1903 é ele quem lhe vae ditar um romance que sairá no ano seguinte, o *Esaú e Jacob*, a principio chamado *Ultimo*, mostrando a intenção do autor de se retirar da actividade litteraria. Fez bem em mudar o titulo, porque não foi o ultimo. Não falando de *Reliquias da Casa Velha*, onde reuniu escritos esparsos, alguns inéditos e outros antigos, ainda Machado-Aires vão compor, com as saudades do primeiro e a verde velhice do segundo, o *Memorial de Aires*.

Esse Aires, com o seu "sorriso aprovador, a fala branda e cautelosa, o ar de ocasião, a expressão adequada, "o seu" tedio á controversia", a sua curiosidade discreta, o seu amadorismo, velho ideal de Machado, foi o seu representante na *Revista Brasileira*, na *Academia de Letras* e na *Garnier*, o colaborador dos seus escritos desse tempo.

Aquella atmosfera modorrenta de depois do almoço, quando as venezianas coam a luz e a conversa morre, que se sente levemente nos outros livros, torna-se mais forte em *Esaú e Jacob* sob a influencia de Aires.

Afinal, o livro é o tema da perfeição e da duvida, que já dera varios contos, excessivamente prolongado. E tambem o da irresponsabilidade. Os gemeos, cuja inimizade começou no seio materno, estavam predestinados a ser inimigos. E *Flora*, disputada por ambos, aceitando a ambos, porque um completava o outro e juntos fariam um homem perfeito, é

a irmã de D. Benedita, da heroína de Trio em Lá menor, de todas essas indecisas figuras machadeanas, inquietas e enigmáticas.

Aires achava-a inexplicável:

— Inexplicável é o nome que podemos dar aos artistas que pintam sem acabar de pintar. Botam tinta, mais tinta, outra tinta, muita tinta, pouca tinta, nova tinta, e nunca lhes parece que a árvore é árvore, nem a choupana choupana. Se se trata então de gente, adeus. Por mais que os olhos da figura falem, sempre esses pintores cuidam que eles não dizem nada. E retocam com tanta paciência que alguns morrem entre dous olhos, outros matam-se de desespero.”

Mais ou menos o que acontecera a Mestre Romão, da Cantiga de Esponsaes.

Livro repisado, livro de velho, o Esaú e Jacob. Aires aumentou o enfastiamento de Machado de Assis, porque o arrancou á “voluptuosidade do nada” ao prazer satânico de sondar as fontes da vida e acha-las vãs, á divina tortura do misterio.

Aquietou-o, infundiu-lhe a própria “alma de sexagenário desenganado e guloso”, fe-lo resignar-se ao agnosticismo risonho, cortou-lhe as asas á imaginação.

No Esaú e Jacob, não passam aquelas correntes de angustia, não ecôam aquelas interrogações sem fim que animam o ambiente dos outros romances,

Tudo está apaziguado, domesticado.

“Tenho uns dias, umas horas, em que dou para subir á montanha e doutrinar os homens. A natureza, que não faz saltos, tambem não gosta de andar torto, e depressa me repõe no caminho direito, que é na planicie”, dissera ele, alguns anos antes, na *Semana*. (156)

‘E assim aconteceu. O fermento da inquietação se neutralizou, senão no seu espirito, ao menos nos seus escritos, pela ação calmante do velho Aires. A curiosidade continúa, forrada de simpatia, pela vida humana; mas já não o leva a esquadrinhar-lhe o sentido; era curiosidade pura, vontade de se distrair. “Queria ver a outra gente, ouvi-la, cheira-la, gosta-la, apalpa-la, aplicar todos os sentidos a um mundo que podia matar o tempo, o imortal tempo.”

Machado de Assis, nesse momento, já não escrevia para entrar em si, para se conhecer, para resolver os seus problemas — mas para sair de si, para se esquecer, para lutar contra o tédio.

Afinal, apesar de toda a sua extraordinaria resistencia intelectual, ele envelhecia, derreava os hombros, na fadiga das perguntas sem resposta, na lassidão do raciocinio implacavel.

O começo da velhice se anunciava tranquilo; entre Carolina, a Garnier e a Academia, entrava

(156) Na cronica de 27 de Janeiro de 1895, que não está no volume *A Semana*.

serenamente nessa fase da vida que lhe foi uma ante-câmara da glória. Se não fosse a doença, seria um homem completamente feliz. Para que continuar a se debater? Era melhor fechar os olhos, embalar-se na cantilena monótona de Aires, mais confortável do que a lucidez do Braz Cubas. “Você pode cultivar a vesícula de fel para a sua filosofia social, em seus romances, mas suas cartas o traem,” escrevia-lhe Nabuco por essa época. “Você não é somente um homem feliz, vive na beatitude, como convem a um Papa, e Papa de uma época de fé, como a que hoje aí se tem na Academia.” (157)

Ao contrário do seu herói Luiz Garcia, Machado de Assis “aborrecia a espécie e amava o indivíduo”. Essa foi uma das suas complexidades. Cedendo ao amável convite de Aires para esquecer a espécie, os fins últimos, o sentido da vida, e se embeber na contemplação da existência quotidiana, no espetáculo das emoções alheias, Machado deu vazão ao seu amor pelo indivíduo.

Que lhe importava o Homem? Queria saber dos homens, de cada homem em particular, das peripecias de sua vida. A taboleta do Custódio é mais importante do que a proclamação da República, os padecimentos da jovem Flora valem mais, muito mais, do que todas as teorias filosóficas.

(157) Carta de 8 de Outubro de 1904, publicada por Fernando Nery.

“Agora o mundo começa aqui no caes da Gloria ou na rua do Ouvidor e acaba no cemiterio de S. João Batista.”

Tudo o mais ficou abolido. O particular venceu o universal, o tempo venceu a eternidade. Já que era impossivel desvendar todos os misterios, o melhor era fazer como se eles não existissem, e discretear mansamente com Aires sobre a bela Natividade, os gemeos, a moça Flora e o baile da Ilha Fiscal.

Mas se Aires domina o livro, não é o unico autor. O arcabouço, o tema central, é machadeano, como já vimos.

E a joven Flora, “faminta de perfeição” não terá recolhido os restos de Machado que sobraram da confecção de Aires?

Essa menina sempre presa a “um espetaculo misterioso, vago, obscuro, em que as figuras visiveis se faziam impalpaveis, o dobrado ficava unico, o unico desdobrado, uma fusão, uma confusão, uma difusão”... é a herdeira do subjetivismo do autor.

A alma exterior, como dizia Machado no Espelho, emigrou para o conselheiro Aires. Mas a outra, a interior, a que viveu a ouvir os “cochichos do nada” ficou com Flora “tão humana e tão fora do mundo, tão eterea e tão ambiciosa ao mesmo tempo, de uma ambição recondita...”

A curta vida da moça se passou a querer conciliar os contrários — os dois gêmeos inimigos que seu amor confundia.

“Ambos quaes?” pergunta ao morrer quando lhe anunciam que ambos os rapazes queriam ve-la.

Ambos quaes? Como distinguir entre as cousas, como escolher, como saber onde o certo, onde o errado, onde o justo, onde o injusto?

O melhor era mesmo sorrir com Aires, ser um velho amavel, sufocar os anceios, não querer resolver nada, não pensar, trabalhar com afinco no Ministerio, conversar com deleite na Garnier, aquecer-se ao bom lume do carinho de Carolina.

E assim fez durante varios anos, desde que o Conselheiro Aires se instalou definitivamente na sua pele, até a morte da mulher.

A sua correspondencia desse tempo mostra como Machado de Assis se encerrou na attitude do ceptico sereno e letrado, polido e incredulo, para quem a estetica seria a razão suprema — se tivesse necessidade de razões supremas.

Não tendo, nem querendo pensar nelas, absorve-se todo nas preocupações de Presidente da Academia de Letras, como o heroe do Espelho nas suas insinias de alferes.

Não fôra a incansavel solitudine de Machado de Assis, e a Academia não teria sobrevivido. De tudo se ocupa, com minucioso cuidado; prepara candi-

daturas, organiza eleições, cuida do lustre, da sala, da hora das reuniões. Todos os seus cuidados são para ela; embora velho e doente, não se poupa.

Ainda fremente do golpe da morte de Carolina, já escreve a Nabuco sobre a proxima eleição. A não ser a Mario de Alencar, quasi não fala de outra cousa nas suas cartas.

Afligia-se de não ver afluirem as candidaturas e contava com a instalação no edificio da rua do Passeio para atrair os escritores.

Em 1902 Lucio de Mendonça se lembra do seu nome para um cargo que não foi possível averiguar qual fosse, mas, seria certamente de grande destaque. Perdeu-se a carta em que vinha o convite mas a resposta é um documento da inteira devoção de Machado de Assis ás letras.

“A lembrança de meu nome, honrosissima em si, veio de encontro a um grande obstaculo”, diz ele. “Não quero referir-me á representação literaria, que a bondade dos amigos me dá, como um premio de assiduidade e tenacidade no trabalho. Refiro-me á significação politica, quando vou galgando os sessenta anos, para não dizer a verdade inteira. Meu querido, não é idade em que comece um papel destes quem não exerceu nenhum analogo na mocidade” (158).

(158) Carta da coleção reunida por Fernando Nery.

Não seria por medo ao trabalho que Machado recusava uma incumbencia, ele que lutara para re-haver o seu lugar de Diretor, e não media esforços para levar avante a Academia.

A representação literaria, aceita-la-ia de bom grado, o que não queria, era sair fora dela, era ter outra ação sobre o país que não a de escritor.

Mesmo esta, porém, ele exerceu no fim da vida de parceria com o Conselheiro Aires, que, com o seu feitio de diplomata aposentado, devia sentir-se melhor nas ceremonias academicas, do que o pae do Braz Cubas para quem: "o voluptuoso, o exquisito, é insular-se o homem no meio de um mar de gestos e palavras, de nervos e paixões, decretar-se alheado, inacessivel, ausente."

O espirito deixou de ser, para ele, "objeto de controversia, de duvida, de interpretação, e consequentemente de luta e de morte."

Fez-se, ao contrario, com a escora da benevolencia distraida de Aires, um elemento de união, de conagraçamento, um meio de comunicação.

CAPITULO XVIII

AO PÉ DO LEITO DERRADEIRO

A DOENÇA E A MORTE DE CAROLINA — A SUA
INFLUENCIA SOBRE O MARIDO — SOLIDÃO — ABA-
TIMENTO — MARIO DE ALENCAR — A LITERATURA,
UNICO ABRIGO.

O Esaú e Jacob foi o primeiro romance de Machado não revisto por Carolina; e o cochilo que fez Machado encontrar os nomes dos dois gêmeos — Pedro e Paulo — numa oração onde não existem, no Credo, teria certamente sido evitado pela secretaria diligente e fina.

Pela primeira vez desde que se casára o publico conheceu antes dela um livro do marido. Na longa comunhão que os unira, essa ausencia de Carolina do romance com que Machado contava terminar a sua vida de escritor deve ter sido, para ambos, um sofrimento a mais na aflicção da molestia que minava a saude da pobre senhora, abatendo-lhe o animo forte, tornando lento e espirito tão vivo, immobilizando as mãos sempre ativas, desbotando-lhe a flor do sorriso jovial. Ainda chegou a ver o livro, leu-o por alto, sem forças para faze-lo detidamente, a colaboradora que durante trinta e quatro anos, discreta e comprehensiva, ajudára o romancista nos seus trabalhos.

Colaboradora no sentido largo, de assistencia espiritual, de entendimento intelectual, e tambem no mais restrito, mais modesto, de auxiliar que procurava facilitar a tarefa do grande escritor. Era a critica, a copista, a revisora, a secretaria, a alma, a mão, os olhos, e a memoria do marido.

Compunha para ele pequenos cadernos onde ia copiando pensamentos, expressões, frases celebres de varias linguas e autores, com as traduções ao lado, quando em latim. Dois desses livrinhos que estão no arquivo da Academia de Letras, trazem o titulo de Memorabilia.

D. Carmo, o nome com que Machado a fez viver no Memorial de Aires, dizia “muita cousa fina e propria dos escritores contemporaneos, numa analise viva e interessante.” “E’ claro que, se o marido escrevesse tambem, acha-lo-ia melhor que ninguem, porque ela o ama deveras, tanto ou mais que no primeiro dia.” acrescenta o narrador.

Na vida real o marido escrevia, e ela não se contentava com admira-lo, compreendia-o e o ajudava.

Com “a ternura velha” da boa Carmo, Carolina partilhava de toda a vida de Machado; “Trocámos os nossos aborrecimentos, quero dizer que os tomámos, e ficámos com o dobro cada um” disse Aguiar, falando da mulher. Não só os aborrecimentos, mas as alegrias de Machado de Assis tambem encon-

travam éco, acolhidas pelo “rir de dentro, tão simples, tão franco” de Carolina.

Da casa das Aguas Ferreas, fez um refugio tranquilo e acolhedor. As moças da vizinhança viviam a cercar essa senhora “afavel, meiga, deliciosa com todos” que tinha “o poder de atrair e conchegar”, agradando “igualmente a velhas e a moças.” Isso tudo sem exageros, sem algazarras, sendo das poucas pessoas incapazes de dizer “que são doudas por morangos nem que morrem por ouvir Mozart.”

“Nela, a intensidade parecia estar mais no sentimento que na expressão”.

Essa bondade macia, que afagava a sensibilidade dolorida de Machado fazia com que vivesse cercado de gente moça esse casal sem filhos.

“Naquela senhora tudo era bom, até a opinião, que nem sempre era justa, porque perdoava e desculpava a todos”. “Não conhecia a lingua do proprio louvor” mas manejava com generosidade a do alheio.

E assim, entre o seu querido Machado e as suas amigas — as duas filhas dos Barões Schmidt Vasconcelos, umas moças portuguesas, de nome Pinto da Costa, sua sobrinha Sara, já casada com o capitão Bonifacio Costa, D. Fany Araujo, Carolina vivia feliz.

Vida pacata, saindo pouco, ornando a casa com os seus bordados, porque “trabalhar era um modo de amar que ela tinha”, auxiliando o marido lendo, conversando.

E fazia feliz a Machado que “para sossegar das inquietações e tédios de fóra, não achava melhor respiro que a conversação da esposa, nem mais doce lição que a de seus olhos. Era dela a arte fina que podia restitui-lo ao equilibrio e á paz”.

Emfim “a afeição, a bondade, o carinho, tudo fazia dela uma creatura particular e rara, por ser tudo de especie tambem rara e particular”

Alem da doença de Machado, só uma nota de tristeza havia nessa vida tão completa; a pena que tinham, ela sobretudo, de não ter filhos.

“Essa era a unica ferida do casal.”

Se o Braz Cubas só levou da vida o pequeno saldo de não ter tido filhos, não “ter transmitido a nenhuma creatura o legado da nossa miséria”, o Aires descobre, no Esaú e Jacob, “uma flor descorada e tardia de paternidade, ou, mais propriamente, de saudade dela” e lamenta, no Memorial, “a orfandade ás avessas” da gente Aguiar.

Lucidos como eram, Machado e Carolina não podiam realmente ter desejado um filho, um herdeiro do mal deste. Mas lamentavam, isso sim, essa impossibilidade. Carolina sobretudo, com a sua indole aberta e generosa, devia ter sofrido de não ser mãe. Machado, mais afeito a receber do que a dar, foi o carinho do filho que não teve que lamentou...

Um momento, pensaram em adotar uma sobrinha neta, filha do casal Bonifacio Costa; mas,

morrendo a criança que lhes estava destinada, abandonaram o projeto.

Sem filhos, Carolina concentrou em Machado todo o seu afeto, a ponto de desejar vê-lo morrer antes dela, para não o deixar desamparado.

Mas não viu realizado esse desejo. Em fins de 1903, começou a se sentir doente. Um engano de remedio parece ter sido o inicio da sua molestia. Em lugar de sal amargo, mandara-lhe o farmaceutico sal de azedas. O descuido, só percebido quando já ela ingerira a droga, não pode ser completamente remediado. Não a matou o veneno, mas deixou-lhe combalido o organismo (159). Começou a deperecer, a se enfraquecer, e, embora não guardasse o leito, o seu abatimento era grande a ponto de não lhe permitir rever as provas de Esaú e Jacob.

Em Janeiro de 1904 Machado a levou para Nova Friburgo, de onde em carta a José Verissimo atribue á anemia a molestia da mulher. Tambem ele andava doente, necessitando de repouso.

Lá estiveram mais de um mês, e se melhora houve em Carolina, foi aparente.

De volta ao Rio, seu estado se foi agravando cada vez mais. Já não era a Carolina risonha e

(159) O fato me foi referido por D. Sara Costa, que acrescentou terem pessoas amigas aconselhado a Machado de Assis que processasse o farmaceutico, mas este, por não ser rancoroso ou por temor da publicidade, preferiu nada fazer.

brincalhona, mas uma pobre velha abatida e fraca, que pedia a vida para poupar ao marido a dor de vê-la morrer e de viver sem ela.

Tinha então setenta anos, mas, até adoecer, conservou uma certa frescura na velhice.

Mesmo doente, a sua preocupação era Machado, que não lhe faltasse nada, que a casa andasse em ordem. E procurava distrai-lo, esconder-lhe os seus padecimentos, como também ele lhe ocultava a sua dôr de vê-la assim, o seu receio de perde-la.

Modificava-se o “quadro de Teocrito” que, no Memorial de Aires, punha D. Carmo “inquieta e interrogativa” ao pé do marido cujas doenças eram “um pretexto para passar o dia ao pé da esposa”, “numa cadeira de extensão, as portas fechadas, grande silencio, os dous sós”. Agora era Machado quem, ao tornar da cidade, se abeirava do leito da mulher, engolindo as lagrimas, contando novidades para alegria-la.

Que se diriam os dois velhos, nesses colloquios supremos, cada um querendo sopitar a propria dôr, para não dobrar com ela a dôr do outro?... Mais que a morte, Carolina temia o abandono em que deixaria o marido; mais que a morte, horrorizava Machado a vida sem ela — pois sempre desejara morrer antes dela. Piedosos, procuravam cada um iludir o outro: “Queriam ser risonhos e mal podiam se consolar. Consolava-os a saudade de si mesmos”.

Outros carinhos cercavam Carolina, além do do marido: as moças de quem soubera se fazer companheira a sua velhice amável rodeavam-na de cuidados filiaes, não a deixando sentir a "orfandade ás avessas".

D. Fany Araujo sobretudo lhe foi enfermeira atenta. E também as criadas, antigas na casa, se desvelaram por ela.

Mas de nada valeram tantas dedicações, impotentes para lutar contra o mal. A vinte de Outubro de 1904, com setenta anos de idade e trinta e cinco de casada, falecia Carolina.

"Aguiar sem Carmo é nada" disse depois Machado no Memorial de Aires, pensando em si e Carolina. E deve mesmo se ter sentido nada, sem essa companheira de tantos anos, esse outro eu mais alegre e sadio.

Refugiou-se na ideia de que, estando "á beira do eterno aposento, não gastaria muito tempo em recorda-la." (160)

E, na vida solitaria que seria d'ora em diante a sua, procurou conservar a ilusão da presença da mulher.

Na cama de casal, na cama onde morrera Carolina, o seu travesseiro continuava a lhe marcar o lugar, assim como á mesa, o seu talher.

(160) Carta de 20 de Novembro de 1904 a Joaquim Nabuco, coleção Fernando Nery.

Seus objetos particulares, de toilette, eram, como se os fosse utilizar, dispostos sobre a penteadeira. E a sua cestinha de costura, com o ultimo bordado que começara, ficou onde ela a deixara. O ultimo livro que tentou ler, o Esaú e Jacob, foi para o movel onde Machado guardava as reliquias do seu amor. (161)

Carolina continuou a viver com ele, dentro dele, até se fixar no poema de amor conjugal que é o Memorial de Aires.

A longa comunhão, nunca desmentida, se continuava para alem da morte. A vida confirmara os sonhos dos namorados.

Trinta e cinco anos antes dissera o poeta á noiva:

“Irão buscar-te em meio do caminho
As minhas esperanças”.

Tinha o futuro deante de si, o futuro no qual:

“Pelas ondas do tempo arrebatados,
Até á morte iremos,
Soltos ao longo do baixel da vida
Os esquecidos remos.

Firmes, entre o fragor da tempestade
Gosaremos o bem que amor encerra
Passaremos assim do sol da terra
Ao sol da eternidade.” (162)

(161) Todas essas informações devo-as a D. Sara Costa.

(162) O Noivado, Falenas, 1870.

Assim foi, e á amada que o precedeu no sol da eternidade, o poeta envelhecido relembra os dias de felicidade

“Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida
Fez a nossa existencia apetecida
E num recanto poz o mundo inteiro.

Trago-te flores — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.”

Recatado, simples, tendo por quadro o ambiente banal de uma grande cidade, por personagens uma mulher sem beleza, desposada já aos trinta e cinco anos, e um homem mestiço, tímido e gago, esse idílio conjugal burguês vae encontrar, pela poesia que encerra, pela luz interior que o ilumina, os grandes amores da historia.

No seu testamento, feito dois anos depois da morte de D. Carolina, Machado de Assis, obedecendo a um desejo da morta, deixou a uma sobrinha desta, filha do casal Bonifacio Costa, os poucos bens que possuia: alguns debentures, doze apolices, dinheiro de uma caderneta na Caixa Economica, seus livros,

os moveis que lhe guarneciam a casa, acrescentando: “desejo ser enterrado na mesma sepultura que minha mulher, numero 1509, Jazigo Perpetuo”.

Essa ultima vontade, tão secamente formulada, obedeceria porventura a um desejo semelhante ao do romantico D. Pedro o Crú de Portugal, que queria ser sepultado em frente a Inês de Castro, afim de que, ~~erguendo-se~~ no dia do Juizo Final, ainda se vissem uma ultima vez.

Descrente, Machado não esperaria tanto; mas quís confundir na morte os que na vida foram tão unidos.

Devem ter sido de um sombrio desconforto os primeiros tempos da sua viuvez; o trabalho, a Academia de Letras, o carinho dos amigos, nada o distraía da sua dôr. “Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo, mas não ha imaginação que não acorde, e a vigilia aumenta a falta da pessoa amada.” (163)

Todos os domingos, lá se ia ele, rumo do cemiterio de S. João Batista levar á companheira flores frescas, que recebia de Friburgo. Levava-as embrulhadas, ou para não as desfolhar o vento, ou para não revelar aos outros o motivo da sua peregrinação.

(163) Carta de 20 de Novembro de 1904 a Joaquim Nabuco.

Um dia, teimou o condutor do bonde em não o deixar entrar com um embrulho no carro de primeira. E o grande escritor, submisso e modesto, passou desde então a viajar em carros de segunda.

Para a morta querida, tinha todos os carinhos, todas as ternuras.

Nem á Academia de Letras, objeto dos seus desvelos, quis legar a sua biblioteca, porque mãos alheias não deviam manusear livros lidos relidos por Carolina, tratados por ela com tanto amor.

Raramente lhe pronunciava o nome, dizendo, quando tinha de se referir a ela, na intimidade, "a outra"... o outro, queria dizer, o seu outro eu (164).

Nessa hora de angustia, um amigo lhe substituiu o filho que não tivera: Mario de Alencar. Apesar da diferença de idade, ligava-os uma certa identidade de temperamentos, e o moço tinha para com o velho escritor, ternuras não de filho, no dizer de Afranio Peixoto que nessa epoca os conheceu, mas de filha carinhosíssima.

Viam-se diariamente no Garnier, de lá saíam juntos, só se separando no Largo do Machado. E quando não se podiam encontrar, escreviam-se, pequenos bilhetes curtos, as mais das vezes, mas cheios de solicitude.

(164) Vi um cartão seu, dessa epoca, em que felicita "em seu nome e no da outra" á filhinha do casal Armando de Araujo pelo seu aniversario.

Não raro, ia Machado surpreender o amigo na Biblioteca da Camara, em busca do conforto da sua amizade.

Ao entrar “parava indeciso, como que a pedir licença, a pedir desculpa de importunar os raros leitores”.

Com ele se abria, falava-lhe da sua tristeza, da mórta querida, mostrava-lhe “a feição de bondade que trazia talvez velada para o mundo”, (165) confiou-lhe até o tormento da molestia — Meu querido amigo, hoje á tarde, reli uma pagina da biografia de Flaubert; achei a mesma solidão e tristeza e até o mesmo mal, como sabe o outro...” (166).

Amigo de José de Alencar, Machado de Assis conhecera-lhe o filho desde menino; mas foi com a morte de D. Carolina que Mario de Alencar, condoido do isolamento do grande romancista, estreitou as relações.

Todos os domingos, ia Machado jantar á rua Marquês de Olinda, na casa do amigo. E procurava

(165) Essa citação e a que a precede são das “Paginas de Saudade” publicadas por Mario de Alencar no volume “Alguns escritos”.

(166) Carta a Mario de Alencar, de 29 de Agosto de 1908, coleção Fernando Nery. Das que estão publicadas é a ultima carta de Machado de Assis, escrita precisamente um mês antes da sua morte. Possuo comtudo, dado pela Viuva Mario de Alencar, um bilhete sem data que me parece posterior; a letra tremula, as omissões e repetições de palavras traduzem o estado de fraqueza de quem o escreveu. Só a assinatura é firme e cerimoniosa. Mesmo para os intimos era sempre — Machado de Assis.

conversar, ser amavel, não importunar os outros com o seu sofrimento; aliás, fôra sempre esse o seu modo de ser: “Nunca se deve falar de si” dizia a miúdo. (167)

Mas ainda assim não conseguia esconder inteiramente o que lhe ia na alma. A Alcides Maya, que então o visitou, impressionou profundamente a tristeza da casa do Cosme Velho, e o desvalimento de Machado de Assis.

Agravado pelo abatimento do espirito, o seu mal recrudeceu de violencia. As crises se amiudaram.

E Machado, tão pudico em tudo, e sobretudo no que se referia á molestia, se viu obrigado a deixar sempre em lugar bem visivel, um cartão com o endereço da sobrinha de Carolina, a unica pessoa de familia que lhe restava, e o dinheiro para o bonde, dando ordem ás empregadas que fossem avisar caso se sentisse mal.

Com que constrangimento, com que sensação de desamparo deve ter ele tomado essa precaução...

Agora, abdicara do desdem do Braz Cubas, e do amadorismo do conselheiro Aires. Não raciocinava, nem se assistia viver. Era um pobre homem que sofria, abandonado, entregue, procurando em vão o abrigo seguro que nunca lhe faltara.

“Um velho homem sem forças, e radicalmente enfermo”, como dizia a Joaquim Nabuco. São raras, porem, nas suas cartas, mesmo as que se

(167) Depoimento de D. Sara Costa.

seguiram imediatamente ao golpe que o feriu, essas amargas confidencias. Mesmo nesse momento, para os outros, ele vigiava as suas expansões. Mas ás pessoas que o acompanharam de perto nessa hora de aflicção, nem sempre pode esconder o seu desespero, e todas lembram com emoção o espetaculo desse homem fechado vencido pela dôr.

Entretanto, nem então teve a esperança da sobre-vida, a ideia de procurar consolo naquele céu em que Carolina acreditára.

“Quanto á minha visão das coisas, meu amigo” escreve a José Verissimo, “ainda estou muito perto de uma grande injustiça para descrever do mal.”

O unico arrimo que procura é na vida intelectual, na leitura, nas preocupações com a Academia. Com isso, conseguiria encher algumas horas do dia. Mas, findo este, recolhido á casa tão solitaria e tão povoada pela ausente, era a solidão onde já conhecera a comunhão, era o vasio, lá onde coubera todo o seu mundo. Era o nada, não a “voluptuosidade do nada” mas o desespero do nada, do silencio eterno, da eterna privação.

E o velho illustre, no seu abandono, ha de ter talvez encontrado um eco do sofrimento do molequinho enfezado do Livramento quando perdera a mãe... E' que Carolina não fôra apenas sua mulher, mas tambem irmã, amiga e mãe.

Tudo tivera nela. E tudo perdera, tanto mais infeliz quanto fôra feliz...

CAPITULO XIX

PENSAMENTOS DE VIDA FORMULADOS...

PODER DE REAÇÃO — OS ULTIMOS TEMPOS
NO MINISTERIO — O POSSIVEL CASO AMOROSO
DA VELHICE — INDISCRICÃO DOS ORIGINAES — O
MEMORIAL DE AIRES.

Uma das cousas que espanta em Machado de Assis, nesse timido, nesse indeciso, nesse dubitativo, é a sua capacidade de reacção.

Nem outra cousa foi a sua vida, senão uma constante reacção; reagiu contra o destino, que o fizera nascer fóra do seu lugar, reagiu contra si mesmo, vencendo a timidez, os pendores morbidos, reagiu contra o meio literario, nunca se deixando contaminar nem pela declamação dos romanticos nem pelo alcandoramento do fim do seculo, reagiu contra a burocratização intelectual, ele que foi burocrata perfeito por mais de quarenta anos, reagiu contra o emburguesamento do espirito apesar dos habitos burgueses, reagiu contra a tentação da politica, embora começasse a vida num jornal de combate.

Havia nele, na sua fraqueza aparente, uma grande força.

Mario de Alencar, que já se aproximou dele no fim da vida disse que “a delicadeza o fez tímido, e aparentemente fraco, a ele que foi um forte”.

“Eu sei quanto ele sofreu, desde que ficou só no mundo”, (168) acrescenta. Sofreu muito, sofreu fundamente, mas passado o primeiro momento, não se entregou. A sua capacidade de resistência moral ainda uma vez se manifestou. Esse corpo doentio era animado pela chama sempre viva do espírito, chama suave, sem labaredas devoradoras, sem estrepitos, sem espalhafatos, mas constante e pura.

Foi ela quem lhe deu a elasticidade precisa para resistir sempre, sempre se renovando. Nunca a lassidão o prostrou. Na constante tensão em que deve ter vivido, com os nervos em revolta, a sensibilidade malferida, a inteligência inquieta, se conheceu aqueles momentos tão comuns nos nervosos, em que tudo parece ceder, em que todas as resistências se afrouxam, não se deixou vencer, mas ao contrário, logo de novo se retezou.

No próprio Esaú e Jacob, em que se mostra tão aplacado, não abdica; a cruel lucidez do Braz Cubas abrandou-se na lucidez de espectador do Conselheiro Aires, mas nem por isso deixou de indagar, de observar. O “ofício cansativo da vida” havia como que gasto, limado as pontas outr’ora aceradas do espírito, e ele, já não tendo a mesma agudeza, renasceu sob uma figura mais branda, mas renasceu.

Sempre, até o fim da vida, encontrou forças para reagir.

Encontrou-as em si mesmo, na compostura moral que tinha como o primeiro dever do homem, encontrou-as na grande razão de sua vida, a literatura.

Apezar de se queixar “da confusão do seu espirito depois da desgraça que o abatera”, (169) logo no ano seguinte contrata com Garnier a edição de mais um livro, Relíquias da Casa Velha, em cujo portico poz o soneto a Carolina, e onde, se juntou escritos antigos, aparecem alguns inéditos. Seriam de composição recente? Tudo leva a crer que sim, pois, sendo conto, cousa de facil publicação, Machado os teria dado á Gazeta de Noticias, como tantas vezes fez, se não tivessem sido escritos especialmente para o volume.

E se mostra aí o mesmo Machado dos anteriores livros de contos. Não ha mais revolta, nem mais amargura do que nos outros. O tom é o mesmo, de cepticismo manso e como que divertido pelas fraquezas dos homens. Talvez a compostura lhe vedasse exprimir o desanimo, talvez a sua descrença na vida já fosse tão profunda que nem a dor a pudesse aumentar. Por esse tempo ocupavam-no muito os trabalhos no Ministerio pois, alem das suas funções de Diretor de contabilidade, fôra nomeado

(169) Carta de 13 de Dezembro de 1904 a Joaquim Nabuco (Coleção Fernando Nery).

para a Comissão Fiscal e Administrativa das obras do Caes do Porto.

O ministro era então Miguel Calmon que, tudo faz para prestigiar Machado de Assis, talvez querendo se fazer perdoar a grande mocidade pelo respeito com que tratava os velhos funcionarios.

No discurso de posse, procurou demonstrar toda a sua admiração pelo grande escritor que ia ter como seu subordinado; enalteceu-o como artista e funcionario, pedindo-lhe que o assistisse com a sua experiencia e o seu saber.

Machado ouviu, encolhido e cabisbaixo todo o discurso e quando muito terá engrolado um "muito obrigado" ao cumprimentar o novo ministro.

À tarde, na Garnier, encontrando Afranio Peixoto, amigo de Miguel Calmon, perguntou-lhe se este era dado a ironias. Tendo resposta negativa, murmurou:

— ...Então não compreendo.

Modestia quasi incrível, incuravel descrença na sinceridade humana, ou revolta por se ver sob as ordens de um moço, dependendo da sua boa vontade?

Desde então, foi ainda mais reservado, mais cauteloso com Miguel Calmon do que com os ministros anteriores.

De uma feita, chegou-lhe ás mãos um processo no qual todos os funcionarios haviam posto uma unica informação: como parece; e despachou do mesmo modo, acrescentando: se não parecer o contrario ao Sr. Ministro...

Chamou-o Miguel Calmon, e repetiu-lhe que queria se pôr sob a sua proteção, valer-se dos seus conselhos, ter dele indicações de como devia agir. Mas o caramujo continuou do mesmo modo encolhido dentro de um exagerado respeito hierarquico (170).

Nem todos, porem, o tratavam com a mesma consideração.

Por esse tempo, ou pouco antes, succedeu-lhe no Ministerio um desagradabilissimo incidente. Tendo tido necessidade de chamar á ordem um funcionario de caterogia inferior á sua, valentão e desabusado, este se revoltou e começou a descompo-lo, aos berros, chamando-o negro escravocrata.

Amigos intervieram, defendendo Machado, mas não impediram que o choque de se ver assim insultado, provocasse um ataque no pobre grande homem (171).

Aliás, parece que a impressão nervosa agia terrivelmente sobre a sua doença. Um dia, entrando numa farmacia em companhia de Magalhães de Azeredo, o pharmaceutico contou-lhes, horrorizado, um ataque epileptico que socorrera pouco antes. Machado começou a dar signaes de aflicção, e afinal, não se contendo, exclamou: — Cale-se por favor,

(170) Esses dois episodios me foram relatados por Afranio Peixoto.

(171) Contado por Bernardo de Oliveira, que assistiu á cena e socorreu Machado de Assis.

que eu tambem sou epileptico e estou sentindo que vou ter alguma cousa" (172).

Por mais resignado que fosse, deve ter sofrido horrivelmente com a molestia, sobretudo depois que não viu mais, ao acordar das crises, a figura solícita de Carolina curvada sobre ele. Não tinha a quem confiar os seus medos, as suas queixas, pois mesmo a Mario de Alencar receiaria importunar. Ha uma carta sua a Joaquim Nabuco, então em Washington, que revela a dolorosa solidão em que vivia, e a sua necessidade de desabafar sem se dar em espetaculo. A esse amigo ausente, e tão longinquo, escrevia pouco depois de viuvo: "Acordei um pouco enfermo, e, si não fraquear no proposito de calar, só confiarei a noticia a V., porque, apezar do mal-estar, vou para o meu officio."

Falar a Nabuco, era falar sem falar, ter a ilusão do apoio sem o vexame da presença nem o receio de ser indiscreto.

E se refugiava cada vez mais na pessoa do Conselheiro Aires, que não era mulato nem doente, que podia sorrir de tudo, livre dos dramas interiores. Saía de si, sem sair inteiramente, confundindo-se com o sosia, escondendo a todos os olhares os seus padecimentos, literato na Garnier, burocrata no Ministerio, homem de sociedade na Academia.

(172) Referido por Afonso Arinos de Mello Franco, que o ouviu de Magalhães de Azeredo.

O resto do tempo era para o trabalho em que gastou as ultimas forças, mas que distraía. “Agora estou bastante cansado” escrevia a Mario de Alencar em Dezembro de 1906, “particularmente do pescoço que me doe, visto que ontem gastei todo o dia curvado a trabalhar em casa. Para quem já havia trabalhando todo o domingo — nos outros dias tenho a interrupção das tardes — foi realmente demasiado. Mas eu não me corrijo.”

E, nas cartas, o amigo solícito levava a lhe pedir que se poupasse, que não sacrificasse a saúde.

Mas não saberia viver sem trabalhar quem outra coisa não fizera a vida toda. A curiosidade intelectual continuava a mesma; prova autentica de vitalidade é o fato de ter por esse tempo, já se abeirando dos setenta anos, começado a aprender grego: existe na Academia de Letras, tocante pelo capricho com que é feito, pelo apego que revela ás cousas do espirito, um caderno com exercicios rudimentares de grego da mão do grande escritor. Nada mostra melhor o que foi em Machado de Assis a paixão de saber, a força da intelligencia, do que esse caderno de colegial aplicado, começado á beira do tumulo.

O escritor ainda não tinha dito a ultima palavra, e ainda teria de dar vasão aos sentimentos intimos do homem. Apesar de ter pensado que a sua carreira terminaria com a morte da mulher, Machado de Assis, ainda uma vez, vae tentar fixar,

num livro, a sua sensibilidade, vae tentar crear a vida.

E, em 1907, obrigando os olhos cansados a mais um trabalho, o velho artista começa um romance, o derradeiro, o Memorial de Aires.

Sem essas paginas de saudades, de uma pureza cristalina, não estaria completa a obra de Machado de Assis.

Ha nelas como que uma reconciliação com a vida. Nas vespuras de se deixarem, os dois inimigos se compreendem; a vida revela ao artista um dos seus misterios, o da ternura humana, que a redime de muitos maleficios, e ele confessa, afinal, que a amava. "Nem ele a odiou tanto, senão porque a amava muito" como o Ahasverus daquelle admiravel Viver!

Não é somente no carinho com que evoca, sob as feições de D. Carmo, a figura de Carolina que Machado torna patente o encanto que achara na existencia; não é somente na velhice sadia e serena do Conselheiro Aires que aparece o prazer de existir, de ter ainda algum tempo o goso de vêr, de observar, de sentir a vida em si e nos outros. Ha mais, e ha melhor.

No romance, o velho diplomata tem uma ligeira inclinação por Fidelia, a ultima das viuvras moças e belas que, desde Desencantos, aparecem nos livros de Machado de Assis com uma constancia reveladora de algum caso pessoal. Essa Fidelia, joven e bonita, não possúe aquella sedução sensual, aquele ar

capitosa das outras mulheres de Machado; é que o autor a viu com olhos de velho, mais sensíveis ás graças do espirito — mas nem por isso a admirou menos, encarnado no seu sosia Aires.

O Memorial nos dá a melhor prova de que o Aires foi mesmo uma projeção de Machado. Não só é facil reconhece-lo, no livro, onde se repartiu entre o narrador e Aguiar, o marido de D. Carmo, pondo neste o eu domestico, e naquelle o eu interior, como traem-no de modo indubitavel os originaes, existentes na Academia de Letras.

Oficialmente, o autor amava D. Carmo, que confessou em carta a Mario de Alencar ser modelada por Carolina; e o narrador, se não sentia propriamente amor por Fidelia, porque “não podia dar o que os homens chamam amor”, experimentava qualquer cousa de muito semelhante a isso.

Ora, no manuscrito, as trocas de nome entre Carmo e Fidelia são frequentissimas, são mesmo quasi a regra. Em 393 paginas existem 167 dessas trocas; cada vez que pensava numa, a figura da outra lhe acudia ao espirito, como se as confundisse... Confundi-las-ia tambem o coração?

As outras personagens, não as mistura; ha trocas de nomes, mas com outros que não existem no livro, revelando uma hesitação da memoria do autor, mas nenhuma confusão entre as figuras que evoca. Só Carmo e Fidelia estão sempre unidas até o momento em que, descobrindo o amor de Fidelia por

Tristão o velho Aires recolhe uma inclinação, á qual se misturara um "sentimento paterno" e se convence de que nunca fôra de outra natureza o seu interesse pela moça. No dia em que conta o noivado de Fidelia e Tristão, cessam subitamente as trocas de nomes; o manuscrito tem 468 paginas, mas nas ultimas não ha mais confusões.

Carmo e Fidelia se separam no espirito do autor depois que Aires se desprendeu desta... Tambem ele, como a viuva, se terá encontrado "deante da pessoa extinta, como se fosse a pessoa futura, fazendo de ambas uma só creatura presente?"

Fidelia terá existido na vida real, sonho de velhice, penhor da grande vitalidade desse enfermo?...

A indiscrição dos originaes parece dizer que sim. E' emocionante, como uma confissão postuma, o aspecto dessas paginas em que o grande reservado se traiu, em que o ceptico manifestou uma inesperada capacidade de viver, de sentir, de vibrar.

Sem duvida, não podemos aceitar senão com muitas reservas esse depoimento do sub-consciente, mas não podemos deixar de pensar que uma figura feminina haja atenuado para Machado a solidão dos ultimos dias. Figura imprecisa, esquiva, enigmatica. Certamente, nem ele mesmo realizaria inteiramente a sedução que o embalava, não veria nisso uma traição á memoria de Carolina. Interesse apenas esboçado, mesclado de "sentimento de paternidade." Se Fidelia, a viuva tão presa ao primeiro amor, que

entretanto tornou a casar, levada pela obrigação imperiosa de viver, foi uma daquelas figuras femininas atravez das quaes Machado se explicou e se justificou, não haveria nisso mais do que um impulso inconsciente. Mas que o levou para a vida.

Nas linhas com que, encarnado no Conselheiro Aires, conta a sua solidão, ha um certo desprendimento dela; ela o envolvia, mas já não o dominava: "Eu tenho a mulher embaixo do chão e nenhum dos meus filhos saú do berço do Nada. Estou só, totalmente só. Os rumores de fóra, carros, bestas, gentes, campainhas e assobios, nada disto vive para mim. Quando muito o meu relógio de parede, batendo as horas, parece falar alguma cousa — mas fala tardo, pouco e funebre. Eu mesmo, relendo estas ultimas linhas, pareço-me um coveiro."

Ha aqui um tom de quasi indiferença que faz pensar numa reacção, na possibilidade do isolamento ser superficial, mais material do que moral.

A vida, de que tanto maldissera, era forte e resistente dentro dele, seduzia-o mais uma vez. Pura creação do seu espirito, essa Fidelia, encarnação de sonhos mal formulados, de encanto que encontrava na mocidade, dos motivos que, a despeito de tudo, ia descobrindo para viver? Só teria existencia subjectiva? Fundindo-se com Aires, Machado se teria penetrado da inclinação deste ao ponto de encontrar um lenitivo á solidão? Tudo é reticente nesse homem esquivo. Mas consta ter havido um modelo para a

figura da viuva, uma moça que Machado conhecera nos ultimos tempos de sua vida, e apreciára muito. A informação, porem, é das mais vagas, pois a unica pessoa que falou nisso, sua sobrinha, não sabe mais nada a respeito da joven, a não ser que se chamava Rosalina, que Machado de Assis gostava de conversar com ela, e a encontrára assistindo a uma sessão na Camara dos Deputados (173).

Por outro lado, o Major Bernardo de Oliveira, seu companheiro no Ministerio durante longos anos, conta um fato que á primeira vista parece ter ligações com essa presumivel veleidade amorosa do mestre.

Segundo ele, Machado lhe teria perguntado como poderia deixar o seu montepio a uma mocinha que fôra dedicada enfermeira de Carolina, e que, morta esta, o cercava de cuidados e carinhos, indo á sua casa quando o sabia ausente, arrumando-lhe os papeis, pondo nos vasos as suas flores preferidas, dispondo tudo como o vira fazer á morta. A unica solução que encontrou Bernardo de Oliveira para o caso foi o casamento in-extremis. Aconselhou-o ao grande escritor que lhe respondeu:

(173) D. Sara Costa, que me deu essa informação, nada viu, porém, de particular no interesse de Machado de Assis pela moça. E foi a unica pessoa que me falou dela; nenhuma das outras que conviveram com Machado de Assis nos ultimos anos, e não são poucas, sabe de cousa alguma sobre o caso.

— Nesse caso, guarde todo o sigilo, meu amigo, e eu o chamarei para tratar de tudo quando for tempo.

Ausente do Rio por ocasião da morte de Machado, soube Bernardo de Oliveira ao voltar, que varias vezes o enfermo perguntara por ele.

Devemos aceitar esse episodio, de que uma das personagens assegura a veracidade. Mas as varias testemunhas que existem dos ultimos dias de Carolina e de Machado não sabem quem possa ser essa moça. Muitas senhoras cercaram de cuidados a Carolina, e todas ainda existem, sem que nenhuma houvesse jamais desconfiado de semelhante projeto, nem se reconheça na figura descrita por Bernardo de Oliveira.

Apenas a D. Fanny Martins Ribeiro de Araujo, já nessa ocasião casada com o Dr. Armando de Araujo, manifestou Machado o desejo de lhe legar o montepio, desejo esse que não pode realizar, visto não serem parentes.

Que concluir de tudo isso? Só ha — dada a veracidade do dialogo, da qual não ha como duvidar, pois garante-a um dos interlocutores — duas hipoteses. Machado podia se ter referido a D. Fanny, e não ter informado ao amigo da impossibilidade de obedecer ao seu alvitre, por não querer revelar o nome da beneficiada; ou porque, embora a julgasse absurda — ou talvez por isso mesmo — tivesse achado graça na proposta, e, por brincadeira fingisse

aceita-la. O que me parece o mais provavel. Ou então a mocinha existiu de fato — mas não foi amiga de Carolina. Nesse caso será a Fidelity do Memorial?

Conjecturas inverificaveis, todas essas. Só uma cousa é certo: uma figura feminina se confundiu, no espirito de Machado de Assis, com a da morta querida. E poz no Memorial de Aires a claridade de uma esperança ao lado da melancolia das saudades.

Nesse livro de velho não ha a “contração cada-verica” do Braz Cubas; ha, ao contrario, a serenidade de quem se despede da vida com pena.

Grande enigmatico esse Machado, verdadeiro sacco de surpresas, como chamou a Artur de Oliveira.

Quando tudo o deve levar ao desanimo, ei-lo que começa a reflorececer em efemeros e frageis brotos de inverno. Não seria, certamente a alegria, como não seria propriamente amor o sentimento que o embalou.

Talvez nem chegasse mesmo a ser um sentimento... Seria alguma cousa de vago, de informulado, aspiração inconsciente, sensação indefinida, éco talvez dos amores passados, restos de vida que perduravam a despeito de tudo.

Grande complexo, é o que ele era...

Perfumado pela lembrança de Carolina, sempre presente nele, o Memorial de Aires, poema do amor conjugal, da vida de familia, do passado extinto, tem nas entrelinhas uma informulada esperança.

Carmo e Fidelia — Carolina e a joven — Machado e Aires, tudo se confundia, “o dobrado ficava unico desdobrado, uma fusão, uma confusão, uma difusão...”

Nessa timida revivescencia nada haveria de indiferença pela companheira de tantos anos, pelo seu grande amor. Era apenas a força da vida latente nesse homem que se abeirava dos setenta anos. As saudades estavam vivas, a dedicação á memoria de Carolina era a mesma — mas, ainda uma vez, a ultima, o timido, o indeciso tinha uma veleidade de viver.

E seria ele mesmo quem tinha “nos olhos malferidos pensamentos de vida formulados” ou seria Aires, o seu sosia? A vaga inclinação, meio amorosa, meio paternal, não a teria experimentado apenas porque, se confundindo com Aires, poude sair de si, ser, ao mesmo tempo, um e dois, — o marido de D. Carmo e o velho interessado por Fidelia — figuras que compunham afinal a unica e enigmatica pessoa de Machado de Assis.

Nele, é dificil separar o homem do artista, e este das personagens.

Talvez — é tão resguardada a intimidade de Machado de Assis — o vago amor da velhice seja apenas uma criação subjetiva, reflexo de Aires sobre o seu creador...

A despeito do fato narrado por Bernardo de Oliveira, Fidelia póde não passar de uma auto-suges-

tão, ultima encarnação dos encantos da vida para o artista em vespuras de deixa-la.

Mas, ainda assim, não revela menos a força de reação em Machado de Assis, e nem por isso deixa de ser, no Memorial de Aires, uma nota de frescura e alegria.

Não é um romance, esse ultimo livro do grande romancista; é mesmo um memorial, um diario intimo, anotações de fatos e caracteres, sem preocupação de enredo.

Os amores de Fidelia e Tristão são apenas um episodio. A verdadeira trama do livro está nas reflexões do Conselheiro Aires.

Que serenidade, que indulgencia elas revelam. Chegado ao fim dos seus dias, depois de ter lutado muito e muito sofrido, depois de ter em vão tentado descobrir um sentido para a vida, depois de ter negado e se revoltado, Machado de Assis se deixa penetrar pela doçura de existir. A bondade de D. Carmo, a mocidade de Fidelia o reconciliam com a vida.

O contáto de algumas creaturas generosas paga a pena de estar no mundo.

El tudo parece adquirir uma suavidade nova, uma transparencia, uma luminosidade diferente. As creaturas passam a ter valor por si mesmas, e não pelo que possam interessar ao planeta Saturno. A voz humana já não se perde na imensidão de um

universo indifferente, mas ecôa no aconchego de uma sala bem abrigada, fechada ás intemperies.

Não é a calma sonolenta do Esaú e Jacob, mas uma tranquillidade por assim dizer ativa, feita de enternecimento e compreensão.

Alguns quadros de vida domestica passam deante de um observador que se comove com a simplicidade da gente e dos habitos. Esse observador já vira muita cousa, já experimentára a vertigem dos abismos do nada, e por isso mesmo sente melhor o valor das creaturas singelas e puras, a doçura do contato das almas que sabem se contentar em ser boas.

A ansia de conhecer, o orgulho do pensamnto — o peccado de Lucifer — já não atormentava o velho artista. Agora, uma grande conformidade lhe vinha e lhe revelava, na ultima hora, um dos segredos da vida: a aceitação, a humildade do coração.

E por isso esse livro de velhice tem um inconfundivel acento de poesia, uma frescura orvalhada, um som claro de cristal.

CAPITULO XX

ULTIMOS DIAS

A DOENÇA — ULTIMOS MOMENTOS — “A VIDA
E’ BOA” — A MORTE.

Quando o Memorial de Aires apareceu, nos ultimos dias de Julho de 1908, havia já dois meses que Machado de Assis, doente se ausentára do Ministerio.

Realmente, embora não estivesse de cama, o seu estado de saúde era precario. Só o espirito era o mesmo, lucido e forte, como foi até o fim. Mas todo o resto fraqueára. Já não falando do seu grande mal, muitos padecimentos o oprimiam. A vista, que nunca fôra boa, baixava cada vez mais, impedindo-lhe o trabalho com luz artificial, tornando-lhe compacta a solidão das noites. A afecção intestinal de que já sofrera voltou a incomoda-lo. E uma ulcera na lingua, talvez de fundo canceroso, começou a martiriza-lo. Quasi não se podia alimentar. Passava a leite dias e dias. A origem dessa chaga parece terem sido as convulsões a que era sujeito, nas quaes mordía a lingua.

— Essas aftas, essas aftas! costumava dizer, para disfarçar aos outros a causa verdadeira, que tanto o vexava.

Carolina, enfermeira dedicada, remediava a isso introduzindo-lhe uma rolha entre os dentes quando

lhe sobrevinham as crises. Morta ela, o pobre doente, tão só, tão desvalido, — ficou entregue á revolta dos nervos.

E os ferimentos sucessivos se foram transformando em ulcera cancerosa (174).

O isolamento se fazia cada vez mais penoso, apesar dos amigos fieis que o cercavam. José Verissimo e Mario de Alencar eram os mais assíduos, além das familias da vizinhança que já haviam valido a Carolina; mas cada um tinha seus afazeres, e a solidão era a companheira habitual do enfermo. Solidão entrecortada de alguma rara ida á Garnier ou á Academia e ao consultorio do Dr. Miguel Couto, seu medico assistente, e sobretudo mitigada pela leitura a que obrigava os olhos fatigados.

Machado de Assis morria como vivera, com o livro na mão.

“Estou passando a noite a jogar paciencia”; contava a Mario de Alencar a 6 de Agosto; “o dia, passei-o a reler a Oração sobre a Acropole e um livro de Schoupenhauer”. “O Egoista, conto acaba-lo amanhã”, escreveu-lhe a 9 de Agosto.

Tambem relia outro autor mais chegado: “Hoje durante o dia reli A Mão e a Luva,” diz ao mesmo amigo, em carta sem data, mas que é sem duvida do mesmo tempo (175).

(174) Informações de D. Sara Costa.

(175) Não consta do volume de Cartas reunidas por Fernando Nery e me foi dada pela Viuva Mario de Alencar.

Que teria evocado para o velho mestre esse livro de mocidade? saudades da vida, das lutas, das ambições que então o possuía? Tudo conquistára, — e tudo passára. Mas, só e triste, ainda lhe valia a grande escórra da sua alma, a literatura. Não se descuidava da Academia; dois meses antes de morrer tratava em carta a Joaquim Nabuco da possível eleição de José Carlos Rodrigues. E um presentimento lhe vem: “Não ha vaga, mas quem sabe se não a darei eu?”

Agravando-se, porem, o seu estado, começava a sentir necessidade de carinho, de cuidados constantes. Sua sobrinha estava em Mato-Grosso, para onde o marido, o então Major Bonifacio Costa fôra a serviço. Mario de Alencar e José Verissimo se movimentam para conseguir do Ministerio da Guerra a licença da sua vinda. E Machado se impacienta: “Muito obrigado pelo que me conta da conversa que teve com o Verissimo e pelas boas palavras que acrescenta acerca da vinda daquela gente que está longe, e dos cuidados que me dará”, dizia a 29 de Agosto a Mario de Alencar; “Virão eles? Minha sobrinha Sara tem aqui um irmão a quem vou mandar chamar para lhe falar da autorização do Ministro e da restrição posta”.

O horror da solidão, do abandono, se sobrepuham nesse tímido ao receio de incomodar. Não é que lhe faltassem solicitude, cuidados de mãos amigas, mas precisava de amparo constante, e assistência regular.

Não viu realizado esse ultimo desejo; os seus parentes só chegaram quando já estava enterado. Até o fim foi tratado pelas mesmas senhoras que já haviam cercado o leito de morte de Carolina, principalmente por D. Fanny Araujo.

Só nos ultimos tempos deixou de sair; a 28 de Agosto, ainda passeou na cidade em companhia de José Verissimo. Quando afinal as forças o abandonaram de vez, não foi ao seu quarto de dormir, ao quarto onde guardava as reliquias de Carolina que se recolheu. Ou por comodidade, ou por um ultimo gesto de pudor, uma ultima tentativa para resguardar a sua intimidade, ficou num aposento no andar inferior, proximo á sala de visitas. E não se acamou, senão nos ultimos momentos.

A escritora Abel Juruá, que então o visitou, fixou-lhe a figura sofredora; “Na casa havia o mais profundo, o mais lugubre silencio. Eu e uma amiga que me acompanhava fomos penetrando devagar, emocionadas, como se atravessássemos uma camara mortuaria. Guiadas sempre pela mesma senhora, encaminhamo-nos para um quarto sombrio, onde, perto de uma janela entre-aberta, uma forma humana jazia silenciosa e só. Era Machado de Assis, estendido numa larga poltrona almofadada, com as palpebras cerradas, os braços magros enrolados numa espessa manta de lã, fazendo-me pensar em Heine na agonia, ou Napoleão finando-se em Santa Helena. Cumprimentou-nos, indicando-nos duas cadeiras a

seu lado, num gesto delicado e lento. E começou a falar. A sua voz era tão fraca, tão triste, tão distante que se assemelhava a um sussurro sobrenatural” (176).

Até o fim, a polidez se manteve a mesma, e também a lucidez. Do quarto, ouvia o murmúrio das vozes amortecidas dos visitantes que se sucediam em busca de notícias. E a um amigo que lhe perguntava como se sentia, respondeu:

— Muito mal... vou morrer...

O outro procurou anima-lo. E Machado, esboçando um leve sorriso, estendendo a mão magra em direção á sala retrucou:

— Escuta... não reconheces esse zum-zum? é de velorio.

Não que lhe fossem importunas as visitas; apreciava-as, comovido, agradecia-as — mas compreendia-lhes a significação (177).

Perto do seu quarto, podendo ser vista por ele através da porta, havia uma pia. E a maior parte das pessoas que o cumprimentavam, receiosas do seu mal, iam logo lavar as mãos. Também isso, o moribundo ha de ter entendido... (178).

(176) A extrema delicadeza de Machado de Assis se patenteia mais uma vez no fato de haver recebido essa senhora que lhe era apresentada por Lucio de Mendonça e queria lhe submeter um romance da sua lavra.

(177) O amigo era Alberto Carneiro de Mendonça.

(178) Contado pela Viuva Mario de Alencar.

Não se queixava, não se acovardava.

Apezar de ter confessado o seu medo do salto no desconhecido, recusou os socorros da religião, nessa hora suprema.

— Não creio... Seria uma hipocrisia, respondeu quando lhe falaram em chamar um padre. (179).

Pela ultima vez o seu espirito se recusava a se abandonar, a procurar amparo fóra de si, a conhecer o repouso supremo.

E, abafando os gemidos, dominando as contrações da dor, composto e digno de alma como de corpo, foi entrando em agonia. Guardou, até perder o conhecimento, a preocupação de não incomodar, pedindo desculpas aos que o rodeavam se alguma vez não se continha inteiramente.

Que pensamentos o ocupariam nesses ultimos momentos? Que imagens, que recordações lhe acudiriam á memoria. Era o seu ultimo colloquio com a vida que tanto interrogára — e que, afinal, muito lhe dera. Deve ter pensado nisso, deve ter sentido a diferença entre o pardinho que nascera havia quasi setenta anos na casinha humilde do Livramento, e o escritor que morria cercado da consideração de todos; deve ter evocado Carolina, a quem se ia unir na morte; deve ter sentido que cumprira a sua missão de escritor, que não vivera em vão; e José Verissimo ouve dele essas palavras de saudade e submissão:

(179) A. D. Guiomar Schmidt Vasconcelos.

— A vida é boa!...

Apartavam-se reconciliados os dois adversários — talvez nesse momento Machado de Assis houvesse compreendido que nessa luta do pensamento com o misterio estava o mais alto destino do homem, e que ele o realizára plenamente.

A lembrança da sua existencia lhe ha de ter mostrado que os valores espirituaes têm curso na terra... E, como se não bastasse isso, o destino reservava ao moribundo uma ultima prova de que não foram vãos os seus esforços.

Na noite que precedeu a sua morte, um adolescente desconhecido bateu á porta da casa onde amigos e discipulos o velavam.

Introduzido no quarto do doente, ajoelhou-se, beijou-lhe a mão, e o abraçou numa homenagem quasi filial, que, se foi percebida pelo mestre, lhe deve ter ido direito ao coração.

Esse joven, cujo nome Euclides da Cunha, na pagina admiravel em que lhe fixou o gesto generoso, (180) dizia dever ficar ignorado, era o escritor Astrogildo Pereira.

Euclides assistiu á cena, pois, com Mario de Alencar, José Verissimo, Raimundo Corrêa, Graça

(180) Ultima Visita, artigo publicado na Renascença, em Setembro de 1908, recolhido na Revista da Academia Brasileira de Letras, volume XX e vertido para o francês no livro editado pela Missão Brasileira de Expansão Economica em Paris, onde se encontram os discursos proferidos na Sorbonne em homenagem ao romancista brasileiro.

Aranha, Coelho Neto e Rodrigo Otavio, além das famílias amigas, velava pela ultima vez o grande enfermo.

Assim, rodeado de amigos fieis, cercado pelo respeito comovido de quantos, em seu país, estavam á altura de aprecia-lo, morria Machado de Assis.

E ás 3,45 da madrugada de 29 de Setembro de 1908, na casa onde passara quasi um terço da sua existencia, expirou o maior escritor brasileiro, que a 21 de Junho completára 69 anos.

A Academia de Letras reclamou para si a honra de lhe prestar os ultimos cuidados. Transportado para o Silogeu, antes de ir se reunir a Carolina, no Cemiterio de S. João Batista, Machado de Assis recebeu, pela palavra de Rui Barbosa, a homenagem dos intellectuaes entre os quaes sempre quisera viver.

“Modelo foi de pureza e correção, temperança e doçura; na familia, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuario; na carreira publica, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da lingua patria, em que prosava como Luiz de Souza e cantava como Luiz de Camões; na convivencia dos seus colegas, dos seus amigos, em que nunca deslizou da modestia, do recato, da tolerancia, da gentileza.

“Era sua alma um vaso de amenidade melancolia. Mas a missão da sua existencia, repartida entre o ideal e a rotina, não se lhe cumpria sem rudeza

e sem fel”, poudes dizer dele o grande tribuno, sem nenhum exagero, sem-louvor excessivo.

Realmente, com um equilibrio raro, Machado de Assis soube se repartir entre o ideal e a rotina. E nesse equilibrio estava a marca de uma grande alma, a força de uma vocação de pensador e de homem honesto.

“Gosto de vêr-te, grave e solitario,
Sob o fumo de esqualida candeia,
Nas mãos a ferramenta de operario,
E na cabeça a coruscante ideia.

E enquanto o pensamento delinea
Uma filosofia, o pão diario
A tua mão a labutar grangeia,
E achas na independencia o teu salario.

Sõem cá fora agitações e lutas,
Sibile o bafo asperrimo do inverno,
Tu trabalhas, tu pensas, e executas

Sobrio, tranquilo, desvelado e terno,
A lei comum, e morres, e transmutas
O suado labor no premio eterno.”

dissera ele evocando Spinoza.

Nas mãos abençoadas que tantas obras perfectas escreveram, na nobre mão direita de Machado de Assis, a pena do burocrata não foi menos tocante instrumento de trabalho, nem menor penhor de independencia e dignidade do que a ferramenta de operario nas de Spinoza.



CAPITULO XXI

O ESCRITOR E O HOMEM

A PERFEIÇÃO DO ESTILO — O PRINCIPAL AUTOR
DA NOSSA EMANCIPAÇÃO LITERARIA — NACIONALISMO, REGIONALISMO — O RIO NA SUA OBRA —
O PRIMADO DO ESPIRITO — LIMITAÇÕES DOLO-
ROSAS — HONESTIDADE INTELECTUAL.

Poesia, romance, conto, critica, cronica e teatro — todos os generos literarios, salvo a oratoria, foram tentados por Machado de Assis.

Essa unica exceção, explicavel pela sua timidez, pela gagueira que o afligia, virá tambem do seu horror á enfase, á retumbancia, do valor que dava á palavra.

Esse foi o seu traço caracteristico como escritor, o segredo do seu estilo inconfundivel. Desde os seus primeiros escritos, ainda hesitantes, cheios de incorreções gramaticaes, possuiu a ciencia do termo justo, empregado no sentido exato. Nenhum ornato, nenhum excesso na sua frase. O emprego do adjetivo, sobretudo, revela uma inata vocação de estilista; é organico, faz parte integrante do pensamento, completa e modifica o substantivo. Ainda nisso, foi inteiramente original.

Atravessando, em 53 anos de vida literaria — de 1855 a 1908 — uma epoca em que, sob diversos

nomes, floresceu o mais desordenado verbalismo, Machado soube ser simples e equilibrado.

E nessa simplicidade e nesse equilibrio fez o milagre de aliar o genio da lingua, o sabor vernaculo, ás modificações introduzidas pelo falar brasileiro.

“O escritor que, a meu vêr, asselou a nossa emancipação literaria foi Machado de Assis” pode dizer, com inteira justiça, José Verissimo (181).

Foi ele, quem, com um agudo senso da harmonia da frase, fixou na forma perfeita a feição peculiar do brasileiro, do carioca.

No contorno nitido dos seus periodos, na naturalidade das suas expressões, se insinua, dentro das linhas tradicionaes do vernaculo, alguma cousa de familiar, um tom diferente, que faz o brasileiro reconhecer como seu, como fruto da sua raça e do seu solo esse homem que “prosava como Luiz de Souza”.

A importancia do estilo, que o nosso tempo se inclina a desconhecer e mesmo a negar, Machado de Assis a compreendeu inteiramente. Literatura é arte, e a palavra é o seu instrumento.

Assim entendida, a sua função não é apenas explicar a ideia, mas exprimi-la, de modo a colaborar com ela, a continua-la na sua vibração.

Não basta pensar para ser escritor; é preciso sentir a unidade intima, profunda, essencial da pa-

(181) Literatura brasileira, estudo conservado no livro postumo *Letras e Literatos*.

lavra e da ideia. Isso, ninguém o sentiu melhor do que Machado de Assis. Auto-didata, começando a escrever ainda adolescente, quando ainda não tivera tempo nem meios de estudar bem a língua, notam-se nele a principio, grandes incorreções.

Foi acusado pelos contemporaneos de não saber ortografia, (182) e não eram raras as construções viciadas. Mas mesmo então, já a sua frase tinha aquela coesão, aquele nervo, aquela precisão que revelam o escritor nato.

E, porque, sendo brasileiro, tinha uma sensibilidade diferente da do português, e, sendo artista, a necessidade de exprimir em palavras essa sensibilidade, nunca pôde, nem quando o trato dos classicos lhe escoimou o estilo, escrever como eles escreviam.

E assim, continuando as tradições vernaculas, não disvirtuando a indole da lingua, moldou-a ao seu feitio, ao nosso feitio.

Nesse ponto, foi um inovador, o primeiro grande escritor brasileiro; abriu caminho para a nossa geração. No seu tempo, a sua attitude foi de reacção. No decurso da sua longa carreira litteraria, representou contra a incontinencia verbal dos românticos, contra a seiscentismo do fim do seculo, contra a escravização á forma dos parnasianos, a reacção da

(182) Quando safu Yáyá Garcia, a Revista da Sociedade Fenix Literaria acusou o autor de ter uma grafia fantasista, escrevendo por exemplo "falar" com um só l e hynverno.

simplicidade, do bom gosto, do direito do brasileiro a se fazer ouvir na lingua que ia creando. Lutou, sosinho, contra o perigo de se cavar um abismo entre a linguagem falada e a linguagem escrita. E venceu (183).

Embora não haja deixado propriamente discipulos, porque nunca soube fazer proselitismo, porque não teve o feitio de chefe de escola, não podemos, quando vemos a liberdade de expressão que ganhou o artista brasileiro, negar que contribuiu para ela, com o seu exemplo, o mestre ainda inegalado.

E não foi esse o seu unico nacionalismo. Sua obra, universal pelo pensamento, é brasileira pela sensibilidade.

“Tomasse Machado de Assis, um motivo, um assunto entre as lendas slavas”, disseram na “Literatura Brasileira”, João Ribeiro e Silvio Romero que não póde ser acusado de complacencia para com o autor do Braz Cubas “havia de trata-lo sempre co-

(183) Silvio Romero, em frase celebre disse de Machado, aludindo maldosamente ao seu defeito “Ele gagueja no estilo, na palavra escrita, como outros na palavra falada” (Machado de Assis — Estudo comparativo da Literatura Brasileira — Laemmert, 1897).

E Afranio Peixoto notou, engenhosamente, que pode de fato existir uma influencia das pausas respiratorias do autor sobre o seu modo de escrever. Os periodos redondos e longos dos oradores estarão assim em função do longo folego, como a lingua direta e precisa de Machado de Assis trae a sua dificuldade em falar. Se assim fôr, abençoemos a gagueira que nos valeu as limpidas frases do grande classico brasileiro.

mo brasileiro, queremos dizer, com aquela maneira de sentir e pensar, aquela visão interna das cousas, aquele tic, aquele sestro especial, se assim nos podemos expressar, que são o modo de representação espiritual da intelligencia brasileira.

“Seus romances, seus contos, suas comedias encerram varios tipos brasileiros, genuinamente brasileiros e ele não ficou, ao jeito de muito dos nossos, na decoração exterior do quadro; mais penetrante do que muitos desses, foi além, e chegou até a criação de verdadeiros tipos sociaes e psicologicos, que são nossos, em carne e osso, e essas são as criações fundamentaes de uma literatura”.

“Obra profundamente nacional, isto é, profundamente representativa da nossa alma coletiva” corroborou José Verissimo. E para Alcides Maya “as criações de Machado de Assis, arrancadas á propria vida, sem intenções de escola artistica, estampam, como poucas, apezar do pessimismo do autor, a psicologia real da sociedade” (184).

Na verdade, Machado de Assis não foi só um escritor brasileiro, foi carioca, não foi apenas nacionalista, foi regionalista.

As suas figuras são todas, sem exceção, tiradas da gente que o rodeava. Da Matilde de Resurreição á Carmo do Memorial de Aires, as velhas mães e esposas dos seus livros são as que conhecemos, têm o ar

(184) Machado de Assis — (algumas notas sobre o humour — 1912).

familiar das nossas avós e das nossas mães. Os seus políticos, os seus bilontras, os seus parasitas, os seus jornalistas, ainda hoje os encontramos. Só as moças não reconhecemos, porque as mulheres se modificaram muito, do tempo de Machado para o nosso, com o americanismo perturbando tudo. Mas a boa tradição não estará com ele, com as suas heroínas tão sedutoramente mulheres, tão presas á sua feminilidade?

Mais ainda, porém, do que as creaturas, o ambiente dos seus livros é carioca. Não sei por que artes, sem quasi fazer descrições, ele põe nas suas paginas alguma cousa que não é a evocação do Rio, porque é mais do que isso, é o proprio Rio. Quantas vezes, passando por alguma rua de arrabalde, daquellas que ainda têm chalets com jasmineiros nas varandas, ou ouvindo o grito de um vendedor ambulante, o leitor que tem o habito de Machado de Assis sente uma impressão de já ter visto aquella rua, de já ter ouvido aquella voz. E se lembra logo de uma pagina do mestre, da casa da velha Valeria, de uma frase do conselheiro Aires. A alma do Rio habita os contos e os romances de Machado de Assis, é tão viva neles que, para cada um de nós, os seus livros parecem sempre se passar nos lugares com que nos familiarizámos. A despeito das transformações sociaes e topograficas, dos aterros, dos arrazamentos, dos habitos novos, a cidade conserva, no que tem de especificamente seu, no ar, na luz, na familiaridade um

tanto abandonada do seu povo, na sua necessidade de comunicação, na sua malícia sem maldade, uma feição característica que ninguém soube fixar como Machado de Assis.

“Eu sou um pêco fruto da capital, onde nasci, vivo e creio que hei de morrer”, escreveu ele uma vez a José Verissimo. E, na verdade, embora em qualquer parte houvesse sido grande escriptor, só vivendo no Rio poderia ter sido exatamente o que foi, tanto a sua sensibilidade se impregnou do ambiente da cidade.

Mais uma vez, no grande mestre, vemos confirmada a importancia do regionalismo na formação do artista. Não o regionalismo como preocupação de côr local, mas a influencia de sentir profundamente a vida num meio limitado, para poder fixa-la, de se deixar penetrar por todos os poros, quasi instinctivamente pelo ambiente proximo, de assimila-lo para depois poder distinguir o elemento humano do local, e se elevar do particular ao geral. Não o regionalismo do espirito, mas o da sensibilidade.

Foi o que fez Machado de Assis e os seus tipos são a um tempo cariocas e humanos, diferenciados e universaes, num raro equilibrio entre o carater contingente e o eterno. Dentro do ambiente carioca, tendo-o como meio e não como fim, procurou os conflitos psicologicos, os dramas da vida interior nos quaes o homem de todas as latitudes revela uma grande identidade.

“Abandonou, pouco a pouco, toda a exterioridade para mergulhar no mundo interior, marcando pela primeira vez nas nossas letras, o primado do espirito sobre o ambiente” (185).

Essas palavras de Tristão de Ataíde colocam Machado de Assis no seu verdadeiro lugar, mostram a sua ação benéfica sobre a evolução do pensamento brasileiro. A despeito do seu cepticismo, do seu absenteísmo a sua posição é a de um construtor. Libertando o artista do fetichismo da natureza, indicando-lhe o homem como campo de estudos, ele deu o primeiro passo para uma renovação espiritualista que só hoje se vae acentuando. Passo limitado pela sua descrença, mas enorme no momento em que foi dado. Indicou o caminho a seguir, abriu horizontes novos.

“Essa primazia psicológica, que levou Machado de Assis do humanismo ao humorismo” (186) porque o feitiço irredutivelmente anti-místico do seu espirito não lhe permitia outra solução, não conduz fatalmente ao rumo que seguiu. É uma clareira imensa, de onde partem varias estradas. Outros que não tenham as dramaticas limitações, as dolorosas tragedias interiores do velho mestre, poderão seguir roteiros diferentes. Mas o ponto de partida foi dado por ele. Foi ele quem derribou quasi no sentido proprio — pois fez uma reação contra a natureza — o

(185) Estudo publicado em 1922 no volume “A’ margem da Historia da Republica”.

(186) Idem.

matagal em que se perdiam os artistas brasileiros, desbravou o terreno, abriu a clareira.

E se, depois disso, indeciso e cansado, não continuou a exploração, o seu trabalho já foi enorme. Torturado por duvidas sem fim, parou aí... Devemos condena-lo, ou lastima-lo por não ter podido proseguir? Livrou-nos do excesso de palavras, e do excesso de natureza, legou-nos a maior obra já escrita por um brasileiro... e vamos culpa-lo por não ter feito mais? por não ter, pobre doente, oprimido por terríveis heranças morbidas, podido ser optimista e sadio, por ter escondido no humorismo a sua fraqueza? Por ter, como Joseph de Maistre, visto sem ilusões os corações dos homens honestos?

E, não bastando o que deixou feito, ainda nos deu, com o seu exemplo, uma alta lição de honestidade intelectual, de respeito á missão da literatura, de probidade e constancia no trabalho.

A sua vida, toda processada sob o signo do espirito, modesta, digna, desinteressada, completa a sua obra, faz dele, alem de um valor intelectual, um precioso valor moral.

O homem e o escritor têm igualmente direito á nossa admiração, á nossa gratidão, a essa amizade póstuma que é a suprema recompensa do artista.

Quasi trinta anos são passados da sua morte, e, para honra nossa, cresce cada dia o interesse comovido e respeitoso por essa figura esquiva e timida que devemos tratar "com o carinho e a veneração

com que no Oriente tratam as caravanas a palmeira às vezes solitárias do oasis” (187).

Á medida que vae recuando para o passado, sentimos melhor o que representa para o Brasil esse mestiço que tanto elevou a sua raça e o seu povo, a pureza dessa personalidade que paira sobre a literatura brasileira como um simbolo da nobreza do pensamento e do poder do espirito.

F I M

(187) Palavras de Joaquim Nabuco a Graça Aranha, pedindo-lhe que entregasse a Machado de Assis o ramo de carvalho de Tasso.

BIBLIOGRAFIA

- SILVIO ROMERO — Machado de Assis, Estudo comparativo da Literatura Brasileira.
- SILVIO ROMERO e JOÃO RIBEIRO — Historia da Literatura Brasileira.
- SILVIO ROMERO — A Literatura — Livro do 4.º Centenario do Descobrimento.
- LABIENO — Vindicacioe.
- JOSÉ VERISSIMO — Letras e Literatos.
- MARIO DE ALENCAR — Alguns escritos.
- OLIVEIRA LIMA — Machado de Assis et son oeuvre littéraire.
- ANTONIO JOSÉ — Lembranças.
- VIANA MOG — Herois da Decadencia.
- ALCIDES MAIA — Machado de Assis, (algumas notas sobre o humor).
- ALFREDO PUJOL — Machado de Assis.
- NESTOR VICTOR — A critica de hontem.
- MEDEIROS E ALBUQUERQUE — Homens e Cousas da Academia.
- LUIZ RIBEIRO DO VALLE — Psychologia morbida na obra de Machado de Assis.
- AUGUSTO MEYER — Machado de Assis.
- MARIO CASASANTA — Minas e os mineiros na obra de Machado de Assis.

MARIO CASASANTA — Machado de Assis e o tédio á contraversa.

GRAÇA ARANHA — Correspondencia de Machado de Assis e Joaquim Nabuco.

RODRIGO OTAVIO — Minhas memorias dos outros (2.^a serie).

JOÃO RIBEIRO — Cartas devolvidas.

BARBOSA LIMA SOBRINHO — A timidez de Machado de Assis (conferencia).

MAGALHÃES DE AZEREDO — Homens e livros.

TRISTÃO DE ATAÍDE — Politica e Letras em A' margem da Historia da Republica.

FERNANDO NERY — Correspondencia de Machado de Assis.

MAX FLEIUSS — Paginas de Historia.

EDGARD e CARLOS SÜSSEKIND DE MENDONÇA — Lucio de Mendonça, ensaio bio-bibliografico.

Publicações da Academia Brasileira de Letras — Pedro Luiz — Dispersos.

Monumento á memoria de Francisco de Paula Brito.

ALVARO MUCIO TELXEIRA — Mucio Teixeira

ERNESTO CIBRÃO — A casa de J. J. Rousseau.

SANCHES DE FRIAS — Memorias Literarias.

BELMIRO BRAGA — Dias idos e vividos.

CONSTANCIO ALVES — Figuras.

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES — Poesias postumas.

JOSÉ JOAQUIM PESSANHA POVOA — Anos Academicos.

CAPISTRANO DE ABREU — Artigo sobre Ramos Paz no Catalogo da Biblioteca Ramos Paz.

Dicionario Maritimo Brasileiro.

REVISTAS E JORNAES

- A MARMOTA — 1855 a 1861 (coleções da Biblioteca Nacional e da Academia Brasileira de Letras).
- O PARÁIBA — 1859 e 1860 (Biblioteca Nacional).
- CORREIO MERCANTIL — Epocas diversas entre 1860-70 — (Biblioteca Nacional).
- DIARIO DO RIO DE JANEIRO — 1860-67 (B. N.).
- SEMANA ILUSTRADA — 1860-76 (Instituto Historico e Geografico Brasileiro).
- CORREIO DA TARDE — 1861 (B. N.).
- REVISTA POPULAR — 1861-62 (B. N.).
- O FUTURO — 1862-63 (B. N.).
- ARQUIVO LITERARIO — 1863 (B. N.).
- BIBLIOTECA BRASILEIRA — 1863 (B. N.).
- JORNAL DO PORTO — 1864 (Academia B. de Letras).
- IMPRENSA ACADEMICA — 1864-70 (B. N.).
- A CRUZ — 1864 (B. N.).
- JORNAL DAS FAMILIAS — 1864-78 (B. N.).
- JORNAL DA TARDE — 1870 (B. N.).
- AMERICA (Lisboa) 1871 (Academia).
- O NOVO MUNDO — 1873 (Academia).
- ARQUIVO CONTEMPORANEO — 1873 (Academia).
- O GLOBO — 1874-76 (B. N.).

A EPOCA — 1875 (B. N.).

O CRUZEIRO — 1876-78 (B. N.).

REVISTA DA SOCIEDADE FENIX LITERARIA — 1874-75 (B. N.).

A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA — 1876-78 (Instituto Historico e Geografico Brasileiro).

RELATORIOS DA SECRETARIA DA AGRICULTURA — 1873-88 (B. N.).

REVISTA BRASILEIRA — 2.^a e 3.^a fase — 1879-81 e 1895-98 (B. N. e Academia B. de Letras).

PENA E LAPIS — 1880 (Academia B. de Letras).

O GLOBO ILUSTRADO — 1882 (B. N.).

GAZETA LITERARIA — 1883-84 (Academia B. de Letras).

A SEMANA — 1885-87 e 1893-95 (Academia B. de Letras).

A ESTAÇÃO — 1881-93 (B. N.).

GAZETA DE NOTICIAS — diversas epocas entre 1882 e 1900 (B. N.).

O ALBUM — 1893 (Academia).

O CENACULO — 1893 (Academia).

ALMANAQUE BRASILEIRO GARNIER — 1903-07 (B. N.).

ESTANTE CLASSICA DA REVISTA PORTUGUÊSA (2.^a serie) (Academia B. de Letras).

REVISTA DO BRASIL — ns. 15, 16, 17, 27, 28, e 31 (B. N.).

REVISTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, volumes 1 e 47.

* Este livro foi composto e impresso pela Empresa Grafica da "Revista dos Tribunaes", para a Companhia Editora Nacional — Rua dos Gusmões, 116 — S. Paulo, em dezembro de 1936.



Machado de Assis, trabalho em madeira de Anglada Lucas.



Machado de Assis aos vinte
e dois anos.



Machado de Assis aos trinta e
cinco anos.

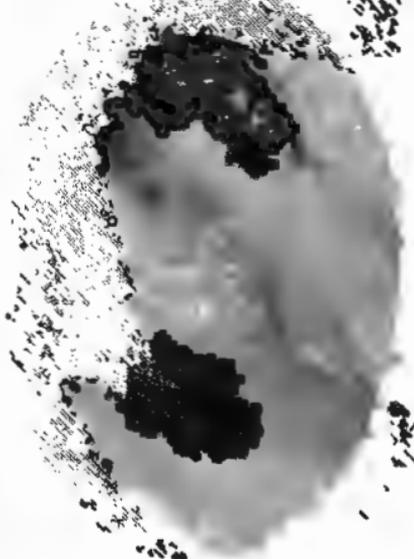


O primeiro livro publicado por Machado de Assis.





Machado de Assis na época em que escreveu *Memórias Postumas de Braz Cubas*.



D. Carolina Machado de Assis.



A casa de Machado de Assis no Cosme Velho.

1.0 - 2.0 - 9.9

QUINCAS BORBA

Fac-símile da mais recente das publicações. O exemplar de Quincas Borba oferecido por Machado de Assis e Epá de Quatro, pertence hoje ao Sr. Afrânio Pinheiro.

1958

Meu querido Mário,

Obrigado pela sua carta e boa. Já há dias tenho de que ora me succede, a vez que nos vimos, de passar em en sabota que ca se addido. Tenha-me pa o costume de e as factos, e agora que este consummado mas me resta que confirmar-me com a e encasar o a antia o processo neste A sua ainda uma vez de ser foi bom citar-me o exemplo e models que serve e particip. Obrigado pelo seu abraço, rido Mário e a primeira que dita desta anno; folgo sua ecripta, e em to de vos, tan. amigosa

heia-me

Valeo am

Mário de Deus



Machado de Assis no tempo da Livraria Garnier.



O último retrato do casal Machado de Assis.

